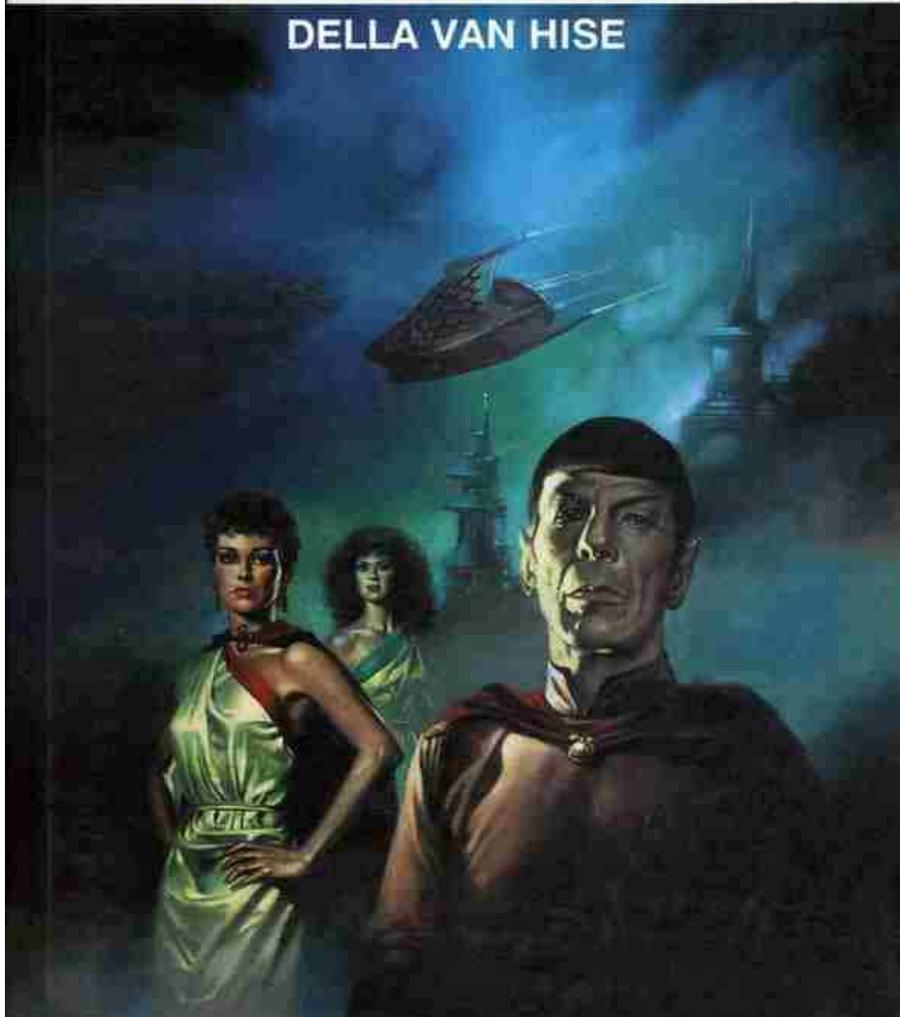


# JORNADA NAS ESTRELAS

TEMPO ASSASSINO

DELLA VAN HISE



# DELLA VAN HISE

# TEMPO ASSASSINO

Tradução: Dinah de Abreu Azevedo

Título original: *Killing Time*

© Paramount Pictures Corporation, 1985 Todos os direitos reservados



® STARTREK é uma Marca Registrada da Paramount Pictures Corporation



Publicado mediante contrato firmado com Pocket Books, New York



Todos os direitos da tradução para o Brasil reservados à **Aleph Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda.** - Av. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3<sup>2</sup> and. - Morumbi - CEP 05711 - São Paulo-SP - Tel.: (011)843-3202/843-0514

Diretor editorial: **Pierluigi Piazzi**

Diretora Pedagógica: **Betty Fromer**

Colaboração editorial: **Silvio Alexandre**

Editor técnico: **Renato da Silva Oliveira**

Revisão: **Geórgia Robles, Marlene G. M. Freitas, Isabel Grau**

Ilustração da capa: **Boris Vallejo**

Ilustrações internas: **Leonardo Bussadori**

Assessoria:

**Sérgio Figueiredo, Luiz A. Navarro, Cristina Nastasi, Ivo Luiz Heinz**

Consultoria: Frota Estelar Brasileira *Clube que congrega os aficionados da série Star Trek* (Trekkers) - Caixa Postal 14592 - CEP 03698-970 São Paulo SP

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

DELLA VAN HISE

Tempo Assassino; tradução de Dinah de Abreu Azevedo

São Paulo; Aleph, 1993 - (Coleção Star Trek: v. 10)

Acima do título: Jornada nas Estrelas.

1. Ficção Científica norte-americana 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série  
92-2450 CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção Científica: literatura norte-americana 813.0875

2. Século 20: Ficção : Literatura norte-americana 813.5

3. Ficção: Século 20 :Literatura norte-americana 813.5

Audaciosamente indo aonde nenhum  
Homem Jamais esteve

## TEMPO ASSASSINO

Uma terrível armadilha temporal dos romulanos transporta a Enterprise para uma realidade alternativa.

De repente, Kirk torna-se um jovem e amargurado alferes sob as ordens de um severo comandante: o Sr. Spock!

Debatendo-se na armadilha romulana, cada um deles deve se libertar não só de seus captores mas, principalmente, de seu próprio *alter ego*, antes que a estrutura da galáxia seja destruída.

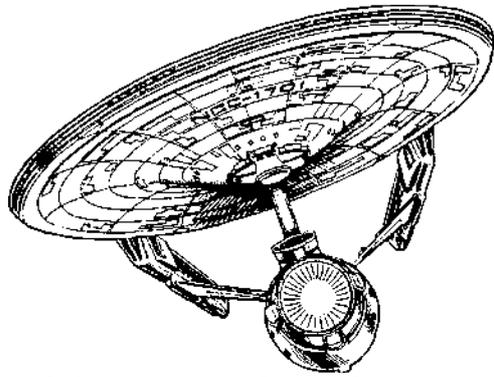
*Ao longo deste livro aparecem termos e personagens com os quais o leitor pode não estar familiarizado.*

*Por isso, colocamos nas páginas iniciais uma apresentação dos principais personagens e, no final, dois glossários: um relativo aos termos da série Jornada nas Estrelas e outro relativo a Cultura Geral.*

*Talvez fosse conveniente lê-los em primeiro lugar para não interromper a leitura do romance.*

*"O Espaço, a fronteira final.*

*Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, em sua missão de cinco anos para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo aonde nenhum Homem jamais esteve."*



#### **U.S.S. ENTERPRISE NCC-1701**

A *United Space Ship Enterprise*, astronave da classe *Constitution*, foi lançada em 2188. Sob o comando do capitão James T. Kirk, ficou famosa em toda a galáxia, tornando-se símbolo da Frota Estelar. Viajam a bordo da nave 430 pessoas, sendo 43 oficiais e 387 tripulantes, com aproximadamente um terço de membros femininos.

Sua velocidade de cruzeiro é dobra espacial seis - 216 vezes a velocidade da luz (c). A de emergência é dobra oito - 512 vezes a velocidade da luz (c). Tem 400 torpedos de fóton e três bancos de *phasers*, com enorme poder de fogo. Todo sistema de propulsão e armazenamento de energia é alimentado por cristais de *dilithium*. O casco é composto por titânio e alumínio transparente. Tem 302 m de comprimento, 140 m de diâmetro, 71 m de altura e 21 andares.



**James Tiberius KIRK** é o comandante da *Enterprise*. O mais jovem capitão da Frota Estelar tem uma destacada folha de serviços. Recebeu as mais importantes comendas e distinções da Federação de Planetas. Natural do planeta Terra, seu sucesso não foi conquista fácil. Quando assumiu o comando da *USS Enterprise*, aos 29 anos, já havia sido ferido três vezes e alguns de seus feitos já estavam gravados nos anais de

honra da Frota. De natureza independente, é um militar por formação e um explorador e diplomata por vocação. Seu carisma e liderança naturais despertam a confiança e lealdade de sua tripulação.



O imediato e oficial de ciências da *Enterprise* é **SPOCK**. Filho de um vulcano e uma terrestre, possui uma mente extremamente lógica. Recebeu a educação de um vulcano. Treinado em lógica, computação e controle das emoções. É devotado à ciência e guiado pela lógica, base filosófica de seu povo. Fisicamente é mais vulcano que terrestre: seu sangue, baseado em cobre, é verde e tem pulsação média de 242 batimentos por minuto. Possui uma extraordinária força física e grande resistência à dor. Possui capacidade telepática e a capacidade de imobilizar um homem através do famoso "toque vulcano".



**Leonard H. McCoy** é o oficial médico-chefe da *Enterprise*. Um médico da Terra apegado às tradições e arredo à tecnologia de seu tempo - reflexo de seu temperamento extremamente humanista e romântico - que não o impede de ser um exímio conhecedor do uso dos modernos e sofisticados instrumentos médicos. É amigo pessoal e conselheiro do capitão Kirk. Vive em freqüentes desentendimentos com Spock. O Dr. McCoy não gosta da disciplina e protocolo militar. É extrovertido, passional e sonhador;

guiado pelas emoções que o tornam, às vezes, uma pessoa irascível, mas também amável e dócil.

**Montgomery SCOTT** é o engenheiro-chefe da *Enterprise*. Um escocês que possui profundo conhecimento da alta tecnologia utilizada nas astronaves. É o responsável pela engenharia e manutenção da nave. Assume o comando da *Enterprise* na ausência de Kirk e Spock.

**Nyota UHURA** é a oficial de comunicações da *Enterprise*. Nasceu nos Estados Unidos da África e seu nome significa "liberdade" na linguagem *swahili*. Excelente em matemática e física. Colecionadora de canções e magnífica musicista.

Hikaru **Kato SULU** é, numa primeira fase, piloto da *Enterprise*. Um oriental apreciador de botânica e de personalidade romântica. Campeão interplanetário de esgrima, colecionador de armas antigas e especialista em artes marciais.

Pavel Andreievich **CHEKOV**, navegador da *Enterprise* Um russo que freqüentemente se admira pela ingenuidade dos seus ancestrais soviéticos, que alegavam ter inventado e descoberto quase tudo no Universo. E jovial, impulsivo e de espírito alegre.

## AGRADECIMENTOS

A Wendy, pelas horas gastas em escrever, reescrever, etc., para não falar do apoio constante e da fé em que este trabalho frutificaria.

A Jim, por ter sido o primeiro a me dizer que pensasse seriamente em mostrar *Tempo Assassino* aos profissionais da área de ficção.

A Diane, pelo apoio e por levar a loucura em frente. Vamos encontrar aquela resposta!

A Gene Roddenberry, por olhar no futuro a fim de dar uma perspectiva a um mundo que precisa desesperadamente de perspectivas.

A William Shatner & Leonard Nimoy, por darem vida a duas lendas.

A todas as pessoas ligadas a JORNADA NAS ESTRELAS, por manterem esta lenda viva.

A Mimi Panitch, por colocar as rodas em movimento e pelas sugestões que fizeram tudo funcionar.

A Karen Haas, por verificar tudo até o fim e pelo tempo e energia necessários para juntar todas as peças.

A minha mãe... por tido a idéia de me colocar bem cedo em frente de uma antiquada máquina de escrever.

A Cynthia... pela perseverança que está além do apelo do dever e por tratar calorosa e calmamente um escritor um pouquinho irritável. Sou-lhe mais grato do que você pode imaginar!

*Para Jim e Wendy e Diane*

## UM

Pela terceira noite seguida, o Capitão James T. Kirk acordou sobressaltado, sentindo o medo apertando sua garganta. Piscou e tentou sentar, apoiando-se na cabeceira da cama enquanto seus olhos sondavam o quarto escuro. A realidade voltou e seu olhar caiu sobre o relógio. Passava um pouco das três da manhã, segundo o Tempo Padrão da Nave, mas estava completamente desperto e sabia que tinha pouca chance de voltar a dormir antes do despertador chamá-lo às seis horas.

Soltando a respiração que estivera segurando, repassou mentalmente aquele sonho recorrente, perguntando-se por que o teria perturbado tanto... e por que vinha com tanta frequência.

Não tendo descoberto nenhuma explicação lógica de sua origem ou de seu efeito inédito sobre ele, procurou atribuí-lo ao fato da *Enterprise* estar em patrulha de rotina na Zona Neutra Romulana há quase dois meses — uma missão absolutamente tediosa. Mas, com o aumento da atividade da Armada Romulana sem qualquer razão aparente, aceitou o fato de que acabaria ficando um pouco irritável.

Depois de respirar fundo mais uma vez e jogar para trás o cabelo desalinhado, voltou devagar para o aconchego do ninho quente das cobertas e fechou os olhos; mas, conforme esperava, ainda estava tentando dormir quando o despertador tocou, chamando o pessoal do Primeiro Turno.

Dissimulando um bocejo, Kirk entrou no turboelevador do Convés 5, onde surpreendeu o primeiro oficial da nave a estudá-lo com a sobrancelha erguida.

— 'Dia, Spock — disse Kirk com um sorriso constrangido, desejando ter tido tempo de tomar uma xícara de café antes de se apresentar em público.

O vulcano cumprimentou-o inclinando a cabeça. — Capitão. — disse ele com cerimônia. As portas fecharam-se e o elevador começou seu familiar movimento horizontal, mas o vulcano continuava estudando o amigo. — Está tudo bem, Capitão? — perguntou daí a pouco.

— Ótimo, Sr. Spock. — respondeu Kirk. — Por que pergunta? — Ficou com vontade de saber se seus olhos não estariam um pouco mais vermelhos do que pareciam ao espelho.

A sobrancelha ergueu-se mais ainda sob a franja negra. — Você parece... excepcionalmente distraído. — observou Spock depois de um momento de silêncio interrogativo.

*Tanto esforço para nada*, pensou Kirk. Não era fácil escapar ao exame de Spock. — Você acreditaria se eu lhe dissesse que o invencível Capitão Kirk teve insônia? — perguntou com um sorriso.

— Ah, sim. — murmurou Spock. Em geral, Kirk era um indivíduo muito reservado; mas agora uma mistura de constrangimento e malícia parecia iluminar seus olhos cor de mel. O vulcano resolveu não dizer que ele próprio andava tendo sonhos perturbadores havia pelo menos uma semana. — Suponho que não pediu ajuda ao Dr. McCoy.

Kirk sacudiu a cabeça. — Por causa de umas horas sem dormir? — Mas o brilho de seus olhos desapareceu enquanto seu rosto assumia uma expressão de desagrado. — Não sei porque isso devia me incomodar — disse ele, sentindo uma certa necessidade de se explicar. — Mas... não se preocupe, Spock. — acrescentou enquanto as imagens noturnas voltavam a persegui-lo. — Foi... só um sonho. — Sorriu, procurando mudar de assunto. — Mais uma fraqueza humana, hein, Spock?

O tom demasiado casual de Kirk fez com que o vulcano olhasse para ele com mais atenção. — Se incomodaria em discutir a questão de forma mais detalhada, Capitão? — perguntou, querendo saber de repente porque *ele próprio* não queria mudar de assunto, se era o que Kirk estava tentando. Lembrou-se, porém, que a reserva habitual do Capitão quanto à sua vida pessoal não se estendia a ele, e a recíproca também era verdadeira.

Kirk levantou os olhos, pois estivera examinando as botas, e sentiu abrir-se aquela familiar porta telepática que havia entre ele e o vulcano. Era algo que se formara entre eles com o passar dos anos, algo que lhes havia salvo a vida inúmeras vezes e os havia tornado irmãos. Ele queria *muito* discutir aquilo, mas só com Spock.

Como o vulcano gostava de dizer, McCoy lhe daria um monte de comprimidos e uma hora de conselhos de amigo; embora Kirk desse valor à amizade do médico, não estava com vontade nenhuma de fazer toda uma bateria de testes psicológicos para determinar a causa de um simples sonho recorrente. Lançou um rápido olhar ao vulcano enquanto um plano de ação tomava forma em sua cabeça.

— Ainda não tomei meu café da manhã. — começou ele, encontrando a desculpa de que precisava. — Mas... tenho certeza de que *o senhor* tomou, Sr. Spock. Afinal de contas, — continuou com um sorriso cada vez mais largo, — os vulcanos nunca perdem nenhum café da manhã, certo? Você tem de manter aquelas engrenagens mentais bem lubrificadas e em perfeitas condições de funcionamento — Estudou a constituição esbelta de seu primeiro oficial. — E nunca engorda um grama, ainda por cima! — acrescentou com uma expressão de falsa repugnância, lembrando-se dos conselhos de McCoy para reduzir a carne e as batatas e substituí-las por uma salada de vez em quando.

A sobrancelha do vulcano foi descendo enquanto este observava a forma

despreocupada com que seu Capitão se aproximava dele. — Não comi nada esta manhã, — afirmou ele num contraste direto com a tática evasiva de Kirk — e terei o maior prazer em acompanhá-lo. E não precisamos informar o Dr. McCoy sobre o cardápio.

— Scotty vai assumir a direção da nave até chegarmos à ponte de comando. — disse Kirk, sem qualquer disposição para discutir. Afinal de contas, racionalizou, a *Enterprise* não estava fazendo nada além de andar pra lá e pra cá na fronteira da Zona Neutra — uma ação mecânica que dificilmente exigiria a presença do Capitão e do primeiro oficial.

O tenente Jeremy Richardson sentou-se devagar na cadeira do navegador, estudando a configuração familiar de estrelas que simplesmente se fixara em seu olho interior durante as duas semanas em que Chekov estivera ausente. Lançou um olhar a Sulu, inclinando a cabeça na direção da tela visual.

— Quanto tempo mais você acha que vamos carregar essa cruz? — perguntou ele, esfregando os olhos. — Será que Kirk irritou os nervos de algum almirante ou foi sorteado para esta missão?

Sulu sorriu com simpatia, relaxando-se na cadeira do piloto. — Que diabo, Richardson, — disse ele, dando uma cotovelada nos rins do outro tenente, — se você realmente *dormisse* de noite, em vez de ficar procurando o tubo de ar condicionado que chega aos aposentos da ordenança Barrett, não acharia tão difícil sair da cama de manhã!

Richardson deu de ombros enquanto verificava os sensores de forma mecânica, sem descobrir absolutamente nada fora do normal naquele dia idêntico a cem outros. Retribuiu o sorriso de Sulu e afastou do belo rosto bronzeado o cabelo castanho penteado com capricho. — Perseverança. — disse ele com ar de entendido e uma piscadela. — Mais cedo ou mais tarde, Barrett vai acabar reconhecendo minhas boas qualidades e me convidará para jantar... depois uns drinques... e então, quem sabe?

Do outro lado da ponte de comando, Uhura girou em sua cadeira. — Não devia ser o contrário, Jerry? — perguntou ela. — Não é *você* que vive elogiando "os bons tempos de antigamente", quando tudo o que um homem tinha a fazer para as mulheres caírem a seus pés era flexionar os músculos? — Sua voz tinha um tom profundo e ela ronronava provocantemente enquanto o media da cabeça aos pés, fingindo desinteresse. — E não é você quem sempre diz que cabe ao homem convidar a frágil e pobre fêmea da espécie para dançar?

Jerry não se importou com a zombaria dela. — Eu a convidei *mesmo*. —

disse com uma frustração exagerada, e depois recostou-se na cadeira, procurando esconder mais um bocejo.

Sulu voltou-se para Uhura e fez um gesto de quem corta a garganta. — Ela acabou com ele. — deduziu segurando a gargalhada. — Barrett já ouviu muitas promessas. Sabe reconhecer o que é bom quando o vê. E parece que ainda não viu.

Richardson virou de novo a cadeira para a tela visual e, em menos de um minuto, confirmou pela segunda vez a rota da nave calculada pelo computador. — Estou dando mais uma chance a ela. — disse ele com generosidade. — E... se dentro de uma semana ela não perceber que sou seu cavaleiro andante, sempre temos a tenente Masters ou a enfermeira Drew... e até a ordenança S'Parva.

Sulu girou os olhos num gesto de sofrimento prolongado. — S'Parva não é exatamente o seu tipo, é, Jerry? Além disso, — acrescentou — ela é quadrúpede.

Mas Richardson apenas soltou um suspiro romântico. — As regras existem para serem quebradas, meu amigo, e, de qualquer forma... acho que podemos ser simplesmente amigos, colegas, companheiros de viagem. — Pôs uma das mãos sobre o peito num gesto dramático e depois recostou-se na cadeira. — Nunca conheci uma mulher como nossa ordenança S'Parva. — continuou ele, brincalhão, esboçando uma forma de violão com as mãos. — Um corpo de deusa... e a cara de um cão *setter!*

Sulu abafou o riso. — O melhor amigo do homem?

Jerry concordou e abaixou-se bem a tempo de se desviar da caneta que Uhura lhe atirara na cabeça.

— Você tem alguma idéia do que S'Parva faria se escutasse isso? — perguntou ela lutando para conter a risada que lhe subia pela garganta. — Provavelmente atiraria *os dois* contra a parede mais próxima para ensiná-los a ter um pouco de respeito. E se você tivesse *muita* sorte, Jerry, poderia escapar só com alguns ossos quebrados e uns pontos na garganta!

Os olhos de Richardson fecharam-se para que ele pudesse saborear melhor a idéia. — Hummm, — disse em tom satisfeito — soa bem aos meus ouvidos. — Piscou para a chefe das comunicações. — Todo mundo precisa de um hobby, Uhura. Ordens do Capitão.

Uhura voltou a seu posto sacudindo a cabeça. — Sei que esta máscara de lobo não esconde um fanático, nem um xenófobo, — disse ela — e, por isso, talvez eu não diga nada a S'Parva, mas você precisa parar de ficar rondando pelos corredores à noite como um gato apaixonado.

Jerry virou-se, deu uma piscadela conspiratória para Sulu e, com um movimento elegante, levantou-se e dirigiu-se furtivamente ao painel de comunicações de Uhura. Fitou uns olhos castanhos cheios de expectativa. — Miau... — ronronou ele com um ar inocente, esfregando o rosto no espaldar da cadeira dela.

Sem tirar os olhos daquele belo rosto, a tenente apertou um botão no painel iluminado.

— McCoy falando. — ouviu-se em resposta.

— Doutor McCoy, — Uhura começou, sem afastar os olhos do rosto de Richardson, — parece que estamos tendo um problema com... vermes... a bordo da *Enterprise*. Estamos com um gato muito grande aqui em cima que está simplesmente implorando para ser neutralizado. Talvez fosse bom mandar alguém do departamento de zoologia pegá-lo com uma armadilha.

O queixo de Jerry caiu enquanto ele fitava aqueles grandes olhos castanhos, tão maliciosos quanto os seus. Com um silencioso "miau" nos lábios e um movimento negativo feito com a cabeça, voltou na ponta dos pés para seu próprio posto.

— O que foi isso, Uhura? — A voz de McCoy perguntou depois de um longo silêncio. — Tem certeza de que a ponte de comando inteira não está com o perigoso vírus da febre de camarote? — Mas o tom divertido de sua voz afastava a idéia de que estivesse aborrecido.

Uhura sorriu com ar de entendida na direção de Richardson. — Não se preocupe, doutor. — respondeu ela. — Acho que o problema está sob controle no momento. Mas nós o chamaremos de novo se for preciso.

— Certo. — concordou McCoy. A comunicação foi cortada e depois reativada de súbito. — Não vão dormir aí em cima!

Uhura sorriu. — Essa talvez seja a ordem mais difícil do dia, Leonard. — murmurou ela; depois desligou o *intercom* e olhou para o lugar em que Richardson se havia acomodado em silêncio, disfarçando mais um bocejo. — Bons sonhos, Romeu. — zombou ela.

Jerry estremeceu sem querer. Sonhos...

Kirk remexia os ovos no prato com a ponta do garfo e, para Spock, a falta de interesse do Capitão pela comida era de um óbvio ululante.

— Não sei quem eu era, mas... não era quem se *esperava* que eu fosse. Pôs o garfo de lado e tomou um bom gole do suco de laranja reconstituído. — E isso também não é rigorosamente certo. — continuou ele quase sem olhar para o vulcano. — É como se eu *ainda* fosse James Kirk, o mesmo James Kirk que sempre fui, mas não estava certo... não estava no *lugar* certo.

— Fez um gesto de frustração com a cabeça. — Não consigo explicar, Spock.

Spock olhou seu amigo com atenção. — Sonhos de alienação não são raros. — observou — Em situações como as que existem a bordo das naves estelares, eles são, na verdade, absolutamente comuns. — Tomando um gole do chá quente de ervas, empurrou para o lado seu próprio prato, intacto. Não podia deixar de lembrar-se que ele também vinha tendo sonhos de alienação e deslocamento há quase uma semana solar completa; mas algo o impediu de mencionar o fato. — Em seu sonho, Capitão, — continuou com prudência — é como se você não fosse... da forma que normalmente se vê?

Pensativo, Kirk franziu as sobrancelhas, depois levantou os olhos enquanto batia na mesa com a palma da mão. — Exato! — exclamou, e abaixou a voz ao perceber que uma jovem ordenança sentada na mesa vizinha lhe lançara um rápido olhar. Inclinou-se mais para o vulcano, sentindo-se vagamente ridículo por causa de sua veemência, mas também mais perto da solução. — Eu estava na *Enterprise*, mas não era bem a *Enterprise*, pelo menos não como *eu* a conheço. — acrescentou depois de pensar melhor. — E... eu continuava vendo você. — Por fim, ergueu os olhos. — Mas você também estava diferente, Spock. — afirmou com ênfase. — Não tenho certeza, mas... acho que você era o Capitão.

Estremeceu quando a característica persecutória dos sonhos ficou mais nítida. Achou que um leve sorriso tinha assomado ao rosto da jovem ordenança enquanto ela se levantava e saía às pressas do restaurante, mas não se importou mais. — E eu não sabia quem *eu* era. — Deu de ombros com um ar constrangido. — Eu devia ser um alferes ou coisa parecida, pois me lembro de ficar pensando numa maneira de chegar até você; de lhe dizer que as coisas não estavam como deviam ser.

Sorriu de olhos baixos e tomou mais um gole do suco de laranja, sentindo o gosto pela primeira vez, o que lhe fortaleceu a resolução de fazer um pedido formal de suco de laranja *fresco* ao almirante Nogura na primeira oportunidade. — E também me lembro de achar que você nunca acreditaria em mim. Afinal de contas, — acrescentou enquanto seu sorriso se alargava — você era o Capitão da nave, e um vulcano! Que chance teria um pobre alferes da espécie humana de convencer o comandante vulcano que ele (quer dizer, eu!) devia ser o Capitão? — Riu alto, sentindo parte da tensão desaparecer pelo simples fato de contar todo aquele absurdo a Spock.

O vulcano inclinou-se para a frente e seus olhos se cruzaram sobre a mesa. — Jim, — murmurou num tom repentinamente intenso e cheio de pressentimentos, — eu também sonhei.

Kirk engoliu o nervosismo que lhe subia pela garganta, e só conseguiu

fitar seu primeiro oficial em silêncio. Desconfiado, olhou à sua volta para ver se a ordenança ainda estava escutando disfarçadamente. *Já é bem ruim que o Capitão tenha problemas de grandeza*, pensou ele. *Mas se Spock sofrer alguma avaria...* Mas não completou o raciocínio.

O vulcano cruzou as mãos a sua frente. — No começo, pensei que poderia atribuir os sonhos à monotonia da missão que coube à *Enterprise*. No entanto, não estou mais convencido de que seja o caso.

Kirk olhou para seu amigo durante longo tempo e o olhar os mantinha em comunicação. — O que você sonhou, Spock? — perguntou ele, procurando manter um tom de voz neutro. Mas não precisava ouvir a resposta: ela estava escrita com clareza nos olhos escuros, esculpida nas feições angulares, gravada na convicção quase tangível com que o vulcano falou.

Uma sobranceira ergueu-se e, durante um momento, parecia que o primeiro oficial ia render-se à necessidade humana de encolher os ombros. Não aconteceu. — Acho que não vale a pena preocupar-se, Capitão — disse o vulcano, como se ele mesmo não acreditasse nesta declaração que, por um motivo qualquer, soou muito menos lógica na realidade do que em seus próprios pensamentos. — Já foram observados vários tipos de ligações telepáticas entre nós no passado. Talvez eu só estivesse recebendo fragmentos de seus sonhos, e por isso...

— Spock. — disse Kirk, interrompendo-o com um suspiro de exasperação. Estendeu o braço sobre a mesa, tocando de leve com os dedos no braço do amigo. — Sei que este vínculo com um humano é um transtorno para sua lógica vulcana, mas me *contei* — O sorriso amável não deixava que as palavras se impregnassem de implicações desagradáveis.

Depois de um momento, Spock fez um gesto quase imperceptível de assentimento e respirou fundo. — Sonhei que você era um alferes, — disse ele — e que eu era... o Capitão da *Enterprise*.

Kirk deixou-se cair como uma pedra pelo espaldar da cadeira, com as mãos pendendo a seu lado. Não sabia o que dizer.

— Talvez devêssemos informar o Dr. McCoy. — sugeriu Spock. — Como em geral os vulcanos não sonham absolutamente nada, e como nossos sonhos têm *de fato* uma semelhança notável... — Sua voz apagou-se.

Kirk lançou um olhar para o relógio da parede e concordou com um gesto de cabeça. — Você deve ter razão — concordou ele. — Como medida de precaução, talvez devêssemos falar com o Magro. Mas... — Colocou uma das mãos na testa, sentindo que uma dor de cabeça estava prestes a estourar. — Não fale nada com ninguém hoje, Spock. Primeiro quero conversar com mais algumas pessoas e ver se chego a uma conclusão.

Spock inclinou a cabeça num gesto de assentimento e se levantou junto com Kirk, acompanhando-o até a porta.

Assim que entrou no elevador, Kirk respirou fundo, procurando livrar-se da sensação de mal-estar. Não conseguiu grande coisa. Mas quando a porta dupla se abriu, revelando o refúgio familiar da ponte de comando, deu um passo atrás, com um sorriso forçado diante da aparente confusão de Spock. — Você primeiro... *Capitão* Spock, disse ele com uma reverência elegante.

Colhido de surpresa, o vulcano virou-se com ambas as sobrancelhas erguidas. — Ilógico — observou ele, mas, mesmo assim, entrou primeiro na ponte de comando. — Capitão, não preciso enfatizar que seria irracional organizar a hierarquia baseando-se apenas em sonhos, independente do fato de que eu, sem dúvida, daria um excelente comandante.

Kirk deu de ombros, examinando discretamente seu primeiro-oficial. — Talvez — concedeu ele, entrando na ponte de comando e afivelando no rosto um ar profissional. Mas não resistiu a uma observação final. — Mas lembre-se de que eu seria uma droga de alferes, Spock!

O vulcano parou, fitando com amizade os olhos de Kirk. — Quanto a isso, — concordou imediatamente — não tenho a menor dúvida.

Azul e frio, aquilo o engoliu e ele pensou estar sendo sugado pelo céu, de volta à Terra. O céu da fazenda de Iowa. Cintilante e azul, e um frio de rachar. Aroma de milho e feno pelos campos. A brisa de outono puxava com força as roupas e o cabelo. Nuvens trovejantes conversavam entre si no horizonte.

Girou duas vezes, sem esforço, boiando, e depois surgiu à tona da piscina e nadou de lado até a escada. Acima da cabeça, o trampolim de fibra plástica parecia vibrar, chamando-o de volta. Durante longo tempo, apenas relaxou encostado ao lado liso da piscina, deixando o pensamento ir e vir sem retê-lo conscientemente. Mas a realidade aos poucos se impôs e ele considerou os acontecimentos do dia.

Cinco oficiais contactados — entre os quais quatro admitiram os sonhos. *Nada conclusivo*, disse a si mesmo. *Todo mundo sonha. Ponto. Pare com isso, Kirk. Pare de procurar klingons no fundo de tudo quanto é vaso sanitário.* Boiou para fora da piscina, deixando a água sustentá-lo. *E se você estiver preocupado mesmo com isso, vá tomar um drinque com o Magro e...*

Mas, antes de completar a seqüência de pensamentos, um assobio agudo e familiar se fez ouvir no painel de comunicações.

*Não posso nem me chatear sem ser interrompido*, pensou com um movimento vigoroso da cabeça molhada. Nadou de costas até a borda da piscina, subiu para o convés e caminhou a passos largos até a parede.

— Kirk falando — disse ele. — A menos que se trate de um alerta máximo, Spock, estou ocupado com cem mil galões de água.

— Infelizmente Capitão, — replicou a voz do vulcano — não posso oferecer nada tão... interessante no momento.

Kirk percebia o tom divertido na voz do vulcano mesmo a três conveses de distância. — O que é, Spock? — perguntou com mais educação.

— A tenente Uhura acaba de receber uma transmissão de absoluta prioridade proveniente do Comando da Frota Estelar. — respondeu Spock. Fez uma pequena pausa e continuou: — A mensagem está em código manual. Acredito que exija sua atenção pessoal no laboratório, não?

Kirk sorriu com o tom interrogativo do vulcano e com a eficiência gentil implícita na pergunta. Mas, além disso, sentiu um aperto familiar na boca do estômago. Quase nem se falava de mensagens codificadas a mão, pois implicavam em horas de laboriosa transcrição. Mensagens codificadas a mão eram dor de...

Deteve com rapidez o fluxo de pensamentos que o invadia. Qualquer coisa era melhor que o tédio. Mas, quando olhou para a piscina, um suspiro profundo escapou-lhe dos lábios. — Mandar a mensagem para o laboratório, Spock — ordenou ele, fitando o trampolim que ainda vibrava de leve com seu primeiro e, ao que parecia, último mergulho do dia.

— Afirmativo, Capitão — respondeu o vulcano. — Spock desligando. Kirk lançou um último olhar ao trampolim, à piscina e à água azul-celeste. Por um momento, pensou estar em casa de novo; mas o zumbido dos propulsores da nave estelar lembrou-lhe que *agora* o seu lar era *ali*. Virou-se para sair, contente em saber disso, e apertou o interruptor que ativava os secadores ocultos nas paredes. Um cubículo desceu do teto, preso a roldanas silenciosas, cercando-o com uma privacidade desnecessária. E então, depois de tirar uma toalha do compartimento aquecido na parede e esfregá-la com força na cabeça, vestiu-se logo, arrumando com cuidado a túnica dourada de comando — com ela, assumia as responsabilidades.

Quatro horas mais tarde, exatamente no fim do turno de trabalho oficial do dia, Kirk estava sentado sozinho no laboratório, olhando para a única folha de papel que havia diante dele. Rabiscada, riscada e praticamente ilegível, mesmo assim a mensagem era clara mas não merecia a importância de uma transmissão em código manual.

Esfregando os olhos cansados, desligou o terminal do computador depois de apagar todos os programas de código relativos à mensagem e então levantou-se daquela mesa minúscula estirando os músculos exaustos. Olhou de novo para a mensagem e dobrou o papel, escondendo-o na palma da mão.

— Mas, que droga! — exclamou, entrando no corredor deserto.

## DOIS

A ordenança S'Parva colocou a bandeja do jantar sobre a mesa, sentou-se com cuidado na cadeira (pequena demais para sua constituição corpulenta) e olhou para a comida, tocando com delicadeza nos rolinhos de ovos e no *won ton* posto no canto do prato. Percebeu cabeças voltando-se para ela em toda a sala de jantar - a maioria, de homens, notou ela. A conversa abafada zumbia ruidosamente em seus ouvidos, e ela escutou seu nome mencionado mais de uma vez. Virando-se um pouco mais para a parede, surpreendeu-se sentindo-se constrangida apesar de não ser a única extraterrestre da sala. Sentia psicologicamente um deneviano, um andoriano, dois rigelianos e uma deltana. É lógico que a deltana devia ser o centro das atenções, disse ela a si mesma, lembrando-se de estudos psíquicos das mulheres deslumbrantes de quem era exigido um voto de celibato antes de assumirem seu cargo em nave estelar. Mas pelo menos os deltanos eram humanóides, pensou ela.

Mordiscou a comida com cuidado, perguntando-se que novos boatos estariam correndo em relação a seu cargo numa nave estelar. Embora os katellanos tivessem trabalhado na Frota Estelar durante anos, percebeu com uma ponta de orgulho que era a primeira de sua raça a conseguir uma certa posição a bordo de uma nave espacial. Sorriu para si mesma e lambeu com ar distraído o pedacinho de camarão que caiu por acidente do rolinho de ovos em sua pata esquerda. E então, ao perceber o que havia feito, anotou mentalmente que devia ser mais cuidadosa. *É difícil eliminar hábitos antigos*, pensou ela. Depois de mais umas mordidas delicadas, colocou o rolinho de ovos de lado, pegando a faca e o garfo. Incômodos como eram, aceitava os talheres como uma necessidade - ao menos até o pessoal da nave se acostumar com sua fisiologia canina. Ainda assim, notava que os katellanos não eram tão diferentes assim de seus congêneres humanos. Ela já conseguia andar em posição ereta - o que, percebera, era muito conveniente. E o resto viria logo. O painel de controle e o equipamento de sua área de trabalho estariam completamente remodelados em uma semana -para acomodar tanto os bípedes quanto os quadrúpedes. Olhou para suas mãos, para o garfo que havia aprendido a segurar depois de uma certa prática. Três dedos mais longos e um polegar que só se distinguia do humano por causa do pêlo macio. Sim, o resto viria.

— Oi! — disse uma voz, enquanto outra bandeja de jantar fumegante parecia materializar-se na mesa ao lado da sua. — Como vão as coisas no laboratório de psicologia?

Ela teve um sobressalto, mas logo recuperou a calma, grata pelo fato do pêlo facial esconder o rubor que lhe subira ao rosto. Saiu de seu devaneio e descobriu Jerry Richardson sentando-se do outro lado da mesa, com um sorriso infantil brincando em seus profundos olhos castanhos.

— Não queria assustá-la — desculpou-se ele, segurando o rolinho de ovos e metendo-o na boca sem a menor cerimônia. — Só achei que parecia triste, sentada aqui sozinha.

Depois da surpresa inicial, S'Parva sentiu que estava relaxando. Conseguiu sorrir. — Obrigada, Jerry. — disse baixinho. — Acho que estou um pouco nervosa esta noite.

Richardson deu de ombros enquanto engolia o resto do rolinho de ovos e esticava o braço para pegar o copo de chocolate com leite no canto da bandeja. — Não há de que. — disse entre dois goles. — Você parece estar indo muito bem, ao menos pelo que tenho ouvido.

S'Parva aproximou-se, sua voz baixou. — Não é o trabalho, Jerry — deixou escapar de forma um pouco hesitante. — É... bem... — suspirou profundamente, com os ombros largos subindo e descendo sob a túnica azul de decote em "V" desenhada especialmente para ela. Mesmo assim ela era diferente, pensou. Mas Jerry parecia não perceber, como também parecia não perceber que era uns trinta centímetros mais alta que ele, ou que poderia cortar-lhe o pescoço com um único movimento rápido. E havia algo irresistível naquela inocência, pensou ela. Algo que lhe permitia pensar nele como *K'tauma*, amigo, companheiro, mestre, irmãozinho. — É algo que... — mas ela se calou. Não havia palavras em katellano ou em língua da Terra para descrever o que sentia.

Depois de um momento, Richardson ergueu os olhos, franzindo as finas sobrancelhas numa expressão desconfiada. Pôs o leite de lado. — Você não está preocupada com o trabalhinho de reforma lá embaixo no laboratório, está?

S'Parva deu de ombros mais uma vez e suas sobrancelhas erguidas tremeram de leve. — Estou. — admitiu com um sorriso encabulado. — Um verdadeiro pandemônio por causa de uma pessoa!

Jerry riu, pegou um pedaço de camarão frito com o garfo de salada e jogou-o na boca. — Não olhe as coisas deste ângulo, S'Parva — disse num tom despreocupado. — Os katellanos não são a única raça quadrúpede da Frota; a reforma dos painéis de controle lá de baixo já deviam ter sido feitas há muito tempo. — Sorriu com simpatia enquanto mastigava ruidosamente outro camarão, acompanhado de algo que lembrava vagamente um salmão à francesa. — Além disso, mesmo que essas mudanças *fossem* apenas por sua causa, considere-as uma bela nota em sua folha de serviços. A Frota Estelar

não autoriza nenhum tipo de alteração, a não ser que ache que você merece continuar na folha de pagamento.

S'Parva refletiu um pouco e obrigou-se a relaxar. — Obrigada, Jerry — disse com um sorriso. — Às vezes preciso que me lembrem dessas coisas. — Depois de um momento, pegou o garfo outra vez, quase segurando-o com naturalidade numa das mãos. Ainda era difícil, mas suportável. Espetou um mexilhão, colocou-o na boca e mastigou-o com ar ausente enquanto continuava a estudar Richardson do outro lado da mesa.

Para um ser humano, pensou, ele era bonito. E não havia como negar a harmonia que existia entre eles. Ela se perguntava se parte dessa harmonia não poderia ser atribuída ao fato de Richardson ser um dos poucos homens da *Enterprise* que não parecia ter problemas em conversar com ela, em perder tempo com ela. Richardson não ficava nervoso nem prudente em sua presença, não estava sempre trocando os pés pelas mãos, fingindo não perceber suas diferenças. Ele simplesmente aceitava as dela, como ela aceitava as dele; e havia algo em suas maneiras descontraídas que servia para deixá-la à vontade também. Sorriu para si mesma, e então percebeu que o jovem tenente estava a olhá-la bem de perto, com um leve sorriso no canto dos lábios.

— É um caminho de mão dupla, você sabe — disse ele calorosamente.

As sobrancelhas dela repuxaram-se; ela se perguntou se ele sabia que se tratava de um sinal katellano indicando contrariedade. — O que é um caminho de mão dupla? — perguntou com inocência.

Richardson deu de ombros. — A telepatia — arriscou ele, como se não estivesse discutindo nada mais importante que o projeto de um processador de alimentos. — *Você sabe o que eu estou pensando e...* — Deixou a frase em suspenso.

Durante um momento, S'Parva não soube o que dizer. Às vezes os humanos eram tão abertos, tão fáceis de ler. Depois, com uma risada gentil, fez um gesto de assentimento com a cabeça. Mas enquanto continuava olhando para o jovem, seus olhos cerraram-se de maneira curiosa. — Você parece abatido — disse ela, só então percebendo os olhos avermelhados e a postura desleixada. — Não me diga que o Capitão fez você varrer a ponte de comando para combater o tédio.

Richardson recuou, apertando os lábios enquanto desviava o olhar. — Não — disse ele, com a voz subitamente abafada. — É só que... Sacudiu a cabeça. — Nada.

Logo S'Parva se perguntou se havia ofendido o amigo de alguma forma, pois nem tinha acabado de falar quando sentiu uma distância inusitada entre eles. Doeu. Inclinou-se sobre a mesa, tocando a mão dele quase sem pensar.

— Desculpe — murmurou ela. — Não tive a intenção.

Mas Richardson sacudiu a cabeça, silenciando-a com um sorriso gentil. O rubor coloriu seu rosto. — Não, não — disse rapidamente. — Você não violou nenhum tabu tribal dos humanos, S'Parva. Só tenho tido uma certa dificuldade para dormir nas últimas noites. — Sorriu. — E o Capitão tem sido insaciável, varrendo ele mesmo a ponte de comando, os alojamentos dos oficiais, a quadra de esportes. E dizem os boatos que ele vai esfregar o chão do hangar com o que costumavam chamar de escova de dentes.

S'Parva sorriu, aliviada por ter sido uma coisa simples como aquela. A porta abriu-se de novo. Com facilidade. — É um homem e tanto, não? — perguntou ela.

Richardson concordou, respirando fundo. — O Capitão Kirk é uma raridade — afirmou. — Já trabalhei em três naves espaciais diferentes, e ele é o melhor de todos os comandantes.

S'Parva considerou o assunto. Não estava tomando conhecimento de nada que já não suspeitasse. — Pelo que ouvi dizer, — sugeriu ela — haveria uma longa lista de espera para se conseguir um lugar nesta nave.

Empurrando o prato, agora vazio, para o lado, Richardson sorriu. — Você se candidatou especificamente para a *Enterprise!*

S' Parva sacudiu a cabeça. — Fui designada — respondeu, sentindo orgulho com aquela façanha, que não havia percebido antes. *Designada — para a melhor nave da Frota.* Sentiu algo acomodar-se em seu íntimo, como um peso que estivesse fora do lugar há muito tempo. Ergueu os olhos e notou que havia terminado a refeição sem o constrangimento que a acompanhara durante o último mês. Respirou fundo mais uma vez, recostou-se na cadeira e meneou a cabeça, com uma expressão de encantamento.

— Você tem algo especial, Jerry. — disse ela rindo — Para um ser humano, você realmente tem algo especial.

O tenente deu de ombros enquanto abria um sorriso enorme. — Quem disse? — perguntou, e bocejou inesperadamente.

S'Parva ergueu uma sobrancelha, lançando-lhe um olhar de advertência. — Você devia ir mesmo ao laboratório de psicologia lá embaixo, Jerry. — sugeriu ela. — Fazemos a maior parte do nosso "trabalho" em períodos como este. A tripulação fica entediada e começa a apresentar todo tipo de sintoma, como insônia.

Richardson lançou um rápido olhar pela sala, ficou um pouco nervoso, notou S'Parva. Perguntou-se o que teria dito de errado dessa vez.

— E sonhos? — perguntou Richardson por fim.

S'Parva arregalou os olhos. A décima quarta queixa de hoje.

Kirk olhava para o tabuleiro de xadrez tridimensional sem vê-lo de verdade e, distraído, fez a rainha branca andar uma casa.

Erguendo a sobrançelha, Spock reclinou-se. — Um movimento muito pouco razoável, Capitão. — observou ele, detectando com facilidade a estranha falta de concentração de Kirk. O vulcano ganhara sem esforço sua terceira partida consecutiva.

Kirk sacudiu a cabeça com um suspiro, lembrando-se do papelzinho que estava na gaveta de cima, os sonhos. — Distraído, eu acho — arriscou-se a dizer ao encontrar os olhos de seu primeiro oficial e forçando um sorriso. Respirou fundo, depois reclinou-se na cadeira e cruzou as mãos atrás da cabeça, espreguiçando-se. — Não que eu queira ficar chovendo no molhado, Spock, — começou ele — mas... o que descobri, sobre os sonhos, está começando a me dar nos nervos.

O vulcano olhou em silêncio para seu Capitão. — O que ganharia em chover no molhado, Capitão? — perguntou ele, procurando aliviar a preocupação que se instalara em Kirk no decorrer do dia. — E o que significa exatamente... dar nos nervos?

O sorriso de Kirk alargou-se. — Dar calafrios, senhor Spock. — esclareceu ele. — Arrepios. Tremores. Fazer bater os dentes.

A sobrançelha baixou devagar. — Claro, Capitão. — replicou Spock, como se toda a questão se tivesse esclarecido de repente.

Kirk levantou-se da cadeira dando de ombros e dirigiu-se para a área de lazer de seus aposentos. Olhou durante um momento para a cômoda e depois abriu impulsivamente uma gaveta, pegando uma camisa de flanela xadrez. Depois de tirar a túnica dourada de comando às pressas e fazê-la voar pelo quarto até a pilha de roupa suja, vestiu com rapidez as roupas civis e começou a abotoar a camisa. Tinha que deixar o comando de lado por um certo tempo, e as divisas da manga eram um lembrete constante de que isso nunca era fácil.

— Vamos, Spock. — chamou ele, caminhando em direção à porta e derrubando o rei branco ao passar. — Vamos dar uma volta. Talvez eu só precise de alguma distância de todas essas coisas.

O vulcano virou a cabeça com curiosidade. A patrulha da nave era tão rotineira que ele não ficou muito surpreso ao ver a natureza de Kirk se afirmar. O Capitão era o tipo de homem que estava sempre em movimento, sempre em busca de novas aventuras e, em geral, envolvido em algum perigo excitante. Num momento de reconhecida falta de lógica, Spock questionou a inteligência do Comando por mandar a *Enterprise* patrulhar a Zona Neutra, em primeiro lugar. Com certeza, pensou ele, teria sido mais

razoável atribuir uma missão dessas a uma nave de reconhecimento. Afinal de contas, a *Enterprise* era a nave mais eficiente da Frota; o vulcano não pôde deixar de se perguntar se as razões por trás de sua patrulha atual não seriam mais complexas do que haviam sido levados a crer. E havia a questão da transmissão do código manual. Mas ele se levantou da cadeira e seguiu o amigo. Kirk lhe diria, *quando e se fosse* o momento. Mas, ao passar pelo tabuleiro de xadrez, estendeu a mão e endireitou impulsivamente o rei branco.

— O que há, Spock? — perguntou Kirk, cujo rosto assumiu de repente uma expressão de desconfiança, enquanto esperava de pé em frente à porta já aberta. — Com medo de que eu o mande para a Corte Marcial por insubordinação só porque você me ganhou outra partida de xadrez?

O vulcano apenas sacudiu a cabeça, e colocou-se ao lado do Capitão ao entrarem no corredor. — De forma alguma. — replicou. — Só achei impróprio abandonar a partida quando a noite mal começou. Não há dúvida de que sua abordagem pouco ortodoxa do xadrez vai afirmar-se mais tarde e você vai descobrir uma forma de me derrotar com um movimento ilógico e imprevisível. — Endireitou os ombros largos, olhando inocentemente para a frente enquanto se aproximavam do elevador. — Só estou lhe oferecendo uma oportunidade, Capitão.

Kirk sorriu. — Em outras palavras, Spock, — concluiu ele — você me dá de graça a última chance de eu me humilhar.

— Capitão! — replicou Spock com indignação.

Kirk reprimiu uma risada ao chegarem ao elevador. Apertou o botão, esperando as portas se abrirem. — Você sabe, Spock, às vezes fico pensando em você. Às vezes acho que é o anjo da guarda da nave, e outras vezes acho que é o diabo disfarçado.

O vulcano olhava para a frente com o rosto sem expressão. — O folclore às vezes *baseia-se* em fatos, Capitão. — replicou, enigmático.

Caminharam, apenas, durante um bom tempo, visitando áreas da nave normalmente distantes do mundo do comando. Por fim, como que por intuição, Kirk parou em frente a uma grande porta, olhou para ela como a decidir-se se entraria ou não, e acabou acionando o mecanismo que a abria, convidando o vulcano a segui-lo com um rápido aceno de cabeça. Spock o seguiu um pouco hesitante.

— Vamos lá. — chamou-o Kirk com um sorriso. — Pare de se comportar como um gato escaldado.

Spock continuava obstinadamente do lado de fora da porta. — Capitão,

— protestou ele — é um fato biológico que os vulcanos são sensíveis a muita umidade. Os jardins...

Mas, antes de conseguir completar a frase, Kirk pegou-o pelo braço e empurrou-o para a frente com uma risada. — Divirta-se um pouco, Spock. — sugeriu ele — Trata-se de uma ordem.

O vulcano suspirou e seguiu Kirk lentamente para dentro da sala. Por uma razão que não conseguia determinar, Spock sentia-se apreensivo, como se aquela parte da nave de repente tivesse ficado estranha, perigosa. Ergueu ambas as sobrancelhas ao fazer esta consideração ilógica e ficou um momento olhando à sua volta. Nada fora do comum, mas a sensação persistia, como se olhos fantasmagóricos os observassem. Tirou o pensamento da cabeça. Ilógico. Comportamento inaceitável, principalmente para um vulcano. A realidade parecia instável. As sobrancelhas levantaram-se mais ainda, c embora Kirk parecesse insensível àquela mudança repentina e intangível, Spock não podia negar sua existência. Sentia-se de algum modo alterado, estranhando até a própria mente. Mesmo assim, continuou andando. Os instintos de Kirk sempre funcionavam, disse a si mesmo.

Uma vez dentro dos exuberantes jardins verdes, Kirk sentiu parte de seu desconforto desaparecer. Por um breve instante, pensou ter detectado uma hesitação de Spock, mas quando se virou para olhar sobre o ombro, viu o vulcano bem a seu lado. Descartou a sensação, atribuindo-a às distrações mundanas e ao tédio, enquanto os olhos se voltavam para o "universo" à sua frente.

Os caminhos labirínticos que cortavam toda aquela área da nave parecida com a Terra, dava a impressão de uns oito quilômetros de trilhas num ambiente natural. Kirk tentou livrar-se do fato de que se tratava apenas de uma ilusão, criada com o maior cuidado pelos construtores da *Enterprise* para despertar um sentimento de aconchego, de "lar". A sala em si tinha uns cem metros de comprimento por setenta e cinco de largura, praticamente tomada por milhares de plantas - flores e arvoretinhas de milhares de mundos diferentes. Era sempre primavera ali, o ar fresco e limpo. Até os respiradouros de ar condicionado foram planejados para criar a ilusão de uma brisa suave; e o teto abobadado lembrava o claro céu azul da Terra, tendo até nuvens e arco-íris ocasionais. Quando a noite da nave começava a cair, um falso pôr-do-sol enfeitava o teto elevado e seus tons de púrpura, rosa e laranja quase faziam esquecer a realidade de ainda se estar a bordo de uma nave estelar, a pelo menos cinco anos-luz do planeta classe M mais próximo.

Obrigando-se a ignorar suas próprias tensões, Kirk deixou-se escorregar para a fantasia da Terra ao entrar no caminho principal do labirinto que, recordava-se, acabaria levando à parte mais profunda do jardim. Quando ergueu os olhos para o vulcano a seu lado, não pôde deixar de notar que os

jardins faziam efeito até sobre Spock. O primeiro oficial parecia muito mais relaxado e em paz ali, percebeu Kirk, embora estivesse um pouco distraído. Por um momento, o humano quase viu seu oficial balançando-se pendurado num galho de árvore, como já fizera uma vez, não sem a influência dos esporos que suprimiam as restrições vulcanas normais. Era uma imagem pacificadora, apesar de ser impossível. Por um instante, Kirk perguntou-se o que seria de seu amigo, dos dois, onde estariam dali a vinte anos. Quanto a si, suspeitava que encontraria uma forma de ainda estar viajando pelas estrelas, em busca de aventura nas obscuras regiões do tempo e do espaço. Mas quanto a Spock... Sua mente voltou no tempo, rumo a Vulcano. Para um dia em que Spock se preparara para casar... e que acabara em desastre. Solteiro ainda, o vulcano estava numa corda bamba entre a vida e a morte, pois sem a profunda harmonia mental necessária para criar um vínculo amoroso, Spock morreria na febre sangüínea do *pon farr*.

Apesar do calor dos jardins, Kirk estremeceu, andando um pouco mais depressa para a região central da sala. É claro, disse a si mesmo, que Spock não morreria. É claro, disse ainda a si mesmo, que Spock encontraria alguém com quem pudesse unir-se, alguém para trilhar o caminho com ele, equilibrá-lo, amá-lo.

Kirk pensou nisso durante muito tempo. Perguntou-se se o vulcano saberia no que estava pensando e concluiu que isso não tinha importância. Deveria ter falado em voz alta, *tinha* falado em voz alta inúmeras vezes. Sorriu para si mesmo. Nada de segredos, dissera uma vez a Spock. E o vulcano havia concordado. Fechou os olhos e tentou colocar a idéia assustadora do futuro no fundo da consciência. O futuro cuidaria de si, de algum modo.

Chegou enfim à região central dos jardins. Kirk passou um momento estudando o lugar. Seis grandes árvores que lembravam vagamente salgueiros-chorões cresciam num círculo de uns 30 metros de diâmetro. Galhos, como braços, pendiam até o chão, varrendo o gramado dos jardins.

Ao entrar no círculo de árvores, Kirk inspirou profundamente o ar fresco e dirigiu-se para um dos antigos bancos de pedra que começavam a mostrar grandes manchas de bolor. Sentou-se devagar, depois reclinou-se até sentir a umidade fria da pedra entrar-lhe pela camisa e chegar às omoplatas. Era bom, de uma forma que não conseguia definir — bom como é bom lembrar-se da infância. Trouxe-lhe recordações de ir para o parque às escondidas numa tarde quente de maio quando *deveria* estar na escola. Fechou os olhos, desfrutando a fantasia, as lembranças... as ilusões que só existem no passado. Mas quando abriu os olhos de novo, viu Spock ainda de pé, olhando para ele de forma interrogativa. Havia preocupação — apreensão vulcana, com toda a

probabilidade — escrita nos olhos negros.

Kirk sustentou por um momento aquele olhar penetrante e depois sorriu, ao ver o vulcano acalmar-se. — Divirta-se um pouco, Spock. — disse outra vez, indicando um banco próximo com um aceno de cabeça. — Você nunca saiu e rolou na grama quando era criança?

A sobranceira arqueada equivalia a volumes inteiros sobre a infância do vulcano.

— Não... — concluiu Kirk. — Acho que não. — Procurou sentar-se, sentindo o nervosismo e a depressão voltarem, apesar da expressão que mostrava naquele momento. Sabia que o vulcano via através de suas máscaras. — Sente-se. — disse mais sério — Preciso de um muro de lamentações, Spock.

O vulcano deve ter pensado em responder da maneira brincalhona habitual, mas descartou a idéia ao perceber a tensão inusitada naqueles familiares olhos cor de mel. Talvez Kirk *tivesse* sentido a diferença, a fantasmagoria daquele lugar. Decidiu-se por uma abordagem neutra. — Essa missão não devia durar muito mais, Jim. — arriscou-se a dizer, sentindo-se repentinamente inadequado para tratar das frustrações de Kirk ao procurar algo positivo para dizer. — Vamos sair daqui para nos abastecer em menos de um mês. — Interrompeu-se como se ouvisse o tom cortante de sua própria voz; talvez zombar deste humano *fosse* a única solução. — E Altair sempre foi um de seus lugares favoritos, não?

Kirk sacudiu a cabeça e depois teve de novo a sensação de borboletas furiosas lutando em seu estômago. — Altair — pensou ele. Olhou com atenção para o vulcano e tocou impulsivamente no pedaço de papel amassado que estava no bolso da camisa xadrez, tirando-o do lugar onde o escondera antes. Desamassou-o, passando-o ao vulcano. — A transcrição, explicou. — Todas as saídas foram adiadas por tempo indeterminado.

O vulcano estudou o papel com cuidado, gravando seu conteúdo

KIRK: SUA MISSÃO ATUAL CONTINUA ATÉ NOVAS ORDENS. TRÊS ÁGUIAS ATERRISSANDO NA FRONTEIRA PODEM PRECISAR DE INFORMAÇÕES DE VÔO. UMA REFLEXÃO OPORTUNA PARA A <i>ENTERPRISE</i> — AS ÁGUIAS VOAM À NOITE.
--

Spock ergueu os olhos e devolveu o papel a Kirk. — Atividade romulana. — presumiu ele.

Kirk concordou com um aceno de cabeça. — Atividade romulana, senhor Spock. — E então, sacudindo a cabeça num gesto de frustração, levantou-se e começou a andar para cá e para lá dentro do círculo de árvores.

— Pelo que aquela transmissão dá a entender, a preocupação dos escalões superiores não é pequena. — continuou ele — Mas parece que ninguém conseguiu adivinhar *o quê* os romulanos estão tramando desta vez. — Deu de ombros. — O comando suspeita que tenha algo a ver com uma tentativa de invadir os planetas da Federação que fazem fronteira com a Zona Neutra, mas... — Parou e esfregou a testa, sentindo o prelúdio de outra dor de cabeça. — Mas isso não é novidade. — concluiu ele, retomando a andança nervosa — Além disso, os cruzadores de combate foram planejados para isso. *Supõe-se* que as naves espaciais sirvam para fazer explorações e contatos; os cruzadores foram construídos para enfrentar invasões e ataques. — Sorriu, mas um sorriso forçado. — Os boatos também dizem que mais três naves estelares estão vindo para este setor como medida de precaução. E se isto não significa que alguém está preparando alguma, então não sei o que pensar. — Respirou fundo. — Mas, como de hábito, o Comando não é muito generoso em matéria de informações.

Spock ficou em silêncio por um longo momento. — E você disse que a Frota Estelar não sabe exatamente o que os romulanos estão planejando?

Kirk ergueu os ombros, levantou as mãos para o alto e depois obrigou-se a sentar ao lado do vulcano. — Tudo quanto sabem é que a frota romulana parece estar convergindo para um ponto próximo da fronteira com a Zona. Nossos serviços secretos infiltrados no Império tiveram notícias de algo relativo a um experimento com uma viagem no tempo e que estaria sendo realizado lá há bastante tempo; mas, segundo a última transmissão do almirante Komack, perdemos contato com os agentes antes destes poderem entrar em detalhes. — Fez uma careta. — Acho que não precisamos perguntar o que aconteceu com eles.

Spock desviou o olhar, confirmando as suspeitas de Kirk, mas o vulcano mudou de assunto. — Você acha que os sonhos podem ter alguma relação com os eventos no interior do Império Romulano? — perguntou ele.

Kirk sentiu algo mexer-se no estômago.

— Como alguns romulanos *são* telepáticos, — continuou Spock — você acha possível que nossos sonhos sejam resultado de uma ligação psíquica temporária com alguém do Império?

Kirk franziu as sobrancelhas, pensativo. Uma possibilidade, claro. Mas especulação fortuita, por parte de Spock? — Sei não. — admitiu — Talvez eu só esteja ficando paranóico por causa da idade. — Riu baixinho, procurando afastar a coisa fria e negra que parecia arrastar-se no seu ombro. Tinha seus olhos, seus traços, sua inteligência. Mas parecia estranho.

Kirk era a única pessoa a bordo com quem Spock poderia abrir-se, e valorizava essa liberdade. — Se houver respostas, vamos encontrá-las, Jim.

— disse ele — Mas... Acho que podem esperar até de manhã. Você parece um pouco... fatigado?

Homens como Spock não eram fáceis de encontrar. — Obrigado, Spock. — murmurou ele — Não sei que diabos faria sem você. — Levantou-se devagar e virou-se.

O vulcano ergueu-se para seguir seu Capitão, parando um momento para admirar a harmonia que sempre havia entre eles. — Não há dúvida de que ganharia no xadrez, Capitão. — sugeriu quando começaram a voltar para a entrada dos jardins.

Kirk riu e então virou-se para olhar o "céu" e percebeu que a noite caíra. Cores suaves fundiam-se no céu abobadado e ele se deu ao luxo de encher os pulmões de ar fresco e de retê-lo.

— É quase como estar em casa, Spock. — disse ele — Nenhum romulano, exceto nas histórias exageradas de papai; nenhum pesadelo pior que a álgebra... — Cedeu à fantasia só por um momento e então, reconhecendo o perigo mortal da saudade e da melancolia, abriu os olhos de novo. — Você sabe, — continuou ele — meu pai dizia que a própria infância é o único lar que um homem pode ter. — Riu, um pouco nervoso, e continuou a olhar para o teto abobadado. Durante um brevíssimo momento, chegou a ver os dragões e unicórnios de nuvens fofas.

Os olhos de Spock fecharam-se apenas um instante. — Seu pai era sem dúvida um homem notável, Capitão. — replicou depois de um longo silêncio. Era raro seu próprio pai falar dessas coisas, e nunca falava das estrelas. Começou a falar de novo, mas parou abruptamente quando Kirk sacudiu a cabeça com um sorriso.

— Não se preocupe, Spock. — replicou o humano — Não espero uma resposta. — Lançou um último olhar à abóbada; era quase "noite" agora, e logo as estrelas seriam visíveis no teto transparente. Voltou-se para a porta, determinado a deixar a melancolia para trás. — Não me arrependo de *nada* disso. — falou — E, quem sabe? Talvez estejamos rindo de tudo isso em algum café altariano daqui a um mês. — Virava-se para olhar a expressão impassível no rosto do amigo, quando as portas duplas abriram-se para o corredor principal da nave. — Bem, ao menos *eu* vou rir. — corrigiu.

Uma sobancelha levantou-se sob a franja negra, enquanto entravam no corredor e retomavam sua rotina habitual. As máscaras de Capitão e primeiro oficial retomaram seu lugar.

— Eu não seria contra passar algum tempo em Altair, Capitão. — disse Spock inesperadamente — Disseram-me que os museus e as bibliotecas são excelentes.

Kirk riu enquanto paravam em frente às portas do turboelevador. — Não

sabia que Altair *tinha* museus e bibliotecas, senhor Spock!

— Bem, Jim, — disse McCoy arrastando as palavras — não há muito que eu possa fazer sem aplicar testes em todas as pessoas envolvidas. — Relaxou na cadeira de espaldar alto, colocando os pés na quina de uma mesa sempre atravancada. — E, como você sabe, talvez melhor que qualquer outro a bordo, os sonhos são apenas uma válvula da panela de pressão. — Os olhos azuis estudaram Kirk com atenção. — Como teoricamente a consciência é civilizada demais, e *amedrontada* demais, devo acrescentar, essas coisas aparecem nos sonhos. — Um sorriso cálido abriu-lhe o rosto. — É provável que não passe de coincidência terem conversado com pessoas que tiveram sonhos perturbadores.

Kirk sacudiu a cabeça. — Não acho, Magro. — disse ele, enchendo de novo os dois copos de conhaque e passando um deles ao médico. — Todas as pessoas com quem conversei tiveram o mesmo *tipo* de sonho.

McCoy ergueu os olhos preguiçosamente. Certo, pensou consigo mesmo, um ponto para Kirk. Mas sua ética profissional o obrigava a ir mais fundo antes de pular para conclusões irracionais. Ao menos uma vez, refletiu ele, até Spock se orgulharia dele. E sabia que Kirk também respeitaria aquela ética. Seria fácil fazer algumas vid-sondagens de amostra, mas o médico-chefe fora específico —  *fatos*, que ainda não existiam.

— Que tal me contar este sonho de novo, Jim? — propôs ele, tomando um gole do conhaque.

Resignado, Kirk repetiu o sonho, concluindo com um grande suspiro. — Talvez você tenha razão. — disse ele — Talvez eu *esteja* dando importância demais a ele. — Parou, olhando para a mesa, usando-a como ponto focal. — Que diabo, Magro, — confessou ele — já pensei em perder a *Enterprise* e posso aceitar que isso vá acontecer um dia. Ninguém fica sempre com a mesma idade. — Sorriu, quase com timidez. — Portanto... não há nada me aborrecendo. E não estou inseguro a ponto de suspeitar que Spock tentaria me usurpar o comando. — Riu e depois ficou em silêncio. — Estou? — acabou perguntando.

McCoy ergueu os olhos azuis, que se cerraram de forma curiosa. — Nesse caso, talvez sua mente esteja apenas criando uma fantasia. — sugeriu — No fundo, você imaginou como seria servir àquele vulcano obstinadamente lógico. Seus sonhos apenas o deixaram representar essa situação — acrescentou ele, de maneira inocente. Inclinou-se para a frente na cadeira, apoiando os cotovelos na mesa. — Cá entre nós, Jim, eu não ficaria surpreso se descobrisse que metade da tripulação tem o mesmo tipo de

sonho. Mas como você é o único homem a bordo hierarquicamente superior a Spock, os sonhos são mais perturbadores pra você do que pra qualquer outro. — Deu de ombros, com um ar condescendente. — Mas é uma fantasia que dá segurança, Jim. — salientou ele — Você está apenas curioso, atrás de sua pose de comando. Afinal de contas, com um Capitão vulcano, uma decisão nunca seria parcial.

— Está insinuando que as minhas são? — perguntou Kirk.

McCoy sorriu com malícia. — De jeito nenhum, Jim. — disse com calma — Tudo que estou dizendo é que Spock tem um quê... místico. Isso leva as pessoas a imaginar que tipo de comandante ele poderia ser. É tão normal quanto fantasiar sobre qualquer outra coisa, e duas vezes mais seguro.

— Você já sabe que Spock não quer o comando; nunca quis e nunca vai querer. Devem a vida um ao outro centenas de vezes; portanto, podem dormir tranqüilos. Spock jamais poderia ser o homem a comandar a *Enterprise*, quanto mais se comandar  *você* fizesse parte do trato!

Antes de Kirk pensar numa resposta, McCoy inclinou-se, encheu depressa os copos vazios e continuou: — Eu não acho que exista alguém na Frota Estelar  *em condições de* comandar você, incluindo os almirantes e outros tais. Mas, às vezes, você se cansa de bancar o "Capitão Kirk". No seu íntimo, há uma parte que  *precisa* respeitar alguém, e acontece que essa pessoa é o seu primeiro oficial. Quando você vai dormir, o menino que existe em você precisa de um interlocutor, e ele escolhe Spock automaticamente, uma espécie de imagem de irmão mais velho em seus sonhos.

Ao pensar nisso, Kirk sentiu a preocupação diminuir. Fazia sentido, chegava mesmo a ser lógico. — Certo. — concordou ele. — Como já disse antes, é provável que você tenha razão. Mas... falta algo em sua explicação.

McCoy esperava.

— Spock — disse Kirk por fim, deixando a sílaba sozinha no ar. McCoy olhou para seu Capitão em silêncio e franziu as sobrancelhas, perguntando: — O que tem ele?

— Ele... teve exatamente o mesmo sonho que eu. Ele era o Capitão, eu era um alferes e a *Enterprise* não era a *Enterprise*.

No mesmo instante, McCoy pegou uma pilha de fitas de computador jogada a esmo num canto da mesa. — Você podia ter dito isso no começo. — queixou-se ele, com um sorriso — Teria poupado você da minha exposição sobre o significado psicológico dos sonhos.

Kirk devolveu o sorriso. — Talvez eu precisasse ouvir isso, de qualquer jeito, Magro. — sugeriu ele — Isso me livrou do relatório noturno, além de

me dar a chance de roubar um pouco do seu conhaque.

— Quem disse que os capitães desta nave estelar sempre tomam a atitude mais objetiva com relação a um problema, é óbvio que nunca conheceu você, Jim. — replicou o médico, levantando-se na ponta dos pés e dirigindo-se à ante-sala do consultório. — Vou querer a lista das pessoas com quem você conversou até agora. — gritou pela porta entreaberta — Nesse meio tempo, vou colocar parte do meu pessoal nisso também. Quero entrevistar todo mundo desta nave para dispor de uma estimativa percentual. Se forem só alguns casos isolados, é provável que tudo seja apenas psicológico, *stress*, tédio ou algo que o valha. — Reapareceu na sala principal, carregando uma pilha enorme de computadores portáteis. — Mas se isso resultar em mais de vinte e cinco por cento da tripulação... — Sua voz sumiu por um momento. — Se for *maior* que isso, Jim, — repetiu ele — teremos que informar o Comando da Frota Estelar e deixar a nave pronta para entrar de licença numa Base Estelar.

Kirk assentiu. — Algumas hipóteses, Magro? — perguntou esperançoso.

— Sou um médico, — enfatizou McCoy, com um dos computadores escorregando do braço e caindo no chão — não um vendedor de ilusões.

— Colocou o resto dos computadores portáteis sobre a mesa, e apertou o botão do *intercom* ligando-o com outras salas. — Enfermeira Chapel, quero seis técnicos de laboratório aqui, antes que as coisas esfriem!

Kirk sorriu com o visível entusiasmo de seu amigo. — Parece que você vai virar um mercador de ilusões esta semana. — salientou, e logo achou uma desculpa para sair, percebendo como o médico estava precisando de privacidade e espaço para trabalhar.

Mas enquanto andava no corredor em direção a seus aposentos, não conseguiu deixar de olhar ao menos uma vez para trás. Algo estava errado... e ele esperava que já não fosse tarde demais.

O tenente Jeremy Richardson olhava para a cama, sentindo um tremor percorrer-lhe a espinha. Depois de ajustar o termostato à parede e regular as luzes, enfiou-se embaixo das pesadas cobertas, ouvindo sua própria respiração. Por um momento, pensou ter visto uma sombra — uma forma escura, nebulosa, que se movia e tomava forma perto da cama. Fechou os olhos, mas o fantasma conseguiu introduzir-se por trás das pálpebras.

Sorria para ele — seu próprio sorriso.

Piscava... com seus próprios olhos.

## TRÊS

O Capitão James T. Kirk acordou no meio de uma noite mais escura que o normal, sobressaltado por um sonho que fugia por entre os dedos etéreos da memória. Sentiu-se só e tremeu por dentro. Tentou abrir as pálpebras pesadas, mas estava paralisado.

As imagens do sonho continuavam movendo-se como espectros obscenos, como a informação lançada num computador que não está preparado para aceitar nova programação. Lutou, torcendo-se embaixo da desordem das cobertas, até o suor inundar-lhe a testa.

Sabia intelectualmente que estava acordado, mas o clima do pesadelo prolongava-se, recusando-se a devolvê-lo à razão.

Sua mente fora-lhe arrancada por mãos invisíveis e remodelada para criar um outro ser, um ser totalmente diferente. Seus músculos continuavam retesados como as velas de um barco; e ele deu por si tão gelado de horror, que tinha dificuldade em se mexer e até mesmo em respirar. As lembranças agradáveis de outrora tornaram-se de repente inatingíveis, enquanto seu passado desaparecia num túnel fundo e escuro. Lembranças dolorosas formavam-se em seu olho interior — as mulheres que havia amado, as mulheres que perdera. Uma nave — *a sua*. Tudo perdido.

— S-Spock? — chamou, ouvindo o som como um grito, embora soasse quase como um sussurro seco, suspenso na realidade. O vulcano devia estar ali... mas não estava. O laço familiar parecia obscuro e distante, como se nem existisse mais.

Por um segundo horripilante, Spock estava morto; e o humano sabia instintivamente que estava sozinho com os fantasmas. Nunca havia sido atormentado antes pela idéia da solidão; mas, agora, uma sensação de isolamento terrível e absurdo instalara-se nele junto com o desejo de vingança, sufocando em sua garganta um grito de angústia, enquanto sua mente procurava instintivamente por Spock.

Não... morto não. Não por completo. Achou que quase conseguia sentir aquela afinidade mental, que sempre existira. Mas ela também escapou... e sumiu.

O tempo girou.

Para trás... para a frente de novo.

No fundo de sua consciência, aquele homem se punia pelo fracasso de seu comando, abrupto e sem precedentes; mas quando seus olhos finalmente se abriram, percebeu que tudo não passava de um sonho dentro de um sonho.

Arfando, perguntou a si mesmo onde estava, por que estava tremendo de

frio e por que estaria procurando mentalmente um homem que ele nunca conhecera pessoalmente. E perguntou-se sobretudo por que consideraria o Capitão vulcano da *ShiKahr* um amigo.

Sacudiu a cabeça para ordenar o caos, forçou-se a respirar de novo e foi caindo devagar na cama estranha, enquanto o sonho se transformava em realidade.

Um rápido olhar para a outra cama confirmou que seu companheiro de quarto — o homem que lhe fora apresentado como Paul Donner, havia menos de vinte e quatro horas — ainda dormia profundamente e seu sono não parecia perturbado por sonhos.

Kirk ergueu-se com esforço, foi cambaleando até o pequeno banheiro e jogou água fria no rosto para espantar os últimos fragmentos do sono. Mas a cólera voltou com o desejo de vingança, ao compreender que *não* era um Capitão de nave estelar, que *nunca* seria um Capitão... e que os sonhos não passavam de mais uma forma assumida pelo Dispositivo Talos, que continuava vindo do passado para atormentá-lo.

Até as lembranças que sempre tinham sido tão vivas e nítidas, pareciam distantes agora — algo mais que uma visão... menos que uma recordação. Garantiu a si mesmo que os sonhos caóticos e angustiados continuariam por algum tempo ainda; tinha sido recrutado para servir na Frota Estelar há menos de seis meses, e só ontem fora designado para a *USS ShiKahr*. Lançou um olhar de desconfiança para o quarto mal iluminado, ignorando o ressonar tranqüilo de Donner e tentando afastar a sensação de estranheza, enquanto estudava o ambiente desconhecido. Nada daquilo parecia certo... mas ele não tinha imaginado nada muito diferente.

Também admitia o fato de não *querer* que aquilo parecesse certo.

Cautelosos e duros olhos cor de mel sondavam o quarto com cuidado, verificando mais uma vez o estado de Donner; em seguida, Kirk levantou-se e pegou a valise de objetos pessoais que trouxera para bordo, atirando-a a esmo para um canto. Voltando para o quarto, ajoelhou-se perto da cama e, depois de remexer na valise esfarrapada, retirou dois pequenos objetos. Com as mãos trêmulas, ergueu a seringa contra a luz do banheiro, enchendo-a com as últimas gotas da ampola e depois dirigiu o instrumento para o pulso. Por um momento, algo rebelou-se dentro dele; algo lhe dizia que injetar a droga para aceitar o destino poderia não ser a resposta que ele precisava. Mas afastou o pensamento incômodo quando os fragmentos perdidos do sonho voltaram a lembrá-lo o que ele havia perdido... o que jamais havia possuído.

*Ela... deusa prateada. Ela.*

Morta e enterrada.

Kirk trouxe a seringa até o pulso nu, tremendo um pouco quando a forte pressão da agulha injetou o líquido frio em sua veia, com um silvo que lembrava uma serpente.

Com o barulho, Donner mexeu-se na cama, estapeando o próprio rosto, como se perseguisse uma mosca ou uma aranha. Depois, com um grunhido de horror, o corpo vigoroso rolou sobre o estômago, os braços fortes puxaram o travesseiro sobre os cabelos desalinhados e ele caiu em sono profundo.

Enquanto a droga penetrava em seu organismo, Kirk recolocou a prova do crime no fundo da valise e cambaleou para a cama, mal conseguindo puxar as cobertas sobre o peito antes que a vertigem se apoderasse dele. Percebeu aterrorizado que aquela fora a última dose de lidacin. Na Terra era fácil comprar a droga... mas, numa nave estelar, seria praticamente impossível.

Mordeu os lábios até sentir dor, e seus olhos foram-se fechando. *O sono.* Ela poderia estar lá. Mas *só* lá.

Com um suspiro profundo, o alferes Kirk entregou-se aos efeitos da droga, numa escuridão habitada por espíritos e uma realidade mais aceitável. Não era mais o homem que havia sido a vida inteira, não era mais o Capitão James T. Kirk. Agora ele também era um espectador, mais um fantasma de uma realidade longínqua e surrealista. O James T. Kirk que havia conhecido não passava de um sonho, uma psique estranha que, de quando em quando, aparecia ao alferes nos pesadelos exigindo um posto de chefia e uma nave que nunca seria sua neste mundo.

O Capitão James T. Kirk não existia mais quando a nave capitânea romulana desceu no hiperespaço e entrou na órbita de seu próprio mundo... mais de vinte anos-luz de distância.

O Capitão Spock andava pelos corredores desertos, "à noite", fazendo a inspeção cotidiana com a meticulosidade habitual. Tudo estava em ordem: os sistemas de controle de fogo em perfeito funcionamento, do Convés 4 até o 11; o escoamento do baixo nível de radiação da sala dos propulsores, dentro do limite normal; os reservatórios de matéria/antimatéria checados e supervisionados pelo engenheiro-chefe Scott; velocidade de dobra funcionando adequadamente; a nave atravessando a Dobra 1 em patrulha de rotina na Zona Neutra Romulana.

O vulcano estudou a lista de checagem no computador portátil, fez as anotações necessárias, colocou o instrumento embaixo do braço e retomou o caminho. Mas quando seu olhar percorreu o corredor longo e deserto, sentiu

a aproximação de algo frio. A vertigem apoderou-se dele; a gravidade parecia duas vezes o normal. O convés, mais próximo da sua cabeça do que dos pés. Respirou fundo, surpreso com a insólita sensação de tontura. Estendeu rápido uma das mãos, apoiando-se firmemente na antepara, enquanto seus ouvidos detectavam o estrondo do computador portátil caindo no chão.

A realidade tremia como uma criança irritada num ataque histérico; de repente, os corredores ficaram... *diferentes*. Completamente iluminados. Dia. Maior curvatura — como se de repente estivesse num convés mais próximo do centro de um disco abaulado. No lugar das inscrições vulcanas, descrevendo os níveis e instruções do convés, o anglo da Terra flutuava diante de seus olhos.

Pestanejou para afastar o absurdo e, lembrando a postura correta para combater vertigens, caiu de joelhos e colou a cabeça contra a parede, respirando fundo. O ar estava mais denso — como a densidade da Terra — ao invés de rarefeito como o de Vulcano.

*Só. Tu estás só, Spock. Tu não és mais meu filho.*

Sacudiu a cabeça com violência, tentando elucidar as palavras que se gravaram em sua consciência num momento do passado. Eram as palavras que seu pai lhe dissera quando aceitou o comando da *ShiKahr*. Rejeitara-as instintivamente. Mas Sarek estava certo. De certo modo, fosse quem fosse o companheiro que um dia imaginara encontrar entre as estrelas, tinha-lhe escapado. No entanto, as lembranças reais do vulcano — seu passado — estavam muito menos reais, mais parecidas com as imagens de uma tela de vid-sondagem que de uma memória de verdade. Mas não doíam daquela forma. A forma da natureza tornar a rejeição mais aceitável.

A náusea aumentou por um instante e ele distinguiu o sal metálico de um surto psicótico que não tinha há anos. Vulcano. T'Pring. Lar, esposa, família e expectativas: tudo perdido. O que havia restado? As estrelas — algo que T'Pring teria proibido. O espaço, a liberdade. O isolamento, compreensível... para um vulcano. E o comando, uma espécie completamente diferente de lar.

Respirou fundo mais uma vez, tentando levantar-se. Mas antes de conseguir ficar de pé, um rosto tomou forma dentro dele: traços firmes, pele queimada de sol, expressivos olhos cor de mel e um sorriso cativante. Uma única mecha de cabelo dourado-escuro caía pelo meio da testa alta. E contudo... um estranho. Um habitante dos sonhos.

*Thy'la?* Num relance, imaginou se este homem poderia ser o companheiro, o amigo, o irmão. Mas... não. As imagens recebidas em períodos de doença física — ou mental — não podiam ser consideradas precisas.

Fechou os olhos de novo, venceu a náusea e levantou-se bem devagar. Mas as pernas tremiam muito quando se agarrou à antepara.

Ouviu vozes que vinham de um longo túnel, sem começo nem fim. Abriu os olhos e seguiu aquele som.

— Capitão?

Uma mão tocou-lhe o ombro — firme, forte, humana.

— Capitão? Está tudo bem? Aqui, sente-se, eu vou chamar a enfermaria, Capitão Spock.

A mão empurrou-o com delicadeza para o convés, mas ele resistiu, sacudindo a cabeça. Pestanejou, forçando-se a focar os olhos. Viu o engenheiro Scott, que olhava para ele, ao mesmo tempo em que o túnel intangível foi diminuindo, até desaparecer. O vulcano respirou fundo, de maneira irregular, e a realidade se estabilizou.

— Não será necessário, engenheiro. — replicou o Capitão, retraindo-se automaticamente até a mão do outro se soltar. Percebia desconcertado que Scott o trouxera de volta, mas... de *onde!* Durante um rápido instante, sentiu um ressentimento ilógico. — Eu estou... bem, agora.

Scott olhava, duvidando. — Tem certeza, Capitão? — perguntou preocupado. — Desculpe, mas se o senhor me permite falar assim, está parecendo que acabou de dar a volta na Galáxia em velocidade de dobra, sem a roupa espacial!

O vulcano sacudiu a cabeça outra vez e endireitou distraidamente a túnica marrom de comando. O tecido de seda parecia frio, percebeu desconcertado. Frio, estranho, deslocado. Deu uma olhada no corredor. Tudo normal agora.... Inscrições vulcanas. Corredores em penumbra. Tudo absolutamente normal.

— Eu vou... retirar-me para meus aposentos, engenheiro. — declarou ele, num tom de voz que não dava margem a réplicas — Pode prosseguir com suas obrigações.

Scott encarou o comandante vulcano. — Com todo o respeito que lhe devo, Capitão, — replicou ele — são três da manhã. Meu turno acabou há quatro horas atrás. — Aproximou-se como se fosse amparar o vulcano, mas deteve-se quando o Capitão deu alguns passos para trás, evitando deliberadamente o seu contato. — Deixe-me ao menos acompanhá-lo aos seus aposentos. — ofereceu-se ele.

O vulcano concordou. — Está bem, senhor Scott. — *Ilógico argumentar*, pensou, lembrando-se do quanto aqueles imprevisíveis humanos podiam ficar preocupados. Estudou o engenheiro de soslaio assim que começaram a andar pelo corredor, bem devagar, em direção ao poço do elevador. Ao chegarem ao elevador, virou-se e olhou o outro de frente. O rosto tinha uma

expressão compassiva, afetuosa e amável... mas não era o mesmo daquela visão persistente.

— Na verdade, estou bem agora, Senhor Scott. — assegurou o vulcano ao outro, sentindo uma súbita necessidade de estar só. Por favor, não se preocupe mais por minha causa.

Depois de um longo momento de silêncio, Scott assentiu e pôs-se de lado de maneira relutante, perguntando-se se algum dia entenderia a obstinação do Capitão vulcano.

O alferes Jim Kirk não estivera a bordo da *USS ShiKahr* dois dias antes da primeira luta começar. Olhava com tanta raiva para aquele jovem paspalhão, designado como seu companheiro de quarto, que chegou a ficar roxo.

— Ouça, Kirk. — disse o insolente alferes com um riso sarcástico, pressionando-o contra a parede do corredor com o peso do corpo. — Não queremos você aqui, como você mesmo também não quer. Portanto, é melhor ir se acostumando a obedecer.

Jim lutou com garra, mas em vão. Afinal de contas, Donner tinha quinze quilos mais e quinze centímetros mais do que ele, e com uma agressividade que Kirk não sentia há anos. Com aquela história da Idade das Trevas da Terra, o inesperado restabelecimento do destacamento militar e as forças romulanas ameaçando invadir o território da Aliança a qualquer momento, ele havia perdido muito de sua disposição para a luta. Mas quando viu o rancor estampado no rosto de bebê de Donner, uma faísca do velho fogo reavivou-se em suas veias.

— Por que você não larga do meu pé, hein, Donner? — perguntou com frieza, o joelho levantado em desafio, mas depois gemeu de dor quando o outro apertou sua garganta com mais força. — Se nós formos obrigados a viver juntos, — continuou ele quase sem voz, — então é melhor você também ir se acostumando com isso!

O apertão afrouxou um pouco ao mesmo tempo em que o rosto de Donner ia ficando cada vez mais próximo.

— Eu cheguei aqui primeiro, seu aprendiz de trapaceiro. — lembrou-lhe Donner com arrogância.

Kirk riu, apesar de lhe doerem a garganta, as pernas e os braços. Baixou a voz até um ronronar fingido. — O Homem de Neanderthal era assim, Donner. — replicou com sarcasmo — Mas lembre-se apenas de uma coisa, soldadinho: não morro de amores pela Frota Estelar, pela Aliança ou por você e seu maldito complexo de superioridade! Vou cair fora daqui nem que

*nós dois* tenhamos que morrer neste processo. — Um sorriso ameaçador apareceu em seus lábios. — Ou, quem sabe se você simplesmente não desaparece no meio da noite, igualzinho a seus ancestrais de Neanderthal?

Donner deu uma sonora gargalhada e num impulso atirou o menor contra a antepara, como quem se livra de uma camisa velha.

— Para um *pequeno* filho da puta, você teve idéias incrivelmente *grandes*. — Os olhos de um cinza frio ficaram implacáveis ao mesmo tempo em que, com as mãos entrelaçadas, Donner agarrou o colarinho da camisa do uniforme de Kirk. — Agora escute, anão, e escute bem: seus antecedentes não são segredo pra ninguém nesta nave. É óbvio que lhe deram a opção entre a Frota Estelar e a cadeia e, por alguma razão desconhecida por Deus e pelos homens, você escolheu a Frota. Portanto, vai ter que viver com essa decisão, ou então vai acabar com o traseiro na prisão da nave até o final desta viagem. Fui claro?

Kirk olhou para o outro alferes com um ódio mortal. Tantos companheiros de quarto possíveis e ele *tinha* que ficar justo com Donner. — Quem morreu e o transformou em Deus? — perguntou num tom mordaz.

Mas Donner apenas deu de ombros com um sorriso de desprezo. — Ser da Segurança tem certas vantagens, Kirk. — salientou ele com um ar ingênuo — Sua sorte foi Vulcano ter-se intrometido no governo da Terra, senão não teria tido escolha *nenhuma!* Teria sido amarrado nos fios de alta tensão mais próximos. Mas, já que está aqui, e que todos nós temos que suportá-lo até o fim de sua visitinha, seria melhor enfiar nessa sua cabecinha oca que você é meu escravo particular. Entendeu, *anão!* Você come quando eu deixar; dorme quando eu deixar e faz o diabo que eu mandar você fazer!

Pelo canto do olho, Kirk viu que vários membros da tripulação estavam começando a parar a fim de assistir a briga e sentiu a onda quente do constrangimento subir-lhe ao rosto mais uma vez. Mas, de repente, o clima do pesadelo voltou, e com ele a vertigem e a náusea; ele só conseguia encarar em silêncio o outro homem, até que a concretude da raiva o trouxe de volta. Abaixou a cabeça, mordendo os lábios por dentro num último esforço para combater seu reconhecido mau gênio. Mas era uma batalha perdida.

— Entendo perfeitamente, Donner. — disse ele num tom estranhamente submisso. Mas ergueu os olhos cor de mel, que brilhavam de ódio.

Kirk ouviu no fundo o riso cúmplice de alguns membros da tripulação.

Foi sua última lembrança consciente antes que o punho dobrado de Donner o mandasse rodopiando para o abismo escuro dos pesadelos que ele conhecia tão bem. No entanto, mesmo naquela derrota, experimentou um estranho sabor de vitória.

Ninguém mandava nele. Ninguém era dono dele.

Houve mais três brigas naquela semana; quando o alferes James Kirk não conseguiu comparecer ao serviço no quarto dia seguido, recebeu uma intimação para se apresentar nos aposentos do Capitão, para uma consulta disciplinar. Ele não foi.

## QUATRO

O tenente Montgomery Scott checou de maneira metódica os reservatórios de matéria/antimatéria; apesar de não haver oscilações em seu tricorder manual, algo arrepiava os cabelos de sua nuca taurina. Sacudiu a cabeça, dando uma olhada na seção de engenharia. A noite da nave já avançava e três técnicos continuavam ocupados em seus postos. Para Scott, um deles parecia estranhamente distraído. As espessas sobranceiras do engenheiro franziram-se quando verificou de novo o equilíbrio crítico entre matéria e antimatéria que mostrava exatamente as mesmas leituras anteriores.

Contudo, desde que servia na *ShiKahr*, sentia algo fora do lugar... *lúgubre*. Mas tentava ser racional e afastar a paranóia. Olhou de novo para os técnicos, tentando saber se estariam mesmo conscientes de sua presença. Donnelly e Anderson pareciam à vontade — quase entediados, na verdade. Mas Reichert parecia nervosíssimo, pensou o engenheiro-chefe.

Scott colocou-se atrás de uma antepara e ficou um momento observando o outro sem ser visto. Sabia pouco sobre o alferes, além do fato de ter vindo para bordo havia quase seis meses; ele parecia bem estável e seu trabalho sempre ultrapassava a média. Nunca atrasava, nunca ficava doente e gostava de uísque quase tanto quanto seu chefe.

Scott riu sozinho, mas a graça acabou assim que viu Reichert piscando, as pernas trêmulas, apoiando-se com uma das mãos no painel de engenharia que saltava da parede na altura da cintura. A posição dos outros técnicos era tal que não podiam ver o que Reichert estava fazendo; só Scott testemunhava o incidente — que lhe parecia muito parecido ao episódio com o Capitão Spock no dia anterior. Mas antes de poder sair do lugar para ajudar o técnico, Reichert endireitou-se, lançou um olhar culpado em torno e continuou com seu trabalho, como se nada tivesse acontecido. Depois deu as costas ao painel e, num relance, Scott achou que sua presença fora descoberta.

No entanto, o jovem alferes simplesmente saiu de seu esconderijo e foi até Donnelly e Anderson. Bateu nas costas de Donnelly. — Acho que vou tomar um lanche, rapazes. — disse ele num tom de voz normal. — Vocês olham o fluxo de bordo para mim?

Donnelly sorriu. — E claro, Carl. — Dirigiu-se ao outro painel e num ímpeto gritou por sobre os ombros: — Ei, Carl, traga-me uma xícara de café e uma rosca, sim?

Reichert parou na porta, batendo uma continência de brincadeira: — É

claro, almirante — respondeu ele, e logo desapareceu no corredor.

Assim que o alferes saiu, Scott saiu de trás da antepara com uma estranha sensação e parou atrás dos ombros de Donnelly. Olhou com atenção para o painel de fluxo de energia que Reichert estava monitorando e sentiu algo frio como a morte em seu estômago.

— Não me diga que não vê isso, cara! — exclamou ele. — Todo o maldito fluxo está sendo interrompido por alguma coisa.

Donnelly olhou bem de perto o painel e as leituras digitais. — Reichert disse que esse painel não funcionava bem — explicou ele, lançando um olhar curioso para seu supervisor. — Disse que você sabia disso, e que Anderson e eu não deveríamos nos meter. — Mas seus olhos se arregalaram quando a conexão ficou clara.

Uma sensação de morte próxima apertou o coração de Scott e ele atravessou a sala, manuseando o interruptor de comunicação. — Scott para a ponte de comando! Capitão Spock, responda!

— Spock falando — veio a calma resposta.

— Capitão! — gritou Scott pelo painel. — Você tem que conseguir a paralisação de toda a energia secundária imediatamente! — Olhou nervoso para Donnelly, o rosto pálido, os olhos apavorados. — Desligue tudo que não seja absolutamente essencial para manter a vida!

Antes mesmo de começar a explicar o problema, ouviu a ordem sendo transmitida na ponte de comando e um certo orgulho se apoderou dele por saber que Spock — um vulcano dedicado de corpo e alma à lógica e à precisão — confiava nele, conhecendo-o há tão pouco tempo.

— Estamos com um problema aqui embaixo. — continuou o engenheiro, quase sentindo a gigantesca nave estelar paralisando, como se fosse dormir. — E um problema grave, Capitão.

— Que tipo de problema, senhor Scott? — A voz filtrada de Spock soava sem alarme nem emoção.

Scott engoliu em seco, ignorando o suor frio que brotava em sua testa. — Deixaram a válvula de fluxo dos reservatórios de matéria/antimatéria aberta. Teremos que manter a energia em nível mínimo e paralisar completamente a velocidade de dobra até que eu possa verificar com exatidão onde está o problema.

Fez-se um breve silêncio, como se o vulcano estivesse pensando. — O correto não é que o sistema de fluxo de matéria/antimatéria seja monitorado pelo computador o tempo todo, engenheiro, e toda discrepância deva ser observada em sua checagem de rotina?

Scott olhou para Donnelly de novo, compartilhando a tensão com o jovem técnico. — Sim, Capitão. Isso é o que eu estou tentando lhe dizer!

Para que isto chegue a acontecer, é preciso que tenha sido deliberado! — Sacudiu a cabeça, esforçando-se para articular as palavras, pois sua língua havia ficado grossa de repente. — Quem fez isso, tomou todas as medidas para que *não aparecesse* na sonda tricorder. — Abaixou a voz sem querer; era uma acusação grave. — É um verdadeiro milagre dos santos nós não termos nos desintegrado! Mais dez minutos e... — Sua voz calou-se.

De novo o silêncio. — Muito bem, senhor Scott — respondeu o vulcano, afinal. — Toda a energia secundária foi suspensa. A velocidade de dobra também parou; transferimos a energia para os propulsores. — O Capitão fez uma pausa e, quando falou outra vez, sua voz estava ainda mais calma. — Além disso, sugiro que feche a seção de engenharia o tempo necessário para descobrir quem exatamente teria cometido um erro desses.

Scott sentiu um frio na barriga. — Ah... Capitão, — disse ele com calma — o suspeito deixou a Engenharia agora mesmo... disse que estava indo comer alguma coisa.

— Ah, sim? — respondeu a voz do vulcano, soando um pouco surpresa. — Vou pedir à segurança para detê-lo lá. Quando acabar os seus reparos, engenheiro Scott, informe a ponte de comando, por favor. Além disso, peço que você me encontre na enfermaria logo após encontrar a solução deste problema. Desejo entrevistar você e os outros técnicos em serviço durante o incidente.

Scott deu um suspiro profundo. Podia ter sido pior. — Sim, Capitão. Scott desligando. — Olhou outra vez para Donnelly e viu a palidez do rosto do jovem técnico. Conseguiu dar um sorriso, antes de voltar ao quadro dos monitores do fluxo de energia. — Não se preocupe, rapaz — disse ele num tom benevolente. — O Capitão não morde, e se alguém pode ir até o fundo disso, essa pessoa é ele. — Donnelly parecia não acreditar, mas mesmo assim concordou. Seus olhos fixaram-se no quadro, nas assim chamadas leituras de "mal funcionamento" — Por que Reichert/íir/a algo assim, senhor Scott? — perguntou afinal.

Scott sentiu um frio na espinha. — Bom, o melhor é deixar *essa* questão para os especialistas da psique, rapaz. Por que alguém haveria de querer explodir a nave, e a si próprio junto, foge à minha compreensão. — Piscou, sentindo-se um pouco mais à vontade e saiu para a penumbra do corredor que levava aos tubos Jeffries. O estrago tinha que estar em algum lugar naquele local. — Aqui, rapaz. — disse ele, indicando uma correia de conexões ligada à instrumentos complexos. — Dê-me aquele estojo de sensores de fluxo. Guindou-se para dentro do estreito passadiço e pegou o estojo das mãos do jovem alferes que, observou o engenheiro, tremiam. — Agora fique atrás daquele quadro e dê um grito quando aquelas leituras

começarem a se estabilizar.

Donnelly moveu-se com rapidez, mas arriscou um olhar para Anderson, ao voltar para a sala principal. Os olhos de seu colega estavam arregalados, incrédulos.

— Exatamente quanto nos aproximamos, Dave? — perguntou Anderson, logo que Scott desapareceu nas sombras e catacumbas da engenharia.

Donnelly deu de ombros, indiferente. — Não pergunte. — disse ele com os olhos fixos no quadro. Em pouco tempo, as leituras começaram a se estabilizar e a se aproximar do normal. — Aí, senhor Scott. — gritou ele, pelo painel de comunicação — Parece que é isso.

Mais alguns minutos e Scott reapareceu com um enorme sorriso de alívio brincando em seus traços rudes. Foi até Donnelly e pôs o braço em suas costas, de um jeito afetuosos.— Pode dizer ao seu coração que comece a bater novamente, rapaz. — disse ele — Por sorte, nosso amigo não tinha experiência para nos mandar pelos ares num grande estrondo.

No entanto, foi ao quadro de fluxo, checar tudo pessoalmente... para ter certeza.

Na ponte de comando, o Capitão Spock levantou-se e foi até o posto de ciências, olhando rapidamente por sobre o ombro do primeiro oficial Chekov. Por alguma razão, as instalações do computador lhe chamaram a atenção, seduzindo-o de uma forma pouco natural; o suave zumbido dos circuitos e microprocessadores pareciam muito mais "certos" que a fria realidade da cadeira de comando. Mas descartou aquele pensamento ilógico quase tão rápido quanto lhe viera. Depois de ser Capitão de uma nave estelar da Aliança há quase sete anos, este não era um momento propício para pensar em seguir uma outra carreira.

— Todos os sensores acusam apenas o espaço vazio, Capitão. — transmitiu Chekov de modo automático. — Não há embarcações romulanas, nem perto da fronteira da Zona Neutra.

Spock assentiu quase que para si mesmo. — E a situação atual do senhor Scott nos reparos do propulsor?

Chekov ativou uma série de controles, monitorando os computadores da engenharia e comparando a informação com o normal da nave. — Fluxo de energia de matéria/antimatéria estável agora, senhor. — respondeu o primeiro-oficial — O engenheiro Scott afirma que os reparos foram concluídos e que ele está a caminho da enfermaria conforme suas ordens.

— Muito bem, comandante Chekov. — replicou o vulcano. — Avise o doutor McCoy que estarei lá daqui a pouco. — Virou-se e caminhou em direção à porta; mas antes de chegar ao elevador, seus ouvidos detectaram o som fraco de uma comunicação que se completava. Deu uma olhada no

painel de comunicação, viu Uhura colocar o nódulo decodificador de subespaço no ouvido e esperou. Os moldes da transmissão matutina não tinham nada fora do normal; se o comando da Frota estivesse tentando contactá-los agora...

Daí a pouco, Uhura virou-se de costas para o painel, colocando automaticamente o nódulo na fenda registradora do quadro principal. Ali, a mensagem ficaria inscrita para sempre nos registros da *ShiKahr*.

— Tenente? — perguntou Spock quando viu que a chefe das comunicações não fez nenhum esforço para retransmitir a mensagem. Percebeu que a mulher estava com os olhos arregalados.

Uhura franziu a testa ao se deparar com o oficial de comando. Olhou atenta para o nódulo. — Eu... eu não tenho certeza, senhor. — respondeu ela afinal. — Aquela mensagem *não poderia* ser correta.

Sem vacilar, o vulcano foi até o painel de comunicações. Algo estava errado. A vertigem estava ali outra vez, mas lutou contra ela, afastando-a com sua força de vontade. — Qual era a mensagem exatamente, tenente?, perguntou, aborrecido por um instante, por ter que perguntar pela segunda vez.

Uhura sacudiu a cabeça, olhando a ponte de comando à sua volta. Ninguém tinha virado a cabeça; nada parecia fora do normal. — Está no código de prioridades, Capitão. — disse ela com calma — Acho que seria melhor o senhor mesmo ouvir. — Seus olhos cruzaram-se com os do vulcano mais uma vez. — *Sozinho* seria melhor, senhor.

Uma sobrancelha oblíqua ergueu-se. — Ah, sim? — Mas estava implícito que ele confiava na chefe das comunicações. — Muito bem, tenente Uhura. Transfira a mensagem para a cabine privada do doutor McCoy e comunique ao senhor Scott que eu vou encontrá-lo em meus aposentos mais tarde hoje à noite. — Continuou a sustentar o olhar de Uhura, imaginando o que teria trazido tanto medo aos seus olhos. Contudo, saiu da sala de comando e foi esperar o elevador.

Logo saberia.

O Capitão Spock entrou na enfermaria, encontrando as luzes já reduzidas para a noite; mais ou menos dez pacientes, deitados nas camas de diagnóstico, estavam dormindo e, exceto pelo suave zumbido do computador médico, tudo estava silencioso. Passou rápido pelas camas, parando um pouco para estudar o rosto dos pacientes. Reconhecia alguns, outros eram estranhos; ainda sentia uma peculiar afinidade com cada um deles. Uma jovem rigeliana estava deitada tranqüilamente de lado e, por um momento, o

vulcano se perguntou como conseguira um cargo na nave estelar sendo ainda tão jovem. Ela não devia ter mais de dezenove anos rigelianos. Curioso, o Capitão olhou para o painel acima dela, procurando mentalmente relembrar um manual sobre o significado de seus sintomas. A resposta veio quase sem esforço: hemoatrofia. Secundária, deduziu ele, a julgar pela estabilidade do gráfico. Ela devia recuperar-se logo e isso deixou o Capitão satisfeito. Apesar de todo o ensinamento de Sarek, sentiu compaixão — em especial por sua tripulação, sua nave e por algumas formas de vida que ele chamava de amigos. Se o vulcano quisesse considerá-lo *T'kaul'ama* por aquela falta de lógica, aceitaria a sentença de bom grado.

Ficou mais um pouco aos pés da cama da rigeliana e, em seguida, dirigiu-se ao consultório de Leonard McCoy. Mas antes de chegar à porta, ela se abriu e a tenente Christine Chapel saiu depressa, quase se chocando com ele na penumbra.

— Oh! — exclamou ela, com o cuidado de manter a voz baixa. — Capitão Spock!

O vulcano inclinou a cabeça. — Enfermeira Chapel. — respondeu cerimonioso — Espero que esteja bem.

A enfermeira sorriu calorosamente. — Sim, Capitão. Obrigada. — Estendeu um minicomputador para a inspeção do vulcano. — O doutor McCoy tem o engenheiro Reichert detido até agora. Ele estava... bem violento quando a Segurança o trouxe para cá.

Spock assentiu, estudando as poucas informações contidas no mecanismo de gravação. Em suma, identificava o paciente, fazendo uma lista de seus sintomas: paranóia, auto-destrutividade e alucinações. O vulcano levantou uma sobrancelha e em seguida voltou-se para Chapel, incapaz de tirar do pensamento o incidente que ele próprio vivera na noite anterior. — Enfermeira, — começou ele — tem havido... outros casos de... alucinação?

Chapel franziu a sobrancelha enquanto considerava a pergunta. — Não.

— respondeu por fim — Não propriamente, cm todo o caso. — Indicou uma das camas de diagnóstico com um ligeiro aceno de cabeça. — O caso mais próximo disso é a ordenança Devoran. Ela veio esta noite, queixando-se de enxaquecas e vertigens. — Chapel sorriu meio constrangida.

— Ela também mencionou algo sobre... bem... estar vendo... fantasmas. — Fantasmas, enfermeira Chapel?

A enfermeira deu de ombros. — Ela me pediu para não dizer isso a ninguém, mas... com Reichert ficando meio louco, achei que o senhor precisava saber.

O Capitão Spock assentiu e observou o sono da ordenança Devoran. Ele

a vira apenas rapidamente, apresentada como membro da Divisão de Segurança. — Ela não disse como eram exatamente esses... fantasmas... disse, enfermeira?

Chapel sacudiu a cabeça, franzindo as sobrancelhas. — Não... não disse. — Parou, verificando o registro acima da cabeça de Devoran. — O Dr. McCoy examinou-a e não foi capaz de encontrar nada físico que explicasse a anomalia. Prescreveu um tranqüilizante leve e sugeriu que ela ficasse em observação. Acho que o doutor também marcou-lhe um exame psíquico completo, como a primeira coisa a fazer amanhã de manhã.

O vulcano considerou tudo aquilo — e entendeu muito bem a *sua* razão para não contar o incidente que lhe acontecera. Se o comando da Frota ouvisse rumores de que um Capitão de nave estelar estava tendo alucinações... Seu sangue meio-humano já tinha causado problemas suficientes com o Alto Conselho; não era hora de alimentar preconceitos.

Acenou com a cabeça, lacônico. — Obrigado, enfermeira. Era só isso.

Assim que Chapel virou-se para sair da enfermaria, o vulcano contemplou por um instante a ordenança Devoran e depois entrou no consultório do médico.

A realidade ficou trêmula, mas ele afugentou os fantasmas com algumas palavras mágicas. A lógica prevaleceu.

O Dr. Leonard McCoy estudava pela enésima vez o gráfico afixado acima da cabeça de Reichert, sem conseguir acreditar naquilo que todos os testes confirmavam: encefalogramas duais — duas séries completamente diferentes de ondas do cérebro. E, mesmo nos casos mais pronunciados de esquizofrenia, McCoy tinha que admitir, nunca testemunhara algo tão bizarro... ou tão impossível. Era como se o cérebro de Reichert funcionasse em dois níveis diferentes — um independente do outro.

McCoy refletia, com as sobrancelhas quase se tocando e os olhos azuis meio fechados, olhando para o rosto do jovem. Os olhos que o fitavam eram selvagens — animal selvagem e esfomeado, preso na armadilha; e mesmo sob forte sedativo, os traços daquele homem outrora belo retorciam-se agora numa careta lamentável e assustadora.

Ignorando o misterioso calafrio em sua espinha, McCoy sorriu animado:

— Está melhor agora, Carl?

Reichert limitou-se a fitá-lo com os olhos verdes, ameaçadores. Não disse nada.

McCoy tocou distraidamente o braço do jovem alferes, num gesto tranqüilizador. — Não se preocupe, garoto. — disse ele. — Vamos encontrar

uma resposta e tirar você daqui o mais rápido possível. — E, ao dizer isso, perguntou a si mesmo se não estaria mentindo. Em toda a história da Aliança, nunca alguém tinha tentado destruir uma nave estelar. McCoy imaginava o quanto isso poderia afetar o futuro dos homens que estavam a bordo nas cruzadas interestelares; a princípio, o Alto Conselho vulcano relutara muito em aceitar os terráqueos... e era difícil uma coisa como essa passar despercebida.

Entretanto, sua atenção foi atraída pelo suave repicar da campainha colocada na entrada lacrada da sala de segurança.

— McCoy falando. — respondeu automaticamente — É você, Spock?

— Afirmativo, doutor. — respondeu a voz filtrada do vulcano. Dirigindo-se ao pequeno painel na parede, McCoy teclou a seqüência de código para que a porta se abrisse. Sorriu satisfeito quando o vulcano entrou. Apesar do fato de estar a bordo quase há tanto tempo quanto o Capitão, perguntou a si mesmo se algum dia se acostumaria com os jogos psíquicos que pareciam estar sempre jogando. Ficou algum tempo olhando para o vulcano, estudando a familiar vestimenta de seda marrom do comando, o cinturão dourado e as calças que cobriam as botas negras na altura do joelho. De repente, de certo modo... tudo pareceu fora do lugar e ele achou que Spock era um ingênuo equivocadamente numa roupa de pirata. A única coisa que faltava era um grande brinco de ouro na ponta da orelha. *Aquilo* seria perfeito. Mas afastou a imagem, apontando a cadeira com um gesto, assim que as portas foram automaticamente fechadas e lacradas atrás do vulcano.

— Antes de mais nada, doutor, — disse Spock, sentando-se com elegância na ponta da cadeira — acho necessário examinar a mensagem do Comando da Frota.

McCoy assentiu, detectando com facilidade o tom irritado naquela voz grave. Perguntou-se também por que Spock estava se dando ao trabalho de falar com ele. Mas, com um gesto largo, apontou o painel de comunicação. — Sirva-se, Spock. — disse ele abrindo um sorriso. — Quer um conhaque? — perguntou, fazendo abrir o "armário de remédios" e retirando uma garrafa empoeirada.

A sobrancelha do vulcano ergueu-se enquanto ele apertava o botão correto no painel de comunicação. O jeito descontraído de McCoy enfrentar qualquer situação nunca deixava de espantá-lo. Uma total capacidade de adaptação. Afinal, nas últimas vinte e quatro horas, o médico havia tratado de quinze pacientes — a maioria com contusões pouco importantes e escoriações depois da competição de *tae kwan do* do torneio de ginástica; a nave estava operando com um mínimo de energia devido ao incidente na seção de engenharia e um alferes — que estava agora deitado a menos de um

metro de distância dali, numa área de estrita segurança — tinha tentado destruir a nave inteira.

O vulcano refletiu naquela informação e depois baixou devagar a sobranceira, que retomou a posição natural. — Sim, obrigado, doutor. — concordou enfim — Seria bom.

McCoy olhou para o vulcano e, em seguida, olhou para a garrafa que estava segurando. Muito devagar, um riso alegre apareceu em seus olhos azuis. Andou rápido até o armário e pegou dois cálices bojudos. E, depois de pensar melhor, recolocou a primeira garrafa de volta na prateleira e pegou a outra — um pouco mais empoeirada que sua companheira.

— Quando *você* aceita uma bebida, Spock, — explicou, enchendo os dois copos — tem que ser a melhor. Conhaque antareano de boa safra. — gabou-se ele. — Recomendado para fazer crescer os pêlos do peito e dar boa cor a mulheres e crianças!

O vulcano estudava o médico com um ar de curiosidade. — Por que exatamente as pessoas bebem uma substância que, em síntese, altera todo o metabolismo do indivíduo, doutor? — perguntou ele, ao mesmo tempo em que aceitava o copo oferecido por McCoy.

McCoy deu de ombros. — Considere isso uma fraqueza humana, senhor Spock. — replicou ele, sem perceber que havia se dirigido ao seu comandante com um tratamento muito pouco compatível com seu título. — Mas, afinal, qual é a mensagem? Pensei que recebíamos mensagens do comando da Frota no turno da manhã.

O vulcano assentiu com um gesto de cabeça. — Aparentemente, — replicou, esperando o computador carregar e repassar a mensagem — é algo muito importante. Mas antes de poder explicar melhor, a luz verde no painel assinalou prontidão com duas piscadas de luz e um "bip" suave. No entanto, a tela permaneceu em branco quando a mensagem começou.

— Almirante S't'kal para nave estelar *ShiKahr* da Aliança. — entoou uma típica voz de vulcano, com precisão quase mecânica — A partir desta data estelar, todas as naves da Aliança estão intimadas a ficar de prontidão para entrar em batalha.

— Após um longo debate entre o Alto Conselho Vulcano e a Liga Humana de Planetas, decidimos de comum acordo subjugar qualquer invasor potencialmente perigoso, antes de surgirem as hostilidades. Por esta razão, a *ShiKahr* tem ordens de continuar a missão na Zona Neutra e aguardar a chegada de duas naves irmãs. Além disso, a *ShiKahr* deve estar preparada para resistir à nave capitânea, na invasão inicial ao território romulano. Capitão Spock, você está autorizado a organizar o assalto inicial. Os outros capitães da Aliança devem prestar total obediência ao seu comando. A

seguir, os detalhes da estratégia e das naves de combate.

A voz parou de maneira abrupta, mas a pequena tela do computador na mesa de McCoy piscou subitamente, mostrando uma série de gráficos e quadriculados que, quando vistos em perspectiva, percebeu Spock, representavam um intrincado plano de batalha, um plano de invasão deliberada de um território delimitado pelo pacto vulcano/romulano há quase um século atrás.

Os gráficos continuaram mudando com grande rapidez e o vulcano só conseguia interpretar em parte a linha emaranhada do código, que corria

ao longo do botão da tela. Quando decomposto nos milhões de caracteres individuais que o constituíam, o código mostraria os detalhes que o almirante S't'kal mencionara. Detalhes de guerra.

Ele levantou a vista, encontrando os olhos arregalados de McCoy, que parecia sentir algo muito perto do horror.

Na cama, do outro lado da sala, o corpo de Reichert parecia prestes a arrebentar-se com uma série de espasmos... mas quando o vulcano olhou mais de perto, percebeu — com um calafrio inusitado — que, na verdade, os espasmos eram gargalhadas.

## CINCO

A ordenança S'Parva caiu na esteira, mas rolou sobre si mesma durante a queda e num segundo pôs-se de pé. Levantou-se sobre as fortes pernas traseiras, atingindo toda a extensão de seu 1,80 m de altura. A presilha de ouro que lhe segurava as orelhas atrás da longa juba fez muito barulho ao voar pela sala, indo aterrissar na antepara. Mas a katellana não parecia perturbada. Seus olhos cor de carvão não se afastavam do inimigo, embora seus lábios finos se curvassem numa expressão que podia ser sedutora, mas também podia ser apavorante. Dentes pontiagudos brilhavam no meio de um sorriso .

— Chega, Chris? — perguntou S'Parva, curvando-se instintivamente em posição defensiva, apesar da vulnerabilidade de sua adversária.

Arfando, Christine Chapel sacudiu a cabeça, enquanto rodeava a katellana com cuidado. A enfermeira fez um gesto rápido, tentando agarrar a perna esquerda de S'Parva, mas a outra recuou para o lado, a pelagem castanha cintilando sob a quente luz branca.

— Ordens do médico, S'Parva. — disse Chapel, tentando o mesmo gesto e fracassando de novo — Leonard quer que você faça no mínimo duas horas diárias de exercícios vigorosos durante todo o mês que vem. — Distraída, ela se ouviu arquejando, em contraste com a respiração fácil e controlada de S'Parva, e perguntou a si mesma qual delas estaria se saindo melhor no exercício. Começou a circular mais rápido, usando sua velocidade para compensar o tamanho e a força da katellana. Fingindo olhar primeiro para um lado, depois para o outro, seus grandes olhos verdes buscavam uma saída, uma saída que não via. — Duas horas por dia. — disse ela com a voz entrecortada — Até você estar completamente à vontade com uma força de gravidade dupla. Respirou fundo de novo, olhando o corpo ágil da outra, que continuava fugindo a seu alcance naquela gravidade densa. — Ordens do médico. — repetiu ela, quase aflita.

De repente, S'Parva investiu, dando uma patada na enfermeira e fazendo-a cair no chão quase sem esforço. A katellana riu, lutando para manter na esteira a adversária que se contorcia. Por um momento, a vitória parecia iminente; mas a enfermeira era mais esperta e mais forte do que muitas fêmeas humanas. Escapuliu, rolando para o lado, e teria conseguido ficar de pé, não fosse o salto mortal da katellana, que voou sobre a esteira num movimento absolutamente natural e escoiceou suas pernas com as patas de trás.

Christine caiu estrondosamente, batendo com o traseiro direto no chão.

A katellana deu outra risada, vendo a confusão e um certo constrangimento nos olhos da enfermeira.

— Christine, — disse S'Parva, ficando em pé e estendendo a mão para ajudá-la — Katella é um planeta de gravidade *Três*. — A risada sonora encheu a sala.

Durante algum tempo, Christine apenas olhou para a outra — para os músculos fortes que lhe percorriam todo o corpo, a longa pelagem que formava um colar natural em volta da linha do pescoço, o colarinho do uniforme. McCoy tinha mesmo que saber disso. Em termos físicos, S'Parva podia derrotar qualquer um a bordo da *ShiKahr*. No entanto, era óbvio que os exercícios não tinham sido idéia da katellana. A enfermeira sacudiu a cabeça, juntando as mãos num gesto reconhecido em todo o Universo como conciliatório e depois estendeu a mão, aceitando a mão peluda que puxou a sua, pondo-a em pé sem o menor esforço.

— Desenterrando um velho clichê terrestre, S'Parva — disse a enfermeira com um sorriso encabulado — eu acho que fui derrotada.

S'Parva deu de ombros e pediu para fazer a pausa normal; depois enlaçou com o braço a cintura de sua adversária ofegante e a levou para descansar no banco encostado à parede. Depois de recuperar a presilha e prender de novo as longas orelhas numa posição melhor, ajustou rapidamente os controles internos da porta selada. Aos poucos, bem devagar, a gravidade voltou ao normal.

— Está melhor, Chris? — perguntou S' Parva, apanhando uma toalha do banco e colocando-a em volta do pescoço. Pegou outra para sua companheira e sentou-se ao lado dela.

A enfermeira deu de ombros, procurando afastar aquele constrangimento incômodo. Se estava fora de forma, a responsabilidade era dela; e já fazia muito tempo que aceitara o fato de McCoy nunca enfrentar um problema de maneira direta. Sacudiu a cabeça num gesto de incredulidade, e depois começou a rir, encostando a cabeça na antepara.

— Imagino que podia ter sido muito pior. — pensou em voz alta.

A sobrelha de S'Parva ergueu-se de repente sobre a alta testa canina. — Hã? — perguntou ela com ar distraído, estendendo as mãos para massagear os músculos tensos do pescoço da outra mulher.

Christine concordou com um aceno de cabeça, vendo a expressão confusa da katellana e apreciando o calor de suas mãos, especialistas na arte da massagem. — Oh, sim! — concedeu com uma risada. — Se o bom doutor quisesse *realmente* me "apanhar", devia ter mandado esta pequena charada em forma de exercício para o Capitão Spock, sabem os deuses sob que pretexto!

S'Parva tombou a cabeça para um lado, de modo curioso, que acentuava sua aparência canina. — Ele *faria* isso, Chris? — perguntou ela, incrédula.

Por um momento, Christine fez a pergunta a si mesma... quase imaginando. — Não... — disse ela afinal, experimentando uma melancolia que não sentia há anos. Um sorriso vago e tristonho substituiu a risada despreocupada do minuto anterior. Ao menos não doía mais. Se algum dia sentira pelo vulcano algo que pudesse ser chamado de amor, aquele sentimento não correspondido fora substituído pelo respeito e pela compreensão de que, fosse qual fosse a fantasia que por ventura tivesse alimentado, não era apenas ilógica, mas também impossível.

— Não. — repetiu ela esticando inconscientemente o pescoço para um lado enquanto os dedos de S'Parva entravam fundo em seus músculos doloridos. Depois do prolongado ataque sob a gravidade dupla, a gravidade agora normal fez com que se sentisse quase irreal, etérea, e ela se deixou levar. — Houve uma época, S'Parva, — disse com um ar de abandono — que... bem... uma época em que eu não sabia muitas coisas sobre nosso ilustre Capitão-pirata.

As mãos de S'Parva continuavam massageando enquanto um sorriso apareceu em seu rosto magro. — Acho que entendo o que você quer dizer. — disse ela com calma. — Nunca encontrei o Capitão Spock pessoalmente, mas... — Sua voz calou-se em meio a um silêncio meio constrangedor.

Christine olhou para cima. — Mas... o quê? — perguntou curiosa, deixando a expressão maliciosa de S'Parva aparecer em seus próprios traços. De um modo tranqüilo e natural, sentiu que sua mente estava aberta para a katellana; sentiu a aura telepática suave e curiosa que emanava de S'Parva.

— Você... *gostava* dele... não é, Chris? — perguntou S'Parva num tom de voz que fazia um contraste muito grande com o tamanho da mulher.

Christine desviou o olhar, sentindo um embaraço repentino. Apesar de seus sentimentos pelo Capitão nunca terem sido fáceis de dissimular, ela se perguntava o quanto S'Parva podia sentir em termos psíquicos.

— Isso foi há muito tempo. — explicou ela daí a pouco — Quando eu vim para bordo da *ShiKahr* pela primeira vez, pensei... bem, julguei perceber um sentimento de solidão em Spock. — Ela riu com um ar melancólico. — E talvez eu fosse ingênua o suficiente para acreditar que eu era o remédio. — Deu de ombros, sem olhar para a outra. — Mas quando finalmente entendi o que significava *ser* um vulcano... compreendi que Spock não pode se permitir chegar muito perto de ninguém.

Contudo, perguntou a si mesma se essa era a verdadeira resposta. Em alguns momentos, o vulcano fora delicado e até mesmo carinhoso com ela. Mas devolveu aqueles momentos ao passado enquanto a sombra de um

sorriso reaparecia. Naquela época, recordou-se, acabou por se abrir com McCoy; confessou seus sentimentos ao médico e até sugeriu que a transferência para uma outra nave, numa outra Galáxia, talvez fosse a melhor coisa para todos os envolvidos. Felizmente, McCoy lhe tirara aquela idéia da cabeça, ajudando-a inclusive a acalmar um pouco os sentimentos desesperados que nutria pelo vulcano. — Eu não sei o que, ou *quem*, ele está procurando por aqui, S'Parva. — continuou ela depois de um longo silêncio, que refletia apenas o suave e distante zumbido dos propulsores. — Mas espero que um dia encontre. — Ela sorriu e por fim conseguiu fitar de novo os olhos de S'Parva. Viu ternura neles... e um entendimento tácito. Mas, enquanto contemplava aqueles intensos olhos negros, sentiu que começava a deslizar. Arfando, agarrou mecanicamente um dos lados da bancada plastificada de descanso.

S'Parva apenas olhou durante um momento para a outra e depois puxou-lhe as mãos, arregalando os olhos profundos enquanto um suspiro abafado lhe escapava da garganta.

— O que há de errado, Chris? — perguntou ela. Então vieram as imagens. — Não me diga que você também teve aquilo! Sobrecarga telepática.

Chapel sacudiu a cabeça, negando de maneira instintiva aquilo que a incomodara duas vezes antes naquela manhã. Conseguiu dar um sorriso, respirou fundo e obrigou-se a controlar a vertigem. — Não é... nada, S'Parva. — Mas sabia que era um livro aberto para a katellana, que a entendia completamente, e sem o menor esforço.

S'Parva sacudiu a cabeça com violência, as enormes orelhas tremendo furiosamente. — Você não vê, Chris? Quando eu estava massageando suas costas. Eu senti, *ambas* sentimos a mesma coisa. E eu acho que você sabe o que é! — Mordeu o lábio inferior de tanta frustração. — Bem, talvez não o *que é*, mas...

— Não é nada! — repetiu Chris, surpresa com a raiva refletida em seu tom de voz. Sentiu o rubor quente subir-lhe pelo pescoço e pelo rosto e se censurou por não ter lembrado antes que S'Parva tinha um toque telepata tanto quanto uma sensibilidade dirigida.

— Mas é, Christine. — corrigiu S'Parva — Senti *exatamente* a mesma coisa três vezes. Como se eu estivesse... eu não sei. Ela tremia apesar do calor da sala. — Como se eu estivesse... saindo de mim mesma. — Sua voz baixou. — Como se eu estivesse... perdendo toda a sanidade que sempre tive! — Levantou-se do banco com um impulso, agarrou o braço da outra e tentou arrastá-la para a porta. — Venha comigo para baixo, até o laboratório de psicologia. — suplicou ela — Eu *sei* que existem *imagens* naquele lugar,

mas elas passam muito rápido para que a mente possa gravá-las. Se conseguíssemos registrar algumas numa vid-sondagem, talvez encontrássemos a resposta!

Christine parecia duvidar, mas finalmente voltou-se. A vid-sondagem, mesmo com toda sua utilidade prática e médica, era uma experiência humilhante. E apesar de S'Parva estar certa, a idéia de quatro pessoas do departamento médico, *e o Capitão*, psicanalisarem as imagens de seu subconsciente causava-lhe um arrepio na pele. *Nada que possa incriminar*, pensou ela. *Só um constrangimento dos diabos*. Imagens, sim. Mas... de quê? *Primeiro oficial Spock?* Ela tremeu. Bastante compreensível, ao menos no seu caso. *Tudo saído direto dos manuais. Fazê-lo descer alguns degraus na hierarquia. Torná-lo mais fácil de atingir*. O rubor de seu rosto aumentou mais ainda. Não adiantava ficar remoendo sentimentos perturbadores - e impossíveis. A vertigem voltou outra vez, recusando-se a deixá-la em paz. Sorriu consigo mesma. Este seria o seu segredo... não importava como.

— Você não entende, Chris? — interrompeu S'Parva. — *Pode* ser algo importante.

Christine sorriu com muita suavidade, sacudiu a cabeça e segurou firme a mão quente da katellana. — E *pode* não ser nada. — rebateu ela. Mas hesitou, oscilando entre o óbvio interesse de S'Parva e sua própria necessidade de proteger-se emocionalmente. Algo lhe dizia que ela *devia* concordar com os testes... mas uma outra parte sua se rebelava. — Dê-me... só uns dias para pensar no caso. — disse afinal — E se ainda estiver acontecendo alguma coisa, então...

Aos poucos, S'Parva assentiu sem questioná-la, compreendendo de certo modo a situação delicada da enfermeira. Estendeu a mão tranquilizadora, tentando colocá-la no ombro da outra. — É claro, Chris. — concordou ela, com um sorriso terno — Mas... nós podemos concordar em... bem... comparar impressões sobre aqueles dias? Eu conto a você todas as imagens que tive e você faz o mesmo para mim?

Christine assentiu, sabendo tratar-se de uma promessa que não cumpriria. S'Parva era perigosa porque trabalhava no laboratório de psicologia. E se a katellana quisesse o vulcano para si... Teve um assomo de cólera, mas conseguiu dissimulá-lo enquanto ficava em pé. — Amanhã, à mesma hora? — perguntou.

— Mesma hora. — concordou S'Parva, e de repente sentiu que voava pelos ares e aterrissava na esteira de exercícios formando uma pilha desordenada de pêlos desgrenhados. Seus olhos arregalaram-se de espanto.

Rindo, Christine investiu, as pernas enroladas em torno do dorso forte da katellana. — Caso tenha esquecido, — lembrou à sua adversária — ainda

temos quinze minutos para cumprir a ordem prescrita. — Impulsionou o ombro no pesado tórax, esforçando-se para imobilizar a katellana. A vertigem voltou, fazendo tudo girar e depois sumiu. Sentiu raiva outra vez, o avanço de uma rival. Por um breve instante, culpou-se por suas emoções espontâneas. Com certeza, pensou, já tinha resolvido os sentimentos por Spock anos atrás. Que agora retornavam junto com um desejo de vingança... e uma promessa murmurada em sua alma. Alguém que não existia lhe dizia, numa voz que só ela podia ouvir, que teria o vulcano... mas só se não falasse.

— E *então*, Spock? — perguntou McCoy, batendo com a palma da mão aberta em cima da mesa enquanto olhava para o vulcano. O Capitão não se levantara da cadeira durante toda a noite, examinando programa após programa no computador. Até Reichert finalmente caíra num sono agitado.

Enfim, Spock levantou o olhar. — A mensagem é de fato genuína, doutor. — replicou ele, com algo semelhante a um suspiro — O som da voz é uma cópia exata das amostras da voz do almirante S't'kal, que já está no arquivo do computador central. Reclinou-se, e deparou com os olhos inquisidores e coléricos de McCoy.

McCoy limitou-se a ficar ali parado durante muito tempo, com a expressão dura e fria. Uma sensação lúgubre instalou-se na boca de seu estômago, uma sensação que ele traduzia como medo. — Há alguma prova? — aventurou-se a dizer, num tom de voz desesperançado. — Ninguém em seu juízo perfeito daria uma ordem como essa!

Impaciente, andava na saleta de lá para cá, tentando entender como Spock podia manter-se tão absolutamente calmo. — Droga, isso *deve ser* uma armadilha, Spock! Não há outra explicação.

Spock levantou-se depois de um momento, endireitando mais uma vez a túnica do uniforme. Mas o cinto dourado permaneceu na cadeira onde o tinha posto na noite anterior. Distraído, apanhou-o e colocou-o na cintura, enquanto pensava. De repente, uma sobranceira se ergueu e ele se aproximou de McCoy.

— Poderia repetir o que acabou de dizer, doutor? — pediu ele. McCoy virou-se rapidamente na direção do vulcano. — O que? Que isso deve ser uma armadilha?

O vulcano sacudiu a cabeça. — Você formulou uma hipótese. — observou ele — Uma hipótese que pode muito bem ser a única explicação para o atual desenrolar dos acontecimentos.

McCoy pensou de novo, esperando que sua memória curta estivesse funcionando melhor. Mas depois de uma noite mal dormida e de uma ordem

suicida, lembrou a si mesmo que já estava fazendo muito em não esquecer seu próprio nome, e um sorriso apareceu em seu rosto. — Que ninguém em seu juízo perfeito daria uma ordem como aquela! — recitou ele, sentindo-se vagamente como uma criança no jardim da infância que acaba de dar uma lição ao professor. Lançou um olhar desconfiado para Reichert, satisfeito de que o alferes ainda dormisse. — Isso explicaria muita coisa, não, Spock? — perguntou ele, inclinando a cabeça na direção de Reichert.

O vulcano assentiu. — Explicaria, sim, doutor. — replicou — Se supusermos que o alferes Reichert não é um caso isolado, talvez fosse até possível teorizar que os dois incidentes têm praticamente uma relação direta.

McCoy franziu as sobrancelhas. — Você quer dizer que o almirante S't'kal *mandou* Reichert destruir a nave? — Ele sacudiu a cabeça. — Eu não posso acreditar que...

— De forma alguma, doutor. — interrompeu o vulcano, agora com os braços cruzados sobre o peito numa postura que revelava confiança. — Entretanto, — continuou ele — se examinarmos o resultado básico pretendido em cada um dos incidentes, acredito que você vai concordar em que *existe* uma semelhança considerável.

McCoy ficou pensando naquilo, satisfeito por ter escolhido a medicina como carreira ao invés da espionagem. — Em outras palavras, — raciocinou — ambos, Reichert e S't'kal estavam tentando fazer a mesma coisa.

O vulcano assentiu. — Infelizmente, — disse ele — o almirante S't'kal tem mais condições de realizar seu plano do que o alferes Reichert.

McCoy arregalou os olhos mais uma vez. — Você não está pensando seriamente em seguir aquelas ordens, está, Spock? — perguntou ele.

— Vai ser muito difícil desobedecer uma ordem direta do comando da Frota, doutor. — respondeu o vulcano — Mas é óbvio que não podemos permitir que as forças da Aliança invadam deliberadamente a Zona Neutra. A guerra resultante iria acabar com qualquer chance de paz pelos próximos mil anos.

— Mas... e as outras naves, Spock? — questionou McCoy. — Se  *você* deixar de cumprir aquelas ordens, irá para a Corte Marcial, e uma outra pessoa assumirá o comando da *ShiKahr*.

Uma sobrancelha ergueu-se com elegância. — É preciso pelo menos seis dias vulcanos para aquelas naves alcançarem a *ShiKahr*. — pensou em voz alta — Nesse meio tempo, doutor, nós devemos encontrar algum meio de isolar a causa deste mal. E não apenas a causa deve ser isolada, mas a cura deve ser descoberta.

McCoy deu alguns passos até a mesa, deixando-se cair pesadamente na cadeira. Não era a primeira vez que Spock lhe pedia um milagre, e esperava

que não fosse a última. Primeiro olhou para Reichert, depois para o vulcano. Tinha ao menos um lugar por onde começar. Num impulso, apertou o painel de comunicação. — Enfermeira Drew, mande-me quatro técnicos de laboratório, equipados com mini-aparelhos de encefalograma e sondas cerebrais portáteis. Peça-lhes que se encontrem comigo na sala de reuniões daqui a quinze minutos.

— Afirmativo, doutor. — veio a resposta filtrada pelo intercom.

Desligando o aparelho de comunicação, McCoy encarou o vulcano durante bastante tempo. — Mais uma coisa, antes de me envolver oficialmente nisto, Spock. — disse ele, levantando-se e indo para o lado de Spock.

Spock esperou.

— E quanto a *você!* — McCoy perguntou de propósito. — Desta vez, não vai poder usar sua fisiologia vulcana como desculpa médica. S't'kal é um vulcano da gema e é óbvio que está sendo afetado.

O vulcano desviou-se daqueles perscrutadores olhos azuis. — Eu me sinto... capaz de controlar alguns dos sintomas que experimentei, doutor. — replicou ele com a voz cortante. — Acredito que sua primeira função seria a de isolar a anomalia naqueles que parecem ser os casos mais graves. — Caminhou a passos largos em direção à porta, procurando desvencilhar-se da mão que segurava seu braço. — Você vai me desculpar; estou de serviço na ponte de comando.

Mas McCoy parou à sua frente antes que ele escapasse. — Você não tem sido inteiramente honesto comigo, tem, Spock? — declarou em tom de pergunta. — Sintomas?

O vulcano não sustentou o olhar do doutor enquanto dava um passo para o lado, parando na porta lacrada por um breve instante. — Doutor. — replicou ele, a irritação começando a insinuar-se no tom de voz geralmente normal. — Você tem suas ordens e eu tenho as minhas; e enquanto eu devo tentar descobrir um modo aceitável de ignorar as minhas, você não tem essa mesma opção.

McCoy arregalou os olhos e ergueu-se com raiva na ponta dos pés. Mas antes de poder responder, o vulcano saiu pela porta e desapareceu. Mas não esperava coisa muito diferente de Spock.

Voltou-se afinal para Reichert e viu os olhos saltados subitamente abertos. Os olhos frios acompanharam a saída de Spock e um sorriso ameaçador aflorou-lhe aos lábios.

— Que ele é doido, é verdade; é verdade, que pena; que pena que seja verdade.

Reichert começou a rir de novo; aquela risada fria e incontrolável fez

com que arrepios lúgubres percorressem a espinha de McCoy.

## SEIS

O comandante Tazol jogou-se raivosamente na cama, esmurrando o travesseiro com o punho forte, sem poder deixar de lembrar os acontecimentos da semana anterior. Uma missão gloriosa — mas para quem? Toda a Armada Romulana à sua disposição... embora nada tivesse coincidido com os planos do prætor. Virou de costas e um grito ininteligível apertou os músculos de seu pescoço taurino. A morte teria sido preferível ao fracasso, compreendeu ele. Fechou os olhos, deixando passar pela centésima vez o filme gravado em sua memória. Devagar, quase maliciosas, as imagens invadiram sua mente... imagens de acontecimentos tão recentes...

Tazol estudou as ordens que recebera e um vago sorriso apareceu em seu rosto. Girando a cadeira de comando da nave capitânea romulana *Ravon*, fez um leve aceno de cabeça a seu primeiro oficial. — O prætor envia saudações. — retransmitiu ele — Saudações e votos de sucesso em nossa missão.

Uma jovem romulana lançou um rápido olhar à pesada listagem que Tazol jogou-lhe na mão sem a menor cerimônia. — A missão é praticável, comandante? — perguntou ela, com a dúvida transparecendo em sua voz.

— Ela já começou, Sarela. — confirmou Tazol, recostando-se pesadamente e apoiando a bota no braço da cadeira preta. — Nossos agentes no território da Federação conseguiram enviar ao prætor a informação necessária para mudar completamente a história da Federação. — Um sorriso cruel aflorou aos lábios do comandante. — E, em consequência, o *futuro* do Império Romulano.

Sarela estudou seu comandante e marido com a dúvida estampada em seus grandes olhos negros. Não gostava do que via. Como comandante, Tazol era uma piada. E como marido...

Não concluiu o pensamento. A *Ravon* deveria ter sido dela; ao invés disso, casou-se com Tazol, um casamento arranjado por seus pais. Era o costume — um costume que respeitara durante tempo demais, mas que começou a desprezar depois de seis semanas de casada. Fez um esforço para colocar suas questões pessoais no fundo da consciência, fitando desafiadoramente aqueles olhos duros.

— E como será feito, comandante? — perguntou ela, dirigindo-se ao violento Capitão pelo título hierárquico, ao invés do tratamento habitual adotado no casamento romulano.

Tazol pareceu não ouvir, os olhos suavizando-se quando parou um momento para estudar a forma esbelta da mulher de pé à sua frente. — O

prætor nomeou os dois melhores agentes do Império para este caso. — explicou ele. — Eles vão saltar o abismo do tempo, voltar ao passado da Terra e livrar-se dos pacifistas sentimentais que contribuíram para formar a base desta... *Federação* deles! — A palavra era um assobio de desprezo. — E depois disto — acrescentou com um sorriso falsamente gentil — todo o curso da história da Galáxia terá sido alterado, permitindo ao nosso Império reivindicar o espaço, os planetas e os recursos que, por direito, são nossos.

Curiosa, Sarela continuou examinando as teorias computadorizadas. — Em resumo, se nossos agentes conseguirem assassinar três velhos, toda a Federação nunca terá realmente existido? — Sentiu mais uma vez a dúvida em sua voz, perguntando-se se Tazol teria notado. Como oficial da Armada Romulana há mais de nove anos, aprendera que as coisas raras vezes eram tão simples quanto pareciam na superfície computadorizada. Aventurou-se a lançar um olhar para o marido, perguntando-se se ele teria o mínimo de inteligência necessária para compreender aqueles fatos. Sentiu de novo o rancor dentro dela, quando se lembrou que o posto de comando viera como um presente de seu próprio pai, muito mais do que por qualquer mérito de Tazol.

— Depois que a missão de nossos agentes for concluída, — disse Tazol

— o Universo estará pronto para o domínio romulano. Destruindo os tolos complacentes que foram os primeiros a conceberem uma Federação benevolente, a história da Galáxia estará mudada, enfraquecida.

Levantou os olhos para a tela visual que cobria mais ou menos três quartos da ponte de comando da *Ravon*, quase enxergando a linha demarcatória abstrata que indicava os limites da Zona Neutra. — Nosso povo não vai mais ficar restrito a uma área do espaço tão lamentavelmente insignificante.

Seus olhos ficaram distantes, suas palavras frias e ameaçadoras, e Sarela sentiu um frio na espinha. Não aconteciam guerras de verdade no Império há décadas... mas homens como Tazol encarregavam-se de remediar tal situação.

— O problema não está na quantidade de espaço que possuímos, Tazol.

— lembrou-lhe ela. — Pois há grande abundância de mundos férteis em nosso Império. O problema, — continuou ela, incapaz de esconder a amargura na voz baixa — é o que se faz com os recursos que se tem.

O rosto de Tazol ficou sinistro por um momento, os olhos cerrando-se até parecerem duas fendas ameaçadoras. — Já fomos uma raça *conquistadora*; e seremos de novo, quando a Federação for apagada para sempre da memória desta Galáxia! Só idiotas são fazendeiros e pastores; um guerreiro não precisa envolver-se com essas tarefas mundanas. O papel de

um guerreiro, — continuou, encolerizado — é *tomar* aquilo que foi preparado para ele, comer o animal cevado e espalhar o medo sobre a terra. Sem a Federação e a Frota Estelar, não haverá quem possa nos deter. Seremos de novo aquilo que o destino escolheu para nós.

Sarela estudou o homem com calmos olhos questionadores. — Você é tão bom em retórica quanto qualquer outro homem, Tazol. — observou ela, com um sorriso para atenuar a acusação — Mas o que impede nosso Império de ser alterado também? — perguntou ela, recordando as tentativas anteriores de distorção do tempo. Se o trabalho de nossos agentes vai fazer tanto estrago na Federação e em seu governo, quem pode dizer o que fará com o Império? — Não esperou pela resposta. — A Federação não passa de um minúsculo grão de areia numa Galáxia de areia. Tazol, — enfatizou ela — diz a ciência que, se um grão de areia é tocado, todo o areai se move, muda... se distorce.

Tazol olhou fixamente para a mulher e depois descartou o argumento com um aceno de mão e um ar de desprezo. — Subestima a inteligência do nosso prætore, senhora. — replicou ele — Neste momento, toda a nossa Armada está convergindo para esta área do espaço, tão próxima dos limites da Zona Neutra quanto ousar chegar. — Olhou para a tela mais uma vez e sua voz ia ficando mais seca à medida em que falava. — Tão logo o prætore dê a ordem, nossos agentes serão enviados para o passado da Terra, usando um efeito estilingue. E a Armada entrará no hiperespaço para aguardar os resultados.

Fez uma pausa, apertando o botão no braço da cadeira. Na tela visual, o desenho de estrelas desapareceu, sendo substituído por um diagrama das fronteiras do Império, gerado pelo computador. Sete luzes piscaram no visor, todas movendo-se lentamente em direção à *Ravon*.

— Tão logo nossa Armada atinja a velocidade da luz, estaremos num espaço seguro, embora não se trate realmente de um espaço. Mas é claro que você já sabe disso, querida. — continuou ele, ronronando num tom condescendente. Uma risada sinistra separou seus lábios. — Às vezes, sua beleza me faz esquecer que você também é uma cientista. Estendeu a mão num impulso, passando o braço em volta da cintura fina da mulher e puxando-a para ele. — No ventre do hiperespaço, nenhuma mudança que possa eventualmente ocorrer afetará de maneira direta qualquer de nossas naves ou aqueles a bordo delas. E como vamos levar a bordo as gravações de toda a história do Império, a menor mudança que ocorrer será fácil de corrigir assim que entrarmos de novo no espaço normal.

Sarela desvencilhava-se dos braços que a prendiam. — Já houve erros antes. — salientou ela, ignorando as cabeças dos tripulantes na ponte de

comando que começavam a se voltar na direção deles. — Não existem garantias, Tazol. Nenhuma.

Reclinando-se em sua cadeira, Tazol cocou de leve a barba por fazer e sacudiu a cabeça, consternado. — Como cientista, é claro que deveria colocar essas questões, senhora. — concordou ele — Mas como súdito do prætor, deveria lembrar-se que a mente *dele* é mais capaz de planejar o domínio da Galáxia que a sua. Os mais brilhantes cientistas do Império trabalham neste plano há muito tempo; desta vez não haverá erro!

Com os olhos arregalados, Sarela lançou um olhar ao jovem navegador da *Ravon* — o homem que ela teria querido como companheiro, se tivesse tido o direito de escolher. Viu ódio nos olhos de Rolash, ódio de Tazol, do Império e até do prætor. Mas logo desviou o olhar. Rolash estava perdido para ela. Voltou a atenção para o comandante, o guerreiro... o homem que odiava acima de tudo.

— Até nosso prætor erra. — lembrou ela ao estranho com quem se casara — E seus cientistas estão sempre ocupados com a arte de especular, especialmente se o prætor lhes paga bem para dizerem aquilo que ele deseja ouvir. — Sua voz estava singularmente calma, fria e ameaçadora. — E não se esqueça que o prætor dá tão pouca importância à vida individual quanto você, Tazol. O prætor é romulano; esse é o seu caminho. Mas eu não desejo morrer por causa de uma hipótese equivocada. — disse ela de maneira categórica — Eu também sou romulana, mas minhas crenças não são necessariamente as crenças dos Velhos Tempos. Chega uma hora em que mesmo a raça mais poderosa deve admitir a si mesma que foi vencida em batalha. Não há desonra nisso, Tazol; é apenas um fato. Nossos dias de conquista acabaram, marido; é hora de *construir*, com os recursos que possuímos.

Uma risada sinistra escapou da garganta de Tazol enquanto se punha de pé num movimento surpreendentemente elegante. — Sua índole pacifista me dá náusea, meu bichinho feroso. — rosnou ele — Você está ignorando o fato de que o prætor estará a bordo desta nave quando entrarmos no hiperespaço! Como soberano do nosso povo, virá arriscar sua vida junto conosco. Ele não tem medo da morte, Sarela, não de morrer pela tradição do Império! Sua nave de transporte está a caminho agora e chegará aqui em um dia! — Chegou mais perto ainda e um vazio assustador cobriu seus olhos. — Sugiro que mude seu modo de pensar antes que ele chegue, porque você com certeza sabe qual foi o destino daqueles que compartilharam suas crenças complacentes no passado. O prætor não vai tolerar seus pontos de vista doentios, nem seus esforços para abalar a lealdade desta tripulação!

O olhar de Sarela endureceu e ela se aproximou. — E quem é o prætor?

— perguntou num tom mordaz. — Quem é o homem que se esconde atrás de uma túnica encapuzada? Alguém já o viu alguma vez? — Sem esperar pela resposta, continuou: — E aqueles poucos que o *viram*, seus escravos pessoais e conselheiros, nunca deixam seu serviço. Se tentam fazê-lo, são mortos antes de alcançarem os portões do palácio. Você diz que a *nave* do prætore está a caminho daqui; disso eu tenho certeza. Mas como você vai saber que o homem que vai entrar nesta nave é *realmente* o prætore? Como pode ter certeza que esse homem não é um impostor mandado pelo prætore para atrair a *Ravon* numa missão suicida? Como, Tazol? — perguntou ela.

— Como você sabe dessas coisas? Se o prætore é tão sábio como você, não vai arriscar sua própria vida por uma simples hipótese computadorizada!

O rosto de Tazol anuviou-se e sua raiva era tamanha que contorceu seus traços, dando-lhe um aspecto animalesco. — Você *vai* ficar quieta! — ordenou ele. — Não vou tolerar esta blasfêmia contra o Império!

Sarela riu com uma delicadeza que era também um aviso. — Sim, você vai ficar quieto. — corrigiu ela — Porque você não tem coragem de me calar! — Sustentou seu olhar, testando a convicção dele, testando sua própria força. — O prætore não seria tolo a ponto de embarcar nesta nave para evitar os paradoxos do tempo. Esperaria sentado, na segurança dos muros do palácio Imperial, que sua armada cumprisse suas ordens. E então, *somente* então, reclamaria sua parte nos lucros. Tazol, — disse ela com um sorriso muito cordial — se não houver lucros, ele dirá que agimos por conta própria, num plano para derrubar sua autoridade e assumir o poder. — Sacudiu a cabeça, os lábios apertados de raiva. — Seremos executados. — enfatizou ela. — Não apenas você e eu, mas todos aqueles que servem a bordo da *Ravon* morrerão. O seu prætore não nos deixaria viver tempo suficiente para revelar que falhou *mais um* de seus planos "infallíveis"!

O clima de horror que pairava na ponte de comando instalou-se no rosto de Tazol. Todas as cabeças estavam voltadas agora, todos os olhos nele; de repente, ele se deu conta que aquela mulher ferosa *podia* estar certa. E algo o prevenia de que a tripulação da *Ravon* talvez não o apoiasse numa situação crítica envolvendo Sarela. Ela estava na nave há muito tempo, tinha muitos amigos em lugares anônimos. Ele sentiu o gosto da indecisão, do medo, da raiva. — Você vai obedecer às minhas ordens, Sarela. — disse afinal — Eu sirvo ao prætore! E o simples fato de ser minha esposa não a isenta do mesmo dever!

Sarela sentiu uma chama acender-se em seus olhos, e não fez o menor esforço para disfarçar. — E o fato de eu ser sua mulher não me transforma automaticamente em outra idiota, Tazol! — respondeu ela — Nosso

casamento foi o suborno equivocado de meu pai! — Ela atirou as listagens computadorizadas na cadeira de comando vazia. — Essas especulações não têm sentido! — cuspiu ela — Não passam de hipóteses baseadas no possível *sucesso* de nossos agentes no passado da Terra. Nenhuma precaução para o caso de haver um *erro*. Nenhum plano alternativo formulado para o caso de uma eventual falha dos agentes, ou deles serem incapazes de alterar o curso da história da Terra de maneira satisfatória. Não houve pesquisa suficiente para saber *como* o fluxo do tempo será afetado. E, como cientista, até *você* deveria saber que interferir no tempo nunca é uma coisa segura. Existem muitas variáveis, muitos paradoxos, e qualquer discrepância significa fracasso!

Deu alguns passos de volta ao console do computador principal e ativou outra vez os controles que mudavam a tela visual. — Aqueles são exemplos de alguns dos enganos que o seu prætore cometeu anteriormente, Tazol. Olhe para eles; estude-os com muita atenção!

— Seis temporadas atrás, tentamos alterar a história de um simples planeta, na esperança de estabelecer lá uma nova forma de governo, que estaria sob o domínio do prætore. O resultado foi a devastação do planeta inteiro, a destruição de seus recursos e a eliminação de todo o povo. Não sobrou nem uma ovelha para ser governada, Tazol. — disse Sarela com tranqüilidade — Quando nossos agentes criaram uma falha no sistema de governo daquela história antiga do mundo, não levaram em conta o fato de que o *novo* governo baseava-se tão somente na sobrevivência. As guerras foram a consequência. Doença. Ruína. — Apontou para o alto do visor com os olhos cheios de acusação.

— E quando tentamos mudar nossa própria natureza física para criar um indivíduo mais forte, alteramos no tempo os genes de nossos ancestrais! Mais uma vez, — sublinhou ela, fazendo com as mãos um gesto de frustração — os resultados deveriam ser dolorosamente óbvios, Tazol. A consequência imediata foi a morte de quase metade da população. Com certeza, o prætore *afirmaria* que a coisa funcionou; os guerreiros que sobreviveram ficaram de fato fisicamente mais fortes. Mas, no todo, o experimento não passou de um desastre. Alterando a estrutura genética de nossos ancestrais, os "brilhantes" cientistas esqueceram-se de considerar certas doenças para as quais nossa espécie *já* estava imune. Uma vez alterado o código genético, aquela imunidade não existia mais. — Ela riu com amargura, afastando os longos cabelos negros do rosto fino. — Não, Tazol. *Nenhum* experimento pode ser um sucesso absoluto. Porque desde que existam variáveis imprevisíveis, sempre existirão erros.

Tazol olhava pálido para a tela. As implicações eram tão assustadoras...

tão fatais... tão óbvias. — Isso não vai acontecer desta vez! — insistiu ele, não encontrando absolutamente nada melhor para dizer. — Isso *não pode* acontecer! Nós aprendemos com nossos erros.

— E por acaso você é algum boneco, para que as tendências suicidas de nossa espécie escapem à sua compreensão? — interrompeu Sarela. — Você afirmou que um dia fomos uma raça conquistadora. Sim! — concordou, apontando a tela visual com um aceno de cabeça, enquanto ficava em pé à frente do aturdido comandante. — E se você não ficou cego por costumes tão antigos quanto obtusos, pode ver para onde eles nos levaram. A ganância, Tazol. A ganância é o único motivo que está por trás de qualquer raça conquistadora e o prætör é com certeza o homem mais ganancioso do Império. Quantas vezes não enviou naves estelares inteiras para a morte, por um capricho, em busca de algumas quinquilharias para enfeitar as paredes do palácio?

O rosto de Tazol anuviou-se quando vários membros da tripulação murmuraram, de acordo. — Sua blasfêmia contra o Império não ficará impune, Sarela. — prometeu ele, perguntando a si mesmo se podia sustentar aquela ameaça — Eu sigo minhas ordens; eu honro meu dever, mesmo que esse dever signifique a morte!

Sarela limitou-se a dar uma risada irônica. — Um verdadeiro filho do prætör. — observou ela. — Mas lembre-se de que eu não sou a única pessoa a bordo desta nave que não deseja morrer numa tentativa insana de dominar uma Galáxia. A História está do *meu* lado, Tazol, não do lado do prætör. Sempre que tentamos alterar de algum modo o fluxo do tempo, os resultados nunca foram os previstos. Ou você está tão intimidado pelo prætör, que arriscaria sozinho sua vida por um capricho dele? Você cairia obediente sobre sua espada, só para agradá-lo, se ele exigisse?

— O medo não faz um bom comandante, Tazol. — continuou ela — Ainda mais quando esse medo está enraizado de maneira tão profunda que cega a pessoa para as alternativas lógicas. É mais fácil morrer como um herói do Império que viver contra os pontos de vista do prætör, essa é a verdade. Portanto, vá em frente. — suplicou ela, apontando com uma mão a tela visual — Vá em frente e vire outro herói. Tenha seu nome somado à lista dos fracassados. Isso fará pouca diferença num milênio, e você *morrerá* como um herói, asseguro-lhe. — Fez uma pausa, baixando a voz, num tom de leve decepção. — E nem o seu prætör, nem sua esposa, irão lamentar sua morte, Tazol. Não passará de uma lembrança triste nos átomos da Galáxia.

Enquanto se levantava para agarrar pelo braço aquela mulher desafiadora, Tazol sentiu seu sangue ferver. Sarela fizera de fato uma ameaça — não apenas à sua posição ou à sua vida, mas ao seu orgulho. De

acordo com a tradição do guerreiro, levantou a mão bem acima da cabeça dela, mas parou quando Rolash veio em sua direção com um ar ameaçador.

— Comandante, — interrompeu Rolash com frieza — a nave do praetor se aproxima. Sua tripulação pede as coordenadas para atracar.

Tazol vacilou, olhando primeiro para a constituição franzina de sua mulher, depois para o navegador, depois para a tela visual. Após um momento de indecisão, empurrou Sarela com brutalidade para o lado. Ela podia esperar.

— Informe o praetor de nossa posição e prepare todas as honras para a sua chegada. — vociferou ele. Voltou-se para a mulher, quase horrorizado com a calma em seus olhos e com sua falta de medo. A indecisão ficou mais forte. *Quem é o praetor?*

— Nave de transporte *T'Favaron* aproximando-se das coordenadas para atracar. — replicou Rolash, após uma breve troca de palavras entre as naves pelo painel de comunicação. Voltou os olhos lívidos para Tazol. — O praetor estará a bordo em vinte minutos.

Tazol examinou a silenciosa ponte de comando, sentindo o gosto do medo no fundo da garganta. No Império, o motim não era raro. — Qualquer comentário sobre este incidente fora da ponte de comando será tratado de acordo. — ameaçou ele, sondando os rostos dos estranhos que eram a sua tripulação. Sabia-se que os comandantes desapareciam antes, sem vestígio nem explicação. Ele tinha que manter uma imagem, uma fachada... uma farsa.

Aos poucos, todos os olhos voltaram-se para seus painéis, mas Sarela veio para o lado de seu marido mais uma vez. — Então você é tão culpado quanto eu. — salientou ela com um sorriso no rosto — Não me punindo, como requer a tradição do guerreiro, você é tão traidor quanto eu aos costumes dos nossos ancestrais. Com um ar de desafio, virou as costas e voltou a seu posto. — Eu esperava que você tivesse misericórdia o bastante para me matar agora, Tazol. — disse ela num sibilo — Porque você não tem condições de mandar em mim, assim como não tem condições de mandar nesta nave!

— Silêncio, exigiu Tazol. — olhando cego para a mulher. — Você não vai mais falar sobre isso! Quer que a ira do praetor recaia sobre todos nós?

Os olhos de Sarela não mostravam nenhuma intimidação, e seus lábios mostravam um sorriso astuto. — Talvez. — murmurou ela, estudando Tazol mais de perto — O horror em seus olhos me diz quem você é. Posso não ter conquistado minha liberdade neste casamento, mas conquistei um respeito de sua parte que você não ousa revogar. Sua sorte é que o praetor estará nesta nave em alguns minutos, porque eu não hesitaria em matá-lo, Tazol. Fez

uma pausa reflexiva e o sorriso aumentou. — E nem mesmo seus guerreiros chegariam a tempo na ponte de comando para salvar sua vida desprezível.

O silêncio caiu sobre a ponte de comando quando o comandante se voltou para a porta e saiu sem responder. Mas... não pôde deixar de se perguntar se Sarela não teria razão. E se fosse apenas outra missão impossível? *Quem é o praetor?* Tazol estremeceu.

Mas, fazendo um esforço, fechou uma pesada porta negra sobre o "não" que lhe martelava a cabeça e dirigiu-se ao elevador, para longe da ponte de comando, para longe de Sarela, para longe do perigo intangível. O dever e a tradição entoaram uma ladainha familiar na mente do guerreiro e, quando chegou ao convés do hangar, percebeu que estava sorrindo...

Lentamente, a imagem desapareceu e Tazol afundou na cama. Parecia que tinham se passado anos... séculos, na verdade. ... E ainda não tinha visto o praetor.

## SETE

O alferes Kirk examinava seus pés, tentando não deixar o nervosismo lhe transparecer no rosto. Apesar dos repetidos esforços para evitar um confronto com o Capitão vulcano da *ShiKahr*, fora pego afinal, de maneira absolutamente eficiente e constrangedora, nada mais, nada menos que pelo próprio Donner. Parecia a Kirk que o outro alferes tivera enorme prazer em arrastar seu corpo até o elevador e jogá-lo à força nos aposentos do Capitão. Agora estava em pé, esperando. Ouvira falar muito sobre a severidade do Capitão Spock — às vezes bem, às vezes mal; imaginava que teria pouco sucesso, tentando explicar ao rígido comandante vulcano sua situação pessoal.

As escoriações do seu rosto haviam sido muito bem dissimuladas com uma maquiagem medicinal que roubara do estoque da nave; mas ainda sentia o olho esquerdo, e seus músculos estavam tensos e doloridos.

Do lugar onde estava examinando o chão, dava para ver o vulcano folhear, de maneira metódica, uma pilha de papéis e fitas de computador na mesa bem arrumada; e embora tivesse ouvido a história fantástica sobre algumas ordens estranhas, não esperava que o Capitão deixasse material sigiloso tão à mão. Olhou mais atentamente para o Capitão, lembrando o sonho da noite anterior; algo - *alguém* - estremeceu dentro dele.

— Alferes Kirk? — perguntou a voz calma como a morte, depois de instantes que sentiu passarem como se fossem séculos. O vulcano ainda não erguera o olhar.

— Às suas ordens... Capitão. — respondeu Kirk, colocando-se numa posição subordinada, que o machucava quase tanto quanto as escoriações. Sentiu-se como um peixe fora d'água por ter que se dirigir ao vulcano daquela forma. A maioria de seus instrutores da Academia eram vulcanos; mas havia algo sobre este Capitão de nave estelar em particular, que desafiava as explicações convencionais. Na Academia, antes do incidente que o levara a ser excluído do treinamento de comando, ele se acostumara com a afetação calma, com a falta de elogios até mesmo quando o rendimento era excepcional. No entanto, sentia algo mais naquele vulcano, uma chama sob aquela lógica e tranqüila pose de comando. De repente, num relance sem explicação, Kirk viu suas posições invertidas. Ele estava sentado do outro lado da grande mesa, vestindo a familiar túnica marrom de comando... mas nem aquela visão parecia verídica. Seu olho interior via dourado e azul, mesclando-se e entrelaçando-se numa união harmoniosa. Um equilíbrio perfeito com o qual as naves estelares eram governadas.

Lentamente, a realidade voltou. Aquele tipo de equilíbrio não existia, disse Kirk a si mesmo, piscando para apagar a imagem absurda. Esperava em silêncio.

Por fim, o vulcano ergueu a cabeça, estudando Kirk com atenção, e de repente uma sobrancelha ergueu-se com o espanto. *T'lema. Aquele que anda nos sonhos.* Sustentou o olhar do outro durante muito tempo, sentindo o momento solidificar-se à sua volta. Não havia como se enganar com aqueles intensos olhos de mel, com a postura um pouco desafiadora, o corpo musculoso, a mecha rebelde de cabelo que caía no meio da testa do humano. No entanto, Kirk não parecia reconhecê-lo. A sobrancelha foi abaixando devagar, com a intervenção da lógica. Não era impossível, disse o vulcano a si mesmo, que ele estivesse simplesmente vendo uma holografia de Kirk junto com os novos documentos de transferência. Era igualmente possível já tê-lo visto na transmissão das fitas do comando da Frota; Kirk não era desconhecido, ainda mais depois do incidente na Academia.

Entretanto... havia algo diferente; algo que a lógica não podia definir. O jovem alferes humano fora designado para a *ShiKahr* depois que todas as outras medidas disciplinares haviam falhado e, embora Spock não aprovasse o Dispositivo Talos, que, basicamente, intensificara os problemas deste humano, também não aprovava a convocação de pessoal para prestar serviços numa nave estelar contra a vontade. A segurança da nave dependia o tempo todo do desempenho de todos e, como Kirk não desejava estar na *ShiKahr*, o fato de ter sido designado só atendia as necessidades da política burocrática. Na melhor das hipóteses, ilógico.

Para Spock, era irrelevante que o jovem alferes tivesse participado do treinamento de comando, mas que fora excluído do curso — perdendo também o interesse pessoal — devido a uma série bizarra de acontecimentos ocorridos depois do assassinato do instrutor-chefe Sorek, que o apontava como culpado. Uma vez condenado, recordou-se Spock, Kirk havia sido encarcerado por quase um ano e submetido ao Dispositivo Talos, na tentativa de descobrir a verdade sobre o assassinato e, finalmente, mandado para o serviço militar compulsório, pois tudo levou a crer que ele não se lembrava da noite do crime, ou era disciplinado demais para revelar a verdade, mesmo sob torturas. De qualquer modo, presumiu Spock, a Frota Estelar deve tê-lo considerado uma aquisição valiosa demais para ser desperdiçada.

O vulcano recostou-se na cadeira, continuando a observar a postura arrogante do humano... que contrastava com sua expressão deprimida.

— Alferes Kirk, — repetiu ele daí a pouco — você foi escalado para apresentar-se ao serviço às 8:00 da manhã na segunda-feira e nos três dias

seguintes à mesma hora. Eu poderia perguntar por que você não julgou necessário comparecer?

Kirk cerrou as mandíbulas de forma quase imperceptível. — Capitão Spock, — começou ele num tom defensivo e frio — sei que o senhor sabe que eu não quero estar nesta nave. E é óbvio que outros membros da sua tripulação são tão contrários a este posto quanto eu. — Levantou os olhos e escolheu como área de foco um ponto acima da cabeça do vulcano. — Estou fazendo um pedido formal de baixa imediata, desonrosa ou não, pouco importa.

Spock ouviu o tom cortante na voz do humano, mas sentiu algo mais profundo. — Com certeza deve saber, alferes, que foi mandado para a Frota Estelar graças ao seu histórico de resistência às formas mais convencionais de disciplina na Terra, aliado ao fato de já ter estado num treinamento de comando. — Fez uma pausa, os olhos perscrutadores. — Se desse baixa agora, o que é impossível nas atuais circunstâncias, seria enviado ao Centro de Reabilitação Órion para o resto de sua vida. Posso assegurar-lhe que acharia aquilo muito mais degradante que qualquer preconceito que talvez enfrente a bordo desta nave.

Kirk deu de ombros com desinteresse. — Não tenho tanta certeza disso. — respondeu de maneira categórica, ignorando o ímpeto de abrir-se à compaixão que percebera naquela voz familiar.

O vulcano não respondeu; levantou-se e percorreu toda a extensão do aposento. Voltou-se, estudou o alferes com os olhos inquisidores e tornou a sentar-se na cadeira. Olhou o humano mais de perto e, por um momento, pensou ter detectado um traço de pó medicinal em uma de suas bochechas, mas logo descartou o pensamento. A iluminação podia pregar peças no mais bem treinado dos observadores.

— Alferes, — disse afinal — vou falar com toda a franqueza, esperando ajudá-lo a compreender as circunstâncias, antes de você tomar uma decisão irracional que poderia comprometer todo o seu futuro. — Fez uma pausa, as sobrancelhas franzidas. Por um momento, o tempo deu uma cambalhota. Mas, nesse momento singular, sentiu-se em harmonia com aquele humano, como se compreendesse que podia confiar... e merecer confiança em troca. Ilógico, diante das circunstâncias, pensou. No entanto, fora uma impressão nítida. — Outros humanos foram designados para esta nave, homens e mulheres que, a princípio, não desejavam estar aqui, no entanto, todos eles conseguiram adaptar-se, de algum modo. Uma vez que você fez parte da Academia, obviamente com os mais elevados objetivos em mente, numa época de sua vida...

— Isso foi há seis anos. — interrompeu Kirk, ainda sem olhar para o

homem atrás da mesa. — As coisas eram diferentes naquela época... eu era diferente naquela época. — *Eu era diferente naquela época.* Havia um fundo de verdade naquilo. Por um instante, Kirk sentiu como se estivesse ouvindo uma outra pessoa, uma pessoa que conheceu um dia; quem sabe até a pessoa que havia sido antes... ou quisera ser. Descartou aquele pensamento irracional, dizendo a si mesmo que aquilo não passava de um efeito retardado da sonda mental, da máquina do diabo... do Dispositivo Talos.

Daí a pouco, o vulcano indicou com um gesto a cadeira vazia. — Por favor, sente-se, alferes. — pediu ele — A discussão estava indo mais longe do que era sua intenção original e, embora ele tivesse de fato assuntos mais urgentes do que o problema do comparecimento de um simples alferes ao trabalho, não foi capaz de encerrar a questão.

Mas ele sacudiu a cabeça: — Prefiro ficar em pé, senhor. — O orgulho nas narinas alargadas, a tensão quase inconsciente nos ombros largos.

O vulcano notou aquilo tudo. — Como quiser. — concordou ele — Seja como for, com certeza tem ouvido rumores relativos às nossas ordens atuais, alferes?

Kirk lançou um olhar penetrante ao vulcano. Como podia fazer uma pergunta como aquela? Admita isso e admita ser um bisbilhoteiro a bordo da nave, ouvindo histórias fantásticas e recebendo material sigiloso. Negue isso e será pego numa mentira... pior ainda. Num relance, imaginou que estava sendo testado pelo vulcano e deu um sorriso forçado.

— Se eu disser que ouvi dizer que toda a Frota foi desviada para transportar minhocas denebianas para servirem novamente de isca na Terra, não faria com que fosse verdade, faria? — perguntou, com segundas intenções — Portanto, com o devido respeito, um boato só é bom com a fonte.

Spock inclinou-se para frente, juntando os dedos em frente ao peito, deixando os cotovelos descansarem sobre a mesa. Seus olhos se anuviaram. Testar esse humano obstinado estava levando mais tempo do que ele imaginava; e tempo, lembrou a si mesmo, era um artigo precioso. Em cinco dias, duas naves estelares chegariam à Zona Neutra. E, de acordo com os detalhes contidos na mensagem do almirante S't'kal, o ataque ao Império Romulano estava marcado para começar dois dias depois. Teria que ir direto ao assunto.

— Alferes Kirk, você não precisa apelar para as evasivas comigo, porque não estou aqui para julgá-lo. Na verdade, podemos morrer todos em muito pouco tempo, a menos que o Dr. McCoy e eu encontremos alguma explicação para uma força desconhecida que parece estar pressionando a Aliança para uma guerra não declarada contra os romulanos. — Continuou

sustentando o olhar de Kirk, quase obrigando o humano a não desviar os olhos de novo. Era uma tarefa difícil.

Kirk mexeu-se de maneira desconfortável. — Por que está dizendo isso *a mim!* — perguntou afinal.

O vulcano levantou-se, inclinou-se sobre a mesa e ficou cara a cara com o humano, um pouco surpreso pelo fato do outro não fazer nenhuma tentativa de recuar. — Porque eu estou convencido que você está de algum modo... envolvido. — Os olhos do vulcano fecharam-se e desejou conhecer melhor a língua da Terra. Sua afirmação parecia mais uma acusação que uma possível resposta. — Em outras palavras, alferes Kirk, que tal provar para o Dr. McCoy e para mim que é uma aquisição valiosa?

Curioso, Kirk olhou de esquelha. — Por quê? — perguntou ele.

O vulcano voltou a sentar-se, apontou de novo a cadeira e ficou surpreso quando Kirk cedeu e deixou-se cair nela.

— Conheço sua história pessoal, alferes. — explicou o vulcano — Embora seja irrelevante agora, o fato é que o Dispositivo Talos foi banido como método de punição, não é preciso temê-lo mais. — Fez uma pausa, sentindo uma estranha empatia pelo estranho humano. — Entretanto, — acrescentou ele — você deve entender que o Dispositivo Talos também pode ser usado em *benefício* da Aliança, particularmente na nossa atual situação.

Desconfiado, Kirk piscou e franziu as sobrancelhas. — Onde está querendo chegar, Capitão? — perguntou ele.

Recostando-se na cadeira, Spock estudou o humano ainda por um momento. — Estou pedindo sua ajuda, ainda que não possa obrigá-lo a cooperar. O Dr. McCoy descobriu que a... insanidade... que parece estar se alastrando de maneira generalizada por toda a Aliança, tem uma raiz profunda dentro do próprio cérebro. A fim de entender melhor o fenômeno, estamos aceitando, numa base voluntária, tripulantes dispostos a submeter-se a uma vid-sondagem completa.

Kirk sentiu um frio por dentro. Virou o rosto, recusando-se a encontrar os olhos negros, quase suplicantes. Esqueça isso, murmurou consigo mesmo, controlando o tremor que percorreu seus braços. — Já fiz vid-sondagens suficientes para o resto da vida. — E contudo, ao dizer um não ao vulcano, experimentou uma profunda sensação de fracasso, como se tivesse, de algum modo, desapontado um amigo do peito.

O vulcano permaneceu em silêncio por muito tempo. — Muito bem. — respondeu afinal. — A escolha é toda sua, pois, como já disse, não vou forçá-lo a cooperar. — Fez uma pausa, continuando apenas quando ficou óbvio que o alteres não tinha a menor intenção de responder.

— É do conhecimento geral que não aprovo o Dispositivo Talos; é um

instrumento perigoso, apesar de ser reputado como eficaz. — O vulcano forçou-se a lembrar que já havia enfrentado homens muito mais rebeldes que Kirk, e sabia que podia lidar com ele, se pudessem chegar a algum tipo de entendimento. Mas... primeiro era preciso eliminar o medo. Além disso, homens como Kirk não aceitavam a bondade facilmente, mesmo quando aparecia sob um pretexto lógico. — Se ainda está perturbado com os pesadelos resultantes de sua experiência anterior com o Dispositivo Talos, vou pedir ao Dr. McCoy que...

— Não tenho pesadelos! — gritou Kirk, mentindo para se defender. Imaginou o tamanho do embaraço, sabendo que o vulcano podia ver claramente através dele, mas tinha sido incontrolável. — Apenas não acho graça em ter meu cérebro apanhado como um fruto da árvore proibida.

O vulcano inclinou-se para a frente na cadeira, escolhendo um outro ângulo. O tempo corria. — A princípio, — começou ele — você declarou ser inocente do crime pelo qual foi condenado; depois assumiu a culpa. Por quê?

Kirk não disse nada e o vulcano observou que o ar inexpressivo do alferes foi aos poucos se transformando em obstinação.

— Seu ressentimento em relação ao fato de estar aqui se deve ao fato de *ser* inocente? Ao fato de sentir que talvez devesse ser um comandante, e não um alferes? — Sabia que não era hora de poupar os sentimentos do humano, não quando ele queria aproximar-se da origem do problema. No entanto, havia uma emoção muito próxima da dor ligada ao que ele estava fazendo. Em algum lugar, enterrado e escondido sob anos de disciplina vulcana, *havia* dor. Cerrou os olhos por um instante, buscando o equilíbrio da lógica que, de repente, parecia tão distante.

— Que importância tem isso agora, Capitão? — perguntou Kirk com calma. — Além disso, que diferença faria, de qualquer modo? Fui condenado, não fui? — Mas *não se lembrava* da noite em que Sorek tinha sido assassinado; tinha ficado bêbado demais com o ponche reforçado da festa de Finnegan, a ponto de não se lembrar onde era o dormitório, quanto mais para saber se tinha ou não matado seu instrutor vulcano.

— E claro que você foi condenado. — concordou o Capitão — Mas receber uma sentença não significa necessariamente ser culpado. — enfatizou. Além disso, sabia que Kirk já tinha cumprido uma sentença pior do que o suportável para a maioria dos homens. Como comandante de uma nave estelar, Spock conhecia o Dispositivo Talos; como cientista em Vulcano, fora idiota o bastante para experimentá-lo em si mesmo. Os pesadelos seguidos foram suficientes para fazer com que exigisse do Alto Conselho Vulcano a proibição do uso da máquina em todo o território da Aliança. Após um longo debate, o Conselho concordara, mas não a tempo de

evitar seu uso em Kirk. Por isso, Spock sentiu uma ilógica pontada de culpa. Ele *deveria* ter estado lá. Erguendo uma das sobrancelhas àquela idéia, ordenou a si próprio que voltasse para a realidade.

— Também fui informado que sua mente era resistente às sondas de pensamento de Vega e às drogas da verdade que, em circunstâncias normais, provariam sua culpa ou demonstrariam sua inocência. — Ele hesitou e respirou fundo, notando que Kirk parecia estar ouvindo de verdade. Era uma mudança bem-vinda. — Os psiquiatras declararam não compreender sua singular resistência e você foi condenado, em grande parte, por evidências circunstanciais, pelo que me lembro.

Sem querer comprometer-se, Kirk deu de ombros, afivelando no rosto uma máscara de desinteresse para afastar a lembrança do Dispositivo Talos. — Matar é uma coisa que você não compreende. Não é a lei da natureza? — Estremeceu de leve quando os músculos de seu rosto ficaram tensos.

— Não, alferes, não é. — rebateu Spock com a voz suave — Infelizmente, é a lei de muitas culturas primitivas, mas *não* a lei da natureza. — Levantou-se da cadeira, olhando com mais firmeza o rosto contraído e pálido do alferes. — E não é permitido a bordo desta nave.

Ao dar um passo para se aproximar, inclinou um pouco a cabeça para baixo e um cheiro muito leve da maquilagem entrou em suas narinas. Parecendo distraído, estendeu a mão para tocar a bochecha do humano em busca de confirmação, mas parou ao ver os olhos de Kirk arregalando-se cheios de medo. A sobrancelha subiu mais uma vez; a reação de Kirk era prova suficiente.

— Quem é o responsável por isto? — perguntou Spock com rispidez. Kirk voltou-se. — Ninguém. — mentiu ele, ao mesmo tempo em que seu rosto ficou rubro de constrangimento — Eu... eu fiquei bêbado em meu alojamento e caí contra a antepara no escuro. — Mas sabia que a mentira era evidente. Olhou nervoso para a porta e pensou em sair correndo.

O vulcano bloqueou sua passagem, como se pressentisse a fuga iminente. — Talvez fosse melhor designar-lhe um companheiro de quarto abstêmio, alferes. — sugeriu ele casualmente. Por um momento, sentiu-se incapaz de enfrentar aquela situação delicada. O equilíbrio dos humanos era muito frágil, um equilíbrio entre o orgulho e a conciliação, entre a raiva e a complacência, entre a verdade e a decepção... entre o amor e o ódio.

— Donner foi um problema para mim no passado, — continuou ele, como se falasse consigo mesmo — e, a despeito de suas capacidades, mais de uma vez considerei a possibilidade de sua transferência para um planeta qualquer. — Olhou para Kirk, querendo que o humano olhasse em seus olhos. — Eu devia ter percebido que sua agressividade natural acabaria por

afirmar-se novamente. — Por uma razão inexplicável e de maneira antinatural, sentiu-se protetor desse humano.

— Não foi Donner, droga! — Kirk explodiu de raiva. Sentiu a raiva crescendo em silêncio por trás de seus olhos, a mesma raiva que o fizera brigar nas estagnadas prisões da Terra, a mesma raiva que sempre aparecia na pior hora possível. — Foi apenas minha própria estupidez, isso é tudo! Não quero outro companheiro de quarto; quero uma exoneração! — Finalmente, ergueu os olhos chamejantes, com o medo dissimulado por um clarão de fúria. — Eu vou ter que matar *mais* alguém para conseguir sair desta Alcatraz flutuante, ou vai atender o meu pedido antes disso, Capitão Spock?

Despreparado para o jorro psíquico que acompanhou o ataque verbal, Spock deu um passo para trás. E, contudo, sentiu familiaridade no breve contato das mentes. Mesmo na raiva, no ódio... a familiaridade estava viva. Respirou fundo, procurando tranquilizar-se, e enterrou de novo as emoções súbitas sob a máscara de comando. Recuperando a compostura, voltou para a mesa.

— Vamos fazer-nos entender um ao outro, alferes Kirk. — começou ele — Ameaças não me impressionam e não vou tolerá-las. — Fez uma pausa breve, estudando a expressão colérica de Kirk. — Nem vou tolerar maus tratos físicos a qualquer membro desta tripulação. — continuou ele, num tom muito mais suave — Estou ordenando que me diga quem é o responsável por seus ferimentos.

Mas Kirk continuava silencioso e imóvel. Em seus dias de prisão, aprendera o significado de manter um segredo. — Eu sou responsável por meus próprios problemas. — declarou afinal — E não preciso de um protetor! Guarde seu sentimentalismo mestiço para você mesmo, Spock! — Saiu em direção à porta e só parou quando ouviu o controle remoto da fechadura ativado em algum lugar atrás dele.

O vulcano parou entre ele e a porta. *Mestiço*. A palavra estava suspensa em algum lugar fora da realidade.

— Muito bem. — murmurou ele — Vou aceitar isso como resposta por enquanto. Entretanto, — continuou — também vou avisar o oficial de intendência para transferi-lo de alojamento, válida a partir deste momento.

Kirk sentiu o sangue fugir-lhe do rosto com o tom decisivo na voz subitamente ameaçadora. Desta vez realmente havia conseguido. Não era apenas um fraco, covarde e viciado aos olhos de Donner, como ainda seria designado para novos alojamentos para sua própria proteção... Ele até já podia ouvir o escárnio de Donner, podia sentir a bofetada da mão aberta do grandalhão em seu rosto, o tipo de bofetada que talvez se administre a um

animal desobediente. Levantou os olhos com desespero e enterrou o orgulho, pela primeira vez em sua vida.

— Eu... Capitão Spock, eu... peço desculpas por minha explosão. — Mas doía pedir desculpas quando não deveria fazê-lo. — Se não tem a intenção de me exonerar, eu gostaria de ficar onde estou. — Esperou, ouvindo as pancadas de seu próprio coração.

Spock estudou-o com frieza por um bom tempo. — Já recusei seu pedido de exoneração, alferes. — lembrou a Kirk — E como não vai me dizer quem é o responsável por seus ferimentos, não me deixa outra alternativa senão transferi-lo para outras acomodações, além de destiná-lo para outro tipo de serviço. — Fez uma pausa breve. — Apesar do que pode ter ouvido sobre o dever na Frota Estelar ou sobre a minha personalidade, — *mestiço!* — vai descobrir que sua vida aqui pode ser gratificante, se permitir que seja. *E se algum de nós sobreviver à próxima semana...* — Ele esperou e, como já imaginava, não recebeu resposta alguma além do olhar de derrota do alferes. Por um momento ilógico, surpreendeu-se pensando no futuro, com Kirk a seu lado... De qualquer modo, disse a si mesmo, encontraria um modo de contornar as ordens de S't'kal. De qualquer modo... viveriam. — Enquanto isso, — disse ele, voltando ao problema do momento — você vai à enfermaria para que toda a extensão de seus ferimentos seja determinada e tratada.

Os duros olhos de mel levantaram-se por fim. — Prefiro que não, senhor. — disse ele num tom de voz que poderia ser arrogante ou suplicante.

— É exatamente por isso que se trata de uma ordem, e não de um pedido, alferes Kirk. — replicou Spock, usando a autoridade, que sentiu estranha e antinatural. Virou-se. — Dispensado.

Não se ouviu nenhum som durante muito tempo. Então, depois do que pareceram horas inteiras, ouviu-se o barulho dos passos em retirada. O vulcano olhou com cuidado pelo canto do olho para ver o humano sair; um pensamento insinuou-se em sua mente, que talvez viesse de um sonho, sonhado há muito tempo.

*Eu daria uma droga de alferes, Spock.*

Embora nunca tivesse encontrado Kirk antes, uma coisa era certa: a voz em sua mente correspondia com precisão àquela do homem que acabava de deixar seus aposentos.

Lançou um olhar para o cronômetro. Mais cedo ou mais tarde, o humano voltaria. Ele só esperava que não fosse tarde demais...

No laboratório de psicologia, Leonard McCoy levantava-se

nervosamente na ponta do pé, esperando pelos resultados da última vid-sondagem do dia. O jovem na mesa era um desconhecido para o médico, mas McCoy não podia evitar sentir por ele. A vid-sondagem, apesar de indolor, era algo extremamente pessoal. Embora McCoy sempre tivesse concordado com o princípio de que qualquer coisa que um indivíduo preferisse manter no sacrário da mente devia ser respeitada, começava agora a admirar a tecnologia do instrumento, que antes fora considerado potencialmente uma câmara de horror da psiquiatria.

As imagens eram gravadas na tela sobre a cabeça do paciente, as imagens de quaisquer pensamentos fortuitos, sonhos ou pesadelos em viagem na mente ficavam nitidamente gravadas no vídeo. Neste caso, pensou McCoy, como com a maioria dos outros duzentos voluntários que se haviam confessado no "revelador mental", estava difícil discernir o modelo. McCoy suspirou aliviado; o tenente Christensen era o último. Afinal, com uma amostra de metade da tripulação, os resultados deveriam ajudar a formular uma hipótese.

As amostras de vid-sondagens da tripulação, armazenadas no computador médico central, eram uma exigência do Comando da Frota, um pré-requisito para qualquer membro da tripulação com o posto de ordenança, ou qualquer posto superior a este. McCoy sorriu consigo mesmo. Nos "velhos tempos", eram exigidas de *todo* o pessoal da Frota. Mas isso antes dos humanos se tornarem operadores-padrão de naves como a *ShiKahr*, refletia McCoy, muito satisfeito, no entanto, que a vid-sondagem só fosse feita numa base voluntária. E aquelas gravações mostravam-se agora de valor incalculável, no mínimo, enquanto fator de controle para o experimento. Comparação e contraste.

Lançou um olhar para o homem na mesa. — Bem, Christensen, — disse com um largo sorriso, — as imagens que você está gerando num nível *consciente*, estão perfeitamente dentro da média dos homens de sua idade. — McCoy pestanejou quando o tenente riu meio nervoso.

— Nada pesado demais para você, doutor, espero. — replicou Christensen, respirando fundo e relaxando.

McCoy sacudiu a cabeça, agradecido pelo fato da tela estar sempre fora do raio de visão do paciente. Se Christensen quisesse rever sua fita mais tarde, não haveria objeções; mas, durante o experimento real, o médico aprendera que permitir ao paciente olhar as imagens enquanto elas estavam sendo registradas, era quase como ver o companheiro numa fita holográfica enquanto se fazia amor. Muitas distrações para se obter um bom resultado.

O médico foi até a cama de diagnóstico e colocou a mão no ombro do homem, como para tranquilizá-lo. — Agora vou dar-lhe uma injeção de

coental, Dane. — explicou ele — Ela fará você cair num nível alfa de sono e nos dará uma visão do que está se passando nas camadas mais profundas de sua mente. De acordo?

Christensen deu de ombros. — Você é o médico, doutor. — concordou ele — Tudo que eu sei é que se você pode descobrir a cura para a melancolia das pessoas, eu estou disposto a fazer qualquer coisa. — Estremeceu com um ar dramático. — Acho que é muito melhor ser acertado por um phaser do que passar por outro episódio como o de ontem. — Os vivos olhos castanhos piscaram com a lembrança. — Como... como cair num poço, numa outra versão da história de Lewis Carrol, um outro mundo ou algo assim. — Estremeceu outra vez. — Escuro...

McCoy sorriu com delicadeza e então virou-se para preparar a injeção. — Pelo que estou entendendo, você teria que ficar na fila só para ter a chance de ser fuzilado, rapaz. — *Restabelecer a confiança*, pensou o médico. *Se todos eles souberem que não são os únicos, talvez o processo se retarde. Segurança nos números...* Ao menos era um pensamento otimista, um dos poucos que ele tivera em dois dias.

Após um momento, pressionou o instrumento no braço do homem e esperou que a droga fizesse efeito. Em trinta segundos, os olhos castanhos se fecharam e lentamente as indicações das funções vitais começaram a cair. McCoy voltou-se para S'Parva, ordenando: — Acione o monitor. — instruiu ele — Se ele começar a ir muito fundo, avise-me e eu o trarei de volta.

S'Parva assentiu, seguindo as instruções do médico. Em pouco tempo, a tela sobre a cabeça de Christensen mostrava as imagens comuns de resistência ao sono induzido pela droga. As figuras subconscientes representavam o tenente e o Sono guerreando num nebuloso campo de batalha. O Sono, um mágico neutro, estava vestido de negro. Não tinha rosto, mas brandia com facilidade uma longa espada sanguinolenta com o braço direito. Christensen, nu e desarmado, logo foi vencido em batalha.

A escuridão tomou conta da tela.

— Dr. McCoy? — chamou S'Parva, ajustando os controles para a sondagem mais ampla possível.

McCoy virou-se para a katellana. Aprendera a reconhecer a preocupação no tom de voz da ordenança. — Outra sondagem negativa, S'Parva? — perguntou, exausto.

S'Parva assentiu, ainda olhando para a tela em branco. — Absolutamente nada, doutor. — respondeu ela — Todas as compensações possíveis já computadas e implementadas. A resposta continua negativa.

McCoy olhou para o corpo de Christensen dormindo e depois sacudiu a cabeça com desânimo. Dos duzentos voluntários, trinta haviam produzido

sondagens negativas no vídeo, sob efeito do coental. O restante... variava. Imagens de uma *ShiKahr* mudada. Uma do Comando da Frota um pouco diferente. E um Capitão de cabelos dourados, de olhos dourados. Embora as imagens tivessem em geral uma ligeira variação, não havia equívoco quanto às semelhanças. Era uma questão de interpretação, ainda que os resultados fossem muito óbvios. Olhou para Christensen pela última vez e então administrou rapidamente a droga que o faria recuperar a consciência.

Um pensamento fortuito consolidou-se numa hipótese e ele se voltou para S'Parva. — Assim que ele puder andar, adiante-se e ajude-o. Nesse meio tempo, estarei lá embaixo, nos aposentos do Capitão. — Mas suas sobrancelhas se franziram quando ele olhou com mais atenção para S'Parva. — Quanto tempo faz que você está nisso? — perguntou afinal.

A katellana deu de ombros, desligou o aparelho de vid-sondagem e foi para o lado de Christensen. Eleja começava a recuperar a consciência. — Esqueci. — replicou ela por fim, dirigindo um sorriso ao médico — Mas gostaria realmente de ir até o fim.

McCoy levantou-se na ponta dos pés. Um vulcano obstinado já era bem ruim, e muitas vezes S'Parva era igual ao Capitão. — Bem, não caindo aos pedaços em cima de mim agora. — disse ele rindo — Vou precisar de sua ajuda quando o computador lançar uma hipótese sobre esse caso.

— Alguma idéia, Leonard? — perguntou S'Parva.

McCoy lançou um olhar curioso para Christensen enquanto suas sobrancelhas se franziam. — Talvez. — consentiu ele, rodando uma fita de computador na mão — Mas ainda é muito cedo para falar. — Trocou um olhar com a katellana. — Que tal você guardar o equipamento, tirar algumas horas de sono e nós estarmos novos em folha de manhã, hein? — Olhou outra vez para Christensen... e sentiu um calafrio na espinha. Como se olhasse para a própria Morte. Ainda não... não adianta entrar em pânico. Nenhuma prova... *ainda*.

Entrou no corredor e começou a correr em direção ao elevador vazio.

## OITO

O comandante Tazol não era um homem paciente.

Assim que a nave capitânea *Ravon* emergiu do hiperespaço, aproximando-se do Comando Central do Império, em Romulus, ele tentou dominar o nervosismo, que vinha se sedimentando na boca de seu estômago desde o início da missão. Especulava sobre o que achariam quando os registros da Primeira História, a história que existira *antes* da intervenção no passado da Terra, fossem comparados aos da Segunda História, a história alterada que existia agora, com a missão concluída.

Já podia sentir os indícios de uma mudança muito importante e tentou imaginar o que a Armada enfrentaria se Sarela tivesse razão, se o Império fosse alterado de maneira tão drástica quanto a Federação. Mesmo que houvesse apenas um fundo de verdade em suas teorias relativas à alteração do Império, ele não tinha certeza absoluta de querer ver os registros da Segunda História, que estariam disponíveis no Posto Um. Como a base não poderia ser resguardada daquelas mudanças hipotéticas, a Primeira História teria que ser comparada de maneira cuidadosa com os registros da agora "natural" Segunda História do Império.

Tão logo a *Ravon* entrou em órbita, Tazol suspirou de alívio; depois das histórias de horror de Sarela, ele quase esperava descobrir que o Império não existia mais. A voz monótona e familiar do Comando Central, fornecendo as coordenadas da órbita, dava as boas vindas à nave capitânea do prætor de volta ao "lar". Ao menos alguma coisa estava a seu favor, e Tazol aproveitou aquele momento para rogar aos deuses romulanos que sua esposa estivesse errada.

Mas outra coisa continuava a atormentá-lo, com o prætor a bordo da *Ravon*, já havia seis dias do tempo padrão, ele só tinha conseguido ter um vislumbre da lenda, e que não passara de um rápido olhar para uma figura de túnica e capuz. *Podia* ser qualquer um. Cuidadosamente rodeado de servos, escravos e conselheiros, não havia como saber quem estava oculto naquele manto negro. E, para completar a aflição particular de Tazol, a análise comparativa entre a Primeira e a Segunda Histórias levaria semanas para terminar; seriam semanas antes que a conquista do território da Federação pudesse sequer começar. Embora as mudanças da Federação devessem, conseqüentemente, resultar numa mudança automática das fronteiras do território romulano, os cientistas do prætor haviam enfatizado que as adulterações nos paradoxos do tempo abriam muitas possibilidades. A conquista, para atender às necessidades correntes do prætor — ainda seria

ordenada. Tazol zombou em voz alta, esfregando a barba e amaldiçoando a confusão.

Seria uma longa espera.

Resignando-se temporariamente à sua situação, olhou para o jovem navegador. — Rolash, informe ao Posto Um de Comando que nós solicitamos uma ligação direta com o computador principal do sistema deles. — disse ele num tom ríspido, visivelmente mal-humorado, com os olhos negros soltando faíscas. Era melhor deixar aos cientistas mundanos os deveres mundanos da ciência; ele queria saber onde estava Sarela. — Mas sem dizer nada sobre o fato de nossa Armada ter estado no hiperespaço. — acrescentou, como se tivesse pensado melhor. — Não podemos permitir que nossa verdadeira natureza seja descoberta, até que os dados históricos sejam analisados a bordo desta nave.

Fez outra pausa, cocando o queixo e refletindo. — Se depois dessa análise não descobirmos uma mudança significativa no Império, seguiremos o procedimento padrão. — Um vago sorriso apareceu em seus lábios. — Os guerreiros estão precisando se divertir, Rolash, — continuou afinal — e não imagino nada melhor que os bordéis de Tamsor.

A expressão do navegador chegava perigosamente perto da repugnância.

— Contudo, — respondeu — suas ordens serão executadas, comandante.

— Enquanto se dirigia ao painel de controle, conectando os computadores da nave com o sistema central em Romulus, a porta da ponte de comando se abriu e Sarela apareceu.

Sem olhar para Tazol, Sarela foi até o console de ciências, acomodou-se na cadeira e encaixou o nódulo decodificador na orelha bem desenhada, estudando o texto do visor.

— Nossos agentes foram razoavelmente bem sucedidos, comandante.

— disse ela daí a pouco. Mas, aos poucos, seus grandes olhos negros começaram a revelar medo. — No entanto, — acrescentou — certas mudanças *afetaram* a estrutura governamental de nosso Império.

Tazol sentiu o sangue gelar. Esforçando-se para andar de modo despreocupado, levantou-se da cadeira de comando e ficou em pé ao lado de sua mulher, observando a entrada de dados com uma sensação na boca do estômago que identificou como um presságio.

— E então? — perguntou ele.

— Na melhor das hipóteses, — começou Sarela — parece que o sucesso dos agentes foi limitado. A Frota Estelar existe realmente... mas não como antes. — Examinou a informação visual com a maior rapidez possível, fazendo-a correr sobre a tela. Depois haveria muito tempo para os cientistas do praetor analisarem aquilo com maiores detalhes.

— Há cem anos atrás, calculados pelo tempo romulano, — leu ela — nossas naves invadiram um planeta do sistema Eridani, Vulcano. Entretanto, devido ao fato da pesquisa representar uma parte insignificante da natureza dos vulcanos antes deste ataque da Segunda História, não se sabe se eles foram também uma espécie conquistadora em seu passado distante.

— Embora suas tendências violentas tivessem sido reprimidas através da lógica e da sobriedade emocional, o instinto de sobrevivência permaneceu intacto. Na Segunda História, os vulcanos foram a primeira raça capaz de resistir ao ataque do Império, pois seu conhecimento científico estava num estágio avançado na época de nossa primeira investida. Depois de seis meses de batalha, os vulcanos conseguiram infiltrar-se em nossas forças de ataque, controlando várias naves de patrulha romulanas. — Ela fez uma pausa e deparou-se com o olhar fixo de Tazol.

Aos poucos, os traços do comandante assumiram uma expressão de repúdio. Sabia que não podia questionar aquilo que estava claramente escrito nos livros de uma história que ele nunca tinha vivido. Esta, portanto, era a Segunda História.

— Tem mais? — vociferou ele, esquecendo-se por um momento de fazer o papel de cético arrogante.

Sarela assentiu, voltando-se para a telinha do painel. — Embora suas naves fossem maiores que as nossas, a construção vulcana de naves foi, a princípio, projetada para viagens interplanetárias, não para viagens interestelares. Entretanto, logo adaptaram a engenharia romulana e contataram sistemas vizinhos para ajudar a rechaçar as naves de guerra enviadas por nosso Império.

Ela hesitou outra vez, mantendo o longo dedo no controle da entrada de dados. — Uma nota de rodapé da Segunda História revela que, nessa hora, o prætör *deveria* ter cessado o ataque a Vulcano e a todos os sistemas daquele quadrante. Ao invés disso, devido à natureza de nossa espécie, combinada à pressão dos guerreiros do Império, obcecados pelo desejo de vingança, o prætör permitiu a continuação do ataque. Os vulcanos foram considerados uma grave ameaça, — continuou ela — por serem a única raça que encontramos capaz de enfrentar a nossa ferocidade e nossa inteligência na batalha.

Enquanto soltava o botão de controle da pausa, ela olhou para Tazol e notou sua palidez. — Três das naves-luz da Armada foram atraídas para a órbita vulcana, por um sinal de perigo sintetizado por computadores, vindo supostamente de uma de nossas próprias naves. As naves-luz foram atacadas... e vencidas. — enfatizou ela — Com um total de sete naves apreendidas e cinco outras praticamente destruídas, o restante da nossa

Armada voltou para casa, para o Império.

Durante um momento, Tazol esperou que aquilo fosse tudo, mas o fluir contínuo de informações na tela destruiu sua ilusão. Por um breve instante, imaginou que seus deuses o haviam abandonado... se é que eles também não haviam sido sacrificados em alguma encruzilhada do Tempo. Voltou-se. A raiva transformou-se em ressentimento. O ressentimento, em medo. E o medo transformou-se em desespero. Qualquer que fosse a História, ficava visível que a vitória não era um luxo permitido aos romulanos.

Sarela continuou: — Na época em que nossas naves voltaram ao Império, não havia nenhuma forma de governo em escala galáctica. Entretanto, logo após o nosso ataque a Vulcano, o Alto Conselho deles estabeleceu a base para uma Aliança Interestelar de Planetas. O Alto Conselho Vulcano também contribuiu para a construção das sete naves estelares que constituem a Frota Estelar, tal como ela é até hoje. — Ela fez uma pausa, estudando o quadro mais de perto. — A partir deste momento, boa parte da informação é extremamente limitada, pelo fato de nossos agentes secretos no território da Aliança serem hoje detectados mais rapidamente e, em consequência, suas atividades serem... interrompidas.

Sem esperar pelo resto, Tazol voltou ao santuário de sua cadeira de comando, afundando nela com raiva, ao perceber que todos os olhos da tripulação da ponte de comando fixavam-se lentamente nele. — Suponho que achou esta informação divertida, Sarela. — acusou num tom inflamado, procurando alguém, qualquer um, que não fosse ele mesmo, para culpar. Sentiu-se paralisado por dentro, frio... assustado. Barrou o pensamento com uma pesada porta de aço; o medo não era permitido aos guerreiros.

Girando na cadeira, Sarela olhava o marido com declarado desprezo. — Ainda sou romulana. — enfatizou ela — Acho esta informação perturbadora pois compromete seriamente nossas operações no futuro. — Sorriu com suavidade. — Mas não é mais nem menos do que eu esperava, se é isso o que quer saber, comandante. E não é mais nem menos do que o nosso amado prætor *deveria* ter previsto.

Fez uma pausa, olhando de novo o visor. — Mesmo que a história da Terra tivesse sido alterada a ponto de impedir a criação da Federação de Planetas, nossos agentes não poderiam fazer nada para acabar com a estabilidade pré-existente de outros mundos, como Vulcano e Orgânia, que terminariam criando um governo galáctico, mesmo sem a influência inicial da Terra. Foi *isso* que aconteceu na Segunda História. — declarou ela de maneira categórica. — Embora a Frota Estelar deles seja hoje muito menor do que antes, mais ou menos metade de seu tamanho original, é praticamente controlada por vulcanos. E em *ambas* as histórias, Tazol, até *você* deve

admitir que, em muitos aspectos, os vulcanos podem realmente se equiparar a nós.

Tazol nunca desviava os olhos quando seu medo era substituído por uma fria determinação. — Mas os vulcanos são idiotas bonzinhos! — sibilou ele, dando um forte e sonoro soco no braço da cadeira de comando. — Perderam a força ao escolherem a paz e a lógica, em lugar da conquista! Eles *poderiam* estar conosco na batalha contra os fracos, mas tornaram-se fracos também, contentando-se com seus computadores e sua *cultura*. — Cuspiu a palavra com ódio, fazendo uma careta como se mordesse uma fruta verde. — Eles abandonaram seus ritos guerreiros pelo tédio e pela escravidão da paz!

— Talvez. — concordou Sarela. — Mas o potencial deve continuar vivo, para que seus métodos pacíficos tenham-se modificado. Nossa adulteração do tempo facilitou bastante essa mudança. Os vulcanos não são mais as criaturas complacentes e benevolentes da Primeira História, Tazol. — salientou ela, mostrando a entrada de dados com um gesto da mão. — Agora eles são o inimigo, muito mais do que antes, e um inimigo que conhece a nossa natureza, talvez até melhor do que nós mesmos. — Olhou de novo para o mostrador, observando apenas modificações estruturais mínimas dentro do Império, enquanto a informação continuava a fluir para o sistema de computadores da *Ravon*. — Nossas fronteiras estão um pouco maiores do que antes dos nossos agentes retornarem ao passado da Terra, — leu Sarela — mas ainda *existem*. Estamos longe da invencibilidade, e em condições só ligeiramente melhores que antes.

Frustrada, ela sacudiu a cabeça, a cabeleira negra caindo em cascatas pelos ombros esguios. — Você deve saber que temos tão pouca esperança de derrotar sete naves estelares deles quanto de vencer as doze originais!

Com um ar derrotado, Tazol buscava um vislumbre de esperança, que parecia não mais existir no Universo. — Examinar os bancos de inteligência na superfície de Romulus. — comandou ele — Qual a capacidade militar das naves estelares existentes na Aliança hoje?

Após uma confusão de mãos sobre os controles, os olhos de Sarela retornaram ao terminal. — Sete naves estelares, com modelos ligeiramente diferentes daquelas da Primeira História. Movidas a dilithium; velocidade máxima crítica de dobra fator dez; velocidade máxima de segurança de dobra fator sete. — Numa breve comparação entre os fatos, ela se lembrou da Primeira História; apertou uma série de botões, que mostraram na tela visual um modelo de nave estelar produzida em ambas as Histórias. Basicamente, reconheceu ela, elas eram idênticas.

— O motor phaser e torpedos fotônicos com a mesmíssima capacidade de antes. Nota: medidas de segurança não violentas empregadas sempre que

possível. Entretanto, a Segunda História revela que os vulcanos não hesitam em matar, se necessário, a fim de proteger os planetas pertencentes à jurisdição da Aliança. Parece que, por mais de setenta anos, as naves de guerra romulanas invadiram o território da Aliança, mas sem muito sucesso. A Segunda História também revela que nossas fronteiras permaneceram as mesmas por mais de quarenta anos padrão e que, recentemente, ambos os lados assinaram um Tratado, proibindo a violação da Zona Neutra por ambas as partes. Em resumo, — concluiu ela — estamos enfrentando o mesmo de antes, desta vez nas mãos dos vulcanos, que, sem dúvida nenhuma, são capazes de muito mais traições do que seus correspondentes humanos da Primeira História poderiam imaginar.

Acabrunhado, Tazol resmungou, perguntando a si mesmo se o prætor iria simplesmente arrancar-lhe o posto de comando ou torturá-lo até a morte. Não era culpa sua... mas o prætor não seria complacente. — História da Terra? — especulou ele, procurando um único ângulo que pudesse lhe dar uma réstia de esperança. *O prætor não vai nos deixar viver tempo suficiente para revelar que falhou mais um de seus planos infalíveis.* Tentou bloquear aquela frase persistente.

— A história da Terra revela que as mudanças mais significativas ocorreram logo após o assassinato do Dr. Palmer e de seus dois correligionários, que teriam criado a base para a Federação de Planetas. — replicou Sarela daí a pouco. — Tão logo esses homens foram eliminados, a história da Terra sofreu uma mudança drástica. O partido favorável à exploração do espaço perdeu muito de seu prestígio quando o Dr. Palmer 'desapareceu', levando certas figuras-chave da política a acreditarem que ele e seus correligionários haviam fugido para um lugar seguro a fim de evitar a "informação embaraçosa" relativa ao contato malogrado com civilizações alienígenas. É claro, — acrescentou ela — acredita-se que nossos agentes foram os responsáveis por esse boato e que os governantes da Terra simplesmente o usaram como desculpa para enlamear aquilo que foi chamado na época de renascimento da raça espacial terrestre. — Ela correu os olhos pelos acontecimentos históricos menores e continuou: — Depois de alguns anos, a Terra começou a esgotar seus recursos naturais e suas nações a brigar entre si, até a destruição quase total do meio-ambiente.

— Sessenta e cinco anos antes disso, a nave de reconhecimento vulcana fez um contato preliminar com o governo existente na Terra, tempo calculado a partir da Segunda História, e a Terra acabou por se juntar à Aliança, sendo formalmente admitida cinco anos depois do contato inicial. Com uma orientação cuidadosa, a Aliança conseguiu ajudar a reduzir a superpopulação da Terra, semeando vários outros planetas Classe M em toda

a Galáxia. — Sarela fez uma pausa — Uma nota de rodapé sugere que, em troca dessa ajuda, a Aliança forneceu uma nave militar de elite. Entretanto, como os humanos adaptaram-se muito bem às condições da nave espacial, a nave militar foi usada sobretudo como um instrumento para exilar transgressores das normas sociais. De qualquer modo, — concluiu ela — hoje existem terráqueos servindo voluntariamente a bordo das naves estelares, muitos deles em altos cargos.

Lançou um olhar para Tazol, desligando momentaneamente a tela. — Em suma, comandante, nossos agentes foram bem sucedidos naquilo que lhes foi ordenado que fizessem. — salientou ela — Assassinaram os terráqueos que teriam criado a base da Federação. Contudo, independente do fato da Federação, tal como nós a conhecemos na Primeira História, ter sido destruída, a Aliança surgiu sob uma outra forma. A Terra não participou de seu desenvolvimento inicial... mas isso é irrelevante agora. Ela existe *de fato*, Tazol.

Tazol continuou a olhar fixamente para a frente. Era impossível fechar os olhos à evidência. — Fomos derrotados de novo. — murmurou ele, como que para si mesmo.

Sarela refletia em silêncio sobre aquela declaração. — Os sábios de Romulus dizem que a história nunca pode ser modificada de maneira artificial, antes disso já ter acontecido naturalmente. Apenas acontecimentos menores podem ser mudados pela adulteração do tempo; e você deve aceitar que a Terra, um planeta entre milhões, é de fato menor, quando comparada à Galáxia. Embora nossos agentes tenham sido eficientes, destruindo o *papel* da Terra na Federação, eles não podiam fazer a idéia desaparecer. Sua importância era grande demais e essa memória está profundamente arraigada nos átomos do Universo.

Os olhos de Tazol voltaram-se para o céu, expressando grande sofrimento. — Teria sido melhor economizar suas explicações poéticas para o prætore. — resmungou com um ar acabrunhado, sondando os olhares cansados da tripulação da ponte de comando. — Porque agora vou informar os membros da comitiva de Sua Majestade sobre a situação atual de nosso Império, e eu não acredito que ele vai achar a notícia agradável. — Recostou-se na cadeira, imaginando se teria sido pela última vez. — Mas... ele não vai desistir com tanta facilidade e eu suspeito que vai querer planejar a estratégia antes de atacar a Aliança. — Era uma esperança fugaz.

— Atacar a Aliança? — repetiu Sarela.

— Esta é a forma de viver dos romulanos. — lembrou-lhe Tazol. Mas perguntou a si mesmo se viveria o bastante para assistir ao ataque. Os mensageiros portadores de más notícias sempre tinham um fim rápido. E,

naquele momento singular, Tazol desejou nunca ter ouvido falar no Império, nunca ter visto a *Ravon*, nunca ter sabido o que significa ser um guerreiro romulano. De repente, os campos e as fazendas pareciam o melhor lugar em todos os mundos.

Seus olhos se fecharam um instante, antes de se levantar da cadeira e sair da ponte de comando. Contudo... ao se lembrar da promessa de poder, aquilo ficou bem mais fácil de engolir. Num relance de absoluta arrogância, ainda imaginou que os guerreiros de sua própria nave, de seu próprio clã, com certeza seriam leais a ele... mesmo se os oficiais de Sare-la e do prætore não fossem. Um vago sorriso ameaçou brotar no rosto redondo, mas ele o afastou devidamente.

— Há mais uma coisa, Tazol. — interrompeu a voz de Sarela, assim que ele alcançou a porta do elevador. — Agora nós estamos alterados, tanto quanto o resto da Galáxia, ou talvez até mais. Só os que estão a bordo de nossas naves-luz terão alguma lembrança da Primeira História, e não nos é mais permitido responder pelo nosso passado. Temos que aprender a viver de outra forma, aprender costumes e comportamentos que não existem em nossa memória natural.

Tazol voltou os olhos exaustos e raiados de vermelho na direção dela. — O que está dizendo, mulher? — perguntou ele. — Eu não tenho tempo nem paciência para ouvir sua ladainha.

Sarela parou, lançando um olhar por toda a ponte de comando. — Não somos mais as mesmas criaturas que entraram no hiperespaço enquanto nossos agentes visitavam o passado da Terra. Agora somos espectros, Tazol, fantasmas de um outro tempo e lugar, relíquias de um Império que não existe mais. A tristeza de seus grandes olhos castanhos refletia-se na voz.

Tazol assentiu. Começava a se dar conta dessa verdade com demasiada clareza. No intervalo que parecera apenas um momento no abraço negro do hiperespaço, tudo que ele sabia tinha sido apagado sem dor... modificado... alterado de maneira sutil. E tudo pela causa da conquista, uma palavra que ressoou com uma estranha amargura em sua mente. Perguntou a si mesmo se tinha sido remotamente digno dela... e quando começaria a desintegração do resto da realidade.

No entanto, *era* um guerreiro, leal ao canto da espada. Seu desgosto não iria durar muito... pois já tinha idéias para um novo plano.

Do lado de fora dos aposentos designados ao prætore, o comandante Tazol andava de maneira agitada, imaginando quando ou *se* teria a chance de encontrar o prætore romulano pessoalmente... e se realmente o desejava. A nebulosa figura viera a bordo de *sua* nave, apropriara-se de um convés inteiro de guerreiros para seu uso pessoal e ainda continuava esquivo c

impossível de ver. Seus servos tinham levado as mensagens à Lenda, junto com uma transcrição completa das comparações da Segunda História, ao imponente apartamento algumas horas antes, e depois disseram a Tazol que esperasse. Enquanto guerreiro, ficou farto de esperar; e, enquanto homem, ficou farto de bancar o criado de um senhor inacessível.

Mais uma hora havia se passado e por fim as portas duplas se abriram mostrando dois conselheiros do prætore. Ambos estavam vestidos com ricas túnicas, usavam adagas cerimoniais enfeitadas de pedras preciosas no cinto de seda e um disruptor preso no alto das botas de camurça pretas. Durante um momento, Tazol surpreendeu sua mente vagando por três seqüências de idéias sem relação entre si.

Em primeiro lugar, parecia ilógico que os interesses declarados do prætore sempre estivessem centrados na pobreza dos sistemas romulanos, pois até seus conselheiros mais próximos usavam roupas finas e jóias. E o palácio, Tazol tinha ouvido falar, era simplesmente aquilo que alguns terráqueos poderiam chamar de "paraíso".

Segundo, Tazol tinha ouvido os boatos habituais sobre o grupo de escravos pessoais do prætore — maravilhosas jóias humanas destinadas a enfeitar o braço público de seu trono e a companhia privada de seu leito. Mas, durante todo o tempo em que o prætore estava na *Ravon*, Tazol vira apenas conselheiros científicos *homens* e escravos escrivões — todos jovens e indubitavelmente belos.

E, em terceiro lugar, como todo mundo sabia no Império, o prætore atual não tivera filhos que pudessem herdar o título depois de sua morte. E, se não havia herdeiros, a tradição era explícita: o novo prætore seria o guerreiro que vencesse todos os outros em batalha.

Os lábios do comandante curvaram-se num vago sorriso ao começar a discernir sua trajetória com um pouco mais de clareza.

Mas seu devaneio foi interrompido quando um dos conselheiros pigarreou ruidosamente, com tamanho ar de importância que Tazol achou repulsivo.

— O prætore vai conceder uma audiência a seu cientista-chefe. — declarou o homem musculoso e esbelto sem mais delongas. Seu tom não deixava dúvidas quanto ao desagrado do prætore com relação à informação contida nas transcrições. — Você vai escoltá-lo até aqui imediatamente, comandante Tazol.

Tazol sentiu um misto de raiva, temor e constrangimento subir do fundo de sua garganta apertada. Sentiu cólera. Não só *ele próprio* estava sendo usado como um moleque de recados, como ainda parecia que a única honra negada a ele desde que o prætore estava a bordo seria concedida a Sare-la.

Abriu a boca para protestar mas juntou os lábios, lembrando-se que a questão seria inútil... ou algo pior.

Inclinou a cabeça em sinal de assentimento. — Meu conselheiro científico é também meu auxiliar de comando... e minha esposa, declarou ele.

— Suas questões pessoais não dizem respeito a mim ou ao nosso prætor, — replicou o homem, sem hesitação. — Ela deve apresentar-se aqui imediatamente!

Enquanto a vergonha da derrota deixava rubro o rosto duro de Tazol, ele se forçava a responder com a saudação correta. — Assim será, meu senhor. — replicou ele, através dos dentes dolorosamente cerrados; depois entrou no elevador mais próximo antes que sua raiva explodisse. Já via o ar presunçoso de Sarela ao tomar conhecimento de suas ordens.

Num momento agora familiar de desespero, tocou na espada a seu lado... e se perguntou o que o todo-poderoso prætor acharia se o Capitão da *Ravon* fosse encontrado morto por suas próprias mãos.

Mas descartou o pensamento antes de começar a se encantar romanticamente com ele, apertando o botão que traria o elevador de volta para a ponte de comando. Só lhe restara um único pensamento agradável na mente: se alguma cabeça ia rolar em nome dos planos extintos do prætor de dominar a Galáxia, talvez fosse a cabeça da encantadora Sarela... e não a sua.

## NOVE

O Capitão Spock estava em seus aposentos, quando a campainha da porta tocou. Suspirou para si mesmo, irritadíssimo com a interrupção de sua meditação solitária, independente do fato de ainda faltarem vinte minutos para acabar seu turno de trabalho.

— Entre. — disse ele e, erguendo os olhos, viu o médico da nave de pé na soleira da porta. Levantando-se, o vulcano indicou uma cadeira ao doutor que entrava.

— Bem, Spock, — começou McCoy sem preâmbulos — sei que estas descobertas deveriam ser mandadas diretamente ao cientista-chefe para verificação imediata, mas, considerando as circunstâncias, achei que faria bem vindo direto ao trono. — Deu um sorriso forçado e sentou-se na cadeira de veludo preto das visitas.

— Sua tendência a exagerar os poderes do comando é muito desagradável, doutor. — replicou o vulcano, pegando a fita de computador que McCoy lhe apresentava. — Suponho que já fez a vid-sondagem de todos os voluntários.

McCoy concordou com um gesto de cabeça. — Estão todos na fita, Spock. — explicou ele, franzindo as sobrancelhas enquanto o vulcano introduzia o disco de informações no terminal da mesa. — Até agora, tudo são hipóteses, mas... — sua voz arrastava-se.

— Você tem alguma teoria? — surpreendeu-se o vulcano.

McCoy deu de ombros. — Tenho. — disse por fim — Talvez eu esteja meio maluco também, mas juraria que os dados que reuni até agora indicam que... bem... — Levantou as mãos, parecendo hesitar. — Tenho. — repetiu.

As sobrancelhas de Spock cerraram-se enquanto voltava para a cadeira atrás da mesa. — Por favor, vá ao âmago da questão, doutor. — disse ele, com a voz mais áspera que de costume. — O tempo é de suprema importância.

McCoy engoliu em seco. Não adiantava retardar a coisa se fazendo de bobo. — Bem, está começando a parecer que não há uma cura médica ou científica *real* para o que está acontecendo. — Pôs a articulação de um dedo na boca pensativamente, e então deu com o olhar perscrutador do vulcano. — Droga, Spock, não sei bem, mas juraria que esta coisa toda está sendo causada pelo... pelo próprio espaço! — Mas descartou sua própria afirmação com um rápido gesto de negação. — Bem, sou o primeiro a admitir que isto parece muita loucura, mas já lidamos com coisas de natureza semelhante antes, os tolianos, por exemplo. Semelhantes, — enfatizou ele — mas não

exatamente iguais. E com os halkanos. — acrescentou esperançoso. — Aquele universo paralelo.

— Está sugerindo que estamos entrando num plano dimensional alternativo, doutor? — interrompeu Spock, virando um dos botões de controle e parando a fita.

McCoy ergueu os olhos com vivacidade. — É uma parte da história. — confessou. — Mas não tenho certeza nem de que *isso* explicaria as coisas desta vez, Capitão. É como se *nós* não fizéssemos parte *deste* universo, ou como se todo esse universo fosse de algum modo... estranho à mente. — Conseguiu dar uma risada nervosa. — Ao menos com os tolianos, a *Shikahar* estava entrando num universo diferente, um universo pré-existente com efeitos físicos e fenômenos mensuráveis. E com a Missão Halkan: você, eu, Uhura e Scotty simplesmente... *trocamos de lugar* com nossos sócias do universo paralelo. Mas agora... — Calou-se.

O vulcano reclinou-se na cadeira, descansando os cotovelos nos braços dela enquanto os dedos encurvados se tocavam em frente ao peito. — Mas agora, — arriscou ele, completando a frase do médico — aqueles sócias não existem mais. As formas de vida parecem ser pré-existentes, mas será que este universo foi formado em algum tipo de microcosmo?

McCoy olhou para o vulcano. — Sim! — exclamou ele, surpreso de que o vulcano pudesse seguir seu raciocínio quando ele mesmo não tinha certeza de o estar acompanhando. — É exatamente isso, Spock! Mas a questão crítica é: a julgar pelas informações monitoradas naqueles vídeos, estes nossos sócias... daquele universo mesmo... *realmente* existiram um dia. — Mas com este pensamento, veio um outro. — *Nós* é que somos os fantasmas, Spock. — disse ele, estremeando ao fazer esta declaração peculiar. — E baseados no que vimos até agora, apostaria que essa loucura vai acabar por se espalhar pela Galáxia inteira.

Spock considerou aquilo. — Concordo, disse por fim. — Mas tentar recriar um universo inteiro, mesmo supondo que a teoria em si seja plausível, não é uma coisa fácil de conseguir. — Fez uma pausa. — Nem é fácil de aceitar principalmente para a inteligência humana.

— O que está querendo dizer, Spock? — perguntou McCoy com sarcasmo.

— A inteligência só é capaz de aceitar aquilo que compreende, doutor. — explicou o vulcano — E mesmo que a teoria do universo paralelo seja agora um fato aceito por todos, é difícil para a inteligência apreender o conceito de que nenhuma forma de vida é absolutamente única. Como descobrimos na Missão Halkan, há duplicações, sócias, se você quiser, com diferenças sutis ou pronunciadas. Se tentarmos persuadir o comando da Frota

de que *este* universo é que é instável, não acredito que o Conselho Supremo aceitaria esta informação como um fato. Na cabeça de qualquer homem, doutor, a vida é um direito; o direito à vida pertence somente a ele. É uma necessidade de sobrevivência individual, uma necessidade de ser único.

— Mas se *não* fizermos alguma coisa, — disse McCoy — aposto um ano de salário que o problema acabará... por se resolver sozinho. E esta, Spock, é a lei da natureza! Olhe para aquelas ordens de S't'kal! E mesmo que conseguíssemos nos esquivar delas, é apenas o começo. E não é mais tão simples como se fôssemos um perigo só para nós mesmos. Diabos, Capitão, com a tecnologia atual, toda esta *Galáxia* poderia estar sem vida dentro de um ano! Só nesta nave já tivemos vários casos de assalto, ameaças pessoais... e o enigma de Reichert sintetiza tudo isso!

— Evidente. — concordou o vulcano — Mesmo assim devo perguntar-lhe, enquanto uma forma de vida teoricamente única para si mesma, estaria disposto a morrer basicamente para preservar um *conceito* de estabilidade universal?

McCoy engoliu em seco, mas era uma resposta que já tivera de considerar. — Admito que não é uma idéia agradável, Spock, — disse com tranqüilidade — mas é *menos* agradável ainda pensar no que vai acontecer se você estiver certo e não fizer nada. — Inclinou-se para a frente, com os cotovelos descansando sobre a mesa. — Para o resto de nossa vida, por mais curta que seja, viveríamos num asilo galáctico, junto com todas as coisas que a espécie humana finalmente começou a superar: a guerra, a doença, a fome, o preconceito... — Sacudiu a cabeça com veemência. — Não, Spock, não sou um suicida mas também gostaria de pensar que não sou tão *egoísta* a ponto de considerar minha própria vida mais valiosa que a vida, e a sanidade, de um universo inteiro.

Um sorriso muito tênue pareceu repuxar os cantos dos lábios Unos do vulcano. — Posso tê-lo subestimado, doutor. — replicou o Capitão. Mas a graça que pode ter achado desvaneceu-se rapidamente. — Há só mais uma pergunta que preciso fazer-lhe antes de continuar.

McCoy esperou.

— Você tem uma teoria que explique por que só certos indivíduos parecem ser afetados pela loucura? — perguntou o vulcano em seguida.

— Na verdade, — disse McCoy com um sorriso — tenho. Se, e repito *se* esta teoria do universo dual estiver correta, então é evidente que algumas coisas sempre vão continuar as mesmas. — Deu de ombros. — Como com os halkanos, por exemplo: as mesmas pessoas em ambos os universos, os mesmos papéis básicos na vida; só num plano dimensional diferente.

— Mas estou começando a pensar que as pessoas *não* afetadas estão

representando *neste* universo o mesmo papel que representam no... no universo a que realmente pertencem, seja qual for. — Balançou a cabeça. — Diabos, Spock, sou um médico, não um cientista teórico, mas acho que você pegou o sentido geral. Eu, por exemplo, provavelmente não estou sendo afetado por ser um médico em ambos os lugares. Reichert, por outro lado... — Parou por um momento. — Reichert tem a constituição mental *deste* universo que fez dele um engenheiro. Mas em *outro* universo, no universo 'real', se quiser, ele poderia muito bem ser um homem de negócios ou um comerciante, ou mesmo um gigolô em Rigel! Quem sabe? Mas é provável que seja algo completamente diferente. — Hesitou mais uma vez. — E, no entanto, — continuou por fim — as próprias moléculas que determinam como uma inteligência funciona são pré-determinadas no código genético dos pais. E se aquele *código* continua o mesmo em dois universos diferentes, mesmo assim, se o *meio ambiente* for diferente no universo paralelo, aí o cérebro fica desarranjado. Resultado: insanidade eventual devido à incapacidade de lidar com a mudança. — Deu de ombros mais uma vez. — Se preferir uma abordagem bem psiquiátrica da coisa, é a teoria do prego quadrado e do buraco redondo: a mente rebela-se contra qualquer coisa essencialmente contrária à natureza pessoal.

Depois de um momento de silêncio, o vulcano abriu a gaveta mais alta da mesa, retirando uma segunda fita de computador. — Em essência, — disse ele — suas teorias confirmam as minhas, e as teorias dos computadores de pesquisa da nave central também. — Fez uma pausa. — Também tomei a liberdade de traçar uma curva do tempo que, acredito, vai dizer-nos precisamente quanto tempo temos antes que a situação piore a ponto de não haver mais remédio.

Os olhos de McCoy arregalavam-se à medida em que as palavras do vulcano eram pronunciadas. Olhou desconcertado para a fita. — Por que não me falou sobre isso há uma hora atrás, Spock? — reclamou ele, perguntando-se se o vulcano não quisera apenas vê-lo roer-se de despeito.

O Capitão levantou-se e começou a andar pela sala. E quando falou de novo, sua voz estava muito tranqüila, quase excessivamente. — Como eu mesmo estou sendo... afetado... por esta alteração aparente, achei que não podia confiar em minhas próprias teorias com exclusão de todas as outras. Eu... gostaria de saber se você e eu, trabalhando em condições diferentes, poderíamos tirar as mesmas conclusões e formar as mesmas hipóteses independentemente um do outro.

McCoy sentiu que se acalmava em relação ao Capitão. Não era freqüente que Spock admitisse *qualquer* dúvida, qualquer fraqueza. — Então... se entendi bem, você teve... mais problemas?

Os olhos do vulcano fecharam-se, quase dolorosamente. — Segundo meus cálculos, doutor, — respondeu ele, evitando a pergunta direta — temos exatamente quinze dias vulcanos médios antes da insanidade se espalhar sem qualquer chance de controlarmos ou isolarmos seus efeitos. — Indicou a fita com um rápido movimento de cabeça. — Durante este período, precisamos nos esforçar para...

— Para quê? — perguntou McCoy, um momento de desespero insinuando-se e juntando-se à frustração. — Construir um universo que nenhum de nós pode sequer provar que existe? E em quinze dias? — perguntou, soltando uma risada incrédula. — Diabos, Spock, a lenda diz que a Terra foi criada em sete dias! E agora você está me dizendo que você e eu, um vulcano e um simples mortal, vamos construir um universo inteiro em duas semanas! — Soltou de novo a risada sarcástica. — Tudo bem, Spock. — disse num tom tranquilizador. — Você fica com as nebulosas e os quasares; eu cuido das coisinhas pequenas: planetas, sóis e as peculiaridades do destino pessoal de trilhões de formas de vida!

Uma sobrancelha do vulcano ergueu-se em advertência. — Se você pode sugerir uma alternativa, doutor, estou muito disposto a discuti-la.

McCoy levantou-se da cadeira, começou a falar e depois pôs-se a se levantar na ponta dos pés enquanto os lábios se apertavam.

— Se não tem, — continuou o vulcano — então sugiro que reveja imediatamente a fita editada. Vai encontrar a confirmação computadorizada de suas teorias na gravação, doutor.

McCoy mordeu o lábio inferior de frustração, forçado a ignorar o tom gélido do vulcano. — Certo. — disse por fim, obrigando-se a se acalmar. — E eu sugiro que faça o mesmo com a fita de vid-sondagem, Spock. — Virou-se para sair e, de repente, mudou de idéia. — Ah! Você vai perceber que 13 das 198 fitas que gravamos dão um resultado negativo com coental.

Uma sobrancelha levantou-se. — Explicação?

McCoy sentiu a morte deixar-se entrever sobre seu ombro. — É pura especulação, é claro, mas... minha teoria pessoal é que essas treze pessoas já... viveram sua vida em outro universo, qualquer que seja. — Parou, pensando naquilo. — O que levanta a questão da moralidade: temos o direito de... condenar estas pessoas à morte, quando tiveram basicamente outra chance de viver?

O vulcano guardou silêncio por muito tempo. — Talvez uma pergunta mais apropriada fosse: temos o direito de *não* fazê-lo, considerando tudo o que está em jogo?

McCoy deu um suspiro profundo. — De qualquer modo, Spock, é uma troca de vidas. — Mas deixou o argumento de lado, forçando-se a

compreender a situação do vulcano; estava simplesmente muito satisfeito por estar na própria pele e não na do Capitão. — Sei que não é uma resposta fácil, — disse com suavidade — por isso não se apresse em chegar a ela. É só mais um ângulo a considerar.

A cabeça do vulcano inclinou-se em concordância enquanto ele olhava nervosamente para o cronômetro de sua mesa. — Entendo. — murmurou, voltando para a cadeira e sentando-se. Ergueu os olhos, que se encontraram com os de McCoy. — Mais alguma coisa, doutor?

McCoy balançou a cabeça. — Oh, sim. — lembrou-se de súbito — *Há* mais uma coisa. Sentou-se de novo. — Aquele novo alferes, Kirk?

O vulcano olhou vivamente para o médico.

— Bem. — disse McCoy arrastando a palavra, grato pela mudança de assunto. — Conversei com seu novo companheiro de quarto, Jerry Richardson, ontem à tarde e ele disse que não viu nem a sombra de Kirk desde que você ordenou ao oficial da intendência para colocá-los juntos. — McCoy deu de ombros. — Pode não ser nada. — disse antes do vulcano poder responder. — Mas depois que você der uma olhada naquelas vidsondagens, acho que vai entender porque estou um pouco... preocupado com Kirk.

— Explique-se, por favor. — pediu o vulcano inclinando-se para a frente com a curiosidade.

— Não tenho certeza, claro, respondeu o médico de forma hesitante, — mas Kirk *realmente* tem uma semelhança notável com algumas imagens daquela fita. — Reclinou-se, mordendo o lábio pensativamente. — E também descobri que você mandou Kirk apresentar-se na enfermaria *a noite passada*.

— Preferiu não fazê-lo. — afirmou o vulcano sem grande surpresa.

— Parece que não. — confirmou McCoy — Mas se você o interrogasse sobre isso, é provável que viesse com aquela conversa fiada sobre o fato de ignorar uma ordem ser passível de exoneração imediata, e você não conseguiria muitas informações sobre o verdadeiro problema. — Fez uma pausa. — Mas Kirk *realmente* entrou em meu consultório cambaleando hoje de manhã bem cedo. E vou lhe dizer, Capitão, ele parecia arrebitado mesmo. No começo, não quis me dizer o que estava errado, não queria deixar ninguém tocá-lo, mas depois passou a exigir lidacin.

— Lidacin? — repetiu Spock baixinho. — Para que ele...? — Mas aí a resposta veio. Sob a influência daquele poderoso tranquilizante, o humano não sonharia; certos impulsos elétricos para o cérebro ficariam amortecidos; a comunicação com a mente consciente não seria tão nítida. Uma medida que não levaria à cura mas, mesmo assim, era um placebo eficiente. Olhou

para McCoy.

— Respondendo à sua pergunta, — replicou o médico — não lhe dei lidacin. — Mas quando lhe pedi para se deitar na mesa, começou a recuar como se eu tivesse acabado de lhe dizer que ia matá-lo com um machado. Além de mim, foram precisos quatro serventes para colocá-lo na cama, e uma dose dupla de coental para acalmá-lo pelo período necessário para fazer um exame completo. — Fez uma pausa. — Quando terminei os testes, vi que esse rapaz está com alguns problemas sérios que ninguém descobriu antes. — Balançou a cabeça, parando um momento para pensar. — Eu *adoraria* fazer-lhe uma vid-sondagem, embora suspeite que ele prefere andar sobre brasas a submeter-se a *qualquer coisa*.

Spock sentiu-se tenso. Mais uma vez, as suspeitas de McCoy sobre Kirk confirmavam as suas. O alferes *era* importante, de certo modo. — Exatamente que tipo de... problemas descobriu, doutor? — perguntou por fim, lutando para manter a voz neutra.

Ao franzir as sobrancelhas, o rosto de McCoy assumiu lentamente uma expressão preocupada. — Em primeiro lugar, ele está viciado em lidacin há um bom tempo, só que não é do tipo que usamos na nave. Não me pergunte onde tem arranjado a coisa, mas ele tem injetado em si mesmo uma solução a noventa por cento há seis meses no mínimo. Diabos, Spock, não é de admirar que pareça um zumbi a metade do tempo.

Spock ficou em silêncio por um momento. — Suponho que vá começar a fazer um tratamento do vício.

McCoy balançou a cabeça num gesto de assentimento. — Claro, mas vai levar tempo. — lembrou ao vulcano — O principal meio de cura é a abstinência, que também não vai ser fácil para ele. Embora eu pessoalmente não simpatize com *ninguém* viciado em drogas, simpatizo ainda menos com aquelas colônias de reabilitação de Órion, que é onde ele vai parar se alguma outra pessoa souber disso além de você e de mim. Mas agora...

— Entendo. — disse o vulcano com suavidade, sentindo um pesar pessoal profundo pelo fato da vida do jovem alferes parecer consistir daquele turbilhão. O humano *era* diferente, fascinante... e, de certo modo, ligado de forma crítica a ambos os universos. O vulcano ergueu uma sobrancelha enquanto pensava em silêncio. Talvez Kirk fosse a chave para se chegar à resposta, se é que havia alguma...

— O único curso de ação que sugiro, — continuou McCoy, chamando o vulcano de volta à realidade — é tentarmos fazer isso passar despercebido, principalmente de homens como Donner. Se Kirk quer mesmo *sair* da Frota como diz, então precisa dar um jeito de espalhar que *é* um viciado em drogas, para conseguir uma exoneração.

O vulcano ergueu os olhos. — Parece que não, — discordou ele — ou com certeza se teria aproveitado daquela oportunidade quando ainda estava na Academia esperando por um lugar na ativa. — Sacudiu a cabeça.

— Não... o alferes Kirk queria estar aqui; c não acredito que seja inteiramente por acaso.

McCoy considerou a opinião de Spock. — Em outras palavras, você pensa que ele pode estar blefando, tentando ver se pode levar a melhor?

— Não tenho certeza, — respondeu Spock — pois nunca entendi a capacidade humana de dizer uma coisa quando se deseja uma outra completamente diferente.

McCoy sorriu. — Como Seu Coelho c a moita de espinhos.

Um ar de confusão surgiu nos traços angulares do vulcano. — Seu Coelho?

Mas McCoy apenas ria. — Não é nada, Spock. — murmurou ele. Então ficou sério, obrigando-se a voltar aos problemas mais imediatos. — O principal agora é começar o programa de tratamento.

— Comece imediatamente, doutor. — ordenou Spock. No fundo de sua consciência, percebeu que estava colocando a própria carreira em serio risco, e possivelmente também a segurança da *ShiKahr*, baseado apenas num sentimento. Mas a transferência de Kirk agora não serviria para nada. *Eu daria uma draga de alferes, Spock.* As palavras fantasmagóricas voltaram, ditas com tanta clareza quanto se o homem estivesse exatamente à sua frente.

McCoy balançou a cabeça como que para si mesmo, notando o olhar distante de seu Capitão. — É. — murmurou o doutor — Talvez eu esteja procurando chifre em cabeça de cavalo, mas ele tem uma coisa... uma coisa que vale a pena aproveitar.

— Que ferimentos exatamente você detectou? — perguntou o Capitão depois de um momento.

McCoy zombou. — Um monte, Spock — a maior parte da época em que passou na prisão da Terra. Muitos ossos quebrados; todos bons agora. Uma cicatriz no tecido do pulmão esquerdo devido a pneumonia bronquial, nada de terrivelmente surpreendente, considerando seu enfraquecimento e as condições de vida da prisão. Muitas contusões, — acrescentou — e algumas lacerações. — O tom de voz ficou grave. — Todas recentes, devo acrescentar. Mas os ferimentos físicos são apenas a ponta daquele iceberg proverbial.

— O Dispositivo Talos. — observou Spock, cujo tom de voz beirava o desprezo.

— O Dispositivo Talos. — confirmou McCoy — Aquela coisa do diabo foi muito utilizada nele, portanto, não é mistério algum o porquê de não o

submetermos a uma vid-sondagem. — Balançou a cabeça de novo. — E não é de admirar que estivesse tentando me surrupiar lidacin. É provável que tivesse pesadelos deixados pelo Dispositivo Talos que fariam um campo de concentração klingon parecer um retiro espiritual de sexto grau. — Fez uma pausa. — Prescrevi-lhe benzaprin por via oral, o que deve amenizar os efeitos da retirada em poucos dias. — Mas a preocupação anuviou seus olhos. — O único problema é que ele vai ter de descer à enfermaria todas as noites para pegar os comprimidos. Não tenho confiança de deixá-lo com um vidro daquilo; deve ser como bala perto do que ele vem pondo para dentro. Teria uma *overdose* em um dia.

— Deixe o medicamento comigo. — sugeriu Spock. — No mínimo, seria um pretexto para interrogar melhor o alferes, e um pretexto mais delicado. Além disso, chamaria muito a atenção se ele fosse visto na enfermaria todas as noites; nem um homem com a inteligência limitada de Donner teria dificuldade em deduzir a razão.

McCoy pareceu hesitar, mas concordou. — Trago-lhe daqui a algumas horas. — respondeu, levantando-se da cadeira — Mais alguma coisa, Spock?

O vulcano pensou por um momento. — Negativo, doutor. — replicou por fim.

— Bem. — concluiu McCoy, dirigindo-se à porta — Como ainda tenho algumas horas para relacionar estes dados, seria melhor voltar ao meu tacho e aos meus chocalhos... — Por um momento, o médico sentiu um choque interno. Parecia tão natural... como a lembrança de um sonho... Spock chamando-o de bruxo curandeiro... enquanto uma outra pessoa ficava no fundo reprimindo um sorriso. Estremeceu e perguntou-se se ele também não estaria começando a escorregar. Uma outra pessoa. O terceiro lado do triângulo. Um humano de cabelos dourados, de olhos dourados. Mas antes de poder refletir melhor, Spock levantou-se para acompanhá-lo até a porta.

O vulcano estudou o médico. — Sempre suspeitei de que suas práticas médicas não fossem inteiramente científicas. — murmurou ele, embora também tivesse uma estranha sensação de *déjà vu* ligada à declaração peculiar de McCoy. Perguntou-se rapidamente se era McCoy quem sempre estivera a seu lado. E embora esta imagem traduzisse uma certa verdade, reconheceu que não era inteiramente precisa. As imagens insinuavam-se em sua mente. Azul e dourado. Calor e amizade. Momentos perdidos em que a sólida máscara do vulcano não estava tão apertada.

Em algum lugar, disse a si mesmo, encontraria de novo aquela realidade... ou a criaria.

Assim que a porta se fechou atrás de McCoy, o painel de comunicações começou a soar com insistência. O vulcano foi até lá, tenso sem qualquer motivo perceptível.

— Spock falando. — disse ele ao ligar o aparelho.

— Capitão, — respondeu a voz de Uhura — acabamos de receber uma mensagem do comando da Frota. A voz dela parecia um pouco tensa, confusa. — O almirante S't'kal deu ordens para que a *ShiKahr* se desvie imediatamente para o sistema estelar canusiano. — Fez uma rápida pausa, depois continuou. — Segundo a mensagem, devemos trazer o embaixador canusiano a bordo para negociações referentes à participação de Canus Quatro na Aliança.

O vulcano sentou-se, olhando o painel com cautela. Negociações rotineiras para a assinatura de tratados no meio de uma guerra não-declarada, planejada para começar em menos de uma semana. Uma sobancelha ergueu-se. — A que distância exatamente está o sistema canusiano, Tenente?

— perguntou por fim.

— O senhor Chekov informa que Canus Quatro está apenas a doze anos-luz de distância de nossa posição atual, Capitão. — respondeu Uhura.

Durante o que pareceram horas, mas não passaram de quinze segundos, o vulcano considerou a situação. Obviamente, pensou ele, a Missão Canusiana não passava de mais um sintoma da loucura de S't'kal. E, no entanto... o vulcano percebeu que *poderia* servir muito bem para ganhar tempo, desde que usasse as novas ordens em proveito próprio. Se a *ShiKahr* tinha de ser detida, talvez S't'kal ao menos adiasse a entrada em território romulano. Mas... talvez não.

— Muito bem, Tenente. — replicou o vulcano por fim — Peça ao navegador que calcule uma rota para o sistema canusiano na dobra máxima. Informe-me assim que a *ShiKahr* entrar em órbita planetária.

Durante um momento, houve um silêncio tenso. Finalmente a voz de Uhura saiu pelo painel, num canal de privacidade inviolável. — Senhor? — chamou ela num tom abafado. — E sobre... as *outras* ordens?

— Aparentemente, Uhura, — respondeu o vulcano, detectando com facilidade a preocupação dela — o almirante S't'kal decidiu que negociar a paz com um mundo é mais importante que começar a guerra com todo um império. E... neste caso particular, acho que está certo.

Através do painel, Uhura riu com suavidade. — Lógico, Capitão. — disse calmamente.

— Spock desligando. — Desligou o aparelho de comunicação, reclinou-se na cadeira e respirou fundo. Nada lógico, percebeu. Mas não inesperado. S't'kal estava louco mesmo... e logo, pensou o vulcano, não estaria sozinho

em sua loucura.

Era tarde da noite quando a campainha da porta soou de novo, e embora o vulcano já tivesse abandonado a idéia de dormir havia muito tempo, o som áspero ainda era desagradável. Levantou-se da cama, só então percebendo que havia caído num estado de meditação leve enquanto planejava os detalhes do encontro programado com o embaixador canusiano. Olhou para o relógio: duas da manhã. A campainha soou de novo, mais insistente... e mais desagradável.

— Entre! — disse secamente, surpreso com o tom duro de sua voz.

A porta abriu-se revelando o alferes Kirk de pé no corredor, com os brilhantes olhos cor de mel percorrendo nervosamente toda a extensão do corredor até o interior do quarto mal iluminado. Não falou enquanto entrava, e as portas fecharam-se atrás dele com um ruído.

O vulcano estudou-o durante um momento, detectando logo o constrangimento oculto por trás de uma expressão de desafio. Por um instante brevíssimo, o vulcano perguntou-se o que, em todos os mundos possíveis, teria trazido o humano à sua porta àquela hora da noite; mas logo a memória lhe voltou, e lembrou-se dos comprimidos que McCoy lhe levara algumas horas antes. Sem preâmbulos, alcançou a segunda gaveta da mesa, retirou o vidro de benzaprin e colocou duas cápsulas na palma da mão, sentindo-se incomensuravelmente nervoso na presença do humano. Estendeu a mão com os comprimidos na direção de Kirk, mas o alferes não levantou os olhos.

— Acho que McCoy lhe falou sobre meu... probleminha. — murmurou o humano, como que para si mesmo — Mas desde quando os aposentos do Capitão são usados como farmácia? — Estava com raiva por se saber descoberto por alguém e especialmente embaraçado pelo fato do comandante vulcano estar obviamente informado. Mas sentiu que sua firme resolução começava a enfraquecer. Ergueu os olhos, encontrando os do vulcano.

— O doutor informou-me de seu vício em lidacin. — confirmou o vulcano depois de um momento. Kirk era um grande enigma. Nunca poderia prever quando o humano reagiria com raiva, quando ficaria constrangido, quando simplesmente se fecharia por trás daquele muro impenetrável e ficaria intratável por completo. E o fato de só ter conhecido o alferes há pouco tempo não afastava a fantástica sensação de desamparo. — Em resposta à sua segunda pergunta, — continuou ele — pensei que seria melhor para todos os interessados se você viesse aqui em vez de ir à enfermaria.

— Fez uma pausa, depois arriscou-se de novo. — Você... obviamente não deseja que seja um fato notório que você... está passando por dificuldades, e não acredito que deseje mesmo ser transferido desta nave. — Então, pensou ele, o pôquer era assim.

Kirk ergueu os olhos, começou por negar, depois abandonou a pose com um suspiro profundo, enquanto se deixava cair pesadamente numa cadeira, sem ter sido convidado a sentar-se. — Importa-se que eu me sente?

— perguntou depois do fato consumado.

A sobranceira do vulcano foi lá em cima quando o Capitão sentou-se em sua própria cadeira. O blefe funcionava. Esperou em silêncio.

— Por que se importa? — perguntou Kirk por fim.

Spock desviou o olhar. Mas o jogo era muito alto para permitir que a intimidação interferisse com a lógica. — Eu... discuti seu caso com o doutor McCoy, — começou ele, perguntando-se onde aquela afirmação acabaria por levá-lo — e cheguei à conclusão de que você é de algum modo... um fator crítico na sobrevivência deste... Universo.

Mas Kirk riu, trazendo-o de volta à realidade. — Bom, *esta é* uma viagem de muita culpa, Capitão. — disse ele com audácia — Sei que a *ShiKahr* recebeu umas ordens estranhas, mas dizer-me que *eu* sou um fator crítico é levar a psiquiatria um pouco longe demais, não é?

O vulcano estremeceu, olhando desolado para o quarto. — Não posso oferecer uma explicação lógica. — respondeu com sinceridade — Só posso lhe dizer que... *sinto...* que é verdade. — Forçou-se a erguer os olhos mais uma vez, obrigando-os a fixarem-se nos do humano. De algum modo, não esperava *isso*. Se *ele* foi o intimidador antes, agora parecia que suas posições tinham se invertido. Kirk estava questionando *a ele*. E, no entanto... parecia certo, normal, seguro. Cedeu à intuição. — Como já o informei antes, há uma grande possibilidade de não sobrevivermos além desta semana. Neste momento, parece que conseguimos, como dizem vocês humanos, ganhar um certo tempo. Mas não hesito em lhe dizer, confidencialmente, que ainda não temos pleno conhecimento do que estamos enfrentando, nem como... corrigir qualquer dano que tenha sido feito. — Fez uma pausa, perguntando-se se estaria tomando a decisão correta. Mas voltar atrás não levaria a nada, e talvez até piorasse as coisas. Perguntou-se o que o humano estaria pensando, que pensamentos estariam cruzando aquela inteligência rápida. — De qualquer modo, — continuou depois de um momento — fomos desviados para o sistema canusiano. — Sustentou aquele olhar intenso. — E, à guisa de experiência, designei-o para participar do grupo de terra.

Kirk arregalou os olhos. — Por quê? — perguntou simplesmente.

O vulcano hesitou, abaulando os dedos em frente ao peito, desejando que

este gesto lhe trouxesse a serenidade esperada. — Os arquivos de sua antiga Academia indicam que você é bastante apto para a diplomacia, alferes. — replicou ele, preferindo uma abordagem formal — E como diversos membros da tripulação estão temporariamente... incapacitados... acho necessário utilizar seus serviços.

Kirk olhou para o vulcano, e um sorriso começou a abrir lentamente seu belo rosto. — E se eu recusar? — perguntou com vivacidade.

A sobranceira levantou-se mais uma vez. — Neste caso, — respondeu o vulcano — não teria outra alternativa além de expedir sua exoneração imediata da Frota. — Fez uma pausa. Pôquer mesmo. — Você seria transportado para o espaçoporto de Canus Quatro e depois à colônia de Orion. — blefou o vulcano. Depois inclinou-se para a frente, descansando os cotovelos na mesa. — A decisão é sua, Jim.

Kirk levantou-se da cadeira, balançando a cabeça com incredulidade. Afastou-se do vulcano, sentindo uma explosão da antiga cólera. Mas esta logo se desvaneceu, vencida pelo respeito ao comandante. — E o que o leva a pensar que eu agarraria esta oportunidade? — perguntou.

— Você não é tolo, alferes. — respondeu o vulcano — Acho que é... — Hesitou, lutando com sentimentos que se apossaram dele de repente. — Acredito que esteja... tão deslocado em seu papel atual quanto parece, afirmou por fim. — E que você... — Mas não era fácil dizer; uma vida inteira de disciplina e lógica lutava pela sobrevivência. — que você... vai encontrar a força dentro de si para... ajudá-lo nesta questão.

Kirk balançou a cabeça de novo, depois virou-se para encarar o vulcano, perguntando-se se seria realmente possível confiar de novo em alguém. Começou a falar, depois fechou a boca com as palavras ainda presas na garganta. Respirou fundo. — Está bem. — concedeu por fim. E, de algum modo, aquilo não feriu o orgulho feroz nem o ego obstinado como ele de certa forma esperava. — Pelo bem de todos, vou participar do grupo de terra.

O vulcano balançou a cabeça como que para si mesmo. — Obrigado. — murmurou, reconhecendo a falta de lógica de suas palavras — Com nossa velocidade atual, estaremos entrando na órbita canusiana de manhã cedo. Por favor, esteja na sala de transporte às oito horas.

Kirk concordou, sentindo-se constrangido de repente ao notar as duas cápsulas de benzaprin na mesa do vulcano. Virou-se para a porta.

— Alferes?

Parou, mas não encarou o vulcano.

— Será que você... ? — Mas sua voz calou-se.

Kirk sacudiu a cabeça numa negativa silenciosa da pergunta incompleta. — Diga ao doutor que as joguei na privada e dei descarga. — disse

calmamente, e entrou no corredor antes que o vulcano pudesse responder.

Assim que se viu fora dos aposentos do Capitão, inclinou-se pesadamente sobre a antepara, fechando os olhos. Uma outra pessoa o havia feito dizer as coisas que dissera. Uma outra pessoa penetrara em sua mente. Girou distraído o anel de ouro puro da Academia na mão esquerda enquanto se deixava escorregar até o chão e começava a tremer. Uma outra pessoa... *Acredito que esteja tão deslocado em seu papel atual quanto parece.*

Respirou fundo, passando a mão pelo metal liso do corpo da nave. *Ela... deusa prateada.* Estava na hora de mudar...

Depois de um momento, levantou-se do chão frio, ouvindo o ronronar agradável dos propulsores. A realidade respirava... com mais facilidade agora.

Kirk entrou em silêncio nos novos aposentos que lhe haviam sido designados, olhando à sua volta enquanto tirava a túnica e se jogava na cama, cobrindo o rosto com um braço. Apesar do passeio prolongado no jardim botânico da nave, o sono lhe fugia. E a conversa com o vulcano, agora que a distância e o tempo intervinham, deixou-o confuso. Não era fácil importar-se de novo com alguma coisa, não depois do que lhe acontecera na noite em que o instrutor Sorek morrera. Seus amigos o abandonaram sem avisá-lo de nada; mas apesar do fato de "cada um por si" sempre ter sido a regra tradicional da Academia, a amargura continuava a intrometer-se sempre que as lembranças ameaçavam vir à tona. Mas agora parecia que alguém que *devia* ser um estranho absoluto, e o Capitão da nave ainda por cima, estava se dando ao trabalho de ser amável com ele. Mas o que mais perturbava aquele humano era que ele *realmente* se importava... ou algo dentro dele.

Com um suspiro profundo, girou sobre os pés para verificar o cronômetro e confirmar que deveria estar na sala de transporte em menos de uma hora. Mas quando se dirigiu ao banheiro para tomar um banho e vestir-se, as portas se abriram mostrando seu novo companheiro de quarto.

Richardson sorria ao entrar no quarto. — Bom, — disse ele, olhando para Kirk com curiosidade — ela finalmente o pôs para fora?

Kirk parou, pego de surpresa pela pergunta. — *Quem* me pôs pra fora? — perguntou com cautela.

Richardson deu de ombros, sentando-se na beira da cama. — A pessoa com quem você dormiu nas últimas duas noites. — esclareceu ele, desamarrando as botas pretas e atirando-as a esmo para um canto — Você não esteve aqui, — acrescentou — por isso naturalmente supus... — Piscou

com ar de conspiração.

Apesar da natureza presunçosa do homem, Kirk sentiu-se relaxar. Era evidente que Richardson não era nada parecido com Donner. — Não, — murmurou ele — 'ela' não me pôs para fora. — Virou-se para o banheiro mais uma vez e então voltou-se impulsivamente para o outro homem. — As plantas é que me fizeram companhia. — explicou.

Richardson concordou distraído, enquanto tirava a túnica do uniforme e recostava-se na cama, olhando o movimento dos dedos dos pés. — Sei, — disse ele — eu ia muito lá da primeira vez em que fui designado para a *ShiKahr*. Sempre é bom levar a namorada a um lugar diferente, um lugar onde você não precisa lembrar que está em cima da maior explosão potencial da Galáxia. — Estremeceu de forma dramática. — Que diabo, se aquele episódio lá em baixo na engenharia tivesse sido um pouco diferente, haveria pedaços de você e de mim espalhados daqui até o império toliano!

Kirk sorriu pensativo. — Então... não é apenas um boato? — perguntou, sentando-se na beira de sua própria cama. Ao menos Richardson parecia disposto a conversar fiado e não fazer um monte de perguntas embaraçosas.

O outro alferes deu de ombros. — Pois é. — disse por fim. — Todo mundo lá do laboratório de psicologia está tentando abafar a coisa, mas...

— Sorriu. — Mas sempre escape alguma informação.

Kirk sorriu. — Você trabalha no laboratório? — perguntou para manter a conversa.

— Pois é. — confirmou Richardson — É isso.

Kirk cerrou as sobrancelhas. — Você parece animadíssimo.

— Bem, — replicou Richardson, espreguiçando-se — exatamente agora estamos envolvidos num projeto de vid-sondagens; ao todo, metade da tripulação. O doutor não fala nada, mas não é difícil imaginar o que está acontecendo. Diabos, — continuou — quando duzentas pessoas começam a fazer fila do outro lado da porta, você pode apostar que há um motivo.

— Alguma idéia... sobre o *tipo* de motivo? — perguntou Kirk instigando-o.

Um sorriso abriu o rosto de Richardson. — Bem, eu gostaria de pensar que é um fã-clube meu, ao menos no que diz respeito à população feminina mas, neste caso, parece que se trata de um surto de paranóia ou algo semelhante. — Piscou de novo. — A segurança está armada com redes de caçar borboletas e pinos de alpinista, de maneira que eu não me preocuparia, Jim.

Kirk riu; a primeira gargalhada de verdade em meses. — E quanto a você? — perguntou de maneira significativa.

Richardson desviou o olhar e seu rosto se anuviou de repente; por um

momento Kirk se perguntou se já se indispusera com seu novo companheiro de quarto. Mas o outro alferes respirou fundo e apoiou-se num dos cotovelos, enquanto seus traços assumiam uma expressão de contrariedade.

— Sei não. — disse Richardson por fim. — Senti umas pontadas. Kirk sorriu tranqüilizadamente.

— Tais como... — O outro alferes sorriu a uma lembrança particular. — Tal como ir até a ponte outro dia... fazendo coisas que não sei explicar.

Kirk esperou.

Por fim, Richardson continuou. — Simplesmente fui para a ponte como se o lugar fosse meu. — disse ele.

— E daí? — perguntou Kirk. — O que há de tão estranho nisso? — Por alguma razão, Richardson parecia ser da ponte. Segundo turno do dia. Alívio.

— Em si, nada. — respondeu Richardson — Todo mundo sabe como chegar ali, até as pessoas que *supostamente* não sabem! — Deu de ombros como se quisesse amortecer a lembrança. — O estranho foi que me sentei na cadeira do navegador e comecei a brincar com Sulu como se fosse a coisa mais normal do mundo. Por sorte, — gemeu ele — foi na hora da mudança dos turnos, de modo que o Capitão Spock ainda não estava na ponte. Todos devem ter pensado que estava só me fazendo de engraçado ou algo parecido, mas... não estava.

A nuvem que estava sobre a cabeça de Kirk desceu mais um pouco, quando ele pensou nas suas próprias reações nos aposentos do Capitão, apenas algumas horas atrás. — Simplesmente parecia a coisa natural. — presumiu ele.

— É. — concordou Richardson com uma risada constrangida. — E não é tudo. Quando olhei para aquele painel, conhecia cada controle, cada manobra que esta nave poderia fazer. E *nunca* recebi treinamento sobre os controles de navegação. Eu me interessava pelo lado teórico das ciências, gostava de fazer pesquisa; nunca entrei na parte mais concreta, nem em planos de batalha. Mas juro, Jim, eu *conhecia* aquilo tudo! Eu poderia ter pilotado esta nave tão bem quanto Sulu, talvez até como Spock!

— E o que mostra a sua vid-sondagem? — perguntou Kirk com curiosidade.

Richardson deu de ombros. — Eu... não fiz a vid-sondagem. — disse depois de um momento de silêncio — Não me pergunte por que, Jim, mas... a idéia daquela máquina contando todos os meus segredos me dá arrepios. — Seu sorriso alargou-se. — E com S'Parva bem ali...

Kirk sorriu. — Acho que entendo o que você quer dizer. — respondeu ele, detectando facilmente o fascínio de seu companheiro de quarto pela

katellana. Mas uma idéia começou a surgir devagar. — Então... por que você, em nome da ciência, é claro, — disse ele com malícia — não dá um jeito de conseguir que S'Parva estabeleça um vínculo telepático com você? — Deu de ombros, sentindo-se relaxado e à vontade com seu novo amigo. — Pelo que ouvi dizer dos katellanos, *isso* mostraria tantas coisas quanto uma vid-sondagem, e com metade do constrangimento.

Richardson olhou para Kirk, depois pestanejou. — Você está falando sério, não está?

Kirk sorriu. — Por que não? — perguntou ele. — Você poderia dizer-lhe que é um fator de controle de experimentos, uma abordagem mais 'humanista' para compensar a tecnologia da vid-sondagem.

Um grande sorriso aflorou lentamente ao rosto de Richardson. — Você sabe, — refletiu ele — ela poderia entrar nessa. Fez uma pausa, estendeu as pernas e olhou para o cronômetro. — Ela vai estar no primeiro turno em menos de uma hora. — continuou ele como se falasse consigo mesmo. Por fim, levantou-se da cama, espreguiçando e bocejando. — *E é* uma boa idéia, Jim, o fator de controle, quero dizer.

Animado, Kirk deu de ombros. — Conte-me como as coisas se desenrolam. — arriscou-se a dizer, levantando-se e dirigindo-se ao chuveiro sônico. — Eu poderia dar-lhe uma mãozinha, mas tenho de estar na sala de transporte em meia hora.

As sobrancelhas de Richardson cerraram-se. — Sala de transporte? — repetiu.

— E. — gritou Kirk do banheiro, girando com rapidez o botão para o lugar certo do mecanismo do chuveiro. Depois de alguns momentos de ondas acústicas agradavelmente picantes, abriu a porta e saiu, voltando para o quarto. Abriu o armário e tirou a túnica de seda vermelha do uniforme.

Rápido, Richardson veio pelo outro lado, tirou a túnica vermelha da mão de Kirk e jogou-a para cima com impaciência. — Aqui. — disse ele, procurando no fundo do armário até encontrar uma túnica azul — Divirta-se um pouco, *e viva* um pouco mais, Jim. — insistiu ele.

As sobrancelhas de Kirk o interrogaram.

E Richardson deu de ombros. — Digamos que *nesta* nave, e provavelmente em qualquer outra, você não queira usar uma camisa vermelha nos compromissos do grupo de terra.

Kirk balançou a cabeça rindo... e enfiou rapidamente a túnica azul pela cabeça.

O grupo de terra, constituído por cinco membros, foi transportado pelo feixe direcional, segundo as coordenadas especificadas pelos computadores, e se descobriu numa área pantanosa. Grandes árvores parecidas com os

ciprestes da Terra cresciam em abundância, e demônios de vapor erguiam-se do lamaçal quente, como dedos fantasmagóricos estendendo-se para o céu cinza-prateado. No horizonte longínquo, o trovão ribombava sinistramente, e um clarão ocasional de relâmpagos abria caminho entre as nuvens.

O Capitão Spock observou as imediações com uma expressão próxima da exasperação, depois virou-se para examinar o grupo de terra. McCoy e Kirk estavam de um lado; e Donner - um substituto infeliz de última hora para o lugar de Alvarez - e o embaixador Selon, de Vulcano, esperavam do outro lado. Se não fosse pela parte lógica de sua mente, Spock pensaria estar num pesadelo. Um cheiro adocicado de almíscar chegou-lhe às narinas, e já sentia a infiltração da água estagnada em suas botas. Num gesto quase humano, o vulcano suspirou.

Mas o pesadelo começou a ficar muito mais vivido quando sentiu que o grupo de terra estava sendo observado bem de perto; até o embaixador Selon, ligado à nave *ShiKahr* há três anos, parecia nervoso.

Spock deu um passo a frente. — Que dizem os sinais do tricorder, alferes Kirk?

Kirk olhou para o aparelho que levava na mão, seguindo bem ao lado do Capitão. — Está havendo algum tipo de interferência, Capitão. — respondeu ele — Quando o feixe transportador nos pôs no chão, detectei formas de vida humanóides a cerca de 200 metros; mas os sinais de repente percorreram toda a escala. Possível efeito da tempestade.

O vulcano balançou a cabeça, mas antes sequer de começar a levantar seu *phaser* como medida de precaução, descobriu-se no meio de uma chuva de lanças e flechas que apareciam de toda parte. Lembrou-se vagamente de dar a ordem de dispersar e de ouvir a voz de Donner gritando ordens no comunicador para uma retirada de emergência.

A última coisa que viu antes de sentir uma coisa pontuda atingi-lo por trás com uma força notável, foi o tremeluzir familiar do transportador puxando McCoy e o embaixador Selon para a segurança da *ShiKahr*. Aparentemente, os circuitos do transportador também estavam sendo afetados pela tempestade, pensou ele de forma desconexa. Só esperava que Donner, Kirk e ele fossem os próximos, pois duvidava que qualquer um dos humanos sobrevivesse se fosse capturado pelos canusianos tribais, primitivos e belicosos. Mas o que não fazia sentido é que os selvagens não tinham como saber quando e onde o grupo de terra devia descer... a menos que...

Instintivamente, Spock ergueu o *phaser* ao sentir que caía. Se pudesse repelir o ataque até o técnico do transportador conseguir recalibrar os controles...

Com a visão enevoada pela dor cada vez maior, via os primitivos se

aproximando, apenas seis deles, percebeu, três com lanças apontadas para Donner, três com armas toscas apontadas para Kirk.

Sem saber exatamente porque, o vulcano ligou o *phaser* no nível letal, rolou de lado numa onda de agonia e mirou com cuidado, mandando três selvagens se juntarem a seus antepassados.

— Jim! — gritou ele, ao ver a expressão determinada no rosto de Kirk. Não viu que o humano já tinha sacado seu próprio *phaser* com uma rapidez surpreendente. — Jim! — Outro clarão de relâmpago; uma rajada do *phaser*.

As lanças começaram a cair de novo, como uma chuva mortal vinda do céu.

Foi seu último registro consciente.

## DEZ

Sarela entrou em silêncio na penumbra dos aposentos do prætör com um guarda armado de cada lado; e, enquanto se aproximava da cadeira de espaldar alto pela retaguarda, não pôde deixar de se perguntar o que descobriria no rosto dele, o que ficaria sabendo dos lábios de um homem mais reverenciado ainda que os deuses antigos. A raiva de Tazol fora agradavelmente evidente quando a informou que o prætör exigia sua presença e ela sabia que, fosse o que fosse que a esperava, valeria muito bem o desprezo e o ódio que lera na fria expressão de seu marido.

— A conselheira científica da nave, sua santidade. — murmurou um dos guardas quando o grupo parou atrás da cadeira negra que tinha uma certa semelhança com o trono palaciano — Seu nome é Sarela.

A cadeira girou devagar até Sarela ter um primeiro vislumbre do perfil de uma lenda. Mas quando o prætör levantou-se, seus olhos arregalaram-se num momento de surpresa evidente. O prætör era só um pouquinho mais alto que a própria Sarela, e quando o chapéu foi erguido do rosto sombreado, a primeira oficial da *Ravon* encontrou-se face a face com outra mulher. Seus lábios abriram-se com o assombro, mas logo se lembrou de baixar os olhos em sinal de respeito, inclinando-se na cintura de acordo com uma tradição que não respeitava mais, mas seguia ainda por força do hábito.

— Sinto-me honrada, minha senhora. — murmurou ela, abalada demais para lembrar-se que, durante anos, não sentira nada além de desprezo pelo prætör.

— Honrada? — observou a mulher em traje de cerimônia, enquanto seus lábios se abriam num sorriso triste. — Você parece surpresa. — Mas, com um gesto rápido, colocou a questão de lado. — Não devia. — acrescentou ela, o tom de voz ficando mais sério ao dispensar os guardas com um aceno de cabeça. Com um jato de palavras, chamou um dos escravos a seu lado, pedindo bebida para ela e para Sarela, a quem se dirigia, surpreendentemente, como a uma convidada.

E então, voltando-se para a cientista-chefe da nave, a prætora estudou-a abertamente, aceitando de um homem hercúleo dois copos da bebida azul dos romulanos. Ofereceu um deles a Sarela.

Pegando o copo devagar, Sarela ficou em silêncio por muito tempo, desejando afastar a incerteza. — Perdão, minha senhora. — disse ela por fim, tomando um gole da bebida para dissimular sua confusão. — Eu não sabia...

— Que o prætör poderia ser uma mulher? — replicou a outra, com um

sorriso aflorando em seus lábios finos. Seus olhos escuros estudaram a cor da bebida por um momento, antes de levar a taça aos lábios. — Meu pai não teve filhos homens. — explicou ela depois de um instante — E, por favor, fique tranqüila, recebi o treinamento e o preparo de costume. — Impulsivamente, fez um gesto na direção de uma cadeira vazia. — Por favor, — disse ela com simpatia — fique à vontade comigo. Há tanta coisa a discutir...

Sarela dirigiu-se para a cadeira, sentindo-se grata por sua solidez. Durante um momento, percebeu uma de suas antigas dúvidas se insinuando. Mas a lógica dizia que, se o prætore quisesse mandar um impostor, dificilmente mandaria uma mulher. Teria mandado algum guerreiro hercúleo com inteligência ligeiramente superior à média para representar o papel. Com essa informação, Sarela sentiu uma dúvida abandoná-la. Mas era apenas uma entre muitas.

Depois de colocar a taça em cima de uma mesa próxima, a prætore tirou as pesadas vestes negras, revelando um corpo bem proporcionado e que parecia vigoroso. O uniforme curto da Armada aderiu à musculatura esbelta, felina, de suas coxas; e a blusa sem mangas mostrou que era uma mulher de força, não alguém acostumado à vida fácil de quem fica sentado num trono de pedras preciosas. O rosto era fino e angular, mas mesmo assim atraente, com imperiosos olhos negros acentuados com traços de sombra prateada. Parecia ter cerca de trinta e cinco anos de idade. O cabelo puxado para o alto da cabeça acentuava os olhos que, notou Sarela, estavam iluminados pela compreensão e pela curiosidade; e a curva fina dos lábios revelava gosto pelo humor. O cabelo liso era puxado para trás da cabeça e caía em cascata pelos ombros até o meio das costas, dando um ar de feminilidade ao físico imponente.

— Vou direto ao assunto, Sarela. — começou a prætore, voltando à sua cadeira e pondo-se à vontade com um pé por baixo da outra perna. — Suas opiniões sobre o governo do Império não me são desconhecidas.

Quando seus olhos se encontraram, Sarela sentiu um momento de medo; ninguém questionava a política do Império e vivia para contar a história. Mas, de repente, percebeu que não se importava mais; com uma vida inteira de casamento com Tazol pela frente, o comando arrancado de suas mãos pelo mesmo idiota, e a marca da alteração do tempo implantada para sempre em sua mente, tinha pouco a perder.

— Não me envergonho de minhas opiniões, minha senhora. — afirmou ela, erguendo inconscientemente o queixo.

A prætore estudou-a com uma curiosidade enorme. — Nem deveria. — replicou ela. Seus olhos fecharam-se quando ela se reclinou na cadeira e

respirou fundo. Honestidade era algo que respeitava, e sorriu para si mesma. — Esteja avisada de que nada dito nesta sala deve sair daqui. — acrescentou — E preciso saber que mereço sua confiança.

Surpresa com a abordagem pouco ortodoxa da prætora, Sarela balançou a cabeça em sinal de assentimento. Tinha esperado pela morte. — Tem a minha palavra, senhora. — disse ela, permitindo-se um momento para pensar.

— E a sua confiança? — perguntou a prætora com uma sobrancelha erguida.

Desviando o olhar, Sarela não conseguia se forçar a mentir. Levantou os olhos, endireitou-se e se perguntou se a resposta que estava na ponta da língua significaria o seu fim. — A confiança precisa ser conquistada. — replicou por fim — É um costume do nosso povo, e uma tradição que ainda é válida.

Surpreendentemente, a cólera não fαιscou nos grandes olhos da prætora. Em vez disso, pegou a taça em cima da mesa e bebeu seu conteúdo devagar.

— Estou satisfeita. — disse ela — Uma pessoa que confia de maneira imprudente morre com freqüência antes de nascer um novo dia. — sorriu de novo — Nesta sala, pode chamar-me de Thea. É o meu primeiro nome, mas um nome que nunca deve ser pronunciado fora destas quatro paredes.

Soltando sem perceber a respiração que havia retido nos pulmões, Sarela concordou. — Seu anonimato está em segurança. — garantiu à outra, relaxando apesar das idéias preconcebidas em relação à prætora. Estava descobrindo rapidamente que Thea era muito diferente daquilo que esperava, não se assemelhando em nada aos boatos, nem mesmos às lendas. A mulher parecia viva e vibrante, quase agradável, decididamente imponente.

A prætora inclinou a cabeça em direção à mesa, onde estavam empilhadas as transcrições computadorizadas da Segunda História. — Não considero estas informações surpreendentes, Sarela. — disse depois de hesitar um momento — Seria tolo esperar algo diferente.

As sobrancelhas de Sarela ergueram-se, refletindo a surpresa com as palavras que se aproximavam tanto das suas. Percebeu no fundo da sala que dois escravos se moviam e seus olhos se fixaram no lugar onde os dois pareciam envolvidos em algum tipo de jogo de salão, no outro lado daquele aposento nobre. Tentou livrar-se da distração, mas seu olhar continuava vagando naquela direção.

— A alteração do tempo *pode* ser um instrumento útil. — continuou ela, escolhendo uma abordagem neutra — Depois que entendermos melhor sua complexidade, talvez se possa tentar de novo.

Thea sacudiu a cabeça, e então percebeu o óbvio interesse da outra pelos

dois escravos absortos. Com um sorriso, levantou a mão direita. — Tasme, Sekor. — disse animadamente — Venham sentar-se conosco.

Enquanto os dois escravos obedeciam rapidamente a ordem, Thea voltou-se outra vez para Sarela. — Apesar dos boatos dos guerreiros, — explicou ela — meus criados pessoais não são maltratados. Sorriu com segundas intenções. — Alguns até... gostam de suas obrigações — acrescentou ela, passando distraidamente a mão pelos longos cabelos de um dos homens, enquanto este se sentava no chão ao lado de sua cadeira. Ela o afagava como se fosse um gatinho, enroscando delicadamente os dedos nos cabelos negros e luzidios que caíam pelas costas dele. Com um movimento de cabeça, deu a entender ao outro escravo que devia sentar-se ao lado de Sarela, divertindo-se ao perceber uma cintilação de constrangimento passar pelos olhos da mulher. — Não precisa se preocupar, — assegurou a Sarela — pois já combinamos que nada ocorrido nesta sala deve ser de conhecimento público. E, como você sem dúvida está começando a descobrir, os boatos muitas vezes não passam de mentiras. Não se preocupe com Tazol.

Não tendo absolutamente a menor idéia do que dizer ou fazer, Sarela ficou em silêncio, sem olhar para o belo escravo que havia sido chamado de Sekor e agora sentava-se ao lado de sua cadeira, descansando a cabeça no braço. Preferiu uma atitude profissional, censurando-se mentalmente por seu óbvio interesse na beleza do rapaz alguns momentos antes. — De qualquer modo, — começou ela — não sabemos o que nos espera se atacarmos a Aliança, minha senhora. Apesar do pequeno número, suas naves estelares ainda são mais potentes que as nossas, e agora transportam uma grande tripulação de vulcanos.

As sobrancelhas de Thea ergueram-se até o alto da testa. — Há tantas coisas a considerar, Sarela. — murmurou ela com o tom de voz um pouco fatigado — Mas garanto-lhe que não tenho a menor intenção de atacar a Aliança. — Fez uma pausa, estendeu a mão por cima da mesa e pegou uma pilha de papéis e fitas de computador que passou a Sarela. — A operação no tempo foi idéia de meu pai. — explicou ela — Mas ele morreu há duas estações, muito antes deste projeto sequer começar. — Passou os olhos pelos documentos, inclinando-se para a frente até poderem olhar facilmente a mesma página. — Apesar dos muitos poderes do prætor, nem mesmo ele, ou ela, pode tomar sozinho decisões que vão afetar todo o Império. Se ninguém mais soubesse do projeto do tempo quando me tornei prætor, eu teria abandonado a idéia sem hesitar. Mas muitos guerreiros já sabiam dele e não achariam 'digno' desistir de um projeto que, teoricamente, lhes daria tanto poder. — Fez mais uma pausa, com o olhar distante por um momento. —

Fracassamos muitas vezes no passado com a alteração do tempo. Mas agora que se tentou de novo, precisamos achar uma forma de usá-lo em nosso proveito.

Sarela olhou desconcertada para a outra. — Não entendo, minha senhora. — replicou ela. Os documentos que Thea lhe mostrara não pareciam ser nada além de linhas escritas a mão, algumas num dialeto incompreensível para ela.

— Chega uma época em que até uma raça inteira tem de mudar. — explicou Thea — Mas nosso povo sempre foi um povo guerreiro, e não se fez tentativa alguma para mudar essa triste verdade. Os papéis que estão em suas mãos foram tirados dos Princípios Vulcanos de Disciplina, que remontam ao tempo de Surak, em seus Primeiros Dias. — Fez uma pausa, com os olhos negros examinando o rosto de Sarela enquanto se reclinava em sua própria cadeira.

Sarela arregalou os olhos. — Já ouvi falar deles, mas não sabia se existiam mesmo. — murmurou ela — Dizem que se trata apenas de mais uma lenda.

Thea sorriu com melancolia. — Uma lenda só porque o pai de meu pai não permitiu que estes documentos fossem vistos por ninguém, nem por seus conselheiros mais íntimos. — Parou por um momento. — Veja, Sarela, mesmo na Primeira História, os romulanos e os vulcanos não eram povos desconhecidos um do outro. A lenda diz que, na verdade, relacionavam-se muito de perto. Segundo as notas de meu pai, que descobri depois de sua morte, esses Princípios de Disciplina foram roubados dos vulcanos durante a época do próprio Surak por um bando primitivo de nossos ancestrais vindos do espaço. — Deu de ombros. — Há milhares de estações atrás, — concedeu ela — mas, mesmo assim, a explicação parece lógica. E, de qualquer modo, como a Segunda História transformou-se em nosso próprio passado, agora *podemos* mudar. As alterações do próprio Império são secundárias, a maioria concentrada no passado, um passado que nasceu da batalha com os vulcanos há cem estações atrás. Fomos derrotados, obrigados a aceitar aquela derrota. Por isso fomos forçados a aceitar ajuda dos vulcanos durante um curto período de tempo. Meus conselheiros estudaram a Segunda História com o maior cuidado, e fui informada de que nosso povo *agora*, nessa seqüência alterada do tempo, está positivamente mais satisfeito do que nunca antes. Em síntese, estão abertos à mudança, Sarela. O povo, como você e eu, cansou-se da guerra e da pobreza.

Sarela estudou a outra com cuidado. — Mas *podemos* mudar? — perguntou de maneira significativa. — Nem os fragmentos das fitas que vi na sala de comando mostram que a Segunda História foi menos violenta que

a Primeira. — acrescentou ela — E não vejo como estas palavras escritas num pergaminho poderiam realmente modificar uma civilização inteira.

Thea inclinou a cabeça, escorregando na cadeira para colocar os pés em cima da mesa. — Os Princípios de Disciplina são blasfêmias para os guerreiros, — disse ela calmamente — mas válidos, se quisermos sobreviver. Surak parece ter surgido de 'fora do tempo' em ambas as Histórias. Ele enxergava além da necessidade de luta, como você e eu vemos além do desejo pela glória fugaz. No começo, nem *ele* poderia entender o que estava fazendo. Mas, com o passar do tempo, seu povo começou a dar ouvidos a suas opiniões, mas só depois que ficou óbvio que não tinham outra alternativa. Foi uma escolha entre a paz interna ou a aniquilação final da raça.

Sarela balançou a cabeça em silêncio, como que para si mesma. — Os vulcanos já foram uma raça violenta. — lembrou ela — Tanto ou mais que nós.

— Mas deram ouvidos à razão, Sarela. — repetiu Thea — Exatamente o que nosso povo precisa fazer.

Durante um momento, Sarela surpreendeu-se a se perguntar se aquilo era possível. Lembrou-se de uma época do passado, quando os guerreiros se revoltaram contra o próprio prætör - uma época em que não houve guerras no Império durante vinte estações, e a sede de sangue explodiu de novo em homens como Tazol. E ela reconhecia que um guerreiro sem luta ou sem esperança de luta era uma criatura perigosa. — Nosso Império é grande, minha senhora. — observou ela com cautela — Os guardas do palácio ficarão a seu lado. Mas se a Armada e os guerreiros se opuserem a você... — Sua voz calou-se.

— Tempo virá, — respondeu Thea de forma evasiva — em que nem a Armada poderá opor-se a nós, Sarela. — Fez uma pausa, olhando distraidamente para o escravo a seus pés. — Quando esse tempo chegar, talvez seja hora de dar ao Império um herdeiro do título que agora uso... mas não antes. — Com um suspiro profundo, fechou os olhos. — Nossos filhos aprendem a usar a espada antes de aprenderem a ler ou escrever. Não darei um filho ao Império para vê-lo morrer como um idiota.

Sarela ouviu aquelas palavras taciturnas em silêncio. — Então seus motivos para permitir que os operadores do tempo completem seu trabalho são... pessoais? — afirmou em tom interrogativo. — Espera alterar a estrutura histórica do Império o suficiente para haver paz entre nosso povo, paz com a Aliança?

Thea concordou com um aceno de cabeça e depois levantou as mãos num gesto de frustração. — Mas primeiro temos de *forçar* a Aliança a nos

ouvir, assim como temos de obrigar nosso próprio povo a dar ouvidos às palavras que salvaram os vulcanos de si mesmos. — Fez uma pausa. — Não vai ser fácil, para homens como Tazol e os guerreiros que não desejam estas mudanças. — suspirou — Ouvirão minhas palavras porque sou a prætör... mas, como palavras de uma mulher que precisa manter o anonimato, eles se inclinarão por rejeitá-las. — Sorriu de forma intencional.

— Como você notou, Sarela, mesmo a palavra da prætör é questionada às vezes; e, com base em nossa experiência, sabemos que os guerreiros muitas vezes têm precedência sobre os construtores de nossa sociedade.

Os olhos de Sarela anuviaram-se. — Mas sempre foi costume entre nosso povo as mulheres se equipararem aos guerreiros. Na verdade, muitas mulheres *são* guerreiras e até Capitãs em nossas naves de combate.

Thea estudou Sarela com cuidado. — Mas uma mulher nunca foi prætör antes, e as que tentaram não viveram o bastante para deixar sua marca no Império. Os guerreiros são tolos, Sarela. É fácil para eles entrarem em seus jogos de conquista, permitindo que as mulheres os acompanhem na batalha, enquanto secretamente têm horror ao fato de lhes sermos freqüentemente superiores em termos mentais. — Sorriu de novo.

— Está atenuando bastante as coisas, minha senhora. — disse Sarela divertida.

Thea riu com alegria, um som profundamente sensual. — Esta foi uma coisa que nossos ancestrais conseguiram ao alterarem os genes daqueles que vieram antes de nós. Ao criar um guerreiro masculino mais forte, deixaram de considerar certos genes e cromossomos que determinam as capacidades mentais. Não é de admirar que a maioria dos comandantes da Armada sejam mulheres; os guerreiros são fisicamente superiores, é verdade... mas a maioria incapaz de um raciocínio complexo.

Sarela sorriu com tristeza, mas um arrepio gélido e significativo percorreu-lhe a espinha. — Mas aí está o problema, minha senhora. — disse ela

— Eles *são* mais fortes em termos físicos e não hesitariam em matar alguém que ameaçasse seu estilo de vida, inclusive o prætör, principalmente se considerarem que o prætör está vulnerável.

Thea balançou a cabeça em silenciosa concordância. — É uma possibilidade. — concedeu ela. — Meus guardas nos protegerão, mas nem toda a força do palácio poderá resistir à Armada por muito tempo. A dicotomia entre os guerreiros e o resto de nosso povo é grande demais. É uma das razões pelas quais meu anonimato precisa ser preservado com o maior cuidado. Meu pai era cauteloso e sou-lhe grata por isso. Fez com que se entendesse no palácio que eu devia ter domínio completo como prætör

depois de sua morte; e meus conselheiros e servidores nunca questionaram esta autoridade. Não lhes dei motivo para tal. — acrescentou rapidamente

— E comandi uma nave capitânea quando meu pai ainda vivia. — sorriu

— Talvez fosse sua forma de me testar, e talvez eu tenha fracassado de muitas maneiras neste teste. Mas ele nunca deixou que se soubesse que eu era sua filha. Só disse ao Império que havia um herdeiro ao trono... e os guerreiros naturalmente supuseram que o herdeiro era um filho homem.

— Então seu pai devia saber que você acabaria tentando mudar o Império. — presumiu Sarela.

As sobrancelhas de Thea cerraram-se. — Talvez. — concedeu ela. — E talvez seja seu legado de punição. Sarela olhou interrogativamente para a outra.

— Ele ficou amargurado quando nasci. — explicou Thea — Não poderia mais ter filhos e não teve outros antes. Talvez tenha chegado a acreditar que, no dia em que assumisse o poder, eu seria tola o bastante para revelar minha verdadeira identidade. — sorriu — Creio que quando ele me passou o comando da nave capitania, pensou que eu não voltaria. — Fez uma pausa mais uma vez. — Mesmo assim, devo ter sido aprovada por ele de algum modo, pois me proporcionou a segurança de que precisava. E, enquanto minhas opiniões pareciam espelhar os desejos dos guerreiros, até eles me aceitaram como prætör. É o fato de minhas opiniões serem agora pouco tradicionais que me coloca, e a você, agora que sabe quem sou, em perigo.

— Então precisamos tomar cuidados ao apresentar os Princípios ao Império. — sugeriu Sarela — Ninguém deve saber, ao menos não de imediato, que temos uma prætör mulher. — Entendeu agora que fora o sexo que lhe roubara o comando. Uma vez que Tazol, um guerreiro da milícia de seu pai, fora escolhido como seu companheiro de toda a vida, este era um pretexto conveniente para instalá-lo num alto cargo dentro da Armada. Sentiu a cólera correr-lhe pelas veias ao perceber que suas antigas hipóteses estavam corretas: Tazol mal serviria para dirigir um caminhão de lixo. Não passava de uma marionete do pai dela, de um gesto heróico do pai para com os guerreiros... e talvez até o tapa na cara que lhes dava. Percebeu de repente que tinha muita coisa em comum com Thea.

— Para um guerreiro, — disse Thea com tristeza — a conquista é a única forma de sobrevivência. — Balançou a cabeça muito delicadamente. — Tente imaginar dizer a Tazol que ele devia assinar a paz com a Aliança. Ele vê a paz só como um cemitério cheio dos ossos de seus inimigos. Não compreende mais nada... e os outros guerreiros também não.

Sarela reclinou-se na cadeira, levando distraidamente a taça de bebida

aos lábios. — Há um outro problema. — disse com cautela. Thea ergueu os olhos de forma interrogativa.

— Se os vulcanos forem tão inteligentes quanto acreditamos que sejam, — continuou Sarela — não vai ser preciso muito tempo para descobrirem que seu universo foi alterado. — Fez uma pausa, lembrando-se de sua Primeira História. — E como você sabe muito bem, sua tradição de dignidade e cumprimento do dever não lhes permitirá ficar com a Segunda História. Farão tudo o que estiver a seu alcance para restabelecer o passado como era antes de nossos agentes serem mandados para a história da Terra.

Thea levantou-se impulsivamente da cadeira, foi até o outro lado da sala e então virou-se de repente. — Já considere bastante este aspecto da questão. — revelou ela — É por isso que precisamos entrar em contato com a Aliança imediatamente. Meus estudos da Segunda História indicam que os vulcanos ainda não descobriram nada sobre a física da viagem no tempo; só existe teoricamente para eles, ou sob a forma de acidentes raros sobre os quais não têm controle. Nunca conseguiram fazer uma ponte sobre o abismo do tempo de forma deliberada, o que nos favorece. — Fez uma pausa, colocando pensativamente uma das mãos sob o queixo. — Precisamos certificar-nos de que não descobriram a *causa* de sua alteração antes de termos a oportunidade de nos encontrarmos com eles. E... meus conselheiros científicos sugeriram que, mesmo que a Aliança *realmente* acabe conseguindo restabelecer a Primeira História, certos efeitos da Segunda História ficarão intactos.

Mais uma vez Sarela olhou interrogativamente para a outra mulher. — As complexidades da alteração do tempo são realmente paradoxais. — murmurou ela.

— Na verdade, Sarela, — explicou Thea — a Primeira História ainda existe na memória molecular deste universo. É, ou *foi*, uma realidade física, a realidade que *teria* sido se não tivéssemos mandado nossos agentes para o passado da Terra. A realidade da Primeira História não pode ser apagada, por mais bem-sucedidos que sejam nossos agentes. Como você disse, alguém da Aliança vai acabar descobrindo o que aconteceu e vai realmente tentar corrigi-lo. Não sei se isso pode ser feito, mas é irrelevante no momento. O importante agora é nos movimentarmos com rapidez. Como a mente pode ir além dos limites físicos de *qualquer* universo, temos de contatar a Aliança antes de descobrirem que somos responsáveis pelo que aconteceu. — Fez uma pausa. — Em síntese, certos indivíduos existirão em ambos os universos, assim como numa multidão de outros universos e planos dimensionais alternativos. E como a *Segunda* História, agora que foi *criada*, é fisicamente tão real quanto a Primeira... ela também ficará

guardada para sempre na memória de toda a concepção universal. — Hesitou mais uma vez, com as sobrancelhas cerradas na tentativa de explicar.

— Em outras palavras, — concluiu Sarela — precisamos tentar assinar a paz com a Aliança, com *povos* específicos da Aliança, confiando na hipótese de que, fique ou não intacta a Segunda História, esta paz será preservada.

Thea concordou muito devagar. — Não exatamente, mas em essência está correto. Não sei se *qualquer* tipo de paz que conseguirmos agora suportará o teste do próprio tempo. Mas precisamos ter esperança, por muito remota que seja, de que *não* vão descobrir nossa alteração do tempo de jeito nenhum. Mas como isso, claro, é querer demais, precisamos confiar na palavra de meus conselheiros, de que as pessoas que existem tanto na Primeira quanto na Segunda História preservarão ao menos uma lembrança parcial de ambos os universos. Em outras palavras, como nossas naves estavam no hiperespaço na época do trabalho de nossos agentes, conhecemos ambas as Histórias, uma por experiência, a outra pelas fitas de computador. A essa altura, os homens e as mulheres a bordo de nossas naves-luz são os únicos seres que detêm ambas as séries de informações. Mas se a Aliança acabar conseguindo restabelecer outra vez o fluxo do tempo, os que forem capazes de fazê-lo, as pessoas que *realmente* fazem a coisa, reterão ao menos uma lembrança parcial de ambas as Histórias, pois terão experimentado a realidade física e a consciência em ambas as seqüências temporais.

— Entendo. — disse Sarela pensativa — Mas... o que deve ser feito primeiro? Apresentamos os Princípios de Disciplina ao povo romulano *antes* de contatar a Aliança e esperamos que os guerreiros nos dêem ouvidos? Não parece uma boa possibilidade. — acrescentou logicamente — E se tentarmos contatar a Aliança primeiro, sem dar ao nosso povo uma *oportunidade* de ouvir as palavras de paz antes, com certeza vão pensar que estamos querendo trair o Império.

Um sorriso aflorou aos lábios de Thea enquanto ela voltava para a cadeira e se sentava, a mão retornando à cabeça do escravo. — Não abandonei *todos* os meus instintos romulanos, Sarela. — respondeu ela de forma evasiva — Certas naves estelares e parte do pessoal da Aliança não me são desconhecidos e o subterfúgio é muitas vezes uma necessidade para conseguirmos o que queremos.

Os olhos de Sarela focaram-se na mão da praetor, que afagava os cabelos do escravo, num contraste delicado com suas palavras astuciosas. — Em que posso ajudá-la, senhora? — perguntou ela, revelando por fim as próprias dúvidas e estendendo a mão para tocar o ombro do jovem escravo sentado a seus pés.

Rindo com vontade, Thea enrolou-se numa posição mais confortável na grande cadeira. — Vamos entrar em contato com a Aliança primeiro, — disse ela — e o resto cuidará de si. Tazol não é tolo a ponto de impedir que minha nave de transporte deixe esta nave. Não precisa saber exatamente onde vamos e dificilmente tentará impedir sua própria esposa se ela estiver em companhia do prator!

Sarela riu de novo, cada vez mais interessada. Não se importava mais com Tazol, não se importava mais com *o que* ele poderia pensar.

— De qualquer modo, — continuou Thea — chegou a meu conhecimento que a nave *USS ShiKahr* está nas vizinhanças da Zona Neutra. Esta nave será nosso destino. — continuou ela de forma significativa. Seu olhar distanciou-se. — Na Primeira História, havia dois oficiais a bordo desta nave, conhecida então como *USS Enterprise*, espertos o bastante para levar um Capitão de armada do Império a praticamente entregar-lhes nosso jogo. — Evitou mencionar o fato de que *ela* era aquele Capitão. — E se você tem razão de supor que a Aliança pode não dar ouvidos a simples palavras saídas da boca de um romulano, temos algo que pode ser usado contra aqueles dois oficiais que os *obrigará* a nos ajudar. — Sorriu para si mesma.

Sarela também sorriu. O incidente da camuflagem não lhe era desconhecido e já tinha até ouvido falar dos dois oficiais da Frota Estelar a quem Thea se referia. — O que vamos fazer, senhora? — perguntou ela.

— Tudo quanto precisamos fazer é... seqüestrar... um dos dois, — replicou Thea sem hesitar — e o outro fará qualquer coisa a seu alcance para libertar o amigo, até mesmo negociar conosco. — sorriu com delicadeza — E a Aliança, ao contrário do Império, concede grande poder aos comandantes de sua Frota Estelar. Se um tratado de paz razoável for assinado por um de seus capitães, então este tratado será respeitado por toda a Aliança.

Sarela pensou naquilo. — Têm muita confiança em seus oficiais. — concluiu ela.

Thea concordou. — Se eu soubesse disso anos atrás. — murmurou para si mesma. Mas logo voltou à realidade. — De qualquer modo, — continuou ela — há um vulcano que se mostrará de valor incalculável para nós.

Sarela sorriu com a beleza simples do plano, ousando pensar que tinha um certo potencial. Mas ergueu uma sobrancelha interrogativa. — O que os impede de atacar nossa nave no momento em que formos detectados por seus sensores? — perguntou à guisa de hipótese.

— Os vulcanos são basicamente uma raça benevolente. — lembrou a pratora a Sarela — Não atacam uma nave de guerra que pareça estar em dificuldades, mesmo que seja uma nave de guerra romulana. E depois que

estivermos em segurança a bordo da nave deles, tenho um plano que vai prender a atenção do vulcano, pelo tempo necessário para começarmos a fazer as negociações formais.

Sarela reclinou-se em sua cadeira, com a mão afagando distraidamente o ombro liso do escravo enquanto falava. — Tazol ficará louco de raiva quando descobrir o que aconteceu. — observou ela, sentindo um momento de estranha alegria com essa idéia — E se a paz *puder* finalmente estabelecer-se, nem ele ousará liderar os guerreiros num ataque contra o palácio, pois saberia que a Aliança defenderia os romulanos da mesma forma que defende seus próprios mundos. — Riu com suavidade, deliciada com a idéia da reação do marido. — Ele vai virar um inútil, mais ainda do que já é!

— Tolos como Tazol são fáceis de substituir. — Respondeu a prætora enquanto olhava para o jovem aos pés de Sarela. — E, se formos cautelosas, ele não vai saber nada de nosso plano enquanto não for tarde demais para fazer qualquer coisa para impedi-lo. — Ficou séria de repente. — Posso contar com sua confiança agora? — perguntou ela.

Os olhos de Sarela falaram por ela ao se encontrarem com os da prætora. — Nossas opiniões são as mesmas, senhora. — replicou ela — Agradeceria a oportunidade de estar a seu lado nessa situação.

A prætora levantou-se e se pôs exatamente em frente da outra mulher, enquanto um sorriso lhe aflorava aos lábios. — Também chegou ao meu conhecimento que você está um pouco... descontente com a escolha que seu pai fez para ser seu companheiro de toda a vida. — afirmou ela de maneira oblíqua.

— Tazol é uma criança temerária, — replicou Sarela — mas *é* a escolha de meu pai. — Perguntou-se por um instante por que sua vida pessoal teria interesse para a prætora... até que uma única frase lhe veio à cabeça: *Ninguém jamais deixa o serviço pessoal do prætora*. Thea provavelmente não permitiria que voltasse à sua vida anterior; já tinha visto demais. Um arrepio lhe passou pelas costas, mas ela ignorou suas implicações.

Thea estudou a outra durante um longo tempo. Por fim, abaixou-se, pegando pela mão o escravo que estava aos pés de Sarela, fazendo com que se levantasse. — Como prova de amizade e símbolo de minha própria confiança. — disse ela, olhando para o escravo a quem dava muito valor — eu lhe dou Sekor até você chegar a uma decisão relativa a um companheiro adequado para a vida toda.

Os olhos de Sarela arregalaram-se. — Só o prætora tem permissão de *escolher* um companheiro! — lembrou ela com incredulidade, quase esquecida do fato de Thea continuar a estender-lhe generosamente a mão daquele homem.

A prætor deixou escapar uma risadinha. — Pensei que concordávamos em que havia chegado a hora do Império mudar. — observou ela — Posso até mandar executar Tazol se assim ficar mais fácil aceitar este presente.

— Fez uma pausa ao perceber um vislumbre de compreensão na hesitação de Sarela. — Seria mais simples se você considerasse quantas vezes os *homens* receberam *mulheres* de presente? Não faz diferença, Sarela. Ele é seu... se o desejar.

Durante um momento, Sarela não conseguiu responder, até que de repente surpreendeu-se rindo. — Como prova de amizade... e de confiança,

— murmurou ela, repetindo as palavras da prætor — aceito.

Pegou lentamente a mão estendida do escravo, surpresa com o quanto este parecia relaxado, despreocupado com o fato de ser dado de presente, quase como um suborno. Mas ela sabia que ele estava longe de ser um suborno; e era fácil adivinhar, pelo faiscar dos olhos de Sekor, que ele também sabia disso. Ela respirou fundo, aceitando a atração pela beleza dele.

— Mas não é necessário matar Tazol. — acrescentou ela, sentindo um peso sair de seus ombros ao perceber que estava livre dele para sempre. — Afinal de contas, é apenas uma criança desmiolada, não responde por seus atos. Deixe-o viver... se o desejar.

As sobrancelhas de Thea cerraram-se ligeiramente. — Piedade? — zombou ela — Você, como romulana, educada para a vingança e a tradição, mostra piedade com um homem que despreza?

Mas Sarela apenas sorriu. — Piedade não, senhora. — corrigiu ela — Clemência.

## ONZE

O vulcano acordou e percebeu sem emoção que a dor nas costas o paralisara por completo. Tentou forçar as pesadas pálpebras a se abrirem, mas não conseguiu. Os cheiros chegavam às suas narinas, e ele respirou profundamente. Anti-séptico. Limpo. Ruídos de passos leves.

— Vá com calma, Spock. — murmurou uma voz familiar quando começou a querer se mexer.

O delírio aproximava-se, com suas mãos negras criando uma mutação da realidade.

— J-Jim? — sussurrou ele, com a voz mais parecendo um ofegar doloroso. Respirar, descobriu ele, era muito doloroso. Mas, à medida em que voltava à realidade, perguntou-se por que estaria se dirigindo ao jovem alferes como "Jim" e por que exatamente pensaria que Kirk, entre todas as pessoas do universo, estaria se inclinando sobre ele. E, no entanto, como tantas outras coisas, parecia natural, familiar... como se tivesse acontecido inúmeras vezes antes.

— É McCoy. — explicou a voz. — Vá devagar por enquanto, Spock.

Reclinando-se na cama, o vulcano teve um momento de decepção misturado à confusão. — O grupo de terra? — perguntou ele, lutando contra o demônio da dor. — Eles estão... ? — Abriu finalmente os olhos, encolhendo-se sob a luz brilhante que lhe feria as pupilas sensíveis.

McCoy concordou, mas o vulcano percebeu que os olhos azuis não mostravam sua cintilação habitual.

— Todos estão em segurança, Spock, exceto Donner. — disse o médico, sabendo que tentar enganar o vulcano para tranquilizá-lo seria inútil — Já estava morto quando o trouxemos para bordo. — Sua voz era gentil, apaziguadora; sabia, entretanto, que nada que dissesse aliviaria o que Spock sentiria. — Nós o levamos para a câmara criogênica agora. — acrescentou ele — Não posso fazer nada por ele aqui, mas talvez os médicos da Base Estelar Dez possam ajudar.

Spock fechou os olhos de novo. Apesar de desaprovar pessoalmente a violência e o fanatismo do alferes, não tinha a menor vontade de ver o homem morto; e se perguntou se havia tomado a decisão errada ao permitir que fizesse parte do grupo de terra logo no começo. Mesmo assim... tripulantes demais incapacitados... deslizes... A morte reclamaria alguém, mesmo assim.

— E os outros? — perguntou, cerrando os dentes com a dor que sentiu ao tentar falar.

— Selon recebeu uma lança nas costas quando se virou para fugir. — disse McCoy do outro lado do túnel escuro — Não vai poder sentar-se por um tempo, mas não é sério. O doutor M'Benga o está remendando neste minuto.

Spock fez um gesto de assentimento e depois tentou levantar-se num cotovelo, só parando quando a mão do médico o empurrou delicadamente para trás.

— Kirk? — perguntou o vulcano, sentindo algo parecido com o horror cortá-lo por dentro. O último registro consciente... Kirk... — E quanto... a Jim? — A dor aproximou-se um pouco mais, ameaçando carregá-lo de novo para as trevas.

— Nem um arranhão. — disse tranqüilizadora a voz distante de McCoy.

Foi a última coisa que o vulcano se lembrou antes de uma seringa assobiar ao penetrar no braço nu. Coental. O frio chegou ao ombro. Mas uma declaração de McCoy era o bastante. O paradoxo humano estava salvo. Apesar das disparidades, apesar dele mesmo... Kirk estava vivo. A escuridão tomou Spock em seus cálidos braços negros.

## DOZE

A prætör andava de um lado para outro em seus aposentos, na maior agitação. — *Ravon* vai deixar a órbita romulana e voltar à fronteira com a Zona Neutra dentro de um dia. — disse ela suavemente — Então será hora de darmos nossa cartada.

Sarela concordou. Tinham repassado aquele plano intrincado dez vezes no mínimo, e mesmo assim ainda se perguntava se seria tão simples quanto Thea fazia parecer.

— Em síntese, senhora, — afirmou Sarela — este vulcano... este Capitão de nave estelar... vai apresentar a nosso povo os Princípios de Disciplina em seu lugar?

— Sim. — confirmou Thea — Agora que meus conselheiros terminaram o estudo da Segunda História e confirmaram que Spock é realmente o Capitão da *ShiKahr*, não há mais detalhes em que pensar. Como ninguém sabe quem é realmente o prætör, e como a fisiologia externa de vulcanos e romulanos é quase idêntica, não despertará suspeitas quando fizer a apresentação aos governantes de Romulus e aos representantes dos guerreiros. — Um sorriso aflorou-lhe aos lábios. — E não acredito que os guerreiros sejam tolos a ponto de iniciar imediatamente o Rito de Desafio. Vão precisar de tempo para escolher seu campeão e tomar o voto costumeiro dos Reis Tribais. E *isso*, — concluiu ela — nos dará o tempo de que precisamos.

— E se ao convencer o vulcano em fingir que é o prætör, — ponderou Sarela — nós *também* cairmos numa armadilha de negociações de paz e tratados comerciais com o Império?

— Impensável. — concordou Thea — Uma vez que Spock entre no espaço romulano por sua própria vontade, o que ele/ará, será obrigado a livrar-se das acusações de espionagem perante o comando de sua Frota. — Franzü pensativamente as sobancelhas. — Em síntese, será coagido a fazer o que queremos, caso contrário, não poderá voltar à sua Aliança sem despertar suspeitas sobre si. Mas se conseguir fazer um tratado de paz razoável e um *tratado comercial justo*, a única falha séria da Segunda História, salvará a própria pele e nós também teremos o que desejamos. Ninguém será prejudicado; e ambas as partes se beneficiarão igualmente.

Sarela pôs de lado o estilete que usava para escrever. — Suponha que ele simplesmente se recuse?

Thea sorriu de maneira significativa. — Ele não vai se recusar, minha amiga. — prometeu ela. Deixou-se cair numa cadeira próxima. — James

Kirk. — declarou simplesmente, enroscando as longas pernas debaixo de si — Seqüestre James Kirk, mantenha-o longe do vulcano *bastante tempo*... E Spock fará tudo a seu alcance para trazê-lo de volta em segurança, Sarela.

— Além disso, — continuou Thea — meus especialistas em comunicações interceptaram recentemente uma transmissão rotineira da *ShiKahr*. Parece que estavam informando o comandante de sua Frota de uma missão no Sistema de Canus, uma missão que aparentemente não estava nos planos. Os detalhes são poucos... mas tenho a impressão de que sua nave de guerra de alguma forma... *introduziu-se* no sistema canusiano sob um pretexto falso. Esquisito. — refletiu ela — Mas, de qualquer modo, meus tradutores já sabem que o grande e poderoso Capitão Spock foi ferido nesta pequena escapada, e que seu precioso humano ainda está a seu lado mesmo neste universo estranho. — Seus olhos perderam-se na distância. — Em qualquer realidade, parece que há constantes, elementos fortuitos do Destino que ditam certos relacionamentos sob quaisquer circunstâncias ou mudanças universais.

— Neste caso... utilizando James Kirk como uma forma de chantagear o vulcano para que aceite nossos termos, — declarou Sarela — você poderá, então, manipulá-lo para fazer a apresentação e enfrentar o desafio de qualquer guerreiro?

Thea concordou com um aceno de cabeça. — Já tivemos de admitir que os homens de nossa espécie são fisicamente mais fortes, Sarela, — disse ela — e embora eu acolhesse de bom grado a oportunidade de me medir com um guerreiro em batalha, não sou tão arrogante a ponto de me enganar pensando que sairia vitoriosa. Por outro lado, o vulcano não teria nenhuma dificuldade em derrotar qualquer campeão que os guerreiros escolham. — Mas um sorriso muito romulano abriu-lhe de repente os lábios finos. — E *qualquer* que seja o resultado, — continuou ela — o pagamento da dívida pessoal que o vulcano tem comigo já devia ter sido feito há muito. Suas ações a bordo de uma nave capitânea romulana na Primeira História fizeram com que *merecesse* uma pena de morte. E o que proponho, minha amiga, é um preço bem melhor que esse! Também vou obrigá-lo a fazer acordos específicos relativos a rotas comerciais para as naves mercantes dos romulanos. Nossos Sistemas não continuarão sendo pobres, Sarela... e embora meu velho amigo Spock sofra uma certa humilhação, vai acabar fazendo o que queremos.

Sarela ergueu uma sobrancelha obliquamente. — Então... você não pretende deixá-lo partir, pretende?

Uma risada passou pela garganta da prætora.

## TREZE

O vulcano despertou com a sensação de dor, algo lhe batia repetidamente no rosto. Pancadas duras que não paravam. Voltou para a agradável escuridão e para os sonhos. Era fácil ignorar a dor.

Mas o torturador não parava. Outro tapa. Mais forte. Outro. De novo.

Seus olhos abriram-se, recusando-se a focar, e a raiva explodiu inesperadamente no centro do peito. A mão levantou-se, agarrou o intruso que o incomodava e o fez voar com violência. A visão normal retornava aos poucos.

— Bem, Spock. — disse McCoy, levantando-se do chão — Está na hora de sair deste transe curativo! Pensei que teria de trazer a artilharia pesada!

O vulcano endireitou-se, olhos arregalados, e percebeu que havia sido levado para a enfermaria e colocado numa cadeira de recuperação com espaldar alto. Através da clara tela divisória, enfermeiras e serventes apressavam-se em fazer suas obrigações; e ele se sentiu grato por tudo parecer esquecido de sua presença. Respirou fundo, um pouco surpreso pelo fato da vida ainda fluir por ele. Uma sobrelha ergueu-se quando a compostura voltou.

— Perdoe-me, doutor, — murmurou ele — não tinha percebido...

McCoy sorriu, esfregando um pulso. — Se você ainda está entre os vivos, acho que posso viver com um braço quebrado. — Mas os olhos azuis se anuviaram.

— Situação atual da nave? — perguntou Spock pondo-se de pé. Franziu as sobrelhas para si mesmo. Uma bandagem de pressão envolvia-lhe o peito, bem abaixo do esterno e, ao ficar de pé, um momento de tonteira ameaçou derrubá-lo no chão. Lutou. — Precisamente... há quanto tempo estou no transe de cura, doutor?

McCoy dirigiu-se para o lado do vulcano. — Não está fora há tanto tempo assim. — replicou — Cerca de dezoito horas ao todo, desde o momento em que o trouxemos para cima. — Parou, estudando a postura instável de seu Capitão. — A lança atingiu seu pulmão esquerdo, mas sem causar sérios danos. O que estava começando a *me* preocupar, — continuou o médico — era que você parecia *não querer* sair do transe. — Deu de ombros. — Não posso dizer que o reprovoo... considerando o que anda acontecendo por aqui.

O vulcano deu um passo para longe do médico, obrigando-se a ficar firme nas pernas que ameaçavam ceder. — Explique. — ordenou ele.

— Bem, para começar, — disse McCoy com um suspiro — toda aquela

Missão Canusiana foi apenas... um *ardil*. — Riu nervosamente. — Segundo o que Chekov me disse, não existe nenhum embaixador canusiano, ao menos não no sentido em que fomos levados a acreditar. Essa coisa desgraçada foi um engodo, aparentemente do próprio S't'kal. McCoy franziu as sobrancelhas. — Mas quando Chekov contatou o Comando da Frota esta manhã para informá-los do incidente, S't'kal negou a coisa toda; disse que nunca ordenou à *ShiKahr* que entrasse no sistema canusiano. Primeiro as ordens romulanas, e agora isso. Acho que não precisamos de mais confirmações de nossas suspeitas. S't'kal está louco varrido, Spock, mas a questão é como tirar-lhe o poder antes de ele sozinho acabar com todas as naves estelares da Frota!

O vulcano considerou a informação num silêncio momentâneo. — Suponho que o senhor Chekov chamou a atenção do almirante para o fato de termos uma gravação de suas ordens anteriores nos computadores da nave?

— McCoy deu de ombros. — Sou um médico, — resmungou ele — não um pombo-correio. Mas você conhece Chekov. Não acho que fosse deixar S't'kal tapar o sol com a peneira, não sem uma boa briga.

— E nossa situação atual? — perguntou o vulcano, estendendo a mão para pegar um uniforme limpo que esperava ao pé da cama.

— Estamos exatamente na mesma. — disse McCoy — *Literalmente*. S't'kal deve ter acobertado o incidente canusiano, ordenou que a nave voltasse à Zona Neutra com a dobra máxima... e é onde estamos neste momento.

O vulcano acenou a cabeça para si mesmo, e então olhou nos olhos de McCoy, enquanto caminhava com ar decidido em direção ao painel de comunicações. Enfiou rapidamente a túnica pela cabeça, e depois apertou um botão do painel.

— Chekov falando.

— Aqui é o Capitão Spock. — respondeu o vulcano — Localização atual?

— Três ponto dois anos luz da fronteira da Zona Neutra, Capitão. — respondeu o primeiro oficial — Cruzando em Dobra Um; aguardando chegada de *USS T'Ruda* e a nave-irmã, segundo as ordens do almirante S't'kal.

O vulcano respirou fundo, enquanto revia mentalmente a curva do tempo do avanço da insanidade. Os estudos tinham provado que o "deslizamento" continuaria numa proporção cada vez maior, ficando mais pronunciado a cada momento, enquanto a *causa* não fosse isolada e corrigida. Precisamente depois de 15.25 dias, lembrou-se o vulcano, a loucura completa tomaria conta de mais de metade da população da Aliança, uma loucura irreversível.

Se não fosse corrigida a tempo... Deixou o pensamento desvanecer-se, percebendo a falta de lógica de alimentá-lo. Três dias perdidos já, dois na Missão Canusiana, outro na enfermaria. E mesmo com a dobra máxima, a Base Estelar Dez e o almirante S't'kal estavam no mínimo a catorze dias de distância. Mas uma sobranceira ergueu-se à medida em que um plano de ação surgia lentamente.

— Senhor Chekov. — disse ao painel — Calcule a última posição registrada da *T'Ruda*. Baseado neste cálculo, qual é o tempo estelar mínimo para ela voltar à Base Estelar Dez?

No fundo, o vulcano sabia que McCoy estava a seu lado. Voltou-se para olhar os interrogativos olhos azuis arregalados de incredulidade.

— O que está planejando, Spock? — perguntou o doutor. — Porque se é o que estou *pensando* que é...

— Neste caso específico, doutor, não temos outras alternativas viáveis. — replicou o vulcano pegando as calças negras e vestindo-as, apesar da dor nas costas e no peito. — E como você mesmo notou, o almirante S't'kal precisa ser detido até esboçarmos um plano de ação preciso.

O médico balançou-se colericamente sobre os dedos dos pés. — Não *há* uma linha de ação, Spock! — disse com aspereza. — Não consegue enfiar nesta sua cabeça dura de vulcano que você não pode...

— Capitão? — interrompeu a voz calma de Chekov. Spock continuou mirando os olhos acusadores do médico.

— Em frente, senhor Chekov.

— Segundo os nossos computadores, Capitão, — respondeu o primeiro oficial — a *USS T'Ruda* está a quatro dias médios de distância de nossa localização atual e, supondo que voltasse imediatamente, precisaria de cerca de nove dias para alcançar a Base Estelar Dez.

— Você *não pode* estar falando sério, Spock! — disse McCoy agarrando um braço do vulcano.

O vulcano apenas olhou para a mão do médico, e então deu um passo para se livrar daquele contato ofensivo. — Senhor Chekov, peça à tenente Uhura para fazer contato com o oficial comandante da *T'Ruda*.

Desligou o aparelho de comunicação, virando-se para enfrentar a expressão dura de McCoy. O médico colocara-se entre Spock e a saída.

— Por favor, doutor, — disse o vulcano — não entre em confronto comigo, pois cada momento que perdemos ameaça seriamente nossas chances de sucesso.

McCoy olhou em silêncio para o vulcano, com a raiva se transformando em desespero nos faiscantes olhos azuis. — Você está tão louco quanto S't'kal! — acusou ele, levantando as mãos num gesto de derrota.

A sobancelha do vulcano ergueu-se por baixo da franja negra. — Talvez esteja certo. — murmurou Spock como que para si mesmo. Calçou rapidamente as botas pretas que lhe chegavam aos joelhos e depois dirigiu-se para a porta. — Se me der licença, doutor, está na hora de meu turno na ponte de comando.

Obrigando-se a relaxar, Jerry Richardson encostou-se na cabeceira da enorme cama. Do outro lado, a ordenança S'Parva imitava seus gestos, com um largo sorriso em suas feições caninas.

— Qual é o problema, Jerry? — perguntou ela. — Com medo de que eu morda?

Richardson riu, sem disposição para o humor. Olhou em volta do laboratório, procurando ignorar o fato de que as condições não eram exatamente ideais. Do outro lado da divisória que mantinha a privacidade, dois técnicos estariam medindo as batidas do coração, a pressão sanguínea, a respiração, observando eletroencefalogramas e várias outras funções corporais críticas durante o vínculo telepático experimental. Sentiu-se corar da cabeça aos pés, e puniu-se por seu próprio nervosismo. Mas, apesar dos boatos de universo dual que andavam circulando, e independente do fato de que o experimento poderia esclarecer um assunto aparentemente sinistro, achou impossível relaxar.

— Digamos que nunca acreditei *realmente* que você concordaria com isso. — disse por fim.

Do outro lado da cama, S'Parva deu de ombros. — Você se esquece de que katellanos não são vulcanos — lembrou ela. — A telepatia é a principal forma de comunicação em Katella, e nem um pouco desagradável.

Richardson engoliu em seco. — *E disso que tenho medo!* — disse para si mesmo. Mas conseguiu sorrir. — Há alguma coisa que tenho de fazer primeiro? — perguntou ele. — Levar o lixo para fora, levar o gato para passear... casar-me?

Rindo, S'Parva sacudiu a cabeça. — Tudo o que você tem a fazer é me deixar entrar em sua mente. — replicou ela — O resto é fácil. — Apoiou-se num dos cotovelos, deparando-se com o olhar cheio de expectativa do alferes. — E supondo que *haja* algo fora de sintonia, não faz a menor diferença para a consciência superior. Vou... atuar principalmente como um guia, — continuou ela — ajudando-o a seguir as imagens que receber. — Olhou para trás. — E tudo isso será automaticamente gravado pelo aparelho de vid-sondagem para ser analisado.

Richardson franziu a testa pensativamente. — Então... em termos

teóricos, a mente apenas desliza de volta para seu... universo natural. — Ele queria rir, chorar, fazer qualquer coisa para romper a tensão repentina. — Eu *poderia*, — arriscou-se a dizer — descobrir-me limpando o banheiro masculino na estação rodoviária!

A katellana piscou os olhos. — Ou trabalhando como mercador de escravos de Órion. — sugeriu ela como alternativa.

O humano suspirou profundamente, grato por S'Parva ter-se dado ao trabalho de lhe explicar as teorias correntes. Mas a idéia de um universo inteiramente diferente... Estremeceu. — Está bem, — concedeu por fim. — Em nome da ciência, vamos lá com isso. — *Em nome da ciência*. Tomou nota mentalmente para estrangular seu companheiro de quarto na primeira oportunidade.

Depois de um momento, S'Parva fez um aceno de cabeça para o técnico que esperava do outro lado da divisória. O jovem tenente desapareceu e as luzes obscureceram-se como uma noite normal.

Na escuridão, Richardson respirou fundo, sentindo o pelo macio da mão da katellana em sua própria mão, com os dedos se entrelaçando aos dele para tranqüilizá-lo. Tinha uma consciência periférica do ronron do equipamento de monitoração médica, e da onda delicada de calor psíquico que sentia de sua companheira. Sorriu para si mesmo... e a realidade saiu lentamente de foco, à medida em que suas mentes se fundiam.

Corredores curvos começaram a aparecer. Familiar... mas diferente. Escolheu um corredor iluminado, entrou por ele devagar, parando em frente a uma porta bem conhecida e erguendo os olhos para ver a placa com o nome.

TENENTE JEREMY J. RICHARDSON
------------------------------

Parte dele pestanejou de incredulidade. *Tenente!*

*Entre no quarto, Jerry.* — instava a voz distante de S'Parva.

Ele olhou para a porta, perguntando-se o que encontraria do outro lado. Ele mesmo?

*Vá em frente,* — sussurrou S'Parva — *Não pode machucar-se...*

Respirou fundo, ouvindo-se em estéreo. Por um instante, sentiu algo andar através dele, passar pela sua alma. Perguntou-se muito depressa se era o tenente Richardson. Estremeceu, sentindo-se deslocado. Um fantasma estendeu a mão, tocou a porta, verificou a solidez e a realidade.

Mas antes de poder entrar no quarto, passos leves soaram no convés atrás dele. Virou-se alarmado e sentiu-se entrando mais profundamente na ilusão, algo muito mais "real" que qualquer outra coisa que já tivesse vivido.

— 'Dia, Capitão. — disse antes que sua mente consciente, que ainda estava em algum lugar da realidade alternativa, pudesse impedi-lo — O pessoal da noite teve um joguinho de pôquer na sala de comando, portanto ignore a cerveja choca e os amendoins em sua cadeira.

Olhos cor de mel faiscaram calorosamente, e um homem com uma túnica dourada de comando piscou. — Claro, Jerry. — concordou o Capitão com um sorriso — Mas vou ter de dizer à tenente Masters que você não vai poder ir ao encontro que marquei para você, pois vai estar muito ocupado lá embaixo na prisão da nave.

Richardson riu, depois bocejou. — 'Noite, senhor. — disse ele — Ou bom dia.

O Capitão continuou descendo o corredor, enquanto Richardson fazia as portas duplas deslizarem, sem pensar duas vezes. Lá dentro, desabotoou a camisa, sentou-se na beira da cama e tirou as botas negras.

Era confortável, pensou, sem saber com o que exatamente estava fazendo a comparação.

Mas deitou-se na cama e fechou os cansados olhos castanhos.

Poderia ficar.

— Jerry?

Água fria jogada no seu rosto.

— Jerry, abra os olhos! Pelo amor de deus, abra os olhos!

Virou-se para o lado, decepcionado. O quarto mudara. Não era mais uma cama macia. — Vá 'mbora. — resmungou acabrunhado.

Alguém o pôs sentado, mãos esfregaram-lhe vigorosamente o pescoço e os ombros. Uma voz feminina procurava trazê-lo de volta à realidade.

*Tenente... um cargo na ponte de comando... a melhor nave da Frota.*

— Vá 'mbora! — Raiva, agora. Ressentimento.

— Jerry, vou entrar em sua mente outra vez. — informou-lhe a voz de S'Parva, num tom que não deixava espaço para discussão. — Vou trazer você de volta. — Mas ela estava num túnel em algum lugar.

*Não... Não...*

Algo entrou amorosamente em sua consciência, acarinhando-o, abraçando-o, consolando-o em seus macios braços morenos. Virou-se para aquilo, sentindo proteção. Durante um momento, sentiu o sabor da paz. *O lar...*

Mas assim que teve o sentimento de consolo, foi puxado, arrancado de si — delicadamente, se possível. Gemeu alto.

— *Pare de brigar comigo, Jerry.* — sussurrou uma voz terna — *Você*

*não pode ficar... ao menos não agora. Seu corpo não pode existir sem sua mente... não em dois planos diferentes. Você tem de voltar.*

Sentiu-se respirando, intrigado por parecer tão pouco natural. — *O lar...?*

— *Sim,* — disse S'Parva gentilmente — *mas você não pode ficar. Precisamos de você aqui, Jerry. Siga-me de volta para a luz.*

Suspirou para si mesmo e deslizou para fora do homem que estava na cama. É como levitar, pensou conscientemente. Ou viagem astral... O tenente Richardson teria de esperar... um pouco.

Seus olhos abriram-se, de volta à *ShiKahr*.

— Jim. — murmurou ele — O Capitão Kirk!

A cadeira de comando girou em torno de seu corpo esbelto, envolvendo-o com um sentimento cada vez maior de responsabilidade e cansaço. Uma sobranceira ergueu-se. Consideração ilógica. Mas o Tempo o empurrava para a frente. Tempo... quente e vermelho e letal. Tempo...

— Relatório da situação, senhor Sulu?

— Nada extraordinário no momento, Capitão. — respondeu o piloto — Antes os sensores acusaram uma espécie de "blip", — acrescentou ele — que se desvaneceu tão rapidamente quanto surgiu. — Olhou para Chekov.

— Agora só as flutuações normais do instrumento, Capitão. — disse Chekov. — Ao que parece, o "blip" foi apenas... uma disfunção inusitada do sensor. Estamos verificando, mas até agora não detectamos nenhum defeito na calibração dos sensores.

Spock balançou a cabeça para si mesmo. — Exploração espacial?

— Normal, — replicou Chekov — mas uma expressão de confusão começou a se apoderar de suas feições ao olhar para a tela visual. — Com certeza os romulanos não violariam a Zona Neutra com a *ShiKahr* nas imediações; não há dúvida de que seus instrumentos podem detectar-nos, senhor.

Spock inclinou-se para a frente, estudando as constelações familiares. — Os romulanos nunca se distinguiram por sua integridade ou previsibilidade, senhor Chekov. — observou ele — E sua camuflagem ajudaria mui-

to se quisessem introduzir uma pequena nave de guerra bem dentro do território da Aliança, antes de sua presença poder ser detectada. — Olhou para Uhura. — Ainda temos de esperar até o "blip" ser identificado. — decidiu em voz alta — Contate a *T'Ruda* e peça ao comandante que mantenha sua localização atual até novo comunicado.

— Certo, Capitão. — respondeu Uhura.

Com um olhar de dúvida, Spock levantou-se da cadeira, indo até o posto de ciências. — Como medida de precaução, senhor Chekov, verifique *Todo* o equipamento de sensores da nave. Se der resultado negativo, comece imediatamente uma exploração de sonar para detectar qualquer coisa grande o bastante para ser uma nave de guerra a uma distância de cinco anos-luz.

O primeiro oficial olhou em silêncio para o Capitão. — Exploração de sonar, Capitão? — repetiu incrédulo. — Vai levar dias!

— Não se comece imediatamente, comandante. — rebateu o vulcano — E o tempo será bem menor se convocar o pessoal do Controle Auxiliar que está de folga. A exploração completa não vai exigir mais de quarenta e oito horas. — Mas, por dentro, fez uma careta. Dois dias...

O vulcano saiu da sala de comando, dirigindo-se para as portas do elevador; mas, antes de alcançá-las, o painel de comunicação souou barulhentemente.

— Uhura? — disse a voz de McCoy — Spock está aí em cima?

— Spock falando. — replicou o vulcano, inclinando-se para o alto-falante.

— Spock, preciso de você aqui na enfermaria imediatamente. O alferes Richardson e a ordenança S'Parva acabaram de passar os resultados de um projeto privado de pesquisa, e acho que você poderia interessar-se por eles. Além disso, — acrescentou o médico — diz respeito ao alferes Kirk. Infelizmente, o oficial de intendência não conseguiu encontrá-lo. Não está em seus aposentos, não está escalado para nenhum turno de serviço e o computador indica que não usou sua placa de identificação para tomar refeições desde o incidente canusiano.

O vulcano sentiu um frio correr-lhe por dentro, só então percebendo conscientemente que não via Kirk há mais de um dia. Estranho... não havia sentido nada de errado. Mas com este pensamento veio outro. Não havia sentido *nada*. Uma sobranceira ergueu-se e um fantasma frio que reconhecia como ele mesmo deu mais um passo.

— Vou tentar localizar o alferes Kirk pessoalmente, doutor. — disse por fim — Se minha busca for bem sucedida, eu me encontro com você em seu consultório mais tarde, à noite.

— Bem... não demore muito, Spock. — replicou o médico depois de uma hesitação momentânea — Se não conseguir achá-lo em algumas horas, desça de qualquer modo.

A irritação aumentava, ameaçando transformar-se em cólera. — Claro, *Capitão* McCoy. — replicou ele, e dirigiu-se novamente ao elevador, sem perceber os olhares atônitos que o seguiam.

## CATORZE

Quando a noite da nave caiu, o vulcano andava pelo longo corredor que levaria aos jardins botânicos da nave; mas, ao chegar às portas duplas, parou. Uma súbita onda de tonteira e desorientação apoderou-se dele, e o sangue sibilou em suas orelhas. Respirou fundo. Algo o trouxera aqui, percebeu de forma desconexa. Algo... humano. Depois de um momento de luta, a tonteira passou e, forçando a mão a se mover, apertou o botão que abriria as portas.

A noite da nave caíra por toda a parte, e as cores do pseudo-pôr-do-sol na abóbada do jardim emprestavam um fulgor etéreo às estranhas variedades de plantas, árvores e trepadeiras floridas que subiam pelas paredes, completando a ilusão de uma pequena floresta. Entrou em silêncio, mas um rápido exame dos arredores deixou-o illogicamente decepcionado. A sala parecia vazia.

Virou-se para sair, lembrando-se da insistência de McCoy, mas parou quando seus ouvidos detectaram um leve ruído de movimento a poucos metros de distância. Os olhos voltaram-se para a porta, em luta entre o Tempo e o dever; mas seu olhar voltou-se devagar para a região central dos jardins. Ouvira falar de outras naves estelares habitadas por certos animais que tripulantes humanos sentimentais introduziam a bordo clandestinamente ao deixarem o planeta, e não pôde deixar de se perguntar se algum roedor ou um gato não estaria residindo a bordo da *ShiKahr*.

Escolhendo uma trilha que o levaria à origem do ruído, caminhou através da folhagem densa até chegar ao centro do jardim. Seis grandes árvores cresciam em círculo, com os galhos formando uma cascata até o chão, como escuros véus de luto. Em contraste com aquela visão soturna, o cheiro de terra úmida e flores chegou às narinas do vulcano, e ele respirou fundo, perguntando-se quanto tempo teria passado desde que sentira a paz interior que um dia fora sua maneira natural de ser.

Empurrando o pensamento melancólico para o fundo da consciência, ficou ali simplesmente, ignorando o Tempo e as Galáxias de forma deliberada, enquanto a luminosidade diminuía aos poucos. Por fim, só restava uma névoa púrpura luminescente. Por um momento, as cores o levaram de volta a Vulcano — aos dias de infância em que o sol vermelho deslizara para trás de um horizonte longínquo e as areias douradas começaram a esfriar sob seus pés nus.

*Vulcano!* Afastou aquela imagem. A Frota Estelar tinha realmente encontrado a única solução; e, exceto por momentos inesperados de introspecção, ele tinha, pensava, conseguido divorciar-se por completo do

passado. Mas aqui, só com as plantas para compartilhar as lembranças pessoais, talvez fosse seguro pensar no que tinha deixado para trás. Percebeu que seus nervos não estavam em perfeitas condições nos últimos tempos... e mais alguns minutos não poderiam fazer tanta diferença.

De muitas formas, Spock aceitava o fato de não ser mais um vulcano; de que a cultura e a herança lhe haviam sido tiradas muitos anos antes — quando o casamento com T'Pring terminou em desastroso desequilíbrio mental.

Sentiu o ferrão do ressentimento voltar a anuviá-lo, apesar do fato de agora já se terem passado muitos anos. Mas o sangue humano de sua mãe fora determinante, e os traços emocionais que lhe foram transmitidos por seus genes o condenaram a passar o resto da vida à deriva... um pária. Não podia acusar Amanda por isso, concluiu logicamente... mas até Sarek parecia contente por vê-lo partir.

E, para dizer o mínimo, estava livre de T'Pring, uma criatura desleal que só sentia desprezo por seu sangue mestiço e por suas desagradáveis emoções humanas.

*T'kona... Saia sozinho deste lugar. Foi a ordem de T'Pau, quando T'Pring exigiu o rompimento formal do vínculo. Saia de Vulcano. Não volte. T'kona, Spock...*

Menos que um vulcano... mais que um humano. Não tinha escolha além de obedecer a ordem de T'Pau.

E Vulcano acabou-se.

Foi tirado de sua perturbadora melancolia ao ouvir o som outra vez, um distinto farfalhar de folhas a menos de dez metros de distância. Com uma sobranceira arqueada, aproximou-se do círculo de árvores, separou delicadamente os galhos e olhou na fria escuridão azulada. Até seus olhos penetrantes precisaram de um momento para se ajustar, mas logo conseguiu distinguir a figura solitária no chão. A princípio, a parte lógica de sua mente perguntou se alguém estaria ferido ou teria desmaiado com o calor úmido dos jardins. Só depois que olhou melhor que se lembrou porque tinha vindo aqui: Kirk.

Foi-se aproximando de forma suave e cuidadosa, ajoelhando-se ao lado do homem que estava no chão.

Vestido em roupas civis, o humano se havia enroscado em posição fetal e apertava o peito com força enquanto dormia. Aparentemente, presumiu o vulcano, Kirk havia caído no sono ao "sol" da tarde dos jardins. Mas, mesmo em repouso, o alferes parecia cansado e inquieto, quase a ponto de entrar em

exaustão física e mental.

Dizendo a si mesmo que se tratava apenas de um interesse profissional, Spock estudou abertamente o homem que dormia, sem se surpreender ao ver diversas cicatrizes e equimoses. Mas nesses ferimentos secundários -ao que parecia, uma combinação da violência de Donner e do incidente canusiano - Spock viu muito mais. Por um instante, estava na enfermaria, ao lado deste humano, como centenas de vezes antes. Kirk havia sido ferido durante a descida ao planeta (de novo); McCoy trabalhava freneticamente para salvar sua vida (de novo); e Spock sabia que devia estar ali quando seu companheiro despertasse (se é que realmente despertaria).

Lutando para livrar-se da lembrança que não era lembrança alguma, o vulcano inclinou-se para sentar-se no chão. Mas assim que se acomodou, só, apesar da presença do humano, uma visão repentinamente simples surgiu. Alguns momentos antes, tinha aceitado o fato de não ser mais um vulcano; e a idéia de que aquela antiga doutrina e aqueles antigos tabus poderiam impedi-lo de ajudar o jovem alteres cortou os últimos laços que o ligavam à sua própria tradição. Com a calma harmonia de uma fusão, poderia acabar com os pesadelos do humano, apagando a angústia mental remanescente do Dispositivo Talos... encher o vazio de significado.

E talvez houvesse outras reações também. A mente não conhece limites. E qualquer universo, por muito grande ou pequeno que seja, cabe num pensamento.

*T'lema... aquele que anda nos sonhos.*

Não... Kirk não era estranho à sua mente.

A tonteira fez tremer a mão do vulcano. A lógica lutou... e perdeu. Antes de dar-se ao luxo de alterar sua decisão, começou a fusão mental.

Kirk ficou instintivamente tenso no sono por causa do fio mental que entrou com delicadeza em sua mente. Mas assim que tomou conhecimento do lugar onde realmente se encontrava, os olhos abriram-se de repente, arquejando com a surpresa de ver o comandante vulcano inclinado sobre ele.

Durante um momento, Spock não se moveu. E quando seus olhos se encontraram na semi-escuridão, o vulcano pensou ter detectado em Kirk a mesma sensação de reconhecimento que havia experimentado em si mesmo. Por um brevíssimo instante, a realidade se alterara.

Sem se mover, Kirk respirou fundo. — O que está fazendo? — perguntou de maneira significativa, sem que o tom de voz fosse acusador, nem encorajador.

O vulcano começou a respirar de novo e, hesitando, retirou o fio inicial da frágil ligação. Não tinha uma resposta lógica; mas suas suspeitas foram confirmadas. Ele *realmente* conhecia Kirk... ou deveria conhecê-lo em

algum futuro estranho. Na mente, a Senhora do Tempo não tinha qualquer autoridade, o Guardião da Realidade desaparecia. E só a reação de Kirk *provava algo*. Pela lógica, o *alferes* Kirk teria reagido com violência, pensou o vulcano. Mas a aparência absolutamente calma do humano o confundiu.

— Eu... senti que você estava perturbado... pelos sonhos. — declarou ele, dominando a voz para mantê-la em seu tom mais calmo — Por favor, perdoe-me. — acrescentou ele, aborrecido pelas palavras que ficavam mais atropeladas e difíceis à medida em que continuava — Não tive a intenção de... invadi-lo.

Surpreendentemente, o enigmático humano apenas se espreguiçou no chão. — Como já sou considerado louco pela maioria das pessoas desta nave, — começou ele — não seria muito difícil dizer porque estou querendo mudar. — Sorriu pensativo, perguntando-se onde a sua raiva fora parar.

— Depois você me carrega para a enfermaria e me mete numa daquelas camisas que se amarram nas costas.

Uma sobranceira curiosa ergueu-se. Tanto quanto se lembrava, era a primeira vez que o alferes mostrava qualquer senso de humor. — Explique, por favor.

Kirk não se moveu da posição reclinada ao começar a girar nervosamente o anel de ouro em sua mão esquerda. Os olhos fixaram-se no teto, nos silenciosos tons de púrpura e negro, na umidade da névoa que espalhava gotas de orvalho no chão musgoso.

— Neste momento, — começou ele — sinto-me tão falso quanto este crepúsculo. — Por um motivo qualquer, era mais fácil do que esperava compartilhar os pensamentos com o vulcano. Por um momento, perguntou-se a que ponto chegara a fusão enquanto ele estava dormindo, mas... não. Era outra coisa que havia ligado suas vidas. — Não me conheço mais, — acrescentou prosaicamente — mas *a você* sim. — Virou-se estudando o rosto angular de seu oficial-comandante.

A expressão do vulcano abrandou-se quando se abriu para a inspeção visual de Kirk. — Você me consideraria louco se dissesse que reflito seus pensamentos? — perguntou.

Kirk apoiou-se num dos cotovelos, olhando com cautela para o vulcano e, de repente, abandonou a atitude de desinteresse. — Conversei com algumas pessoas lá no laboratório de psicologia. — confessou por fim — Dizem os boatos que a *ShiKahr* foi arrastada para uma espécie de universo alternativo.

O vulcano continuou em silêncio, observando Kirk girar o anel de ouro.

— Esta é uma hipótese. — concedeu ele, perguntando-se onde chegaria aquela conversa.

Kirk continuou a olhar para o Capitão durante muito tempo; mas sua expressão aos poucos se endureceu com a amargura.

— O que o levou a me salvar no lugar de Donner lá em Canus Quatro Capitão? — perguntou ele. Acusou-se incoerentemente pela cólera repentina; mas ela veio mesmo assim. Outra bênção do Dispositivo Talos.

— Ou foi apenas um acidente, apenas *aconteceu* de você se dar ao trabalho de matar os selvagens que estavam mais próximos de mim? — Não esperou pela resposta. — Os amiguinhos de Donner estavam bem em frente de sua linha de fogo, Capitão. — continuou ele — Mas você o deixou morrer deliberadamente. Por quê?

O vulcano piscou, surpreso com a mudança camaleônica do humano. Desviou o olhar, pouco à vontade de repente. Desde o incidente, esta era uma pergunta que sempre se fazia. Era uma pergunta para a qual, de novo, não havia uma resposta lógica. — Eu... calculei que haveria tempo bastante para um segundo tiro. — respondeu ele — Donner tinha mais experiência em descidas a planetas. *Mentiroso!* gritou-lhe sua mente. *Não serve para Vulcano. Não serve para o comando. Mentiroso!* — Infelizmente, meus cálculos foram incorretos. — Ficou tenso, disse a si mesmo para ficar em silêncio, mas não adiantou. — Foi uma decisão de comando. — acrescentou, lutando contra outra onda de tonteira e desorientação.

Kirk murmurou algo para si mesmo, depois olhou direto nos olhos do vulcano. — *Pela lógica*, — disse ele — você *devia* ter salvo Donner. Ele era daqui. Ele... *queria* viver. — Seu rosto ficou sombrio.

Uma sobrancelha arqueou-se, enquanto o vulcano tentava mascarar suas próprias emoções repentinas, com um ar apropriado de comando. — E você não quer? — perguntou ele. Era um território muito perigoso.

Kirk deu de ombros. — Não é isso o que quero dizer. — disse abruptamente, desviando-se dos olhos penetrantes que desvendavam as charadas. Obrigou-se a falar com mais calma. — Tudo quanto sei é que Donner tinha mais... *direito* à vida do que eu. — Mordeu com força o lábio inferior. — Olha, Capitão, — disse por fim — não tem importância se você salvou minha vida por acaso ou por opção. — Fez uma pausa, com ódio daquela parte sua que havia aflorado à superfície. — Mas teria sido um favor a nós dois se não o tivesse feito! — Evitou olhar para o vulcano; doía importar-se com alguma coisa. — Isso... isso não está certo! — insistiu ele. — Não sei o que *é* certo, mas isso é que não é! É como se estivéssemos todos passando por algo que nem começamos a entender!

O vulcano perturbou-se por dentro apesar da aparência calma, estarecido de que uma criatura tivesse tão pouca consideração pela própria vida. *Importava* — se não a Kirk, ao menos a ele.

— Se você está familiarizado com a teoria do universo dual, — começou ele, sentindo os próprios músculos tensos — então sabe que suas suposições podem estar corretas. Há grande possibilidade de que sua vida alternativa seja completamente diferente daquela que você está experimentando agora. E se for possível descobrir uma forma de restabelecer...

— Pare! — sibilou Kirk, amaldiçoando-se pelas emoções ameaçadoras que estavam começando a se avolumar de novo. A esperança era o pior de tudo. Fora de lugar, esperança desesperada. — Você *conseguiu* o que queria, *Capitão Spock!* — disse furioso, incapaz de controlar a raiva. — Conseguiu tudo o que *qualquer pessoa* poderia querer; por que devo acreditar que tem pressa de mudar as coisas? — Implacáveis olhos cor de mel encontraram-se com perplexos olhos negros como o ébano. — Você conseguiu sua preciosa nave e sua santa lógica e sua maldita supremacia, para *você* ficar feliz. E eu tenho a minha *vida!* — Acentuou a palavra com repugnância. — Bem, pode ficar com tudo, senhor! — continuou ele, erguendo-se na ponta dos pés numa onda de fúria incontrolável. — Você pode ficar com toda essa maldita confusão e...

Mas antes de poder completar a frase, surpreendeu-se caindo no chão, atirado pelos braços do vulcano. Uma cólera mortal f piscou nos olhos do humano, enquanto caía na poeira de forma constrangedora.

— Entenda *uma* coisa, humano. — um sussurro áspero impôs-se rudemente. — Nesta nave, sua vida *realmente* me pertence! Se preferi poupá-la, é uma escolha pela qual está preso! — Viu um único instante de medo e incredulidade nos grandes olhos cor de mel, mas aquele vislumbre foi o bastante. A loucura apoderou-se dele, reclamando-o. — Estou farto de sua auto-piedade, Kirk, e o Tempo, *neste* universo, não vai esperar que você supere sua amargura infantil!

No fundo de sua mente sã, uma voz vulcana e lógica pedia uma resposta àquilo que trouxera sua cólera à superfície com tanta violência. Mas o homem enlouquecido a ignorou.

Um ódio feroz piscou nas feições orgulhosas de Kirk. — E então por que simplesmente não me transfere desta nave, para longe da sua vista? — sugeriu ele.

Mas o vulcano apenas balançou a cabeça, como se algo se liberasse dentro dele.

*T'kona...* Não havia nada a provar, nem a Vulcano, nem a ele mesmo. Vulcano era uma palavra sem sentido, um porto onde nunca mais seria recebido.

Algo perigosamente parecido a um sorriso aflorou-lhe aos lábios.

— Não. — disse com muita delicadeza, sentindo outra onda de medo

passar como um relâmpago pelo humano. — Não... não vou deixar as coisas assim tão fáceis para você, Kirk. — Balançou a cabeça, uma risada sinistra partindo os lábios que nunca tinham rido antes. — Está na hora de parar de fugir!

De repente um olhar horrorizado cruzou o rosto de Kirk. Sentia que Spock estava tentando infiltrar-se em sua mente. — Você não teria coragem...

— *Neste* universo, — replicou ele — você está *errado*, James Kirk! — Naquele momento, introduziu-se na mente do humano.

Kirk tensionou-se, lutando contra a vertigem inesperada que fazia seus pensamentos rodopiarem e anuviava a realidade. Seus olhos se fecharam e ele não percebeu que o anel de ouro da Academia caiu de seu dedo e se alojou na areia solta. Era apenas outro pedaço do passado... que desaparecia.

Respirou fundo, cansado de lutar e rendeu-se à agradável vertigem que se seguia à fusão. De algum lugar, um vulcano estranho-amigo removia as camadas de medo e hesitação; e, por um instante, Kirk sentiu arrependimento... arrependimento pelo que seus atos obviamente custaram ao Capitão. *Poderia* ter sido diferente, pensou ele. *Devia* ter sido diferente. Mas o vulcano removeu o sofrimento também, o sofrimento do passado, de lembranças de algum modo irrealis e sem importância.

Por fim, Kirk abriu seu olho interior. O terreno era familiar... e no fundo da escuridão primordial da mente, um homem que reconheceu como ele mesmo esperava...

*Edith... um rosto sensível, olhos compassivos.*

E amor. Seus braços envolveram-na; mas, no fundo da consciência, Kirk sabia que estava dizendo adeus. Território nebuloso, a mente.

Seus olhos exploraram o céu noturno de uma cidade sórdida de algum lugar da Velha Terra. Edith ou as estrelas... Edith ou a Enterprise. *Decisão de Capitão... decisão de comando. Mas como doía. Outra vez. Ela. A deusa prateada. Ela. A decisão foi tomada quando o próprio universo foi criado.*

O fantasma de Edith desapareceu, deixando seus braços vazios.

Miramani... sacerdotisa de uma raça esquecida. Miramani... mulher. Paz aqui... exceto pelos sonhos e rostos. Um escuro e angular. Um de olhos azuis e curioso. Seus olhos buscaram a face da deusa indiana. Delicada, linda mulher-de-uma-estação. Mas aqui havia culpa... culpa de enganar a amante

de tanto tempo. Ela *exigia mais que simples ferramentas e deuses antigos. Ela exigia tudo... um preço.*

Miramani deu um passo para o lado.

Outros rostos... alguns esquecidos, alguns muito lembrados. Dila, Ruth, Rayna (Esqueça a dor, Jim. Esqueça.)

*Voltou-se para a Fonte.*

— Parabéns, Capitão Kirk. — disse o Almirante Komack, sacudindo-lhe a mão vigorosamente. — É toda sua para a próxima missão de cinco anos. Cuide bem dela. O almirante riu. — Trate-a como se fosse uma mulher, mas melhor.

Tremendo, Kirk concordou. Ela. *Carne, sangue e ossos prateados. Nave estelar. Um caso de amor que não podia ser tratado com leviandade. Uma responsabilidade com que não se podia arcar sozinho.*

Calorosos olhos negros entraram na realidade.

Spock?

*A sílaba ecoou em sua mente. Irmão de sangue entre as estrelas. A outra metade do todo. A outra parte da Trindade. A única outra pessoa que Ela aceitaria em sua vida.*

— Sim, Jim. — *disse uma voz mental profunda e vibrante* — Eu... acredito que realmente chegamos a nossas respostas...

*Kirk engoliu em seco.* — Mas... isto é real?

*A resposta bastava.* — Isso é tudo quanto é real, Jim.

Mas a nova realidade rejeitou Kirk, mandando-o de volta por um longo túnel escuro. Mas não havia sofrimento. Poderia voltar, disse a si mesmo. *Voltaria* para ela.

Em algum lugar, numa realidade longínqua e estranha, ouviu-se começar a respirar de novo. Idéias de nascimento vieram-lhe à mente... idéias de volta a um mundo cruel.

Na *ShiKahr*, James Kirk abriu os olhos e viu o vulcano a examiná-lo com uma expressão ininteligível.

Uma sobancelha levantou-se sob uma franja negra desalinhada enquanto Spock balançava a cabeça, desviando depois o olhar, o rosto angular anuviando-se.

— Eu... — o vulcano levantou-se de repente e se afastou enquanto voltava a lembrança de tudo o que fizera.

— Espere... — pediu a voz de Kirk com suavidade. O vulcano parou, mas não olhou para o outro.

Kirk levantou-se devagar, franzindo as sobancelhas, enquanto considerava o vulto tenso de Spock. Por um momento, não soube o que dizer. .. mas obrigou-se a se lembrar do que tinha visto na fusão, obrigou-se

a confiar no homem que comandava naves estelares. O *alferes* Kirk retirou-se respeitosamente.

— Spock?

— Precisa perdoar-me, alferes. — declarou o Capitão de forma direta — Eu... evidentemente não era eu mesmo. Este... *incidente*... deve ser registrado o quanto antes. — Uma fusão forçada, independente do impacto ou do motivo... era proibido. Começou a se afastar, reconhecendo subitamente sua própria insanidade como tal. O sangue zunia em suas orelhas.

Kirk apenas riu. Spock examinou-o com cuidado.

— Por quê? — perguntou o humano. — Como pode arrepender-se de me provar que *há* algo pelo que vale a pena viver? — Não esperou pela resposta. — Se aquele outro universo *for* real, — arriscou-se a dizer — então você tinha todo o direito de fazer o que fez. — A realidade oscilou, lutando por transformar-se, mas ele ficou firme, usando os olhos baixos do vulcano como um ponto focal.

Mas Spock apenas balançou a cabeça. — Há um perigo. — declarou.

Kirk ficou tenso. — O quê? — perguntou.

Cedendo ao humano por um momento, o vulcano ergueu uma sobrancelha, quando seus olhos se encontraram com os do alferes. Agora entendia a amargura... agora sabia o quanto Kirk havia perdido. E suas próprias perdas, refletiu ele, pareciam menores em comparação.

— Há o perigo de não conseguirmos... voltar. — disse Spock por fim — O perigo de ficarmos... presos para sempre *neste* universo. — Seus olhos fecharam-se dolorosamente. As emoções estavam demasiado próximas da superfície; e ele começou a reconhecer o perigo adicional também... o perigo dentro dele. — No caso disso acontecer, — continuou ele, usando o som da voz como um lembrete da realidade — nossas mentes não vão... *aceitar* esta realidade em que fomos lançados.

Kirk engoliu com dificuldade. Alguns momentos antes, parecia tão fácil... tão certo. — Quanto tempo temos? — perguntou ele.

O vulcano desviou o olhar. — Menos de onze dias. — replicou com sinceridade — E não há dados suficientes, até o presente momento, para saber onde começar a fazer os reparos.

Kirk pensou naquilo e em todas as suas implicações. Se não houvesse forma de recriar aquela outra realidade, estava liquidado. Aquilo tudo. Desviou o olhar antes que o pensamento pudesse ser transmitido ao vulcano. Algo dentro dele recusava-se a aceitar a derrota; algo mais forte que o alferes Kirk exigia uma chance... um direito à vida que conhecera antes.

— Então vamos *criar* uma forma — disse ele, perguntando que poder especial ele julgava ter sobre o universo.

O vulcano balançou a cabeça em silêncio, sentindo facilmente a determinação, e o desespero, neste singular alferes-Capitão. — Os computadores da nave estão trabalhando com todas as teorias possíveis — arriscou-se a dizer. — E se pudermos descobrir uma forma antes que o próprio tempo intervenha...

A frase descambou para o silêncio, e Kirk pensou ter visto o vulcano tremer. Por um instante, a desesperança fez-se valer outra vez, mas procurou afastá-la. — Já enfrentamos coisas piores, Spock. — Disse ele, perguntando-se de onde as palavras estavam saindo, perguntando-se a que estaria se referindo. — Alguma coisa tem de acontecer.

O vulcano balançou a cabeça e ia começar a responder, mas foi interrompido por um alto-falante oculto que chilreou barulhentosamente. Deu um pulo de susto e raiva.

— Capitão Spock? — chamou a voz de Uhura interrogativamente.

Mas o vulcano não se moveu imediatamente para responder. Seus olhos continuavam fixos nos de Kirk.

Por fim, o humano sorriu, respirando fundo enquanto uma mensagem sem palavras passava de um para o outro. — O dever chama... Capitão.

— disse com um sorriso.

Muito devagar, o vulcano concordou. — Capitão... mesmo. — replicou ele.

Depois de mais um momento, dirigiu-se para um banco de pedra próximo, sentou-se nele e ativou o comunicador de pulso. — Spock falando.

— Capitão, — respondeu Uhura — A *USS T'Ruda* está em comunicação conosco e pede sua presença na ponte de comando.

O vulcano olhou para Kirk... e deixou que o momento passasse depois de respirar fundo. Ainda havia perguntas sem respostas... mas, por hora, suas prioridades eram claras. Se ao menos pudesse segurar-se o tempo suficiente, manter a insanidade sob controle...

Deixou que o pensamento voltasse para a escuridão. — Estou a caminho, Tenente. — disse por fim, desligando o aparelho de comunicação enquanto se voltava para o humano. Levantou-se... sobre as pernas que pareciam trêmulas e fracas.

— Se puder ajudar de alguma forma... — ofereceu Kirk, sem terminar a frase.

Spock balançou a cabeça e começou a se afastar; mas parou de repente.

— Talvez possa, alferes. — disse suavemente — Acho que o dr. McCoy está esperando por nós dois na enfermaria, para revelar algumas novas informações sobre a teoria do universo dual. Talvez você possa atender as necessidades do doutor, enquanto falo com o comandante da *TRuda*. — E,

percebeu o vulcano, isso manteria McCoy fora de *seu* caminho mais alguns minutos.

Kirk concordou, depois brincou fazendo uma continência exagerada, tentando não pensar no que aconteceria se estivessem errados, se não conseguissem fazer as mudanças a tempo. Já sentia as ferroadas da loucura... de uma insanidade pior que a própria morte. E era fácil ver o que estava fazendo com Spock. O vulcano parecia cansado, esgotado... quase apavorado por baixo da fachada de comando.

Mas pôs estas imagens de lado. O universo sempre obedecera a suas ordens antes, lembrava-se ele. E o Tempo era um velho amigo... um amigo a quem enganara muitas vezes no passado.

## QUINZE

O Capitão Spock sentou-se na cadeira de comando, com os olhos fixos no visor central. As estrelas do império romulano formavam uma faixa dourada no céu, mas ele não via beleza nelas. Em vez disso, sentiu sua própria insanidade dar mais um passo para ele. Chamava-o pelo nome, sussurrando promessas que nunca poderiam ser cumpridas. Surpreendeu-se querendo... precisando. O sangue zunia em suas orelhas, uma canção de sereias e das quentes areias vermelhas de Vulcano. Sua mente entrou suavemente no ritmo do sangue, o apelo do lar... mas um lar que não parecia existir mais em *nenhum* universo.

— Comunicação estabelecida agora, Capitão. — disse a voz de Uhura, interrompendo sua fantasia — Passando para a transmissão áudio-visual.

Reclinando-se na cadeira, o vulcano esperou, tamborilando distraidamente os dedos no lado da cadeira. Olhou para a ponte de comando à sua volta, para os olhos expectantes da tripulação. Havia sido instruídos sobre a missão a realizar, mas será que compreendiam realmente o que estavam enfrentando? O próprio Tempo tomara-se uma entidade viável, forçando o caminho para a frente, exigindo precedência sobre tudo o mais. Respirou fundo, tentando combater a impaciência crescente. Mas quando a imagem finalmente tremeluziu ao aparecer na tela visual, sentiu-se relaxar um pouco.

— Capitão Spock! — disse com cordialidade o comandante da *T'Ruda*. — Há quanto tempo!

O vulcano inclinou a cabeça numa saudação. — Realmente. — murmurou surpreso — *Capitão Pike?*

O humano concordou com um aceno, um largo sorriso espalhando-se pelas belas feições. — Sua recomendação teve muito a ver com isso, Spock — disse com calor. — Mas vou deixar os agradecimentos para quando nos encontrarmos pessoalmente. Contudo — os brilhantes olhos azuis anuviaram-se de forma sinistra. — eu... suponho que vocês entraram em contato com o Comando da Frota?

— Sim. — disse Spock com simplicidade, aliviado de qualquer modo por seu antigo primeiro oficial e amigo ser agora o comandante da *T'Ruda*. Talvez aquilo facilitasse um pouco as coisas. — Depois de discutir com os oficiais mais graduados da *ShiKahr*, sou obrigado a dizer que as ordens do almirante S't'kal parecem um tanto quanto... singulares.

Pike concordou. — É. — concedeu com um suspiro profundo — No começo pensamos que tinha sido uma brincadeira de mau gosto de alguma

outra pessoa; mas as ordens foram confirmadas como sendo genuínas. — Riu baixinho. — Não posso dizer que gosto da idéia de começar uma guerra desnecessária, mas... estou supondo que o comando da Frota deve ter razões que não está nos comunicando. — Sua voz ficou abafada por um momento. — Spock... diga-me *uma* coisa. O seu pessoal anda tendo algum problema estranho aí?

Uma sobranceira ergueu-se, enquanto o vulcano estudava seu velho amigo. — Especifique, por favor. — pediu ele. Não havia margem de erro.

— Bem, — respondeu Pike — tivemos vários incidentes com tripulantes fazendo... coisas esquisitas. Diabos, um dos lançadores foi roubado do próprio convés do hangar; e o problema não foi detectado antes de ser tarde demais para lhe fixarmos um feixe trator. Felizmente não aconteceu longe demais da Base Dez, e ouvi falar que o lunático que o furtou acabou na polícia do Comando. Mas isso é só uma parte da história. — continuou o humano — Aconteceram outras coisas, também. Muita esquizofrenia, segundo meu oficial responsável pela área médica. Mas nada que tenha conseguido definir precisamente em termos científicos, mas... — Houve mais uma longa pausa. — Andamos trabalhando com uma tripulação esquelética, Spock; todos só pele e osso. E se vamos partir e penetrar na Zona Neutra, sem sermos convidados, se é que você me entende, é um risco dos diabos. Informei S't'kal de nossa situação, mas ele simplesmente repete suas ordens anteriores. Acho que não me levou a sério, quando lhe disse que vamos sair daqui para nada!

O vulcano respirou fundo. — Comandante Pike? — disse gentilmente.

Os olhos do humano anuviaram-se e suas sobranceiras franziram-se. — O que é, Spock?

O vulcano ficou em silêncio durante um longo momento. Motim não era algo fácil de acontecer... e o "blip" ainda não fora explicado. Apertou um botão no lado da cadeira que passava automaticamente a transmissão para o código e depois a retraduzia para a língua normal na *T'Ruela*.

— Capitão Pike, — disse ele — o que vou lhe dizer é algo que requer sua atenção pessoal e profissional também. Não é uma questão que deva ser tratada levianamente.

Pike balançou a cabeça. — Qualquer coisa que sugerir será de ajuda em nossa situação atual, Spock. — disse por fim — Qualquer coisa que precisar ou quiser, não hesite em pedir.

Spock respirou fundo. — Você deve retornar imediatamente à Base Estelar Dez, Capitão. — declarou sem preâmbulos — Pois a bordo desta nave temos provas irrefutáveis de que o almirante S't'kal está experimentando os efeitos de uma situação que o deixou funcionalmente

insano. Ele precisa ser detido. — Fez uma pausa, olhando firme para seu antigo primeiro oficial. — Você mesmo não sentiu... nada estranho? — perguntou de maneira significativa.

Pike balançou a cabeça. — Tenho estado em perfeitas condições, Spock. — disse ele — Mas você entende o que está sugerindo? Não posso entrar na Base sem mais nem menos e dizer a S't'kal que abra mão de sua autoridade.

— Por favor, Chris. — interrompeu-o Spock, sentindo outra pressão do Tempo — Ouça-me até o fim. As coisas estranhas que você descobriu na *T'Ruda* são sintomas de um... dilema maior ainda. *Não* se restringem a naves ou bases estelares; na verdade, não tenho certeza se se restringe a esta Galáxia.

— Sobre o que está falando, Spock? — perguntou Pike devagar. — Não me deixe entender mal. Nós alinhavamos algumas teorias próprias, e é sobre isso que eu queria falar primeiro, mas descartamos várias como malucas demais para serem sequer consideradas. Importa-se de extrapolar?

O vulcano sustentou o olhar expectante de Pike, através de milhares de anos-luz de distância. — Neste momento, — começou ele — temos cerca de onze dias médios para corrigir um... defeito de funcionamento do próprio Universo. Atualmente estamos sem condições de formular uma hipótese praticável relativa ao que teria *causado* esse defeito; mas os sintomas e os resultados finais são fáceis de verificar. Em síntese, nossa pesquisa provou sem qualquer sombra de dúvida, que mesmo este Universo é um reflexo distorcido de outro, e é neste *outro* Universo que se encontra a nossa verdadeira realidade. — Fez uma pausa, voltando-se para Uhura — Estou instruindo minha oficial de comunicações para que transmita uma cópia integral de nossos programas de pesquisa diretamente à sua biblioteca computadorizada central. Se depois que seu cientista-chefe tiver analisado o material, você mesmo não concordar com minhas conclusões, renuncio imediatamente a meu cargo de Capitão, deixando o comando desta nave ao primeiro oficial Chekov.

Fez mais uma pausa, notando que Uhura já tinha passado as informações para uma transmissão em código.

— Como também é fato que apenas certos indivíduos são afetados pela loucura, — continuou o vulcano — é claro que alguém como você deve substituir S't'kal imediatamente. Embora isso não resolva todo o problema, vai manter a cota de incidentes num nível mínimo até uma solução permanente ser encontrada.

Pike olhou em silêncio para seu antigo Capitão durante um longo tempo; e Spock pensou que o humano simplesmente cortaria a transmissão. Mas, por fim, um sorriso muito tênue aflorou aos lábios de Pike.

— E um plano dimensional alternativo, não é, Spock? — perguntou enfim, batendo com a mão no braço da cadeira de comando. — Ouvi falar do incidente de Halkan há alguns anos, e isso foi parte da base de nossa pesquisa. Não sei se podemos *acrescentar* alguma coisa a suas conclusões, mas sei muitíssimo bem que não vamos discordar delas!

O vulcano balançou a cabeça, dando-se ao luxo de respirar outra vez. — E o comandante da *S'Tasmin*? — perguntou ele. — Qual a opinião da capitã Benedict sobre a situação atual?

— A *S'Tasmin* está um dia atrás de nós, Spock. — informou Pike — E você não precisa preocupar-se com Benedict. Ela tem tido tantos problemas por lá quanto nós aqui na *T'Ruda*. Pessoalmente, acho que ela está à espera de uma mançada de S't'kal. Cá entre nós, estivemos trabalhando na teoria do universo dual em luta contra o relógio. Infelizmente, parece que não há respostas definidas. A única coisa que posso acrescentar ao que você já me disse é que a pesquisa da capita Benedict aponta para a possibilidade de, qualquer que seja a causa desta... alteração, por falta de uma palavra melhor, deve ter sido um incidente específico. Algo tecnológico, em contraposição a fenômenos naturais.

— Então é possível concluir que a alteração foi feita por algo específico com um propósito específico. — declarou o vulcano.

— Este é o *x* da questão. — confirmou Pike — Não sei de que nos serve a essa altura, mas vale a pena considerar. Infelizmente, — acrescentou — as teorias de Benedict também vão no sentido de supor que este incidente deve ter por base a história passada de um mundo específico. Mas como *nós* ainda não fazemos viagens no tempo, poderíamos dizer da mesma forma que a causa foi a queda do Império Romano. É fácil ver onde os romanos erraram, mas não é tão fácil voltar e corrigir o erro.

— Realmente. — replicou o vulcano — Mas um pensamento vago insinuou-se em sua mente. Certas culturas tinham *de fato* a capacidade de viajar no tempo. Talvez S't'kal soubesse *realmente* mais do que dizia... mas começar uma guerra com o Império Romulano dificilmente seria uma solução viável. — Você vai desculpar-me, Pike, — disse ele então — mas eu preciso voltar à minha pesquisa. Por favor, informe-me imediatamente assim que tomar a decisão relativa à nossa... solução provisória.

Mas Pike apenas sorriu. — Não há decisão a tomar, Spock. — disse ele — E eu sei que posso falar pela capita Benedict também. S't'kal precisa ser arrancado daquele trono dele, e nós somos as únicas naves próximas o suficiente para fazer isso. De qualquer modo, podemos voltar à Base Estelar Dez sem levantar suspeitas demais, podemos dizer que os principais propulsores de dobra não estão funcionando bem. Ganharemos um certo

tempo com isso. E os boatos dizem que S't'kal já ouviu um monte de estática de mundos não filiados ao território da Aliança. — sorriu — As palavras têm uma tendência de andarem rápido, principalmente quando estão classificadas como secretíssimas. — Fez um momento de pausa. — O que o seu pessoal vai estar fazendo nesse meio tempo?

— Tenho uma certa teoria em relação à causa específica da alteração, replicou o vulcano — Além disso, *existe* uma fórmula hipotética de usar a energia da nave para criar uma dobra de tempo. — Infelizmente, — acrescentou — essa hipótese nunca foi testada, e mesmo no caso de se mostrar praticável, não sei onde começar a procurar. Mas se minhas suspeitas se confirmarem, pode haver uma alternativa ao acaso.

Pike concordou. — Bom, como o tempo parece uma mercadoria rara, vou deixar o que resta para você. — Mais uma vez os olhos azuis se suavizaram. — Cuide-se Spock, — disse ele. — Pike desligando.

A tela ficou vazia, mas o vulcano não desviou o olhar imediatamente. Naquele momento, as estrelas voltaram... estrelas desconhecidas. Frio. Estrelas do inimigo. Pensou no "blip" que haviam detectado antes.

Seu sangue afluiu ao coração.

O alferes James Kirk entrou na enfermaria e encontrou Jerry jogado num cadeira de recuperação a um canto. A cabeça descansava apoiada nas mãos, e a cadeira parecia ronronar levemente. S'Parva estava deitada no chão do consultório de McCoy, com a cabeça delicadamente enfiada entre as patas marrons bem cuidadas; e o médico estava preguiçosamente sentado à mesa, com os pés postos ao acaso num canto daquela confusão.

— Bem, — resmungou McCoy, olhando para o cronômetro — estava na hora de você aparecer. — Olhou cheio de expectativa sobre o ombro de Kirk. — O Capitão não está com você?

Kirk sacudiu a cabeça, impassível e, pegando uma cadeira desocupada, levou-a para perto da mesa, piscando para seu companheiro de quarto quando este abriu os olhos sonolentos.

— O Capitão Spock foi chamado à ponte de comando. — explicou ele

— Pediu-me para retransmitir todas as informações. — De repente, sentiu-se confiante outra vez, seguro de si. — Então, nas palavras do poeta, que que há, doutor?

O rosto de McCoy tensionou-se num incrédulo franzir de olhos, enquanto tirava os pés de cima da mesa e batia no braço da cadeira com um movimento suave. — Se o vulcano não está meio louco, eu como a placa que está na minha porta! — Olhou para Kirk com curiosidade. — E você parece

animadíssimo, Kirk. — observou ele — Pode me dizer por que?

Mas o alferes apenas balançou a cabeça, com um sorriso vindo aos claros olhos cor de mel. — Digamos que tenho uma razão para estar. — replicou de forma evasiva.

Richardson gemeu lá no canto. — Eu diria... — resmungou ele, estirando os braços acima da cabeça e dando um grande bocejo. — Fale de uma promoção rápida! — Um suspiro profundo abriu-lhe os lábios.

As sobrancelhas de Kirk franziram-se. — O que você quer dizer, Jerry?

— perguntou ele sentindo um arrepio percorrer-lhe as costas. Richardson deu de ombros, balançando rapidamente a cabeça para

McCoy. — Vou deixar o doutor explicar, Jim. — disse ele — Lembra-se daquele vínculo que você sugeriu que eu fizesse com S'Parva?

Kirk fez um gesto de assentimento. — Lembro. — disse ele, olhando para onde a katellana estava começando a despertar. Ela se espreguiçou demoradamente, arqueando o longo pescoço e as costas e, por fim, sentou-se. Ele se virou para Richardson. — O que é isso?

— Bem, — disse McCoy — segundo o que podemos deduzir do vínculo deles, Kirk, você seria figura de proa se houvesse algumas mudanças significativas por aqui. — Introduziu a fita holográfica no aparelho de vid-sondagem, ajustou os controles e depois reclinou-se, estudando o humano enquanto esperava. — A essa altura, — acrescentou ele — não tenho a menor idéia do que vamos *fazer* com esta informação, mas suponho que não há mal em que você fique sabendo. E *depois*, — enfatizou ele — talvez você vá fazer uma vid-sondagem.

Kirk deu de ombros. Aquela altura, pensou ele, provavelmente não faria nada. *Ela* estava viva de novo em seu sangue. — Talvez. — concedeu ele, olhando para Richardson. Seu companheiro de quarto parecia absolutamente nervoso. — Jerry?

— Veja a fita, Jim. — Richardson replicou com um sorriso gentil. — Considere-a um presente de formatura.

Assim que a fita foi passada, Kirk reclinou-se na cadeira. Apesar da fusão com Spock, era perturbador, e enaltecido, ver aquilo em vividas cores holográficas. E, para dizer o mínimo, era uma confirmação tangível.

Olhou cheio de expectativa para McCoy.

— Não peça que *eu* explique, Kirk! — disse o doutor baixinho — Sou um médico, não um crítico de cinema. — Fez uma pausa, os olhos azuis examinando o alferes. — Tem algo a dizer sobre isso?

Kirk respirou fundo. — Só que... parece certo. — arriscou-se a dizer, permitindo-se relaxar na presença de McCoy. Em muita coisa, o médico era quase tão familiar quanto Spock; só faltava o copo habitual de uísque.

Pensou na fusão, mas evitou mencioná-la. Havia algo que parecia exigir privacidade... algo na atitude do vulcano quando se separaram nos jardins. Levantou-se da cadeira, estendendo automaticamente a mão para pegar a fita. — Vou levar isso aos aposentos do Capitão. — ofereceu-se ele.

Mas a mão de McCoy o segurou pelo punho. — Não tão depressa. — disse ele, levantando-se da cadeira para encarar o alferes — Se é que o conheço, e suspeito que sim, vai ser mais fácil arrancar os dentes da Górgona que trazê-lo aqui de volta depois que você sair. Que tal aquela vid-sondagem?

Kirk olhou nervosamente para o cronômetro e deixou que o astucioso comandante de nave estelar desaparecesse. Tirou a fita da máquina, soltando-se de McCoy com facilidade. Escolheu seu sorriso mais charmoso. — O Capitão Spock quer *mesmo* esta informação o mais rápido possível. — observou piscando um olho — O que há, doutor? Não confia em mim? McCoy ergueu-se na ponta dos pés. — Não. — disse da maneira mais direta — Não confio. — Mas sorriu, respirando fundo enquanto Kirk colocava a fita no bolso da camisa de flanela amarrotada. O médico observou os restos de folhas e poeira nas roupas do alferes, mas apenas guardou estes detalhes num canto seguro de sua mente, enquanto Kirk desaparecia no corredor.

— Bem. — disse Richardson bocejando — Acho que vou ter outro companheiro de quarto. — A realeza descansa nos aposentos dos oficiais. Virou-se para S'Parva. — O que vai fazer hoje à noite, doçura?

A katellana deu de ombros. — Nada de especial. — disse com um sorriso para McCoy — O que tem em mente, Romeu'? O blefe fora descoberto, pensou Richardson engolindo em seco. McCoy sacudiu a cabeça absolutamente perplexo.

O Capitão Spock estava deitado na cama, mas o estado de meditação lhe fugia. E agora sabia, sem qualquer sombra de dúvida, que seu próprio limite de tempo fora reduzido. *Pon farr*. Outro sintoma da insanidade do universo, pensou ele. Simplesmente tinha-lhe acontecido daquela maneira... de uma maneira da qual não poderia ter esperança de escapar. A lógica sozinha era inútil. Olhou para o criado-mudo, os olhos negros examinando a fita de computador que Kirk lhe deixara uma hora antes. Respostas, sim. Até a verdade. Mas... para que? Sem uma forma de voltar no tempo e corrigir a causa, estavam presos na armadilha. E esta, percebeu ele, era a *última* verdade.

Quanto a ele mesmo, não tinha importância; pois sem um par amoroso, a febre do sangue asseguraria sua própria morte em uma semana. Uma

sobrancelha levantou-se. O tempo montara a mais eficiente das armadilhas, pensou ele. Mesmo que *pudesse* voltar a Vulcano, não haveria ninguém lá para ele, ninguém com quem pudesse estabelecer nem um vínculo temporário. E a idéia de tentar acasalar-se com uma healer o deixava frio. Não... Vulcano ainda não era a resposta.

Mas antes de poder levar esses pensamentos adiante, o painel de comunicações instalado na cama chamou sua atenção de maneira ruidosa. Respirou fundo, e o som parecia muito mais alto que de costume, muito mais irritante que o necessário. Apoiando-se num dos cotovelos, apertou o botão de resposta.

— Spock falando. — disse sombriamente.

— Olá, Capitão, — veio a resposta — é o senhor Scott, na ponte de comando. — O engenheiro fez uma pausa e houve um murmúrio de conversa rápida ao fundo. — Acho que devia vir aqui em cima imediatamente, senhor. Os sonares exploradores localizaram aquele "blip" de novo, e é mesmo uma nave. Talvez uma nave de transporte, mas ainda não temos muitos detalhes.

Spock já estava de pé, estendendo a mão para pegar uma camisa limpa do uniforme, que estendera com cuidado antes de ir para a cama. — Estou a caminho, senhor Scott. — confirmou ele, e dirigiu-se para a porta depois de arrumar meticulosamente o uniforme.

Mas enquanto descia o corredor em direção ao elevador, não pôde deixar de notar um ponto vazio a seu lado... um ponto que, em outro lugar e outro tempo, seria ocupado por Kirk.

Ignorou-o tanto quanto pôde, procurando não pensar muito no que tinha visto na mente do humano. Pois se o "blip" acabasse por se revelar um cruzador romulano, toda a questão poderia ser considerada acadêmica. Como observara o Capitão Pike, as palavras tinham tendência a se espalhar; e se os romulanos tivessem de algum modo interceptado as ordens de S't'kal... Deixou o pensamento deslizar para o fundo da consciência, esperando poder descobrir em si a mesma astúcia que seu Capitão daquele outro universo surrealista possuía naturalmente.

Acomodando-se na cadeira de comando, Spock tentou ignorar suas próprias pressões, cada vez maiores. O sangue nas orelhas era um troar constante, um fantasma que nunca parava de lhe murmurar sugestões. Bateu uma porta sobre ele.

— Relatório da situação, senhor Chekov. — ordenou com a voz mais áspera do que gostaria.

— O último contato do sensor com o "blip" ocorreu precisamente há sete minutos atrás, Capitão. — respondeu o primeiro oficial olhando para a tampa do receptor da sonda — Naquele momento conseguimos verificar que se trata de uma nave. Pequena demais para ser um cruzador de guerra, — continuou ele — mas decididamente grande demais e muito definida para ser um asteroide ou outro detrito espacial. Também detectamos emanações potentes da nave, mas não tiveram duração suficiente para se poder determinar a fonte. — O russo ergueu os olhos, que se encontraram com os do Capitão. — Estão brincando conosco, senhor.

O vulcano inclinou-se para a frente na ponta da cadeira, os olhos examinando a tela visual, apesar de não conseguir enxergar nada. — A sondagem espacial? — perguntou ele.

— Estamos fazendo aquela sonda rodar desde a primeira vez que detectamos aquele "blip" de novo, Capitão, declarou Chekov. — Seja qual for o tipo de nave que está aí, é rápida, rápida o bastante para burlar nossos sensores.

Reprimindo um suspiro de frustração, o vulcano levantou-se da cadeira, voltando-se impulsivamente para o painel de comunicações. — Tenente Uhura, abra todas as frequências possíveis, para o caso de desejarem entrar em contato conosco.

— Sim, senhor. — respondeu Uhura, dando rápidas pancadinhas na série de controles necessários para a captação de códigos universais de amizade em todos os canais. — Resposta negativa, Capitão. — disse ela então — Se há alguém lá fora, não está acusando a recepção.

— Continue tentando, Tenente. — instruiu Spock, voltando para a cadeira de comando. Sentou-se rapidamente, pois uma onda de náusea inesperada apoderou-se dele. Sentiu que ficava pálido e esperava que ninguém mais percebesse. — Se for uma nave romulana, é óbvio que vieram aqui com um objetivo e acabarão apresentando suas exigências.

— Sim, senhor. — concordou Uhura, recolocando o nódulo na orelha — Capitão? — chamou ela. — Agora *estou* recebendo uma transmissão fraca em nosso canal T.

— No áudio, Uhura. — pediu o vulcano.

Enquanto Uhura manipulava os controles, uma mensagem que parecia gravada ecoou pela ponte de comando, interrompida ocasionalmente por altos ruídos de estática. — Aqui é a nave de exploração *T'Favaron*. — dizia mecanicamente uma voz feminina — Nós nos perdemos da nave-mãe *Ravon* e julgamos estarmos extraviados em território da Aliança. Os sensores estão distorcidos, a energia está acabando. Qualquer nave romulana que receber esta transmissão, por favor respondam diretamente ao computador.

Spock ouviu com cuidado a mensagem em código, aborrecido pelo fato dos computadores da *ShiKahr* precisarem de três minutos inteiros para traduzir o intrincado código romulano.

— Estamos usando camuflagem para evitar sermos detectados pelas naves da Aliança, — continuava a mensagem em tom muito fraco — e nossa energia está acabando. As reservas estão baixas, o combustível quase no fim. Respondam, por favor.

Spock esperou. *Podia* ser um truque, lembrou a si mesmo com firmeza. Entretanto... também poderia ser a resposta que precisava. Uma sobrancelha ergueu-se até em cima.

— Agora os localizamos exatamente, Capitão. — disse Chekov de repente — Parece ser uma nave exploratória romulana que serve para transporte; nossos sensores só registram armamentos leves.

O vulcano hesitou mais um momento. — Ponha um feixe trator naquela nave, senhor Scott. — instruiu ele — Traga-a para o convés do hangar. Apertou um botão no braço da cadeira de comando. — Distância do convés do hangar que permita segurança total. — disse para o painel — Situação: alerta amarelo.

## DEZESSEIS

Assim que o convés do hangar foi pressurizado e o indicador luminoso apareceu verde no painel por fora da porta, o Capitão Spock balançou a cabeça para os seis guardas de segurança vulcanos que o precediam naquela sala gigantesca.

— Segon, — disse ele, dirigindo-se ao chefe de segurança — use da maior cautela. Em nenhuma circunstância qualquer dos passageiros deve ser ferido. Se estiverem armados, desarme-os rapidamente, mas não tome nenhuma atitude agressiva. Não desejamos jogar lenha na causa do Almirante S't'kal, caso esta nave tenha entrado acidentalmente no território da Aliança.

Mas algo no fundo de sua mente avisou-o de que não se tratava de acidente algum. Suas próprias palavras lhe voltaram à memória. *Não tenho certeza de que se restringe a esta Galáxia. Ou à Aliança*, acrescentou, ao lhe ocorrer um pensamento súbito. Na verdade, a chegada dos romulanos parecia muito oportuna.

Quando as portas do convés do hangar se abriram devagar, os olhos do vulcano se estreitaram a fim de estudar a nave estrangeira, descobrindo uma semelhança espantosa com o modelo de bombardeiro da Aliança, sendo as principais diferenças a pintura muito colorida de uma ave de rapina e uma bolha em cima de uma pequena nave. A nave descansava sobre dois trilhos que pareciam casulos; naquele momento, uma porta do lado de fora abriu-se, com uma rampa estendendo-se até o convés a um metro de distância.

Cercado pela equipe de segurança, Spock observava a nave com cuidado, quando as portas se separaram revelando duas mulheres romulanas vestidas com os familiares uniformes da Armada do Império. As insígnias do braço revelavam que uma delas ocupava um posto correspondente ao de tenente da Aliança; a outra parecia ser subcomandante — a versão imperial de um primeiro oficial da Frota Estelar. Uma sobranceira ergueu-se, quando o vulcano deu um passo na direção delas e parou na base da rampa.

Inclinando a cabeça num cumprimento formal, estudou as mulheres com cuidado, reprimindo uma sensação muito forte de *déjà vu* ao encontrar os olhos negros da tenente. As belas feições estrangeiras pareciam familiares, obcecantes... como um rosto de sonho. Mas colocou o pensamento de lado.

— Sou o Capitão Spock. — declarou ele, notando que elas não traziam armas — Estão a bordo da *USS ShiKahr*.

Os olhos da subcomandante examinaram o convés do hangar com óbvio

interesse. — Meu nome é Sarela. — replicou de maneira hesitante — Segunda em comando na nave romulana *Ravon*. — Perguntou-se se a prãtor teria armado um lance inteligente ao decidir revelar seus nomes verdadeiros, ocultando apenas o fato de Thea por acaso ser a líder de todo o Sistema romulano. Acenou com a cabeça em direção à outra. — Essa é Thea, — acrescentou — a conselheira científica de nossa nave.

O vulcano fez uma saudação cerimoniosa, enquanto a equipe de segurança formava um círculo estreito em torno do grupo compreendido por Spock e pelas duas romulanas. — Embora venham a ser oficialmente interrogadas de manhã, gostaria de fazer-lhes algumas perguntas agora. — Não recebeu qualquer resposta negativa, e continuou. — Qual a natureza de sua missão no momento em que sua nave perdeu-se da *Ravon*? — Pôs-se em movimento, indicando as portas do convés do hangar com um rápido gesto. — E por que sua nave aventurou-se tão profundamente no território da Aliança? É evidente que nossos sensores seriam capazes de perceber sua localização.

Sarela colocou-se ao lado do vulcano ao começarem a andar; Thea assumiu o lugar certo de um subordinado ao lado dela. — O que vão fazer conosco? — indagou ela, ignorando intencionalmente as perguntas. — Os métodos da Aliança não são desconhecidos a nosso povo, e vocês não vão arrancar-nos segredos com torturas ou sondagem mental. — Ergueu o queixo desafiadoramente, representando seu papel com perfeição.

O vulcano parou e voltou-se para examinar as duas mulheres com cuidado. Não pôde deixar de perceber que Thea parecia evitar deliberadamente seu olhar. — O que quer que lhe tenham dito sobre os métodos da Aliança, é sem dúvida bastante exagerado. Não lhes faremos mal, independente de sua intenção ao ultrapassarem a Zona Neutra. Serão entregues às autoridades da Base Estelar mais próxima e os oficiais decidirão lá o que será feito de vocês. O mais provável, — presumiu ele — é que sejam interrogadas, sem o uso da tortura, e depois devolvidas a seu Império através de um transportador de longo alcance.

Sarela começou a andar outra vez, trocando olhares com Thea, enquanto se mantinham no mesmo passo do vulcano. — Muito bem. — concedeu ela — Embora não aceite necessariamente suas palavras como verdadeiras, serei franca com você.

Ao entrarem no longo corredor que levava ao turboelevador, endireitou os ombros. Tudo indicava que os conselheiros de Thea tinham feito um bom trabalho, pois o vulcano reagiu da forma prevista durante todo o breve encontro.

— A missão de *T'Favaron* era explorar a superfície de Kavol, um

planeta bem no interior do sistema romulano. — disse Thea, falando pela primeira vez. — Éramos um grupo de sete, — continuou ela, olhando bem para a frente — mas nosso número foi reduzido só para Sarela e eu.

Spock ouviu tudo aquilo em silêncio; correspondia a grosso modo ao que ele sabia dos métodos romulanos. — O que aconteceu ao resto do grupo? — perguntou enquanto as duas mulheres entravam no elevador, seguidas de perto por ele e por três guardas.

— Não sabemos. — respondeu Thea com a voz distante — Deviam fazer registros da geografia do planeta, coletar minerais e amostras do solo, um trabalho de preparo para a colonização, e depois voltar para *T'Favaron* no espaço de dois dias. Quando o terceiro dia chegou e eles não voltaram, Sarela e eu começamos a procurá-los por conta própria. — Fez uma pausa, olhando distraidamente para a insígnia peculiar no peito do vulcano enquanto falava. — A essa altura, já tínhamos perdido o contato com a *Ravon*. Sem que soubéssemos, uma tempestade de íons tirou nossa nave-mãe da rota. Quando ela voltou para recolher nosso bombardeiro, o comandante sem dúvida pensou que tínhamos sido destruídos pela tempestade. Até os propulsores ficaram temporariamente inativos devido às perturbações atmosféricas criadas pelas partículas iônicas; e quando conseguimos alcançar a órbita e efetuar reparos em nosso equipamento de comunicações, a *Ravon* já partira há muito para sua missão seguinte.

Quando o elevador diminuiu de velocidade e parou, Spock saiu para o convés número três. Não era uma história sem pé nem cabeça, e lembrou-se que uma tempestade iônica fora realmente detectada no território romulano há apenas alguns dias atrás. Se estavam mentido, tinham-se preparado muito bem. Olhou de novo para Thea e surpreendeu-a olhando para ele. Durante um momento, parecia haver algo que deveria dizer-lhe, algo que deveria lembrar... mas o pensamento o deixou assim que começou a andar.

Depois de um momento, parou em frente das portas duplas, voltando-se mais uma vez para aquela romulana singular. — Até conseguirmos aposentos mais adequados, vocês vão dividir estas acomodações. — declarou de maneira categórica. Evitou dizer que não tinha a intenção de separá-las; se estivessem juntas atrás de uma única porta, guardá-las seria bem menos arriscado. — Fiquem cientes de que seu quarto estará sob guarda o tempo todo, — continuou ele — e que não lhes será permitido sair desses aposentos a não ser acompanhadas por mim ou por meu primeiro oficial.

Thea riu alto, entrando no quarto escuro e procurando o interruptor de luz de forma deliberada. Era exatamente o que sabia que seria, exatamente onde os diagramas da Segunda História disseram que seria, e ela sentia-se relaxar mais à medida em que entrava melhor no papel.

— Tem medo de nós? — perguntou ela. — Você, um vulcano, tremendo de medo à vista de duas romulanas?

— Não. — respondeu o vulcano, com um frio tom de voz. — Mas a história já provou sua natureza traiçoeira; e considerando incidentes anteriores neste setor, não pretendo assumir riscos desnecessários. Serão mantidas aqui, tecnicamente sob custódia, até o Comando ditar outras ordens. — Apesar da aparência inofensiva delas, o vulcano sentiu uma pontada muito humana na boca do estômago. Pensou no Tempo de novo... e na realidade. A espionagem da Aliança verificara que os romulanos possuíam realmente uma certa capacidade de viajar no tempo; e se a verdade fosse descoberta...

— Serão melhor interrogadas pela manhã. — disse ele, voltando para sua própria realidade — Enquanto isso, se quiserem comer ou beber, é só pedir. — Entrou no quarto, indicando um painel na porta.

— Até agora, — observou Sarela — você manteve sua palavra no tocante ao nosso bem-estar. — Olhou com agrado para o amplo quarto. — Mas vamos ver quão respeitável sua Aliança é realmente, quando chegarmos a esta sua Base Estelar.

Sem fazer comentários, Spock saiu para o corredor, extraordinariamente consciente dos olhos negros que o seguiam. Voltou-se, com as sobrancelhas franzindo com suspeita ao examinar Thea. Ela manteve seu olhar por um momento, depois o desviou de repente. Mas aquele momento fora suficiente, pensou o vulcano consigo mesmo. E nos olhos dela havia uma mensagem impossível de verbalizar.

Com um rápido aceno para o guarda, o vulcano deu um passo para trás, deixando que as portas se fechassem. — Estarei em meus aposentos até de manhã, tenente Segon. — disse ele num dialeto vulcano abreviado — Se nossas hóspedes precisarem de qualquer coisa antes disso, peça ao senhor Chekov que as atenda.

Segon balançou a cabeça, assumindo sua posição exatamente em frente à porta.

Mas enquanto caminhava devagar corredor abaixo até o elevador, Spock sentiu que começava a relaxar. Ilógico nestas circunstâncias, pensou ele... mas talvez as romulanas fossem mais uma bênção que uma maldição acidental.

Jim Kirk foi despertado de repente pelo som de um inseto extraordinariamente grande zunindo em seu ouvido. Enquanto os olhos se abriam, lutava contra a desorientação agora normal, percebendo que o som

vinha de uma fonte um pouco mais convencional. Rolando o corpo enquanto resmungava, notou que Richardson estava completamente protegido da campainha da porta, devido ao travesseiro que lhe cobria a cabeça.

Com um sorriso de desagrado na direção do companheiro de quarto e uma maldição silenciosa contra quem quer que tinha a coragem de estar do outro lado da porta, moveu-se para o painel da mesa, apertando o botão que abriria o mecanismo da porta.

— Entre. — disse ele.

A porta se abriu, revelando dois guardas vestidos com a roupa vermelha da segurança vulcana. — O Capitão pede a ambos que venham imediatamente à sala de reuniões. — disse o mais alto deles sem preâmbulos, enquanto entravam no quarto e acendiam as luzes.

Kirk pestanejou com o jorro súbito de luz fluorescente, olhando paralisado para os dois homens num momento de total incredulidade. A suspeita lutou com a esperança; talvez Spock tivesse descoberto alguma informação vital relacionada com a teoria de alteração do tempo. Não disse nada, enquanto tentava sacudir os vestígios do sono; e então, depois de um longo silêncio, balançou a cabeça concordando.

— Sim, claro. — consegui dizer, espreguiçando-se e bocejando, tentando ignorar o reunir da suspeita intuitiva que punha seu cabelo em pé. — Diga-lhe que estaremos lá assim que nos vestirmos.

Os dois guardas olharam um para o outro, mas não se moveram. — Recebemos ordens de... escoltá-lo. — replicou o segundo guarda.

Kirk deu de ombros. — Esteja à vontade. — disse casualmente. Mas estava longe de sentir-se à vontade. Dirigiu-se para a cama de Richardson, empurrando seu companheiro de quarto com a ponta do pé descalço. — Vamos, Jerry. — disse acabrunhado. — Os militares estão exercendo seu direito divino de nos tirar da cama às três da manhã.

Richardson não se mexeu.

— Levante-se. — continuou Kirk, empurrando-o uma segunda vez. Richardson resmungou sonolento, e estava se virando de costas quando

Kirk finalmente lhe arrancou o travesseiro. Protegendo os olhos das luzes com o braço musculoso, resmungou de novo. — Hum? Do que está falando, Jim? — Enfim conseguiu despertar por completo, erguendo os olhos para os dois guardas que estavam do lado de dentro da porta. — Mas que diabo? — exclamou, pondo-se de pé — É um alerta vermelho ou algo parecido? — Lembrou-se de algo sobre o Alerta Amarelo, mas havia sido cancelado há horas. Percebeu também que os dois guardas não se pareciam com os macacos habituais de Segon. Mesmo assim... passou por cima do fato dos Camisas Vermelhas parecerem ir e vir muito mais rápido que

qualquer outra pessoa.

— O que está acontecendo? — reclamou ele, tropeçando pelo quarto e revolvendo um monte de roupas amarrotadas.

Kirk sorriu, mas seus olhos se ocultaram quando enfiou a túnica pela cabeça e começou a lutar com as calças do uniforme e as botas. — Segundo nossos amigos, o Capitão Spock quer nossa presença lá na sala de reuniões. — Pensou que teria sido muito mais fácil para o vulcano chamá-los pelo intercom, mas a hierarquia tinha sua cota de privilégios... entre os quais estava o direito de mandar mensageiros receberem o jorro de queixas resultantes de acordar alguém de um sono profundo.

Depois de vestido, Jerry virou-se. — Bom, amigões, do que se trata? — perguntou, curvando-se para fechar o zíper da bota esquerda e quase caindo durante a operação. Só a mão automaticamente estendida de Kirk o impediu de cair.

— Nossas ordens são de levá-los à sala de reuniões. — replicou o alto empertigando-se — Não tenho outras informações.

Jerry deu de ombros, olhando para a expressão circunspecta de Kirk. — Diabos, Jim, — refletiu ele — nada menos que uma escolta! — Percebeu que seu companheiro de quarto também parecia estar demorando para vestir-se e perguntou-se se Kirk estaria recebendo o mesmo aviso psíquico que ele. Os eventos do dia tinham-no abalado, uma certa paranóia, extrema desorientação... e não se lembrava de Spock algum dia ter mandado guardas armados escoltarem tripulantes da *ShiKahr* a um lugar tão mundano quanto a sala de reuniões.

O olhar enviesado de Kirk confirmava sua opinião.

— Oh! — disse ele, estalando os dedos como se se lembrasse de algo. — Não tenho a intenção de insultar vocês dois, principalmente porque é provável que tenham ao menos alguns meses de precedência sobre mim, mas e quanto àquelas palavras todas sobre a crise canusiana e todo o pessoal novo a bordo da *ShiKahr*! As ordens do Capitão dizem que temos de seguir as normas. — Mesmo confusa, notou a expressão de apoio de Jerry, e escolheu seu sorriso mais charmoso ao ver um olhar de horror indisfarçável passar só por um momento pelo rosto dele. — Suponho que não se importaria de me dar a senha do computador para hoje, não é? Só estou seguindo ordens, rapazes. — acrescentou à guisa de desculpas, e sorriu.

Os dois guardas olharam perplexos um para o outro. — Eu... a senha me sumiu da cabeça. — murmurou um deles — Tasmé, você se lembra da senha?

O outro guarda balançou a cabeça. — Entrei de serviço a menos de uma hora. — defendeu-se ele. Mas seu tom de voz endureceu ao se voltar para

Kirk. — É irrelevante, alferes! — sibilou ele, com uma voz que dificilmente lembrava um vulcano lógico e calmo. — Você virá conosco agora. O Capitão Spock não gosta de esperar. — Agarrou o humano pelo braço, empurrando-o pela porta e varrendo qualquer dúvida que restasse a Kirk.

Kirk plantou os pés no chão com firmeza, quando viu o outro guarda agarrar Richardson da mesma maneira. — Talvez sim. — replicou, com a voz surpreendentemente clara, e enfiou o cotovelo com toda a força nos rins do homem. — Tenho a impressão de que ele gostaria ainda menos de ter romulanos a bordo da *ShiKahr!*

Com o guarda momentaneamente curvado de dor, livrou-se da mão que ainda estava agarrada a seu braço e golpeou o homem no rosto. No fundo da mente, tinha uma consciência periférica de que Richardson voltava-se para o segundo guarda, e da luta que se seguiu. Percebeu de maneira desconexa que havia pouca esperança de derrotar os romulanos num combate corpo a corpo; a fisiologia simplesmente não estava a favor deles, e não podia esperar uma luta limpa... nem se dispunha a uma.

Com uma estocada brutal, conseguiu atirar o romulano mais alto no chão; mas, com o canto do olho, viu o outro agarrar o pulso de Richardson e torcer o braço do humano para trás. O coração de Kirk deu um salto e ele se encolheu ao ouvir o estalo e o grito de dor de seu companheiro de quarto.

A última coisa de que Kirk se lembrava era de ver o guarda chamado Tasme tirar um desintegrador romulano de um cinto de utilidades. Um assobio alto encheu o quarto... e o relâmpago azul mergulhou com ele na escuridão.

— Agora precisamos carregar os dois! — queixou-se Tasme, pondo nos ombros a carga inconsciente e inspecionando o deserto corredor noturno.

— Não. — discordou Sekor — A ordem da praetor foi de trazer Kirk!

— Não seja tolo, meu amigo. — protestou Tasme — O outro pode identificar-nos com a maior facilidade. Se não conseguirmos sair desta nave, ele saberia quem somos!

Com um suspiro, Sekor balançou a cabeça reconhecendo a derrota. — Nunca entenderei a senhora, Tasme. — declarou ele, erguendo o corpo inerte de Richardson e seguindo o outro pelo corredor em direção à sala de transportes.

Tasme riu com suavidade. — Mas você escolheria outra vida? — perguntou com segundas intenções.

Sekor apenas balançou a cabeça, enquanto um sorriso lhe iluminava os olhos. — Sinto-me feliz por fazer o que a senhora quer. — murmurou enquanto paravam no fim do corredor — As recompensas superam de muito as tribulações... mesmo em momentos como estes!

Ficando sério, Tasmé apertou o painel de controle que daria acesso ao quarto. Precisamos retomar imediatamente à *Ravon*. — declarou — De lá, a senhora deseja que Kirk seja transportado para um mundo desabitado no Sistema Romulano... — Deixando a frase incompleta, entrou na sala de transporte e deu um suspiro de alívio. A sala estava vazia.

Thea recostou-se confortavelmente na cadeira de espaldar alto, com um cotovelo descansando na mesa da sala de reuniões. Olhos negros esquadrihavam a sala, dirigindo-se primeiro a Sarela, depois a McCoy, Scott e por fim a Spock.

— Então você entende, Capitão, — disse ela com delicadeza — suas alternativas são limitadas. Se deseja ver os alferes Kirk e Richardson outra vez, *é obrigado* a fazer o que lhe peço.

Duros olhos vulcanos encontraram-se com os astutos olhos romulanos; mas ele tinha que respeitar a feiticeira. Tinha calculado certo. — Você entende, é claro, que posso ordenar uma vid-sondagem completa em você e em sua companheira. — Estava começando a detestar o pôquer. — E nenhuma das duas poderia acreditar que seriam capazes de não fornecer as informações.

Thea riu delicadamente. — Mais uma vez, subestimou a inteligência romulana, Spock. — disse ela — Nem Sarela, nem eu, *sabemos* exatamente onde seu amigo está; pois era muito simples prever que você recorrerá a estes métodos. — Balançou a cabeça, os longos cabelos caindo pelos ombros enquanto um sorriso lhe aflorava aos lábios. — A escolha é sua, Capitão. — continuou ela — Aceite a verdade de minhas palavras, aceite a *mim* como a prætora farta de tradição perniciosa e de estagnação, e terá sua recompensa. — Fez uma pausa enquanto seu olhar se endurecia. — Mas, se recusar... nunca mais verá James Kirk.

A raiva aumentava enquanto as mãos de Spock apertavam o braço da cadeira. A vertigem fez com que se inclinasse para a frente, com ondas de calor e náusea a percorrê-lo. Respirou fundo e fechou os olhos por um momento, procurando recuperar o controle que já havia perdido. Vulcano... a maldição final. A ironia suprema. Uma loucura biológica para a qual não existia cura científica. Mas, quando abriu os olhos e viu Thea, uma verdade súbita e simples lhe ocorreu. Ela era, entendeu então, sua única esperança — um passaporte para o Império Romulano... onde a viagem pelo tempo era uma realidade.

— Preciso de tempo para consultar meus oficiais mais graduados. — disse ele, com os olhos passando de McCoy a Scott — Vocês voltam a seus aposentos e serão informadas de nossa decisão em duas horas.

Thea inclinou a cabeça num gesto de assentimento. — Muito bem, —

concedeu ela — Se concordar em vir comigo, para apresentar os Princípios de Disciplina aos governantes, devemos ir o mais rápido possível. Haverá uma reunião do Tribunal em Rômulus em menos de uma semana; e é aí que devemos jogar nossa cartada.

O vulcano pensou naquilo. No tocante a ele, uma semana seria tempo demais; o ímpeto da febre do sangue destruiria seu corpo e sua consciência muito antes. Mas, quanto ao universo... se pudesse de algum modo descobrir o segredo romulano do tempo, talvez houvesse uma alternativa. Reviu mentalmente a curva do tempo. Restavam menos de dez dias. Mas, percebeu ele, era a única escolha à mão.

Fez um rápido gesto de cabeça em direção aos guardas e se levantou em sinal de respeito quando Thea e Sarela saíram da sala. Depois respirou fundo, voltando-se para os oficiais mais graduados da *ShiKahr*.

— Alguma sugestão, senhores?

Encolerizado, McCoy andava para cá e para lá em sua sala particular, com os olhos azuis duros e frios, enquanto se lançavam sobre o vulcano.

— Não dou nem *meio* tostão furado pelo *que* aquelas romulanhas lhe disseram, Spock! — bufou ele. — Você não pode dar uma voltinha no Império e sair impune! A Aliança corta sua cabeça no minuto em que voltar aqui, *se* voltar!

O vulcano reclinou-se na cadeira. — Parece não haver alternativa, doutor. — declarou com franqueza — Como dissemos na sala de reuniões, os romulanos são a única sociedade conhecida a dispor da física da viagem no tempo; e se minhas suspeitas forem corretas, é inteiramente possível que sejam os responsáveis pela alteração que houve no tempo.

McCoy ergueu-se na ponta dos pés ao parar em frente ao comandante da *ShiKahr*. — Tem alguma idéia do que diria S't'kal sobre o seu esqueminha?

— Como você mesmo reconhece, o Almirante S't'kal não está em seu juízo perfeito. Portanto, suas opiniões são irrelevantes.

Uma mão humana bateu com força na tampa da mesa a menos de dois metros do vulcano. — Diabos levem você e sua lógica, Spock! — exclamou o médico com impertinência. — *Acredita* honestamente que Thea seja o prætore romulano?

Spock ouviu a longa arenga do médico com uma paciência surpreendente até para ele. — Mais uma vez, como você mesmo reconhece, os registros feitos durante seu interrogatório indicam que, de fato, está falando a verdade. — Fez uma pausa, deparando-se com os olhos frios de McCoy.

— E como você não tem provas que sustentem sua hipótese de que ela está mentindo, uma hipótese de base emocional, sou obrigado a considerar a possibilidade de que não está.

O calor avermelhado da cólera subiu ao rosto de McCoy. — Ela o está chantageando, droga! — gritou ele. — E você tem alguma idéia do que aconteceria se você entrasse no Império brandindo um monte de documentos pacifistas embaixo do nariz dos guerreiros? Seria como agitar uma bandeira vermelha em frente a uma manada de touros!

A sobrelha do vulcano arqueou-se. — Doutor, tenho cada vez mais a impressão de que não ouviu o interrogatório. Tanto o senhor Chekov quanto o senhor Scott chegaram à conclusão de que o plano de Thea poderia muito bem funcionar em *nosso* benefício. Lembre-se de que aquilo que *concordarmos* em fazer dentro do Império não precisa coincidir com o que faremos realmente.

McCoy sacudiu a cabeça e ia começar a responder, quando se deparou com os olhos do comandante. — O que foi que disse? — Mas, com um gesto, pôs a questão de lado. — Se estou entendendo bem, está me dizendo não só que está planejando entrar em território inimigo, mas também elaborando um esquema insensato para enganar Thea! Se não o conhecesse bem, e *não* conheço, a essa altura, Spock, juraria que você está querendo morrer!

O vulcano respirou fundo. — Tem alguma sugestão melhor? — perguntou.

McCoy ergueu-se de novo na ponta dos pés, tomado pela raiva. — Não. disse com simplicidade — Não tenho. Mas tenho perguntas, Spock, perguntas que seria melhor você mesmo fazer! Por exemplo, não que importe agora, como Thea *tirou* Kirk e Richardson da nave? Pensei que tivesse examinado a nave delas quando estava vagando lá fora no espaço e concluído que ela e Sarela eram as únicas pessoas a bordo.

— *Realmente* examinei a *T'Favaron*, doutor. — admitiu Spock impaciente por fim, a despeito de si mesmo. — Parece que seus escravos foram escondidos a bordo num estado de hibernação induzido por drogas. Não foram registrados como formas de vida e, por isso, não foram detectados. Quando a nave foi trazida para bordo da *ShiKahr*, Thea teve tempo de administrar o antídoto que os faria reviver. Assim que o destacamento de segurança deixou o convés do hangar, saíram. E, considerando a contra-espionagem romulana, não é de surpreender que usassem uniformes da Aliança. Antes do incidente chamar a atenção de quem quer que fosse, Kirk e Richardson já tinham desaparecido, transportados para a nave-mãe romulana.

McCoy escarneceu de maneira desagradável. Mas sabia que fora um erro honesto. Nem Spock podia adivinhar tudo; e, quer o Capitão o admitisse ou não, fora um simples caso de erro humano num vulcano. — Então... o que pretende fazer *agora*, Spock? — perguntou por fim.

O vulcano levantou-se e começou a andar. — Vai depender muito de Thea. — disse suavemente — Se eu conseguir burlar o esquema de segurança dela, há uma boa possibilidade de eu conseguir entrar no sistema romulano de computadores e verificar precisamente que dano foi feito — e como corrigi-lo.

Os olhos azuis arregalaram-se. — Fácilmo! — replicou ele com incredulidade. — Ela vai simplesmente dar-lhe acesso a todos os registros do Império e você sozinho vai resolver todos os problemas do universo. Conversa fiada! — continuou ele com raiva — O que vai fazer realmente é deixar-se matar ou prender, e não tenho certeza se há muita diferença no que diz respeito aos romulanos.

Mas o vulcano balançou a cabeça numa negativa silenciosa. — O fato de Thea ter deliberada e premeditadamente seqüestrado o alferes Kirk é por si uma confissão da culpa romulana. — raciocinou em voz alta — Pois, como você foi obrigado a perceber, Kirk é um elo vital entre este universo e o tempo alternativo do qual realmente fazemos parte. Thea também sabe disso, é óbvio, e o está usando em seu proveito. — Fez uma pausa. — O que ela parece não suspeitar é que nós temos conhecimento da alteração do tempo.

McCoy ficou em silêncio durante um momento, e depois jogou-se sombriamente numa cadeira, encostando a cabeça na parede. — Você está baseando uma aventura muito arriscada em muito poucas provas, Spock. — observou ele — Claro, sou o primeiro a admitir que Kirk é incrivelmente peculiar, até mesmo familiar, mas é difícil acreditar que seu seqüestro tenha algo a ver com uma trama romulana para alterar toda a história da Galáxia. E ir um pouco longe demais, não é?

— Talvez, doutor. — concedeu o vulcano — Como minhas próprias... provas... são de natureza puramente subjetiva, é difícil ter certeza. Mas, — acrescentou rapidamente — as sincronicidades são fascinantes. E, como concordamos, nossas alternativas são limitadas. — Estudou por um momento as feições do médico e depois abandonou a esperança de tentar guardar todos os detalhes para si mesmo. — Em outro universo, doutor, James Kirk era um comandante de nave estelar, Capitão desta nave em forma alterada. E se aceitarmos o fato de que Thea também me é familiar, sou obrigado a considerar a possibilidade de ter tido algumas alterações com ela neste outro universo também. É provável que ela seja a única chave que pode abrir as portas de ambos os universos.

McCoy balançou a cabeça, com a mão segurando o braço da cadeira. — Você está apostando numa chance em um milhão, Spock. — argumentou ele — Mas isso não é novidade neste ramo, suponho. — Com um suspiro, reclinou-se até a cadeira ficar apenas sobre duas pernas. — Mas a questão, Spock, é saber se você pode fazer alguma coisa no tempo que nos resta.

O vulcano pensou naquilo. — Em síntese, se não agirmos logo, a pesquisa mostra que a estrutura molecular deste novo universo vai começar a mudar, vai moldar-se de forma permanente para complementar a estrutura como ela ficou depois da alteração do tempo. É bem parecido com muitos dos primeiros transplantes médicos. — continuou ele — Quando um novo órgão é colocado no corpo, há um período de tempo durante o qual o corpo aceita ou rejeita o órgão estranho. A alteração do tempo, neste caso, está funcionando ao longo das mesmas linhas, mas numa escala muito maior. Se imaginarmos este novo universo como um corpo, e nós como órgãos estranhos, talvez a relação fique mais clara. E, — enfatizou ele — neste caso particular, o 'corpo' já começou a rejeitar o que lhe é estranho.

McCoy parecia incerto. — Eu o acompanhei até agora. — disse de forma hesitante — Continue.

— É como se estivéssemos ocupando um espaço físico molecularmente estranho à nossa mente, doutor. — continuou o vulcano — Mas, de muitas maneiras, estamos experimentando uma rejeição às avessas. Parece que o órgão, nosso ser físico e mental, está rejeitando o corpo. E, depois de um certo tempo, ambos os organismos ficarão doentes. O órgão doente e o corpo doente continuarão existindo, mas como unidades individuais. E à medida em que a ferida do tempo começar a cicatrizar, não poderemos recriar o que deve ser. As duas unidades, órgão e corpo, vão transformar-se numa gigantesca estrutura doente incapaz de sobreviver.

McCoy cocou pensativamente uma sobrancelha. — Entendo o que quer dizer, Spock. — concedeu ele — Mas ainda é um risco muito grande. Mas deixou aquele ângulo passar. — E há mais uma coisa. — disse por fim — Sua capacidade dramática deixa muito a desejar. Como esperar fazer-se passar pelo prætore romulano, quando não consegue enganar nem a mim?

O vulcano desviou o olhar. — O que quer dizer, doutor? — perguntou com cautela, enquanto as paredes voltavam a ficar firmes no lugar.

— Bem, — disse McCoy arrastando as palavras enquanto olhava bem para o vulcano — não é preciso um olho treinado para perceber que você esteve rabugento como um urso velho hibernando durante a última semana, para não falar que não tem comido bem há muito mais tempo, para não falar que não tem dormido regularmente, para não falar que as medidas de suas funções corporais têm sido instáveis desde antes do incidente de Ca-nus

Quatro... — Deixou a frase no ar, depois baixou o tom. — Bom, se eu fosse um homem desconfiado, o que ambos sabemos que sou, diria que você está doente, ou... bem... entrando nos primeiros estágios do *pon farr*.

Os olhos do vulcano fecharam-se dolorosamente. O deslocamento, a distorção do tempo... e, como tinha acabado de explicar, seu corpo e mente estavam rejeitando o novo universo da forma mais terrível.

— É uma possibilidade. — confessou naquele momento, com a voz pouco mais alta que um sussurro — Mas ainda tenho tempo bastante para fazer o que precisa ser feito no Império, antes que minhas condições fiquem... agudas. — Olhava para o chão sem ver.

Empurrando um receptor manual de sondagem em cima da mesa, McCoy aproximou-o do vulcano, quase surpreso por este não protestar. — E o que acontece quando fica crítico mesmo? — perguntou ele, com a raiva subindo de novo, ao lembrar que o vulcano era solteiro.

O vulcano endireitou-se. — Se eu for capaz de reconstruir o universo como ele deve ser, — arriscou-se a dizer — o problema muito provavelmente vai desaparecer. Como se baseia na fisiologia de minha história atual, e não na fisiologia do outro tempo, do tempo certo, há muita possibilidade que venha a...

— Spock. — interrompeu McCoy colericamente — Entre um "se" e um "talvez" você vai se deixar matar! E aqui vai mais uma para você: talvez você esteja errado! E então?

Os olhos negros como o carvão endureceram-se, quando Spock fixou os olhos acusadores do médico. — Neste caso, — disse empertigado — vou morrer. — Dirigiu-se para a porta e só parou quando a mão de McCoy agarrou-lhe inesperadamente o braço, forçando-o a se voltar. Não tinha visto o médico sequer levantar-se da cadeira...

— Agora ouça-me, seu vulcano teimoso! — começou McCoy, os olhos faiscando com um fogo humano. — Quer você se dê ou não ao trabalho de admiti-lo, *sou* um médico. E mesmo que não possa curá-lo de sua biologia, *posso* tratar de alguns dos sintomas! E quero ser mico de circo se você entrar na Zona Neutra sem *Mim!* Tente e vai estatelar-se no chão com uma ação restritiva médica tão rápida que vai fazer sua cabeça lógica de vulcano ver estrelinhas! Tente! — desafiou ele — Se o médico da nave, quer dizer, eu, exonerá-lo do cargo de comando, nem mesmos aqueles macacos musculosos da Segurança o farão assumi-lo de novo!

Os olhos do vulcano desceram até a mão que lhe segurava o braço e o imobilizava. — Sc é seu pedido formal para... acompanhar-me à Zona Neutra, doutor, — disse ele, sentindo a raiva sob controle — eu me sentiria... honrado em aceitar. — Se não fizesse mais nada, talvez aquele humano

persistente conseguisse reduzir a velocidade de suas condições físicas, ganhar mais tempo.

McCoy olhou em silêncio para o vulcano, um sorriso muito leve aparecendo-lhe no canto dos lábios. — Bem... por que não disse isso logo no começo? — gaguejou ele. Balançou-se alegremente sobre os pés, mas um pensamento súbito lhe ocorreu. — Ahn... Spock? Como é que você pretende explicar minha presença aos romulanos, depois que entrarmos no Império? Olhos azuis e cabelo ondulado não é exatamente o tipo deles.

O vulcano estudou-o com curiosidade. — Os humanos deixaram muitos descendentes no Império. — lembrou ele — Você vai ser... meu criado pessoal. Mas, — acrescentou ele, forçando um bom humor que veio com dificuldade — os romulanos têm uma outra palavra para isso.

McCoy sentiu o rosto corar, mas estava aliviado demais para importar-se a mínima com o orgulho. Se Spock concordava em levá-lo, poderia sobreviver ao fato de ser considerado escravo.

Por fim, o vulcano virou-se para sair, passou para o corredor e deixou McCoy sozinho.

O médico estremeceu, procurando afastar a extraordinária sensação de deslocamento que substituíra a presença do vulcano. — *Você também sobreviveria, Senhor Spock.* — murmurou ele assim que o Capitão ficou conveniente fora do alcance de sua voz — *Mas vamos esperar apenas que eu consiga mantê-lo vivo tempo bastante para se preocupar com a dignidade. Seu vulcano teimoso, cabeçudo, maluco, ilógico! Não me vá morrer justo agora, não perto assim de um lar do qual nem me lembro, mas parece que quero. Não me vá morrer agora, Spock...*

Sozinho em seus aposentos, Spock descobriu que o sono lhe fugia. Em algum lugar, um estranho que reconhecia como ele mesmo andava por corredores desertos... sozinho... mas não estava sozinho. Pensou em Kirk, aproximando-se mentalmente do humano, tentando verificar... o quê?

Uma sobranceira ergueu-se. *Jim!*

Por um breve instante, pensou perceber um eco responder-lhe; mas desvaneceu-se tão depressa quanto veio. Respirou fundo, o que tomou como um sinal. Para dizer o mínimo, o humano estava vivo. Aquilo era certo, e o vínculo telepático entre eles sobrevivera à transformação de um universo. E, de certo modo, mesmo Thea reconhecera seu valor.

Num momento fugaz, perguntou-se o que o comando da Aliança diria quando, *se*, soubesse de seu assentimento ao plano de Thea. Mesmo que a paz e tratados comerciais acabassem resultando daquilo, dificilmente faria

alguma diferença. Se conseguisse reconstruir o fluxo de tempo original, com isso apagaria por completo tudo o que sabia... inclusive de S'tkal e do comando da Frota. Tecnicamente, portanto, como a Aliança não existia mais, não lhe pediria permissão para nada.

Seus olhos fecharam-se... mas os sonhos logo apareceram.

Em algum lugar, um tocador de tambor golpeava peles esticadas com força; e a Loucura, uma entidade desconhecida com tórridos olhos vermelhos, dançava nua no leito seco de um lago, exigindo sacrifício humano.

A febre apoderou-se dele, envolvendo-o em braços quentes como brasas durante a noite.

## DEZESSETE

Kirk abriu os olhos com a sensação de água pingando-lhe no rosto. Procurando voltar à consciência, levou uma das mãos à testa, lutando com a tonteira e a dor que sentiu no estômago ao tentar mover-se. A realidade recusava-se a entrar em foco.

— Spock?

— Julieta? — chamou outra voz familiar, quando Kirk percebeu uma mão tranqüilizadora em seu ombro — Desculpe a decepção, Jim. — acrescentou Richardson, cujas palavras pareciam chegar através de um túnel — mas é exatamente como o Príncipe Encantado sem sua Cinderela. E *neste* pedaço de pedra, acho que não há nenhuma irmã adotiva bem feia.

Lutando para sentar-se, Kirk apoiou-se pesadamente em Richardson, pegou a roupa molhada que estava na outra mão do alferes e esfregou-a com força no rosto. Depois de um momento seus olhos se abriram, explorando a área desolada, e surpreendeu-se reprimindo um resmungo de desânimo.

Havia pedras por todos os lados, recortadas contra um pálido horizonte amarelo; e árvores esqueléticas com galhos semelhantes a dedos negros manchavam a paisagem desconhecida. O chão era relativamente macio, consistindo de areia marrom que abafava os passos e de uma capa de minúsculas pedrinhas de cristal que lembravam vagamente os diamantes. Quando o sol azul baixava no horizonte, as rochas transparentes cintilavam, dando a impressão de um mar de pedras brilhantes. No alto, num lugar qualquer entre os elevados contrafortes rochosos, uma nascente de água gorgolejava ruidosamente, parecendo o som abafado de vozes infantis.

Por fim, os olhos de Kirk encontraram-se com os de seu companheiro de quarto. — Sinto-me como uma pessoa que acabou de engolir uma garrafa de álcool puro. — murmurou ele, desejando que a cabeça clareasse — Que diabo foi que aconteceu?

Richardson deu de ombros distraidamente, depois encolheu-se com a estocada de dor que lhe percorreu o braço. — Golpe para estraçalhar a pouca distância. — resumiu ele — Foi uma bela tentativa a sua lá na nave. Pena que não adiantou.

Forçando-se a recordar a reviravolta dos acontecimentos, Kirk respirou fundo. — Não se tratava exatamente de agentes comuns de segurança. — lembrou-se.

Richardson resmungou, reclinando-se sobre a saliência da rocha, protegendo os olhos do sol com uma das mãos. — Nossos amiguinhos deixaram uma pilha de equipamentos de sobrevivência por aí. — continuou

ele, indicando com a cabeça um monte de pacotes de lona verde encostados na base do contraforte — Mas como faltei às aulas de montagem básica de barracas no curso de sobrevivência, acho que vou esperar para ver se aparece alguém que ajude a cuidar da casa. — Fez uma pausa. — Espero que tenha lido os livros de culinária romulana, Kirk.

Kirk conseguiu sorrir, olhando para os utensílios espalhados ao acaso pelo chão.

Richardson balançou a cabeça. — Eles me pediram muitas desculpas mesmo, mas tive a impressão de que estavam com um pouco de pressa para voltar. — Aos poucos foi ficando sério. — Eu próprio mal estava acordado, Jim. — explicou ele — Mas realmente ouvi um deles pedir a um cruzador romulano para transportá-los lá para cima, por isso suponho que não estejamos mais no território da Aliança. — Seus olhos cerraram-se curiosamente. — Mesmo assim... se quisessem acabar conosco de vez, não teriam deixado aquele monte de porcaria para nos divertirmos.

Kirk acenou a cabeça para si mesmo. — Reféns mortos não conseguem um preço alto no mercado livre. — disse com suavidade. Depois franziu o rosto ao olhar para Richardson. — Vamos lá. — instou ele, livrando-se do próprio desânimo — Vamos ver o que podemos fazer por este braço.

Sem esperar resposta, fez em tiras a túnica do uniforme, lutando com as mangas, depois resmungou apreciativamente quando o tecido por fim se rasgou. Seus olhos sondavam o horizonte com o maior cuidado, enquanto procurava algo que pudesse usar como tala. Encontrando uma árvore próxima com ramos baixos, foi até lá, um pouco rápido demais, descobriu ele, enquanto o mundo desértico girava e saía de foco. Respirou fundo, desdenhou o protesto mudo de Richardson com um gesto rápido e aproximou-se do lugar onde a árvore descarnada tinha brotado entre as rochas e desenhava um ângulo difícil. Apoiando-se em um dos pés, levantou a outra perna, dobrou o joelho e chutou.

Com um estalo assustador, a árvore partiu-se quase na sua base. Depois de arrancar e quebrar o galho principal num cumprimento apropriado, Kirk voltou-se e se deparou com a expressão confusa e preocupada do rosto de Richardson. Voltou para o lado do amigo, segurou-lhe o pulso com uma das mãos e estendeu o braço lentamente, até que chegasse à sua posição correta, fazendo uma careta ao sentir os ligamentos se endireitarem.

— Isso é o troco por toda a roupa suja que você deixava em cima de minha cama! — disse ele, procurando desviar a atenção de Richardson.

Richardson encolheu-se estremecendo. — Não está quebrado, — disse num tom positivo — mas *vai* ficar se você continuar!

Kirk conseguiu soltar uma risada, olhando mais uma vez para a

paisagem desconhecida. — Tem alguma idéia de onde estamos?

— Bem, à primeira vista, — Richardson começou com um ar professoral — seria capaz de jurar que não estamos em Oz. — Recuou quando Kirk começou a encaixar o braço no galho. — Mas se você olhar por aquela janela à esquerda, vai ver que agora estamos sobrevoando a... hmm! A ponte Golden Gate. Aquele pontinho lá embaixo é um barco salva-vidas, com seu Capitão e a tripulação. E se você observar melhor... hmm, diabo! Vai ver que a asa esquerda está em chamas. — Sorriu com simpatia. — Use a imaginação, Kirk. — insistiu ele — E não belisque a aeromoça.

Kirk riu de leve usando tiras do uniforme rasgado para pôr sua obra no lugar. — Melhor?

Richardson fez uma careta. — Será que as Górgonas voam?

Depois de um momento, Kirk acabou de fazer a tala, levantou-se e sacudiu a areia dos joelhos. — Vamos ver o que nossos anfitriões nos deixaram para comer. — Disse ele, dirigindo-se rapidamente para a pilha de equipamentos de sobrevivência e levando os dois pacotes maiores para o lugar onde seu companheiro de quarto o esperava. Começou a abrir o primeiro pacote, tirando um sortimento de barras alimentícias (rotuladas em dialeto romulano); instrumentos que pareciam servir para cortar e cavar, provavelmente para usar em busca de comida; e, por fim, um kit médico padronizado da própria Aliança.

— Uns bastardinhos eficientes, não é? — disse Richardson, inclinándose a fim de inspecionar o conteúdo da sacola.

Mas Kirk não respondeu. Seus olhos continuavam lixos no conteúdo do kit médico... e as duas ampolas cheias de lidacin. Respirou fundo, depois olhou para Richardson com o canto do olho.

— Como está a dor no braço, Jerry? — perguntou por fim, notando também o coental diluído e outra substância anestésica marcada com o símbolo universal da morfina.

— Passável. — concluiu Richardson — Poupe a coisa para depois. — Mas suas sobrancelhas franziram-se ao estudar o rosto de Kirk. — Você se lembra... de alguma coisa que aconteceu enquanto eslava inconsciente?

— perguntou depois de um momento.

Kirk sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. — Não, por quê?

— Bem, quando você começou a voltar a si, ficou chamando por Spock.

— Um sorriso rápido passou pelo rosto do alteres. — Em si, nada que possa parecer tão estranho. Ele é o Capitão; líder destemido, governante intrépido, deus entre mortais, et cætera e tal. Mas não foi isso que me chamou a atenção. — Riu tranquilizadamente da expressão confusa de Kirk. — Talvez não signifique nada, talvez sim, — continuou ele — mas

você ficava perguntando a Spock sobre a *Enterprise*. Você ficava perguntando a ele se a *Enterprise* estava em segurança.

Kirk sentiu algo mudar dentro dele, um momento de não-realidade, um momento de euforia... e, por fim, de amargura e perda. — Eu... a *Enterprise*... — Girou a palavra com a língua, comparando o som com os sentimentos que o acompanhavam. Calor. Segurança. Lar.

Mas, por um momento, o *alferes* Kirk voltou à tona. Nunca tocá-la. Nunca conhecê-la. Nunca *possuí-la*. — Não sei. — retrucou com raiva — Provavelmente apenas outro pesadelo. — Perguntou a si mesmo por que estaria passando para a defensiva outra vez, por que se sentia tão indefeso e sozinho. A cápsula de lidacín atraiu seu olhar para o kit médico, mas ele desviou o rosto antes que a ilusão o tentasse mais ainda. — Não é nada, Jerry. Esqueça isso!

— Uau! — observou Richardson, arregalando os olhos. — Tem *certeza*, Jim? — perguntou ele, remexendo-se para cá e para lá até conseguir recostar-se confortavelmente na rocha. — É mesmo que *você* tenha, eu não tenho. Vi isso na mente de S'Parva também, durante a ligação telepática, e estou convencido de que é algo importante. Pense, que diabo!

Kirk levantou-se, depois jogou-se abruptamente de novo no chão. *Enterprise*... Não era apenas uma palavra, disse a si mesmo. Sem sentido. Obscura. *Isto*, percebeu ele, era a verdadeira mentira. Com um esforço consciente, perseguiu o amargo reflexo do alferes nas sombras de sua mente, tentando lembrar-se de mais detalhes da fusão com Spock. *Ela. Enterprise*... Por fim, os fragmentos encaixaram-se como as peças de um quebra-cabeças gravado a laser. Respirou fundo.

— É que... *ela é*... a nave. — disse por fim.

Richardson ficou em silêncio por um momento, com os calorosos olhos castanhos ensombrecendo pensativamente. — *Sua* nave. — acrescentou por fim, estendendo a mão para tocar o braço de Kirk num gesto tranquilizador — S'Parva e eu vimos isso também... só não sabíamos seu nome.

Por um momento, o *alferes* Kirk rebelou-se, batendo-se contra os grossos muros que o *Capitão* Kirk colocara à sua volta. Mas era uma batalha perdida. Os olhos cor de mel fecharam-se. — Não sou idiota por acreditar nisto? — perguntou ele, tanto a si mesmo quanto a Richardson. — Ou... será que isso é realmente possível?

Richardson estremeceu de leve, quando um vento frio assobiou na superfície da rocha, contrapondo-se aos sussurros de soprano da nascente acima. — Só sei o que sinto. — replicou ele — E *sinto* que é de *lá* que nós somos. O resto, — continuou com um riso amargurado — é ilusão, Jim.

Kirk voltou-se devagar, com os olhos examinando instintivamente o céu

do fim da tarde. — Bom, — disse ele, sem ousar demorar-se na cálida imagem prateada — não vamos fazer bem a ninguém sentados *aqui*. — Levantou-se do chão, começou a desamarra o segundo pacote dos equipamentos de sobrevivência e encontrou uma pequena barraca abobadada para dois homens.

— Precisa de ajuda? — perguntou Richardson, arrastando-se sobre os joelhos até o lado de Kirk.

— Vou montar a barraca. — sugeriu Kirk, espalhando as faixas de lona e as estacas para prendê-la no chão — Veja o que temos para comer.

Richardson sentou-se de pernas cruzadas no chão. — Sou péssimo cozinheiro. — queixou-se — E estou mais preocupado com a forma de *sairmos* daqui. Com seis anos, você ao menos sabe que mamãe e papai vão voltar no fim de uma semana horrorosa. Mas acho que nossos amiguinhos não têm essa intenção, ao menos de imediato.

Depois de abrir a barraca, determinar o lugar das estacas e enfiá-las no chão, Kirk sentou-se em frente a seu companheiro de quarto. — Bom, nossas opções limitam-se a construir uma espaçonave de rochas e galhos de árvores ou então desenvolver asas e voar. — Fez uma careta. — Quer tirar a sorte?

Richardson piscou os olhos. — Podemos estar *fisicamente* enterrados aqui, — concedeu ele — mas nada nos impede de *pensar* numa forma de sair. — Estendeu-se no chão, fazendo um travesseiro com o braço bom. — Como a ligação telepática com S'Parva foi feita ontem mesmo, ela já deve estar receptiva a mim; e se eu puder estabelecer uma ligação diretiva, talvez consigamos fazê-la saber onde estamos... seja *onde* for.

Kirk resmungou condescendente. — Vou armar a barraca. — repetiu, juntando meticulosamente duas estacas para formar a estrutura básica daquela engenhoca estranha — Você vê o que consegue achar para comer.

— Esteja à vontade. — assentiu Richardson, sem se mexer do lugar onde estava no chão — Mas eu, se fosse você, tentaria estabelecer uma ligação com Spock. Se as imagens que vi na ligação com S'Parva forem mesmo que remotamente certas, você pode conseguir chegar até ele através da telepatia. Quando eu era o *Tenente* Richardson, tive a nítida impressão de que você e Spock são de *lá* também. Além disso, o que você tem a perder além de sua sanidade? — perguntou com um sorriso.

Kirk sentiu-se relaxar um pouco, depois de conseguir juntar a estaca ao corpo retesado da barraca. — Se este for o caso, não tenho *nada* a perder.

— decidiu. Olhou sobre o ombro, confirmando o que a brisa fria sugeria. Em poucos momentos estaria escuro. — Está bem. — disse ele — Vou tentar a ligação telepática com Spock assim que nosso acampamento estiver pronto. Não ia ser muito bom mandar uma mensagem só para ele vir resgatar

dois corpos enregelados, Jerry.

Mesmo assim Richardson não se mexeu, com os olhos arregalados de incredulidade, enquanto Kirk colocava a barraca na sua posição. — Agora que isso já está resolvido, que temos para jantar, Julieta? — perguntou ele.

Kirk olhou em silêncio para o outro alferes, e então curvou-se para trás, pondo-se em cima dos calcanhares. — Você quer que eu lhe quebre o outro braço? — perguntou de maneira significativa.

Por fim Richardson levantou-se, foi até o último pacote do equipamento de sobrevivência e puxou as cordas que o amarravam. Olhou lá dentro. — Bem, — disse com tristeza — podemos escolher entre *T'krouma* e *S'lata-mi*. — Deu de ombros. — E como os romulanos não se deram ao trabalho de colocar rótulos nas latas, não há como saber *que* diabo vamos comer!

Kirk conseguiu soltar uma risada, enquanto firmava os últimos mecanismos que prendiam as estacas na altura certa. Quando terminou, uma pálida abóbada azul ondulava e respirava na paisagem desconhecida, como um animal extraviado. Depois de pegar a sacola da barraca e retirar dois sacos de dormir bem isolados, arrastou-se para dentro dela.

— Não, obrigado. — decidiu enquanto Richardson rastejava pela pequena abertura e fechava o zíper da "porta" atrás de si.

O outro alferes sorriu. — Você não é tão louco quanto pensei. — disse ele, entrando num dos sacos de dormir. Respirou fundo, fechou os olhos.

— Vai tentar?

Na semi-escuridão, Kirk olhou para seu companheiro de quarto, deixando as imagens encherem-lhe a mente. — Vou. — murmurou, sentindo a realidade oscilar. Já sentia uma outra presença; e quando seus olhos se fecharam, entregou-se ao agradável calor que a acompanhava. *Trindade. Ela...* Feições angulares e morenas tomaram forma diante de seu olho interior, e ele começou a projetá-la.

Zona Neutra... mundo deserto... sol azul...

## DEZOITO

McCoy observava o vulcano com curiosidade. De certo modo, o capuz e a longa túnica negra pareciam naturais em Spock, e o médico se surpreendeu reprimindo um sorriso ao atravessarem o convés do hangar e subirem a bordo da *T'Favaron*. Naquela manhã, entretanto, os exames médicos do Capitão da *ShiKahr* deixaram-no preocupado. Pressão sanguínea alta; hiperatividade glandular; *stress*. Mesmo com as drogas que havia administrado para retardar a evolução do quadro, não havia como saber quanto tempo o vulcano agüentaria.

Assim que entraram na pequena nave e assumiram suas posições junto à parede, o médico trocou um olhar com S'Parva. Sabia que a katellana não confiava em suas anfitriãs romulanas, e ele também não; havia sido muito difícil convencer Thea a permitir que S'Parva viesse com eles. Só a insistência de Spock em dizer que a katellana era sua guarda pessoal conseguiu convencer a prætor... mas McCoy achara a mentira transparente como cristal.

Sentou-se na cadeira com um suspiro, surpreso em descobrir que o interior da *T'Favaron* era muito semelhante a uma nave auxiliar da Aliança. Seis cadeiras para passageiros alinhavam-se junto a uma parede; do outro lado, havia uma cama portátil e o equipamento médico de emergência. Se não fosse pelas paredes negras e pelos símbolos incompreensíveis do interior, McCoy poderia imaginar que fora transportado para algum planeta inofensivo para passar uns dias de folga.

— Assim que alcançarmos a *Ravon*, — disse Thea, interrompendo seu devaneio — você será imediatamente escoltado ao convés onde ficam os meus aposentos. Como ninguém a bordo desta nave conhece a verdadeira identidade do prætor, não vai despertar suspeitas. — Sorriu na direção de Spock, enquanto deslizava com elegância na cadeira de comando. — Não fique com esse ar tão pesaroso, Capitão. — disse ela, acionando com os longos dedos os controles de funcionamento dos propulsores. — Se formos felizes em nossa empreitada, nunca mais precisará me ver depois de voltar para a sua Aliança.

Uma sobrelha curvou-se sob o capuz que lançava sombras negras no rosto do vulcano. — Não é a sua presença que me perturba, Thea. — replicou com frieza — O fato de você ter recorrido a táticas condizentes com sua espécie é que me leva a questionar seus verdadeiros motivos. — Fez uma pausa, lutando para controlar suas emoções inesperadas. — Não vou subestimar sua astúcia outra vez.

Thea sorriu e a *T'Favaron* começou a se mover em direção às portas do

hangar. A tela visual acompanhou a rotação da nave até que, por fim, as distantes estrelas do Império Romulano ficaram visíveis.

— Você não me subestimou, Spock. — rebateu Thea, testando os propulsores e finalmente fazendo a pequena nave passar pela abertura e entrar na escuridão vazia. — Você apenas foi obrigado a admitir que, neste jogo específico, estou com todas as cartas altas.

— Se está se referindo ao alferes Richardson e ao alferes Kirk, — retrucou o vulcano — foi *você* quem *me* subestimou. Não é só em nome deles que aceitei participar do seu plano. — Ele ignorou o olhar de advertência de McCoy.

Thea assentiu distraidamente, esperando a *T'Favaron* afastar-se da gigantesca nave estelar; em seguida aumentou a velocidade até que o ronco dos propulsores encheu a cabine. — Então é um mito que os vulcanos não mentem. — comentou ela com Sarela — Mas isso não importa. Tasmé e Sekor me informaram sobre o transporte seguro de sua carga para um planeta bem dentro do nosso Império, um planeta com muita comida e água para sustentá-los por *muitíssimo* tempo... se for preciso.

Spock conteve sua reação enquanto a nave evoluía, afastando-se cada vez mais da *ShiKahr*. Após um momento, as mãos de Thea correram de novo sobre os controles. Os propulsores ficaram em silêncio por um instante, com a energia momentaneamente fora da escala; um brilhante desenho de luzes irrompeu na tela visual, quando a nave atingiu a velocidade de dobra.

Desconcertado, Spock percebeu que essa era uma diferença marcante entre uma nave auxiliar da Aliança e a *T'Favaron*. Mas, quando se lembrou de quem era o dono daquela nave em particular, a surpresa desvaneceu-se. Thea podia comandar o que quisesse... com um suspiro, admitiu que sua simples presença ali era prova suficiente do poder dela.

Durante o período de duas horas de vôo, Thea e Sarela explicaram mais uma vez o que seria esperado dele. Assim que a *Ravon* alcançasse Romulus, o falso prætör seria conduzido ao palácio, instruído sobre a importância e peculiaridades de cada governante romulano, e preparado para a reunião do Tribunal. Nessa reunião, explicou Thea, os Princípios de Disciplina seriam lidos e explicados; as perguntas seriam respondidas e, se necessário, as dúvidas seriam apresentadas por dois representantes dos guerreiros. No final da reunião, o prætör voltaria ao anonimato e os Princípios seriam entregues nas mãos dos governantes, que apresentariam a doutrina das rigorosas leis da disciplina a cada um dos mundos do Império.

Spock assimilava tudo com um ar tranqüilo, fazendo só as perguntas necessárias. Apenas parte de sua consciência estava voltada para a questão. Em vez de concentrar-se na missão, concentrou-se em Thea, nas forças e

fraquezas dela. Se ele conseguisse descobrir exatamente o que fora feito para alterar o fluxo do tempo, depois, então, seria possível descobrir o que fazer para remediar a situação. Difícil mesmo seria escapar à vigilância dela.

Enfim, como se tivesse saído do nada, a *Ravon* apareceu e o manto protetor de invisibilidade foi-se desfazendo à medida em que a *T'Favaron* se aproximava. Apesar da pintura lascada nas laterais e das cicatrizes dos numerosos raios phaser da batalha, ainda era uma visão impressionante, suspensa no espaço, quase nas fronteiras da Zona Neutra.

Girando na cadeira com os computadores de atracar no automático, Thea sorriu. — Sente-se desonrado por estar em território inimigo, Capitão Spock? — perguntou ao vulcano. — Ou vai até admitir a excitação e as mudanças que está criando com isso?

Spock estudou Thea com atenção, notando de passagem que ela procurava atraí-lo para um confronto emocional. — Sou um vulcano. — replicou empertigado — A excitação é uma coisa estranha a mim.

— Um verdadeiro mito, senhora. — replicou Sarela, com um sorriso melancólico — Ele mente como qualquer romulano do Império!

Enquanto estudava a expressão severa e os frios olhos negros do vulcano, Thea sentiu algo abrandar dentro dela. Em certa época, estiveram em posições inversas... e agora *ela* quase sentia pena *dele*, quase poderia considerar a hipótese de ser gentil com ele. No entanto, virou as costas àquele pensamento estranho.

— Venha. — murmurou ela, quando terminaram as manobras para atracar e as portas da *T'Favaron* se abriram para o hangar da *Ravon* — O prætör deveria ver sua mais bela nave capitânea.

— Bem, Spock? — resmungou McCoy impaciente, parado atrás do vulcano. Thea e Sarela haviam saído há mais de uma hora, sob o pretexto de ir a seus aposentos pegar objetos de uso pessoal; mas o médico não esperava que fossem ausentar-se para sempre.

Os olhos negros deixaram lentamente o terminal do computador instalado em seus aposentos. — Existe de fato informação relativa ao deslocamento do tempo. — confirmou Spock — Ao que tudo indica, os romulanos tentaram isso diversas vezes. Infelizmente, — acrescentou — seria impossível conseguir todas as informações pertinentes neste terminal. — Fez uma pausa. — Thea sem dúvida calculou que utilizaríamos o terminal; mas também sabia que não teríamos condições de descobrir nada significativo.

Irritado, o médico ergueu-se sobre os pés, olhando para S'Parva com o canto do olho. — Você pode entrar na programação do computador? — perguntou de maneira significativa. — Afinal de contas, você mesma disse

que os sistemas de computador daqui não são *tão* diferentes assim dos da *ShiKahr*.

S'Parva deu alguns passos, ainda com dificuldade em andar sobre duas pernas de maneira elegante, mesmo que estivesse conformada com isso. — Seria relativamente simples entrar na programação do computador, Leonard, — disse ela ao médico — *se* soubéssemos onde se encontra o sistema principal. Como a entrada só pode ser feita pelos bancos centrais ou auxiliares, e estes sistemas localizam-se em outra área desta nave, não vejo solução imediata. Isto — mostrou ela — é apenas um terminal para salvar informações; para obter os dados de que precisamos, teríamos de saber exatamente que programas chamar.

Ela se inclinou para a frente, estudando o pequeno terminal por sobre o ombro do vulcano e, por acaso, uma das orelhas escapou da presilha que a mantinha no lugar. A orelha começou a roçar no pescoço do Capitão sem que ela percebesse, até que viu o Capitão reclinar-se na cadeira e levantar os olhos para ela. Com um leve sorriso, ela deu de ombros e prendeu firmemente a orelha no lugar. — Desculpe-me, senhor. — murmurou.

O vulcano verificou o cronômetro de mesa e uma sobranceira subiu. — Estou escalado para fazer uma inspeção de rotina nesta nave daqui a uma hora mais ou menos. — começou ele — Thea acha conveniente iniciar a representação ainda a bordo da *Ravon*, uma vez que o comandante Tazol goza de bastante prestígio entre os outros guerreiros. Sem dúvida, — continuou ele — Thea e Sarela vão me acompanhar nessa inspeção, e vocês dois vão ficar aqui sob guarda. — Uma idéia começou a tomar forma e ele voltou-se para S'Parva. — Os guardas da porta sabem quem somos, — observou ele — porque servem pessoalmente à prætör. Entretanto, — acrescentou — assim que começar a inspeção da *Ravon*, até mesmo Thea será obrigada a me aceitar no papel para o qual me designou. Como ela vai se colocar como mero conselheiro, não estará em condições de questionar meus pedidos sem despertar suspeitas sobre si mesma. E como parece comum o prætör ser visto em companhia de seus escravos e guardas particulares, não seria estranho eu solicitar a presença do doutor depois que a inspeção começar.

O plano começou a ficar claro e S'Parva sorriu, mostrando os dentes pontiagudos. — Quando os guardas abrirem as portas para escoltar Leonard, — disse ela, entendendo com facilidade o plano do Capitão — será fácil escapar. — Cocou as costeletas, pensativa. — Se eu conseguisse perturbar telepaticamente os padrões de pensamento deles, se conseguisse fazê-los *acreditar* que nós estamos mesmo indo *para* a inspeção, só essa ilusão já seria suficiente. Vão *pensar* que nós estamos ao lado deles de verdade; e

enquanto estiverem *realmente* escoltando apenas Leonard para acompanhá-lo na inspeção, devo procurar uma câmara de acesso ao computador que esteja desocupada, para descobrir as informações necessárias. Volto para cá e, quando estiver na hora de você e Thea retornarem, tudo estará normalizado.

O vulcano assentiu com um ar tranqüilo. — Como parece que Thea tomou quase todo este convés para seu uso pessoal, não será difícil você transitar livremente por ele. A maioria dos conselheiros e escravos dela farão parte do grupo de inspeção e, portanto, estarão ocupados. — Ativou o pequeno terminal outra vez, com os olhos atentos à tela. — De acordo com esses diagramas, há uma câmara de acesso ao computador a mais ou menos cem metros, descendo o corredor a partir do lugar onde estamos.

S'Parva respirou fundo. — Mantenha-os ocupados por uma hora e eu consigo o esquema do maldito sistema romulano! — disse ela confiante.

Por um momento, Spock sentiu-se relaxar e deixou seus olhos se fecharem. Ainda estava dolorosamente consciente dos fatores do tempo, de seus limites últimos e da rápida evolução de sua própria situação vergonhosa. Já sentia os sinais reveladores da letargia mental; agora, menos do que nunca, ele podia dar-se ao luxo da imperfeição. Um erro, lembrou a si mesmo, e tudo estaria perdido.

Seus olhos se abriram subitamente, quando ouviu o assobio de uma seringa em seu ombro. Virou-se e se deparou com o olhar curioso de McCoy, parado a uma distância segura, enquanto guardava o instrumento agressor no estojo médico.

— O que era isso, exatamente, doutor? — perguntou com frieza. McCoy ergueu as sobrancelhas quando o nervosismo e a preocupação familiares lhe voltaram. — Uma coisinha para mantê-lo de pé durante a inspeção, Spock. — replicou ele com a voz muito suave — Acredite ou não, você está à beira de um colapso!

Os olhos do vulcano se fecharam, enquanto ele se voltava mentalmente para seus próprios problemas, ignorando a intromissão do médico de forma deliberada. — Pode ficar tranqüilo, — afirmou ele — estou ótimo agora.

McCoy estudava o exame feito pela sonda manual que fizera correr paralela ao corpo do vulcano. — É melhor você deixar que *eu* julgue a questão. — replicou enquanto erguia o queixo. Viu pelo canto do olho que S'Parva havia-se enroscado aos pés da cama e parecia estar quase dormindo. Ele se aproximou. — Vai ter de fazer *alguma coisa* logo, Spock.

— advertiu ele — Estou perplexo! Essas drogas não vão mantê-lo em funcionamento por um tempo indefinido; sua biologia é simplesmente forte demais!

Os dedos do vulcano fecharam-se sob a mesa. — Sei muito bem disso, doutor. — retrucou ele, num tom mais profundo e ameaçador que o normal — Sugiro que melhore sua própria capacidade de representação e deixe meus assuntos pessoais por minha conta!

Incrédulo e desanimado, o médico sacudiu a cabeça, dando alguns passos para trás. — Nunca vi um homem tão obstinadamente contra algo que se supõe ser *agradável*, Spock! — disse consigo mesmo. — E não vai *me* convencer que não havia *alguém* na *ShiKahr* que pudesse... bem... — Corando, ele deixou a frase morrer. — Que diabo, Spock, metade da tripulação tentando descobrir o código-chave de seus aposentos durante anos!

— A raiva de novo, raiva da obstinação, do orgulho, da dignidade vulcana.

— Droga, Spock. — praguejou ele, puxando a cadeira e rodeando o Capitão para ficar cara a cara com ele — O que há de *errado* em deixar que alguém o ajude? Ou você *gosta* de ser um mártir vulcano?

Antes que ele pudesse mover-se, Spock ficou em pé e, segurando firme nos braços do médico, empurrou-o com violência para o lado. Os olhos negros cintilavam como adagas.

— Sua indiscrição não me diverte mais, doutor! — sibilou o vulcano, dando um passo ameaçador em direção à parede onde McCoy tinha caído desajeitadamente. — É se não limitar suas investigações ao laboratório, posso muito bem arranjar uma boa razão para acabar com sua utilidade.

McCoy piscou, fitando o olhar de um animal acuado. Por um instante, a velha obstinação entalou-lhe na garganta, mas engoliu com rapidez a resposta colérica. Conseguiu dar um sorriso forçado, reconhecendo que afinal chegara aos limites do vulcano.

— Desculpe-me, Spock. — murmurou ele, saindo com cuidado do alcance do vulcano. Respirou fundo. — Eu... acho que... passei da conta.

Sem responder, o vulcano virou-se e atravessou a passagem para o outro lado do aposento e com certeza teria batido a porta se ela não tivesse se fechado atrás dele.

McCoy olhou nervoso para S'Parva, que estava pasma.

— Morto, ele não nos serve para nada, Leonard. — disse a katellana com suavidade — Não se culpe por tentar colocar um pouco de juízo na cabeça dele.

Mas McCoy deu um soco na palma da mão. — Juízo, S'Parva? — imitou ele. — Você não enfia um pouco de juízo na cabeça de um louco! — Seus olhos anuviaram-se pensativamente. — Talvez a única saída *seja* levá-lo ao limite...

A inspeção durou exatamente uma eternidade; quando o "prætor" terminou a inspeção de rotina da ponte de comando, do setor de engenharia e do hangar, Spock surpreendeu-se cada vez mais impaciente. Seus olhos cruzaram-se com os de Thea por um instante, mas desviaram-se com rapidez.

— Solicito a presença de meu escravo particular T'Lennard, — disse ele num dialeto romulano fluente, dirigindo-se ao comandante da *Ravon* — um pobre diabo que se submetia a rebaixar-se e humilhar-se há mais de uma hora.

— Vou buscá-lo pessoalmente, meu senhor. — replicou Tazol, inclinando-se numa reverência.

O vulcano sacudiu a cabeça, incomodado com o capuz preto que dificultava sua visão periférica e contribuía para o intenso calor no pescoço. — Negativo. — respondeu com secura — Basta comunicar-se com meus aposentos e meus guardas escoltarão T'Lennard até aqui.

Tazol curvou-se outra vez. — Sim, senhor. — disse empertigado, baixando os olhos em sinal de respeito, enquanto se dirigia ao aparelho de comunicação na parede.

Mas Thea deu um passo à frente, com os olhos cerrados de desconfiança, que abaixou ao se dirigir ao vulcano: — Se o prætor estiver cansado, talvez seja melhor adiar a inspeção para um momento mais oportuno.

O vulcano ficou a observar até Tazol sair do alcance de sua voz e então fitou o olhar penetrante de Thea. — Se a prætor não confia em seu fantoche, — contradisse-a no mesmo tom de voz — talvez deva escolher outro, Thea. — Fez uma pausa, suavizando a voz. — Eu... só preciso... de medicação. — afirmou ele.

O rosto de Thea anuviou-se, mas ela controlou sua reação na hora. — Se estiver mentindo, vai precisar de outras coisas além da medicação. — replicou ela. Mas como Tazol voltava a reunir-se ao grupo, ela forçou um sorriso.

— Os guardas trarão T'Lennard imediatamente, meu senhor. — disse o comandante da *Ravon*, com o tradicional cumprimento romulano — Há mais alguma coisa que meu prætor deseje, antes de passar para o convés de jogos dos guerreiros?

O vulcano sacudiu a cabeça, começou a descer o corredor outra vez e parou quando o zumbido de um estranho aparelho de comunicações se fez ouvir na parede ao lado. Depois de pedir licença com desculpas exageradas, Tazol foi até o aparelho, falando bastante tempo em surdina. Por fim, voltou

ao grupo com a expressão sombria e incompreensível.

— Mil desculpas, senhor. — disse ele com calma — Parece estar havendo um tumulto em Romulus. — Levantou os olhos, dirigindo-se ao rosto sombreado do falso prætor. — Não há muitos detalhes, mas parece que o governador de Romulus ficou... louco. — Inclinou-se respeitosamente outra vez, como que para atenuar as notícias. — Sem ordens diretas, o governador T'Rouln tentou entrar no palácio. Ele... tinha muitos guerreiros consigo, meu senhor, — continuou o comandante aos tropeções

— e houve derramamento de sangue na área do palácio.

O vulcano viu um segundo de horror, confusão e perplexidade nos olhos de Thea. Também viu uma verdade: ela não se deparara com a loucura até então. Uma sobranceira subiu.

— T'Rouln deu alguma razão para este ataque de surpresa, comandante? — perguntou Spock.

— Segundo o comandante Tavor do palácio, o governador acreditava ter... recebido ordens dos Antepassados. — murmurou Tazol com uma risada nervosa diante da explicação absurda — Declarou que sua missão era derrubar os muros do palácio, vender as riquezas que havia nele... e legar o produto ao povo de Romulus. — Fez uma pausa, olhando para as botas ao falar de novo. — O comandante Tavor envia condolências, meu senhor, junto com a notícia da morte do governador T'Rouln durante a batalha.

As sobranceiras de Thea subiram e, cautelosa, ela se dirigiu ao vulcano.

— Como sua conselheira, meu senhor, insisto que devemos voltar ao palácio o quanto antes. É necessário escolher um novo governador imediatamente.

Spock assentiu, lançando um olhar discreto para o cronômetro no pulso, antes de se voltar para o comandante da *Ravon*. — Vamos completar a inspeção rapidamente, Capitão Tazol. Avise os tripulantes de sua ponte de comando; peça-lhes que nos coloquem na rota de Romulus com a velocidade máxima.

Tazol fez outra reverência. — Sim, senhor. — replicou ele e voltou ao aparelho de comunicação.

— Parabéns, Excelência. — disse Thea, mantendo o olhar nas costas de Tazol — Você impressiona até a mim. — Fez um sinal com a mão para Sarela se aproximar. — Verifique a informação através de meu canal privado com Tavor. — instruiu ela — Mesmo não acreditando que Tazol seja brilhante o bastante para inventar uma mentira destas, é mais prudente estarmos bem informados.

Enquanto Sarela saía, o vulcano olhou desconcertado para Thea, surpreso pelo fato da prætor não ter percebido a loucura há muito mais

tempo. Por um instante, surpreendeu-se querendo simplesmente explicar-lhe a situação, apresentar-lhe as provas descobertas na *ShiKahr* e confiar na integridade que porventura tivesse. Mas logo abandonou essa possibilidade. Sem ir direto ao assunto, sem dizer a ela o quanto já sabia sobre a alteração do tempo, não haveria como prever sua reação. E, movida pela raiva, ela podia arrancar-lhe a verdade à força. Com a rápida evolução do *pon farr*, não haveria como, percebeu o vulcano, deixar de lhe revelar tudo que ela quisesse saber se mandasse fazer-lhe uma vid-sondagem. Observou com atenção o verdadeiro prætore que, dando um passo para o lado, conferenciava com Sarela do outro lado do corredor.

Entretanto, a atenção do vulcano foi desviada quando se abriram as portas do elevador no fim do corredor e dois guardas vieram escoltando McCoy até o grupo de inspeção. Vestido com uma roupa sofisticada de escravo romulano, o médico parecia meio ridículo. Sedas esvoaçantes caíam até o chão em salpicos de cores brilhantes, e o espalhafatoso colar de ouro em volta do pescoço do humano emprestavam um ar místico ao médico em geral tão discreto cirurgião.

Com o rosto rubro, McCoy inclinou-se assim que chegou. — Solicitou a presença deste escravo, senhor? — perguntou num romulano hesitante, marcado pelo sotaque sulino.

O vulcano inclinou a cabeça, confirmando.

— Eu... estou precisando da medicação. — murmurou ele, olhando instintivamente para Thea, que voltava e se colocava bem perto a seu lado. Por um instante, lamentou ter escolhido aquela desculpa específica, mas submeteu-se às conseqüências.

McCoy franziu a testa e avançou alguns passos, tendo o cuidado de falar com calma. — Onde estão Tazol e os guardas? — perguntou — Fiquei sem lugar para pôr o estojo médico e, com essa maldita roupa, as cores destoam como o diabo!

Mas a suspeita anuviou os olhos de Thea. — Então... você está doente de verdade. — presumiu ela, examinando o vulcano. Sacudiu a cabeça, frustrada. — Nós vamos encerrar a inspeção e voltar aos alojamentos imediatamente. Sarela me informou que o incidente no palácio é real; e como não tenho nenhuma explicação imediata, é óbvio que Tazol vai suspeitar se nós continuarmos com a farsa da inspeção.

Olhando circunspecto para McCoy, o vulcano assentiu. — Muito bem. — concordou ele, voltando ao papel de prætore, ao chamar Tazol com um rápido aceno. — Estou cansado de esperar, Comandante. — disse ele — Esta nave está obviamente em perfeitas condições e eu não vejo razão para continuar a inspeção.

O rosto de Tazol anuviou-se, mas ainda assim fez uma reverência. — Como desejar, meu senhor. — murmurou ele — A *Ravon* está a caminho de Romulus; nesta velocidade, devemos alcançar sua órbita dentro de vinte e uma horas.

A figura encapuzada inclinou a cabeça em sinal de reconhecimento. — Está dispensado, comandante Tazol. Prossiga com suas obrigações.

Assentindo com uma rápida inclinação, Tazol entrou logo no elevador mais próximo, deixando o corredor vazio, livre para Spock, McCoy, Sare-la, Thea e os dois guardas.

Mas, ao voltar-se para Thea, o vulcano deparou-se com um olhar inquisidor.

— Qual a natureza de sua doença? — perguntou ela com calma. — Porque é óbvio tratar-se de algo que seu médico parece incapaz de resolver de maneira adequada.

Mas antes que o vulcano pudesse responder, McCoy deu um passo em frente, quase tropeçando na longa túnica. — Escute aqui! — começou ele, na defensiva. — Posso concordar em desfilar por aí como uma maldita árvore de natal que é esta roupa de vocês, e posso até concordar em arriscar a vida transitando em seu Império, mas quero ir para o inferno se pensam que vou ficar parado, vendo você exercer a medicina sem uma licença! — Lançou um olhar enviesado de advertência na direção do vulcano. — Na semana passada, o Capitão Spock foi ferido durante a descida de rotina a um planeta; está tomando antibióticos para combater a infecção, e quando não toma o remédio na hora certa, manifesta sintomas de febre! Portanto, sua Alteza Real pode deixar o tratamento por minha conta!

Mas Thea apenas riu da tirada do médico. A princípio, duvidou das palavras dele; mas quando se lembrou da transmissão interceptada alguns dias antes, as peças da história pareciam encaixar-se provisoriamente.

— Muito bem. — concordou ela, indicando o caminho de volta ao elevador, com Sarela ao seu lado — Mas se o quadro dele piorar, doutor, pode estar certo que a culpa vai cair em cheio sobre *seus* ombros.

McCoy engoliu o comentário sarcástico que estava na ponta da língua e seguiu com o grupo para o elevador. Entretanto, tremeu por dentro quando seus olhos examinaram o vulcano. Mesmo sob o capuz, as feições sombrias eram como as de um animal apanhado numa armadilha... um animal perigoso com sua loucura.

Com Sarela e Thea dormindo, Spock estudou as fitas que S'Parva conseguira; embora a quantidade de informação exigisse centenas de horas

de leitura, não havia dúvida quanto ao fato de Thea estar diretamente envolvida. Além disso, voltar ao passado da Terra para *deter* os agentes romulanos não seria tão simples quanto transpor algum místico Portal do Tempo. Precisaria de uma nave, e roubar algo tão visado quanto um cruzador romulano não seria fácil, particularmente com Thea a controlá-lo o tempo todo quando chegassem a Romulus. Ela fizera um breve comentário sobre o ataque do governador T'Roulm ao palácio, lembrou o vulcano, mas não tinha feito nenhuma ligação entre as ações do governador e a loucura que estava se alastrando por toda a Galáxia... ou então tinha feito a ligação e apenas fingia ignorá-la.

Voltou a olhar o esquema computadorizado da física da dobra do tempo. Para quebrar a barreira entre tempo e espaço, ele teria que levar a nave o mais perto possível do sol, confiando na força dos propulsores para libertá-la da gravidade inacreditável, antes de atingir uma velocidade superior à da dobra dezessete. Só essa velocidade talvez seja suficiente para fazer a nave explodir, pensou Spock; a sobrecarga da estrutura seria, é lógico, tão monstruosa, que a nave se desintegraria. Mas parece que algo peculiar na física da velocidade superior à da luz fazia com que um objeto, movendo-se na dobra dezessete ou numa dobra superior, se expandisse até atingir a massa infinita, evitando assim a destruição. Em síntese, a nave passava a ser *parte* do tempo, e podia deslizar através das eras como se deslizasse no espaço físico. Para o vulcano, era apenas uma teoria não comprovada; mas, para os romulanos, era obviamente um fato consumado.

Uma vez livre da atração gravitacional do sol, o efeito da detonação arremessaria a nave para velocidades maiores até que, por fim, o fluxo do tempo se inverteria. Ficou ao mesmo tempo surpreso e um pouco aborrecido ao descobrir que era um problema da física. Em teoria, ao menos, tudo parecia fácil.

Mas ao sentir as tensões de seu corpo aumentarem outra vez, perguntou a si mesmo se toda aquela provação seria reduzida a uma tese acadêmica. Embora o *pon farr* pudesse ser atribuído à loucura do deslocamento do tempo, não conseguia mais controlar seus efeitos. Um rápido olhar em torno da gigantesca sala confirmou que McCoy e S'Parva já estavam dormindo, cada qual enroscado numa sofisticada cama de solteiro romulana, com acolchoados de cores berrantes.

O vulcano respirou fundo, olhando para sua cama bem arrumada. As pernas tremeram quando ele ficou em pé, mas andou com cuidado, apoiando-se na parede para tirar as roupas pretas e sentando-se à beira da cama para tirar as botas. Um momento depois ele se deitou, fechou os olhos e entrou numa escuridão avermelhada. As chamas crepitavam e ávidas

línguas de fogo lambiam-lhe o corpo. O sono custou muito a chegar. Mas os sonhos vieram logo.

*... Zona Neutra... mundo deserto... sol azul.*

*Era uma paisagem estranha, juncada de rochas, enormes blocos de pedra e alguns arbustos irregulares que sobreviveram à hostilidade do lugar. Sombras profundas aumentavam, cresciam, fundiam-se na escuridão. Lá no alto, o claro céu noturno estava salpicado por milhares de olhos curiosos, que brilhavam em constelações e desenhos intrigantes... nenhum deles familiar.*

*No meio da escuridão havia uma voz, a princípio distante, depois mais próxima. Repetiu muitas vezes a mesma sílaba. A sílaba também era um som familiar, um arranjo de consoantes e vogais que tinha significado.*

*Spock... Spock?*

*O brilho das estrelas aumentou.*

*Jim... Jim? Procurou estabelecer contato.*

*Por um instante, as estrelas se apoderaram deles.*

*Mas, aos poucos, as estrelas começaram a se desvanecer... e se perderam no céu cinza-prateado de uma manhã estrangeira.*

O vulcano despertou, como se esperasse ver o rosto familiar inclinado sobre ele, com um malicioso sorriso de esguelha. Mas quando a realidade voltou, a lógica mostrou-lhe que aquilo não passara de um sonho.

E, no entanto... o desenho formado pelas estrelas permaneceu na mente do vulcano; e a voz fantasmagórica continuava sussurrando em seu ouvido, chamando seu nome várias vezes. Com uma sobrancelha erguida, ele se levantou da cama, com cuidado para não acordar McCoy nem S'Parva com seus rápidos movimentos em direção ao console do computador.

O tambor ressoava em seu ouvido, uma sinfonia de trovões. Mas conseguiu chegar à cadeira, afundou nela e ligou o terminal. Depois de encontrar o programa certo, olhou fixamente para a tela e foi como se horas tivessem se passado. A princípio, as constelações do Império Romulano não passavam de estranhas configurações de luz. Mas, à medida em que continuava pesquisando os arquivos, vendo as estrelas como elas apareciam aos vários planetas do Império, entendeu de repente o significado do sonho. Era o aflito pedido de socorro de Kirk, a maneira de Kirk informá-lo onde ele e Richardson estavam.

Por fim, enquanto continuava a apertar rapidamente o botão que fazia o programa avançar, encontrou o diagrama das constelações vistas de Remus, o mundo-irmão do planeta governante Romulus. E então, quase como um

sorriso, apareceu exatamente a constelação que lhe ocupara o sonho.

*Zona Neutra... mundo deserto. ..sol azul...*

Sentado ali, pensando na simplicidade da mensagem, Spock sentiu o primeiro raio de esperança depois de muito tempo. Mas quando se voltou, pronto para se vestir para os acontecimentos do dia, viu S'Parva tranqüilamente inclinada sobre seus ombros.

Em outra época, teria reagido com um erguer de sobrancelha ou um olhar inquisidor; mas, com o sonho ainda fresco em sua mente, a febre queimando seu sangue e fazendo tudo brilhar mais do que as estrelas, e a consciência de que em breve estariam no palácio do prætor, seus olhos se arregalaram e uma arfada escapou a seu controle debilitado.

Mas S'Parva olhou para a tela, quase ignorando o nervosismo inusitado do vulcano. Suas costeletas estremeçeram. — Eu também vi a Constelação em minha mente, Comandante. — murmurou ela — Eles fizeram contato, mas... sem uma nave, não há como alcançá-los.

A voz da katellana vinha de um túnel distante. Um som como o bramir de um oceano começou se fazer ouvir; os longos dedos da quente escuridão penetraram na mente do vulcano, arrastando-o à inconsciência. Por um breve instante, os traços angulares ficaram marcados pela surpresa.

Ávidas mãos cobriram seus olhos, acariciando a realidade com o fogo. Ele caiu.

## DEZENOVE

Kirk acordou ofegante, as mãos contraídas apertando algum demônio invisível que se insinuara na tenda durante a noite e agora tentava acabar com a sua própria vida. Era impossível qualquer movimento e o ar quente e seco feria-lhe a garganta sempre que tentava respirar.

— Ei! acorde, Jim! — ordenava com insistência uma voz distante.

As mãos pousaram em seus ombros, mãos suaves e reconfortantes de um amigo. Respirou fundo, seus olhos focaram-se e surpreendeu-se cara a cara com Richardson. Lançou um olhar desconfiado por toda a tenda e sentiu a paranóia ao tentar sentar-se; mas o saco de dormir amarfanhado apertou-lhe o peito e os braços, jogando-o de volta ao chão.

Rápido, Richardson abriu o zíper do saco de dormir que o apertava, ajudando Kirk a sentar-se. Os olhos castanhos cerraram-se preocupados. — Isso deve ter sido o diabo de um sonho, Jim. — observou ele, engatinhando até a "porta" e puxando as duas abas principais — Quando saí para dar uma olhada melhor na enrascada em que nos metemos, você dormia como um bebezinho indefeso.

Depois de um momento, Kirk riu até se cansar, enxugando o suor da testa. — Tudo por causa dos elos mentais. — resmungou consigo mesmo. Mas seus olhos se anuviaram quando se lembrou do que havia visto... do que *havia sentido* durante o "sonho". Com a mão na sobrancelha, forçou-se a respirar num ritmo normal; mas o ar que entrou em seus pulmões estava queimando, com os aromas secos do deserto.

Pôs-se de pé com esforço, cambaleou para fora e examinou o lugar mais uma vez. Mesmo com o pálido sol azul ainda baixo no horizonte matutino, macacos de calor já tinham começado sua dança entre as rochas. E dentro de duas horas, percebeu Kirk, o inferno estaria exatamente no zênite. Enxugou as gotas de suor do lábio superior e voltou-se, deparando-se com Richardson a seu lado.

— A nascente de água é grande o suficiente para nos refrescarmos dentro dela. — sugeriu o outro alferes, protegendo seus olhos do sol com o braço com a tala. — E acho que vi uns peixes esqueléticos numa piscina lá em cima. — continuou, apontando com um aceno de cabeça a direção em que a fenda levava ao começo da nascente. — Mas você vai ter de pôr a isca no anzol. — acrescentou prosaicamente.

Kirk fez uma careta, andou até a beira da rocha e abaixou-se até o chão, erguendo os olhos para ver a expressão intrigada de Richardson. — O que você tem? — perguntou de maneira significativa, incapaz de afastar o clima

de sonho. — Teve sorte em contatar S'Parva?

Richardson deu de ombros, ainda em pé. — Senti *uma coisa*. — disse baixinho — Mas não tenho certeza... — A frase ficou incompleta. — Ora, vamos, Jim. — disse ele, percebendo com facilidade a ansiedade do outro — Não adianta ficar sentado aqui tendo um ataque. — Abaixou-se, pegou Kirk pelos braços e o colocou de pé. — Vamos trocar de roupa e ver o que podemos fazer para continuarmos vivos. Se *isso* der certo, podemos voltar a trabalhar nos contatos telepáticos depois do café da manhã. — Riu de forma tranqüilizadora. — Também não adianta queimar fosfato. — salientou ele.

Sem esperar resposta, Richardson tirou a túnica do uniforme e Kirk sorriu ao ver que seu companheiro já tinha cortado um círculo em volta da manga. Aquela imagem ficou nele, como a lembrança de uma vida que haviam tido um dia. Olhou Richardson, que começava a subir nas rochas e por fim obrigou-se a segui-lo.

Depois de cinco minutos de silenciosa caminhada que lhe deixaram gotas de suor no peito e no rosto, ele se viu numa espécie de "sala" natural de pedra. Em três dos lados, os blocos lisos de pedra branca elevavam-se a mais de um metro de altura; e, no quarto lado, a rocha fora desgastada. A água caía em cascatas ruidosas do outro lado do contraforte, formando um riacho estreito e sinuoso, que se estendia em direção ao horizonte vespertino. Os demônios de calor praticavam estranhos rituais junto à margem do rio; da altura em que estava, Kirk percebeu que o fim do deserto não estava à vista. Deu um suspiro e voltou-se para as imediações. No centro das paredes rochosas, com cerca de meio metro de diâmetro, uma corrente de água cristalina saía aos borbotões, formando um piscina natural. Dentro da própria piscina salientavam-se várias pedras grandes; Kirk percebeu que, se fosse preciso, eles poderiam simplesmente ficar sentados na água fria para fugir do calor.

— Eu não disse? — perguntou Richardson com um sorriso, enquanto andava com cuidado na ponta dos pés sobre as pedras escorregadias; depois sentou-se na beirada e se abaixou para molhar o pescoço e, com um jeito brincalhão, jogou água na direção de Kirk.

Baixando o olhar para a água tentadora, Kirk sorriu. — Bem, — disse ele, tirando a camisa — acho que esta maldita visão é bem melhor do que assar. — Sentiu um filete de suor correr-lhe pela espinha.

Mas, ao deslizar para a corrente fria, deixando as águas cobrirem-lhe a cabeça, entendeu de repente que o calor estava dentro dele; a corrente de água não proporcionava um alívio real. Prendeu a respiração e afundou na piscina, deixando-se acalmar pelo silêncio absoluto. Num relance, compreendeu que o vínculo não fora quebrado. E alguma coisa estava

muitíssimo errada.

Deu um pontapé para subir e veio rapidamente para a superfície, apoiando-se na borda da rocha. Sua cabeça pesava como de forma sinistra e ele não olhou para Richardson.

Seu corpo tremera dentro da água fria... mas o gosto de Fogo e Morte apoderou-se dele.

## VINTE

McCoy sacudiu a cabeça, andando pelo aposento e olhando para o vulcano que continuava inconsciente na cama. Sem cor, a respiração insuficiente, pressão sangüínea quase a zero; frustrado, McCoy deu um soco na parede e olhou para S'Parva.

— Não há mais nada que eu possa fazer por ele. — murmurou, tentando ele mesmo aceitar aquela declaração inaceitável. Gostava do vulcano, talvez mais do que o permitido pela ética profissional, e saber que toda a capacidade médica da Galáxia não podia ajudar, deixava-o furioso.

— Se os romulanos descobrirem isso, doutor, — disse S'Parva com calma — logo vão deduzir que nosso comandante não é quem afirma ser. Se Tazol suspeitar... — Sua voz calou-se. — Embora sejam psicologicamente parecidos, os romulanos não passam pelo período de cio...

— Tazol não precisa saber. — disse uma voz feminina profunda na entrada da enorme sala.

McCoy girou e deparou-se com Thea acabando de entrar naquele aposento, os olhos fixos no vulcano inconsciente. A raiva chamejou outra vez.

— Há quanto tempo você está aí, escutando às escondidas a conversa dos outros? — perguntou ele com rispidez.

— Tempo suficiente para confirmar minhas suspeitas, doutor. — replicou a romulana. Fitou os olhos circunspectos do médico. — Pode ajudá-lo? — perguntou ela, sem rodeios.

McCoy ergueu-se na ponta dos pés. — Se eu pudesse ajudá-lo, — retrucou ele — não estaria aqui parado! — Tentou empurrar suas próprias emoções para o fundo da consciência, mas descobriu que não o deixariam em paz. — E o que você propõe que se faça agora? — perguntou ele — Empurrar Spock para a unidade de remoção mais próxima e achar *outro* para fazer o papel de prætör? — Não esperou pela resposta. — Se não pode arcar com suas próprias responsabilidades, — acusou ele, dando um passo em direção à mulher e fitando-a com seus coléricos olhos azuis — então você não tem que dar palpite, mesmo *sendo* o prætör! Que diabo, — continuou, achando o bode expiatório que precisava — para *mim* seria ótimo se os guerreiros *realmente* derrubassem seu glorioso governo e você junto com ele!

— Não se esqueça, Dr. McCoy, — interrompeu Thea desafiadoramente

— que sou bem capaz de quebrar sua espinha se você me provocar o suficiente. — Sustentou com firmeza aquele olhar colérico. — E pode ficar

descansado, porque já faz um certo tempo que suspeito da natureza da doença do Capitão Spock. — Sorriu com suavidade para S'Parva. — Sua suposição de que os romulanos não passam pelo *pon farr* é absolutamente correta. — afirmou ela — Entretanto, graças às mutações ocorridas em ambas as espécies, desde que nossos caminhos biológicos se separaram há milhões de anos atrás, até que alguns romulanos *são* telepaticamente... receptivos a este... quadro.

As sobrancelhas de McCoy se juntaram e ele lutou para controlar os nervos. Para ele, não fazia muita diferença se Thea quebrasse mesmo o seu pescoço; mas, por Spock, obrigou-se a escutar. — *Você* pode ajudá-lo? — perguntou ele.

Sem responder, Thea afastou-se do médico e foi ajoelhar-se à beira da cama do vulcano. Enlaçou os dedos inertes com uma mão e colocou a outra na testa febril, num gesto que parecia uma carícia.

— Deixem-nos. — ordenou ela — *Existem* métodos romulanos de penetrar na mente de alguém obstinado como seu Capitão; mas eu não vou empregá-los para satisfazer a curiosidade de vocês. — Levantou os olhos. — Saíam. — repetiu ela.

McCoy adiantou-se, na defensiva. — Sem chance, — retrucou ele — Spock é *meu* paciente e eu não costumo deixar um homem inconsciente à mercê do inimigo!

Thea encarou o médico com um olhar frio, tirando lentamente sua mão da testa do vulcano. Assim que o contato físico foi desfeito, o Capitão se mexeu, agitado, tentando encontrar às cegas a mão fantasmagórica.

— Então você o condena à morte por um mesquinho ciúme profissional. — enfatizou ela — Nega que é incapaz de ajudá-lo?

Recusando-se a qualquer movimento, McCoy sacudiu a cabeça. — Eu não posso salvá-lo *agora*, mas *posso* administrar uma droga para manter o corpo em estado de hibernação.

Thea sorriu, pensativa. — No máximo, uma tentativa de retardar o inevitável. — deduziu ela, fechando os olhos por um momento — Não... não posso permitir isso. O tempo não vai parar, doutor; preciso de seu comandante no palácio amanhã. — Ergueu-se do chão, foi até a mesa e ativou o painel de comunicação. Daí a um momento, Tasmé e Sekor entraram na sala. — Vocês dois vão com meus criados pessoais. — ordenou ela a McCoy — E não me perturbem novamente até eu mandar chamá-lo. Se eu precisar de seus cuidados médicos quando Spock recuperar a consciência, mandarei buscá-lo.

McCoy olhou para os dois escravos; apesar de seu desejo particular de permanecer ao lado do vulcano, ele já fora obrigado a admitir sua própria

inutilidade. Talvez Thea conhecesse *mesmo* alguma forma...

Afastou-se rapidamente do vulcano. — Vamos, S'Parva. — resmungou ele, seguindo os dois escravos para fora da sala — Vamos deixar a bruxa com seus rituais!

Thea apenas sorriu, ajoelhando-se de novo ao lado do vulcano e colocando a mão na mão dele. — Às vezes as bruxas podem curar aquilo que os médicos acham incurável. — murmurou às costas de McCoy. Tão logo eles saíram, olhou de novo para o vulcano, estudando abertamente o rosto dele.

Mesmo marcado pela dor, ainda era uma criatura desejável, e útil. — Você *vai* viver. — sussurrou para si mesma — Eu não posso deixar que morra, porque ninguém mais pode fazer o que você deve fazer assim que chegarmos ao palácio. Esperou apenas mais um instante e então voltou toda a sua atenção para o vulcano, colocando a mão no rosto dele, buscando os centros nervosos da mente.

Houve rejeição por um momento, mas ela conseguiu afastá-la com um único pensamento.

— Você nos pertence agora, Spock. — entou ela, como no antigo ritual. — Você me pertence...

A mente de Spock abriu-se para a escuridão. No fim do que parecia um longo corredor, brilhava uma única luz. Mas, aos poucos, a luz se dividiu em duas metades distintas. Uma era pálida... distante; a outra ficava tão próxima que era impossível ignorar. Tomou aquela direção, sentindo-se pesado e surrealista, curvado por alguma carga esquecida que continuava a queimar dentro dele.

Ao se aproximar da segunda luz, viu que ela tinha um nome, uma identidade. Thea.

Entrou em pânico; ela não podia saber, não podia ver o plano em seus pensamentos. Não podia ver que sua farsa não passava de uma farsa dentro de outra.

Com um esforço incomensurável, libertou-se do vínculo, abrindo os negros olhos para estudar a mulher romulana inclinada sobre ele. Por um momento, perguntou a si mesmo se já não teria morrido, se aquilo não seria uma ilusão efêmera deixada pela vida. Depois de mais um instante, perguntou-se se o campo de densidade entre os dois universos já se fechara; e ele mesmo estava louco.

Thea.

Tentou falar, mas a palavra ficou presa na garganta, até que entendeu com precisão o que estava acontecendo. Ela havia entrado, sem ser

convidada, em sua mente, procurando a última centelha de vida e mantivera artificialmente aquela chama com sua própria força, arrancando-o dos braços ávidos da morte. Não houvera tempo dela viajar para além das camadas superficiais da consciência, compreendeu o vulcano, deixando sua mente relaxar. Fechou os olhos, sentindo-se seguro ao saber que seu plano ainda era conhecido apenas por ele mesmo. Talvez ela tivesse ganho mais algumas horas...

Mas logo tomou consciência da mão suave que acariciava sua testa, afastando os cabelos úmidos de seu rosto. Tentou afastar-se do toque sedutor, mas ela segurou a mão dele no ar, obrigando-o a olhar para ela.

— Sem minha ajuda, você vai morrer, Spock. — informou ela, com uma voz que parecia vir de muito longe.

Ele lutou com as palavras... mas, em termos físicos, estava fraco demais para se mover. Ela quebrara sua resistência, percebeu ele com um lampejo de raiva, enfraquecera a porção lógica da mente dele até algo perigosamente próximo da aceitação... até mesmo do desejo. Manteve-se tenso e inflexível. — Você não entende, Thea. — replicou ele com a voz pouco mais alta que um sussurro — Nossas mentes... não são... parecidas o suficiente... nenhum vínculo... — Sua cabeça agitou-se no travesseiro enquanto ele lutava para articular as palavras. — Não posso estabelecer um vínculo... não há tempo. — Caiu no silêncio e a escuridão ficou mais presente. Ainda podia sentir o fio da mente dela roçando contra a dele, recusando-se a deixá-lo cair na inconsciência.

— Afinal, você me *subestimou*, bravo Capitão. — replicou Thea, deslizando a mão para relaxar os músculos tensos das costas do vulcano — Mas não tem importância. Um vínculo temporário já existe; até você tem de admitir que sente alguma coisa... — Fez uma pausa e com delicadeza virou o rosto dele de frente para ela. — Olhe para mim e me diga para ir embora; eu cumprirei as suas ordens.

Os olhos do vulcano fecharam-se e ele os apertou, compreendendo com um certo horror que ela estava certa. Tinha sido um idiota por não ter reconhecido antes a natureza sedutora dela. Na loucura do *pon farr*, ele *realmente* a desejava. Numa última tentativa de servir à lógica, ele sacudiu a cabeça com violência, tentando em vão romper o vínculo.

— Eu... não posso, Thea! É a vida quem decide isso... e eu não posso ficar com você! — Sentiu a vergonha e o desespero entalando-se na garganta, e o esforço para afastá-los doeu mais do que ele imaginara ser possível. Ela era romulana. Era inimiga.

... Ela era a única alternativa lógica.

— Sshhh. — replicou ela, passando a mão pela testa úmida novamente

— No Império ninguém fala em coisas eternas. Existe só o *agora...* e o vínculo que criamos é temporário. Mas enquanto você estiver aqui, sua mente está ligada à minha. Venha. — murmurou ela, deslizando os braços pelas costas dele e trazendo-o para ela com uma força impressionante — Como uma criatura jurada aos métodos de Surak, deve saber que sua morte seria ilógica. Não levaria a nada, além de talvez redimir sua preciosa dignidade. — E apesar da verdade nua e crua, não havia malícia em sua voz.

— Admiro sua convicção, Spock. — sussurrou ela, traçando com os lábios uma linha no pescoço do vulcano, apesar dele continuar resistindo .

— E agora você deve aprender a admirar a si mesmo. — Fez uma pausa, enquanto parte da resistência se desfazia lentamente. Por fim, Thea soube que ele poderia reconhecê-la pelo que ela era, uma mulher do passado dele, uma inimiga que tinha prometido abrir-se para ele há anos. — Já nos encontramos antes. — acrescentou ela, tentando acalmar os gritos psíquicos que ressoavam em sua própria mente. Lenta e calmamente, eles se desvaneceram... até ela sentir que não havia mais nenhuma hesitação. — Em um outro tempo e lugar, talvez tivéssemos escolhido isto livremente...

O vulcano abriu os olhos com dor e, através da lente avermelhada da febre, estudou o rosto que estava há menos de três centímetros dele. Por um momento, quase acreditou nela. Agora sabia que *realmente* & achara sedutora, mentalmente estimulante... fisicamente atraente. E, mesmo assim, a lógica lhe dizia que aqueles sentimentos eram fruto de seu estado vergonhoso. Respirou fundo, deixando a dor apoderar-se dele.

— Eu não... conheço você. — mentiu para si mesmo.

— Então vai conhecer. — prometeu Thea — E talvez um dia possa me perdoar por salvar sua vida desta maneira. — As palavras dela foram se diluindo, enquanto ela se inclinava para beijar os lábios ressecados do vulcano, colocando mais uma vez a mão no rosto dele. Mas, à medida em que o vínculo se aprofundava, ela não conseguiu mais manter-se no papel de salvadora. Sucumbiu às necessidades *dele*, aos desejos *dele*, aos pensamentos *dele*. — Eu praticamente já o perdoei pelo incidente da camuflagem. — murmurou ela — Talvez você possa ser igualmente generoso um dia.

Incapaz de negar a turbulência infernal de corpo e mente, Spock entregou-se aos braços inimigos. Se tinha que viver, disse a si mesmo, esta poderia ser a única alternativa. No entanto... mesmo perdendo Thea, não sabia se algum dia poderia perdoar *a si mesmo* pelo imperativo do *pon farr*, que não havia lhe deixado nenhuma outra escolha além de lhe corresponder.

Fechando bem a mente, voltou-se para o fantasma do Tempo, tentando reter as lágrimas salgadas da febre.

## VINTE E UM

A vista do alto do palácio não era menos espetacular do que o vulcano imaginava; embora ainda ficasse tenso e ansioso na presença de Thea, sabia que ela era a única razão pela qual ainda estava vivo. Quando a *T'Favaron* sobrevoou o palácio mais de perto, Spock viu as altas muralhas de pedra e os campos de força incandescentes; no lado interno dos portões, filas e filas de soldados romulanos estavam a postos, preparando-se para anunciar o retorno de seu prætor.

Quando finalmente a *T'Favaron* começou as operações de pouso, Spock examinou os vários acessos ao gigantesco pátio, fazendo um levantamento mental de todas as possibilidades de fuga. Mas, apesar das barras de ferro eletrificadas protegendo todas as portas que levavam ao palácio em si, achou que o maior problema seria descobrir uma saída qualquer. O palácio era um labirinto de corredores, projetado para ser intransponível por qualquer um que não tivesse passado boa parte da vida familiarizando-se com os caminhos, passagens secretas e becos sem saída. Mas, ao olhar para Thea, compreendeu que tinha uma nítida vantagem. Graças ao breve contato com a romulana, agora podia discernir certas coisas, entre as quais, o caminho que ela própria tomaria se algum dia achasse necessário escapar das muralhas do palácio.

Tão logo a nave tocou o chão e os propulsores silenciaram, Sarela levantou-se da cadeira de comando e, antes de sair do console, trocou um olhar com Thea. — O comandante Tavor avisa que a tropa aguarda a inspeção, minha senhora, — disse ela daí a pouco — e que tudo está em ordem no palácio.

Thea assentiu e voltou-se para examinar a túnica cerimonial que o vulcano estava usando. Sua cabeça inclinou-se de maneira curiosa, enquanto ela olhava a sombria figura sem rosto por trás dos véus.

— Uma visão fantástica, Spock. — disse ela de maneira descontraída, sentindo a resistência ao vínculo, agora constante, quando ele se levantou e a acompanhou às portas que abriam para fora. McCoy, S'Parva e o resto dos escravos e conselheiros seguiram logo atrás.

Thea sorriu, sem demonstrar surpresa pelo silêncio persistente do vulcano. — Como o prætor costuma adquirir muitos escravos novos, o fato de ser visto com Sarela e comigo não vai parecer estranho aos soldados. Se por acaso alguém lhe fizer perguntas, diga apenas que somos propriedades adquiridas há pouco tempo. — Fez uma pausa, moderando o tom da voz. —

Ande rápido por entre os soldados e cumprimente apenas os oficiais. Uma vez seguros dentro do palácio, Tavor vai cuidar de sua segurança pessoalmente.

— Tavor? — perguntou o vulcano, lembrando o nome.

— O chefe da tropa. — explicou Thea — Conhece bem os meus planos, e vai saber quem você realmente é. Nós o contatamos da *Ravon* muito antes de entrarmos a bordo da sua nave; e ele concordou em proteger você de homens como Tazol. — Ela sacudiu com suavidade a cabeça. — Mas não pense que ele vai seguir suas ordens ao invés das minhas, só porque você está usando essa roupa. A tropa obedece as ordens *dele*; e você seria muito tolo se tentasse exercer o poder conferido por seu vestuário, porque não viveria tempo bastante para dizer adeus a seus dois amigos.

O vulcano continuou em frente, os músculos tensos. — Se eu for ferido,

— declarou ele, de maneira lógica — seus planos estão arruinados. E como está claro que você não tem a menor intenção de libertar a mim ou a esses dois oficiais, não vejo nenhuma razão lógica para continuar.

Mas uma luz brilhou nos olhos de Thea, enquanto estudava a figura severa à sua frente. — *Há* uma coisa que vai segurar sua língua para sempre, se for preciso. — lembrou ela ao vulcano — Seu sangue ainda ferve com a esperança de alcançar o impossível. Não pode negar que sua mente abriga um plano para me derrotar. Sua hereditariedade e sua honra vão mantê-lo vivo o tempo necessário para fazer o que deve ser feito, porque você não pode negar ter roubado parte da verdade de minha própria mente.

— Espere um minuto! — interrompeu McCoy, dando um passo à frente.

— Pensei que você havia dito que seríamos soltos assim que este plano insensato tivesse terminado!

Thea voltou-se em direção aos olhos acusadores e inclinou a cabeça em sinal de reconhecimento. — E você acreditou na palavra de uma romulana? — perguntou ela sem meias palavras — Com certeza deve compreender que não posso permitir que dê provas de minha verdadeira identidade à sua Aliança. Mesmo se a paz resultar disso tudo, entre meu povo haverá sempre aqueles que não estarão dispostos a aceitá-la. Como isso *pode* acontecer de qualquer forma, preciso saber que tenho a liberdade de andar entre o povo do Império sem que se saiba de minha identidade.

McCoy ficou vermelho de raiva. — Então, qual é o problema? — perguntou ele. — Se você invade a Aliança, seqüestra dois oficiais de nave estelar e *exige* a paz, e ainda nos mantém como reféns pelo resto de nossas vidas, o que a faz pensar que alguém vai acreditar em suas promessas? A Aliança não assinará um acordo com você se nós formos mantidos aqui contra a nossa vontade!

— Talvez não, — admitiu Thea — mas esse é um risco que preciso correr. Se for necessário permutar pessoas com a sua Aliança, a presença de vocês será muito útil. É até mesmo seus chefes vão entender que o retorno dos três seria um risco que o prætor não pode correr. A Aliança assinará a paz pela Galáxia, doutor. É um belo preço por três membros da tripulação da nave estelar.

McCoy permaneceu em silêncio, perplexo demais para responder. Forçou-se a lembrar que Spock tinha um plano e que havia algo mais importante pelo que lutar. Se o vulcano tivesse sucesso em recriar essa outra seqüência temporal, tudo aquilo seria uma questão acadêmica. As fitas que o vulcano roubara da *Ravon* provavam que isso era possível. Mas enquanto estava ali parado, estudando a figura de manto e capuz, não pôde deixar de especular consigo mesmo o que teria realmente acontecido entre Spock e Thea... e se o vulcano teria feito algum acordo tácito com o diabo.

Enquanto Spock e seu grupo eram conduzidos a alojamentos separados, Thea descia o enorme labirinto de corredores que levavam à sala particular de Tavor. Do alto teto de pedra, olhos de gárgula fitavam o chão com sorrisos vazios e finas correntes de fumaça saíam das narinas de estátuas com cabeças de dragão, que decoravam o corredor particular.

Ao chegar à porta do general Tavor, respirou fundo e entrou rapidamente, usando a chave mestra amarrada em seu cinto. Encontrou o belo jovem instalado de maneira muito confortável numa cadeira de pelúcia, por trás da mesa de madeira entalhada. Tapetes pomposos revestiam a sala, caindo do teto ao chão e os pés de Thea afundavam-se deliciosamente no grosso carpete marrom enquanto ela atravessava o aposento. Num canto da sala havia um diva estofado de veludo preto, em frente de uma agradável lareira acesa. Ela desviou os olhos.

— Tavor. — disse Thea, inclinando de leve a cabeça e parando um momento para apreciar a forte musculatura de seu general — A viagem foi um tédio; estou satisfeita por estar aqui no palácio outra vez. — Sorriu, foi até a mesa e pegou um copo de bebida fina. Enquanto olhava para Tavor, seus olhos iam ficando iluminados. — Tenho sentido sua falta, meu velho amigo. — murmurou ela — Mas... diga-me... o que aconteceu a T'Rouln?

Recostando-se na cadeira, Tavor não correspondeu ao sorriso do prætor. Ao invés disso, apoiou os pés calçados de botas num canto da mesa e depois ergueu as mãos para abrir o fecho de rã da grossa capa marrom. A capa caiu ao chão sem que Tavor percebesse, e seus profundos olhos castanhos anuviaram-se.

— O governador T'Rouln era meu amigo, minha senhora. — replicou Tavor, com uma nota de pesar por trás do tom eficiente da voz — Brincamos juntos quando crianças. — Fez uma pausa. — Mas o homem que tentou arrombar os portões do palácio não parecia em nada com o guerreiro que conheci.

Tomando um gole da cerveja azul, Thea deslizou para uma cadeira próxima, enrodilhando uma das pernas sob a outra. — Sinto muito, Tavor. — murmurou ela, fixando distraidamente o olhar na luz refletida pelos cabelos negros que cobriam os ombros do general. — Mas... parece que ele ficou realmente... louco?

Tavor assentiu com suavidade. — Talvez. — admitiu — Mas houve outros incidentes também. — Fez uma pausa e assumiu um ar desconfiado. — Como hoje de tarde mesmo, recebi notícias de vários casos semelhantes por todo o Império. Em Kalora Seis, os levantes estouraram quando o governador S'Limou autorizou por conta própria a soltura de vários prisioneiros políticos. — Sua voz ficou sinistra. — Como no caso de T'Rouln, não havia nenhuma explicação para esta ação não autorizada. — Um suspiro separou os finos lábios romulanos. — Há outros, minha amiga... numerosos demais para mencionar.

Thea colocou a cerveja de lado; era muito raro Tavor mostrar suas emoções, mas o cansaço parecia emanar daquele corpo vigoroso e daquela mente disciplinada. — O que mais? — perguntou ela, sentindo um súbito arrepio percorrer-lhe as costas e lembrando-se de alguma coisa captada durante o vínculo inicial com Spock.

*Insanidade... duas semanas para construir um universo... ou ver alguém morrer...*

A princípio, achou que se tratava de mais um sintoma do *pon farr*, a insanidade do *próprio* vulcano, seu próprio limite temporal. Mas, à medida em que foi se lembrando da transmissão interceptada da *ShiKahr* vários dias antes, seus olhos começaram a se arregalar. Suas próprias palavras para Sarela voltaram. *Tive a impressão que a nave deles foi, de certo modo... atraída ao sistema canusiano sob um falso pretexto. Esquisito...*

Deteve o medo repentino que veio com a percepção da coincidência. — Você disse que aconteceram outros incidentes, Tavor? — lembrou ela.

— Sim. — replicou o general — Eu fui... obrigado a matar quatro de meus próprios soldados esta tarde, minha senhora. — disse ele muito calmamente — Enquanto eu fazia a inspeção rotineira das tropas preparando a sua chegada, um homem tentou assassinar meu melhor tenente. Uma luta irrompeu... e quatro homens caíram mortos. — Ele sacudiu a cabeça.

— Segundo nossos conselheiros médicos, a autópsia revelou sintomas de

derrame no córtex cerebral, como se o cérebro de cada um deles tivesse sido de algum modo... comprimido. — Hesitou por um momento. — E mesmo não tendo ainda recebido nenhuma informação médica sobre o governador T'Rouln, imagino que o diagnóstico será o mesmo.

Thea levantou-se da cadeira, dirigindo-se automaticamente à porta. Mas, antes de sair, voltou-se para olhar Tavor mais uma vez, os olhos se suavizando. — Vou interrogar melhor o vulcano. — explicou ela — Talvez ele saiba de alguma coisa importante.

Mas Tavor simplesmente olhou para a prætora, enquanto se levantava e se colocava bem perto dela. — Ele... desperta algo em você, não é, Thea?

— perguntou ele.

Por um longo momento, a mulher não respondeu nada. — Ele é um instrumento, meu velho amigo. — disse afinal, percebendo-se incapaz de encarar os negros olhos interrogativos.

— Mas ele *realmente* faz seu sangue ferver. — presumiu Tavor, sem nenhuma acusação.

Mordendo o canto dos lábios, Thea tocou com suavidade o braço do homem. Olhou enfim para ele e logo desviou os olhos. — Sim. — sussurrou ela, perguntando a si mesma por que deveria sentir-se tão culpada por essa confissão — É por isso que *estou* triste. — Fez uma pausa, lutando com sentimentos desconhecidos. — Se em algum momento acreditei que poderia me livrar da... influência dele sobre mim, estava sendo tola, Tavor. — Olhou para ele mais uma vez e aproximou-se para acariciar os traços ansiosos. Mas como o general afastou-se, sua mão caiu devagar para baixo.

— Vou esperar, minha senhora. — murmurou ele. — E vou proteger o companheiro de sua escolha, com o mesmo fervor dedicado a você.

Por um momento, Thea apenas olhou para as costas do homem; depois estendeu os braços de novo, virando o rosto dele para si. Num certo momento, respeitara em Tavor a astúcia do guerreiro. Em outro momento, ela o amara. Mas, quando abriu a boca para responder, não havia nada a dizer, nada para apagar a súbita dor que lhe subiu à consciência. Muito delicadamente, deslizou a mão pelo pescoço do general.

— Se isto tornar as coisas mais fáceis para cada um de nós, meu amigo,

— disse ela com doçura — você pode estar certo de que os sentimentos do vulcano por mim não são como você talvez imagine. E... como qualquer criatura viva, eu não seria capaz de viver muito tempo no vazio da solidão.

— Ela sentiu seu rosto anuviar-se com uma mistura de vergonha e mágoa.

— Eu... ficaria honrada... em saber que você vai esperar.

Tavor respirou profundamente e assentiu. — Temos pouco tempo, minha

senhora. — disse ele, recuperando o tom profissional de conselheiro

— Os governadores remanescentes estarão chegando em breve aos portões do palácio.

Com um sorriso terno, Thea assentiu... e afastou-se com esforço dos olhos negros que a desejavam.

Nos luxuosos aposentos onde vivia o prætore, Spock surpreendeu-se contemplando o entardecer à sua frente. Olhou para o relógio pomposo: menos de quatro horas para o Tribunal. Enquanto seus olhos sondavam a sala, permitiu a si mesmo um momento para relaxar. No palácio, a ala particular de Thea lembrava muito a casa de Sarek.

As cortinas de veludo preto cobriam toda uma parede; e, quando abertas, o vulcano descobriu uma enorme janela de vidro espelhado que dava para um pequeno lago. O sol azul de Romulus punha-se no horizonte, lançando longas sombras pela sala. Encostada a uma das paredes, havia uma mesa sofisticada feita de pura prata, enfeitando a espaçosa sala de estar, um macio sofá de veludo azul encontrava-se no centro da sala e havia estátuas de mármore, representando os Antepassados de Romulus, estacionados como sentinelas nas portas de madeira entalhada. Na outra saída, próximo ao fundo da sala de estar, ficava o quarto de dormir.

Sentado no sofá, considerando sua situação delicada e ponderando o fato de lhe restarem menos de oito dias, percebeu instintivamente que estava sozinho. S'Parva e McCoy logo foram conduzidos a alojamentos separados, através de um longo labirinto de corredores e passagens, impossíveis de lembrar e Thea deixara muito claro que eles só se encontrariam de novo depois da reunião do Tribunal.

Como que a propósito, as duas portas entalhadas que levavam ao corredor se abriram e Thea entrou rapidamente na sala. Vestida agora com uma roupa romulana comum, seu rosto parecia mais brilhante, e nem mesmo Spock poderia negar o fato de ela ser atraente de verdade.

Afastou esse pensamento, aproximando-se enquanto tentava disfarçar a inquietação que se tornara sua companheira de todas as horas.

Com um aceno de cabeça, Thea andou até chegar bem em frente ao vulcano, examinando a leve túnica marrom que ele estava usando. As vestes cerimoniais estavam dispostas de maneira meticulosa sobre a cadeira e ela lançou apenas um rápido olhar para aqueles negros lembretes da responsabilidade.

— Esta noite, nós vamos alterar o curso de duas civilizações inteiras, Spock. — declarou ela como que para si mesma. Continuou observando o

vulcano em silêncio por um momento. — Lamento que tenha sido necessário enganá-lo para fazer com que participasse deste plano. — continuou afinal — Mas... como já deve ter percebido que é impossível escapar do palácio, não pode admitir que *existam* outras alternativas? — Fez uma pausa e sentou-se num canto do macio sofá. — Fique comigo. — disse ela tão casualmente, como se não estivesse falando de nada mais importante que das horas. — Depois da noite de hoje, com os governadores reconhecendo você como prator, não haverá nada que não possamos fazer.

Spock fechou os olhos; apesar da abordagem pessoal, perguntou a si mesmo se ela não estaria tentando seduzi-lo. — Você sabe que não posso ficar, Thea. — afirmou ele, notando que fora sentar-se automaticamente ao lado dela — O que nós dois *somos* me impede de tomar qualquer outra decisão, e você já afirmou que as coisas eternas não são discutidas neste Império.

Mordendo o lábio inferior, Thea riu de maneira suave... quase sarcástica. — Então nós ainda somos apenas inimigos. — deduziu ela — Nada mais que duas facções opostas, cada uma ligado por juramento a seus próprios deveres. É tudo? — Mas ela sacudiu a cabeça. — Não, não responda nada. Nenhum de nós precisa ouvir o óbvio, o que está escrito em seus olhos. — Ela hesitou por um momento e, num tom mais profissional, voltou a falar. — Sei que você não é tolo, Spock. E estaria me iludindo se acreditasse que você não sabe o que aconteceu neste universo. — Ela desviou a vista, com os olhos distantes e inescrutáveis.

O vulcano permaneceu em silêncio e uma sobrelha ergueu-se. — Eu sei do deslocamento do tempo, Thea. — confessou ele.

Thea assentiu consigo mesma. — Vi os planos em sua mente enquanto você dormia, Spock. — informou ela, endireitando-se — Então, suponha que você falhe neste plano secreto de roubar uma nave e tentar corrigir o estrago? Está consciente de que seu sucesso nesta empreitada resultaria em sua própria destruição?

— Estou consciente das conseqüências. — declarou Spock sem se alterar num tom equilibrado. De certo modo, não estava surpreso ao constatar que ela o adivinhara pela segunda vez.

— Está? — retrucou Thea, subitamente furiosa. — Você compreende realmente? Se conseguir voltar no tempo para impedir meus agentes de alterarem o fluxo do tempo, você estará matando a si mesmo! Você é tão parte *deste* universo *de agora* quanto seu eu alternativo é parte do outro. Não pode voltar no tempo, destruir meus agentes e desejar simplesmente voltar à sua outra vida! Porque se o fluxo do tempo for corrigido, se a Primeira História for reinstaurada, a sua pessoa na Segunda História vai desaparecer!

O vulcano assentiu outra vez. — Estou preparado para aceitar essa possibilidade. — Mas era um pensamento que o atormentara desde o início. — Entretanto, — acrescentou ele — se eu preferisse minha vida como é *agora* em detrimento do que eu sei que é certo, não passo de um assassino. Se eu escolher ficar com você e não fizer nenhuma tentativa para corrigir o estrago feito, condeno todo um universo à extinção.

Thea suspirou profundamente, recostando-se no sofá e colocando sua mão no braço indiferente do vulcano. — Você vai morrer. — afirmou ela, enfatizando cada sílaba como se tentasse convencer a si mesma — No instante em que você entrar no tempo e impedir os agentes de destruírem as raízes da Federação, você não existirá mais. A História será revertida ao que era antes; com você e eu em lados opostos da Galáxia.

O vulcano ficou em silêncio por um longo momento. — E se eu prosseguir com seu plano de apresentar os Princípios de Disciplina para os governadores esta noite, e só mais tarde voltar no tempo e interferir na missão de seus agentes, os Princípios terão efeitos limitados, no melhor dos casos. Se seus conselheiros tivessem se aprofundado mais na pesquisa sobre os efeitos a longo prazo da alteração do tempo, teriam compreendido que as mudanças causadas por seus agentes não podem contrariar a tendência de um universo inteiro. A mente daqueles nascidos na Segunda História já está procurando voltar ao seu ambiente natural. Por fim, se nada for feito para corrigir os danos, nós *todos* vamos morrer, Thea. — Pensativo, o vulcano fez uma pausa. — O universo não é molecularmente estável, a ponto de ser capaz de tolerar o tipo de deslocamento que resultou de seu plano para conquistar a Galáxia.

— O plano de meu *pai*. — corrigiu Thea, num tom cansado e abatido. Olhou com mais atenção para o vulcano, perguntando a si mesma se isso não era mais um truque. Mas quando lembrou-se do que Tavor havia dito pouco antes, sentiu a ansiedade crescer em seu estômago. — Se o que você está dizendo é verdade, — refletiu ela — então você está morto de qualquer modo. — Fez uma pausa, sentindo a ferroada da verdade em sua afirmação.

— Existem alternativas para a morte. — enfatizou Spock, percebendo o cansaço dela. — E enquanto eu não souber o que aconteceria se você escolhesse essa alternativa, asseguro-lhe que ela realmente existe.

Inclinando-se para a frente, Thea permitiu-se olhar para o vulcano. — Qual a sua alternativa, Spock? — perguntou ela, já sabendo que faria de tudo para mantê-lo vivo ao seu lado.

— Venha comigo. — respondeu ele, sem hesitação — Como você é um produto da Primeira História, a lógica diz que pode existir livremente em ambos os tempos.

Virando-se, a mulher se levantou, deu alguns passos e parou. — Ir com *ocê!* — repetiu ela, com uma risada amarga. — Depois de tudo que eu

fiz para trazê-lo *aqui*, você me pede para segui-lo num plano que significaria a sua extinção?

— Você já sabe que a estrutura deste universo da Segunda História não vai durar. — rebateu o vulcano, ficando em pé bem atrás da praetor — E mesmo se você não vier comigo, isso não fará diferença daqui a alguns dias. — Fez uma pausa. — Consulte seus conselheiros científicos. Diga a eles que peçam aos computadores novas hipóteses. Você vai descobrir que há menos de oito dias para corrigir esta situação. Se não agirmos antes disso, será tarde demais, Thea. A ferida do tempo cicatrizará e nós todos cairemos na armadilha de uma loucura incurável.

— Não! — protestou Thea, rodopiando furiosa. — Isso é impossível! — Mas sabia que não era. — O povo da Segunda História não tem outras lembranças! O que eles são *hoje* é tudo que eles conhecem! Ela fechou os olhos bem apertados.

— Não. — declarou o vulcano com calma, agarrando o ombro dela e fazendo-a olhar para ele — A ciência da mente é uma ciência difícil de ser entendida. Parece que os pensamentos e lembranças transcendem até mesmo os limites do tempo ou dos universos. E em seu Império e na minha Aliança, as mentes daqueles da Segunda História vão-se dobrar sobre si mesmas. No fim, a mente vai procurar recriar seu ambiente original, mesmo que a única maneira para consegui-lo seja uma dissociação permanente *desta* realidade. Tudo vai parar, Thea, tudo o que você conhece. — Ele não fez esforço algum para ocultar a extensão de seu conhecimento naquela hora; não restava dúvida de que Thea podia saber tudo quanto quisesse através do vínculo.

— E o que eu ganho em segui-lo? — perguntou ela. — Mesmo que eu acreditasse em você, o que *eu* ganharia ajudando-o a voltar no tempo?

O vulcano voltou-se, deslizando para a mente dela, para aliviar de certo modo a dor psíquica que emanava da romulana. — Não tenho nada para oferecer. — replicou ele, sentindo uma ilógica pontada de tristeza naquela afirmação — Se tivesse...

Por um longo tempo, Thea não se moveu. Depois estendeu a mão com cuidado e a colocou no ombro do vulcano. — Há uma coisa que você ainda pode me oferecer. — disse ela, com suavidade — Acredito que você sabe o que é.

Olhando nos negros olhos, o vulcano sacudiu a cabeça. — Como posso ficar com você se eu não vou mais existir? — perguntou ele, lendo o pensamento dela com facilidade. — Se eu conseguir deter os agentes, não

posso nem me oferecer como refém.

— Então fique comigo *lá* — rebateu Thea, dominada pelo magnetismo do vulcano. — Fique comigo neste passado da Terra, o planeta das belas primaveras! Nada me prende aqui. — acrescentou ela — Quando o universo estiver certo de novo, não estarei em melhores condições do que antes. O Império será o mesmo da Primeira História. Meu povo continuará morrendo nos confins da Zona Neutra, enquanto sua Federação floresce!

Com um olhar terno, o vulcano sacudiu a cabeça. — Mas você sabe que não pode abandoná-los, Thea. — salientou ele — Se me ajudar, vai lembrar-se apenas daquilo que transpirou em ambas realidades, quando voltar à Primeira História.

— Pare! — protestou Thea, sem querer ouvir mais nada. — Não pode dizer que vou ser a única a lembrar; mesmo que eu fosse com você! Quando *you* retomar à Primeira História...

— Eu não existirei mais. — disse o vulcano com delicadeza — Você mesma o disse e sabe que é verdade.

Thea mordeu o lábio com força, tentando concentrar-se em teorias que de repente pareciam muito complexas para serem concebidas por qualquer mente. — Então... se conseguir interceptar meus agentes, você não tem a menor intenção de voltar para cá... para esta época, este tempo. — murmurou ela, quase para si mesma.

— Eu *não posso* voltar, Thea. — replicou Spock — Porque assim que a seqüência temporal for corrigida, o Spock da Segunda História deixará de existir.

Forçando-se a considerar a terrível possibilidade, Thea estendeu a mão, agarrando ambas as mãos do vulcano. — O que vai acontecer com você?

— perguntou ela, já abominando a resposta antes que ela viesse.

— Se eu tiver sucesso, — replicou o vulcano, sem fazer nenhum esforço para retirar suas mãos das dela — não vai fazer a menor diferença. A vida que eu busco, a vida que deve existir para meu outro eu da Primeira História, será recriada automaticamente. Aconteça o que acontecer à pessoa que eu sou *hoje*, é irrelevante, pois não passo de um espectro.

— Não é irrelevante! — argumentou Thea — Como é possível você, um vulcano, fazer isto? Como pode planejar voltar ao passado da Terra, sabendo que, em consequência, estará cometendo suicídio?

— Não se trata apenas da minha vida, Thea, — ponderou Spock — mas também da vida de bilhões de outros. Se eu conseguir, qualquer um que me acompanhe ao passado da Terra não terá como retornar ao futuro, exceto você, se quiser vir comigo. Como já disse, você é um produto da Primeira História, portanto, imune aos paradoxos da viagem no tempo. Entretanto,

— você deve considerar aqueles que *não* são imunes, as vidas que seriam perdidas na loucura, tanto no Império quanto na Aliança. — Sacudiu a cabeça com muita delicadeza. — Não posso permitir que meus desejos pessoais se coloquem no caminho daquilo que *deve* ser... e eu também não acredito que você possa.

Afastando-se, o vulcano ficou muito tempo em silêncio. — Existe a possibilidade de eu simplesmente desaparecer no momento em que a missão dos agentes for frustrada. — continuou ele, daí a pouco, tentando ignorar o horror que lia nos olhos de Thea. Seria fácil demais deixar que ela o dominasse, percebeu ele... fácil demais deslizar para alguma loucura "lógica" que dissesse que ela estava certa.

— E se você estiver errado? — perguntou Thea afinal. Sem querer realmente uma resposta, balançou a mão num gesto de desistência e afastou-se. Mas, depois de um momento, voltou a encarar o vulcano uma vez mais, com uma sensação de desamparo permeando sua voz, quando falou.

— Não pode aceitar que, desta vez, você perdeu para mim, Spock?

— A derrota chega apenas quando não há mais alternativas. — replicou o vulcano — E, desta vez, ainda há opções. — Sustentou com firmeza o olhar dela. — Por que isto tem de ser uma competição? — perguntou ele, lutando para manter a emoção sob controle e a lógica em primeiro plano.

— Se você realmente busca a paz, por que não podemos trabalhar juntos?

— Se a sua morte vai ser um subproduto de nosso trabalho comum, você já deve estar louco se acha que eu vou aceitar! — retrucou ela. — E com certeza você sabe que o escolhi por outras razões além da farsa do prator! — Ela se afastou alguns passos, parando na beira da enorme mesa prata. Furiosa, bateu uma mão na superfície lisa da mesa, cerrando os olhos de maneira ameaçadora. — Não há homem neste Império por quem eu arriscaria as coisas que arrisquei por sua causa, Spock. — continuou ela — Você é o único que pode estar a meu lado como um igual. — Forçou-se a olhar para ele, a encarar os frios olhos negros. — Quer fazer-me dizer tudo com todas as letras? Você vai me obrigar a abandonar o orgulho romulano e dizer-lhe que o escolhi para *mim*, assim como para minha missão? Se for isso, digo-lhe agora, sem constrangimento e sem orgulho. — Sentiu o ardor de estranhas lágrimas, mas piscou para que elas não chegassem a cair. — Eu *preciso* de você. O Império precisa de você... O que mais pode haver?

— James Kirk. — murmurou o vulcano sem vacilar — E todos os outros como ele, que nunca estariam felizes com a vida imposta a eles por sua alteração do tempo. — Lutou contra o sangue humano em suas veias, que o incitava para a vida. — Admiro-a como líder; respeito-a como romulana. —

Sem lhe dar chance de responder ao que talvez tivesse soado como um enfraquecimento de sua posição, ele continuou. — Entretanto, dificilmente poderia respeitar minha decisão se eu concordasse em ficar aqui com você, agora, neste tempo e lugar. Você deve entender que, se meu vínculo com James Kirk transcendeu até mesmo o abismo do espaço e do tempo, minha primeira responsabilidade é, e parece que sempre foi, para com ele e com a *Enterprise*. — Era apenas uma palavra, apenas um conjunto de consoantes e vogais... e, no entanto, tinha um significado inexplicável.

— Se fossemos ambos romulanos, — continuou ele, explorando com cautela seus próprios sentimentos — eu ficaria... honrado... em aceitar sua proposta. Mas não pertencemos sequer ao mesmo Universo, você e eu.

— Sacudiu a cabeça com a tristeza inesperada que o apunhalou ainda mais fundo, enquanto o pesar desmanchava lentamente a couraça vulcana. — Não fomos feitos um para o outro, Thea, nem aqui, nem naquele outro universo. Você *precisa* aceitar isso. — insistiu ele, tentando ser suave com as palavras, que vinham com dificuldade — Fazemos parte de duas realidades diferentes... e sempre faremos.

Thea levantou a vista para os olhos negros e não disse nada. O que quer que fizesse ou deixasse de fazer, iria perdê-lo. Se ele simplesmente se desintegrasse, ou enlouquecesse, não haveria futuro para os dois. Compreendeu estar olhando nos olhos de um fantasma criado pela ambição de um velho em dominar a Galáxia. Seu pai fora um tolo... e mais uma vez lhe deixava a herança do sofrimento. Virou-se em direção às portas duplas.

— Preciso conversar com meus conselheiros. — afirmou ela, com a voz de repente fria e cortante ao aceitar o fato de não haver esperanças de retê-lo.

Spock sacudiu a cabeça com suavidade e foi atrás da romulana, procurando tocar o braço dela. — Se me ajudar, Thea, será capaz de reter o conhecimento adquirido na Segunda História e aplicá-lo depois que a seqüência temporal for corrigida. Nós *podemos* conquistar a paz, mas não aqui. — Olhou por sobre os ombros dela e permitiu-se encostar o rosto no alto de sua cabeça. Com o vínculo ainda vivo entre eles, era difícil ignorar aquela perda; e independente da distância profissional entre eles, não podia evitar sentir... algo. Menos que vulcano, mais que humano, pensou ele. Suspenso em algum lugar no limbo entre os dois. E se tivesse que morrer, aquele momento de ternura era um luxo que podia se dar.

— Uma vez corrigida a seqüência temporal, — continuou ele — é provável que o Spock que *realmente* existe na Primeira História também conserve algumas lembranças *desta* realidade. A Segunda História aconteceu, *está* acontecendo, e tudo leva a crer que a consciência superior não esquece nada que lhe tenha acontecido. — Fez uma pausa, passando

distraidamente a mão pelos braços dela. — E se meu outro eu *realmente* se lembrar, Thea, você pode procurá-lo. Se não, *faça-o* lembrar-se. Você vai conhecer ambas as Histórias, e vai ter capacidades telepáticas. Deve usar essas ferramentas para estabelecer a paz entre nossos povos, num universo onde ela possa ser duradoura.

Trêmula, Thea assentiu de maneira quase imperceptível e depois afastou-se, até que as mãos do vulcano caíram-lhe ao longo do corpo. — Que garantia eu tenho? — perguntou ela, afinal — Que promessa um fantasma poderia fazer que resistisse à distância entre dois universos?

Spock considerou a questão. — Você tem a minha palavra. — prometeu afinal — E a *dele*. Como o outro Spock é um reflexo de mim mesmo, não vai conseguir afastar-se completamente de você. Vai dar ouvidos a seus pontos de vista e até ajudá-la a apresentá-los à Aliança, da forma em que vai existir na Primeira História. Faça-o lembrar-se, Thea. — repetiu ele com ardor — É a única alternativa que temos.

Voltando-se, ela fitou os olhos do vulcano. — Você está me pedindo para enviá-lo numa viagem através do tempo, destruir os feitos do Império, mesmo que sejam questionáveis, e ver um Universo morrer em decorrência disso. E, no entanto, apesar dessa loucura, não vejo como negar-lhe essa oportunidade.

Spock ia começar a responder, mas ela o impediu com um breve aceno, colocando a mão naquele peito firme, até sentir a batida suave do coração do vulcano. — Não desejo perdê-lo, — confessou ela — mas também não desejo mantê-lo aqui, se você nunca puder se dar a mim sem lamentar a perda de um Universo que nunca viu. — Afastou-se, sentindo o peso da responsabilidade instalar-se de novo em seus próprios ombros.

— Se meus conselheiros conseguirem me mostrar alguma prova que confirme suas afirmações, talvez eu considere a alternativa de ajudá-lo. Se não... — Sua voz calou-se. — Se não, estará livre para retornar à *ShiKahr*. Você pode ser substituído com muito mais facilidade do que imagina, Spock. — continuou ela. Percebeu a alfinetada de suas palavras, embora soubesse que tinha que pôr as coisas nos seus devidos lugares. Voltara a ser a praeor novamente... ao menos para conseguir sair da sala.

— Mas tem uma coisa, Spock. — continuou ela, com a mão na maçaneta. — Uma coisa que você nunca será capaz de esquecer. Em qualquer universo, em qualquer tempo, chegará o dia... uma noite de solidão... em que vai lamentar a perda da harmonia entre nós.

Com uma expressão de dor, o vulcano fechou os olhos. — Eu sei disso. — Sussurrou ele, e as palavras soaram de maneira estranha em seu ouvido. — Já lamento desde agora... e talvez vá lamentá-lo naquele universo

também. — Estendeu a mão, mas tocou apenas o espaço vazio enquanto Thea se retirava.

Ela fez um rápido aceno de cabeça, quando a máscara da autoridade recolocou-se firmemente no lugar. — Eu também, Spock... — murmurou ela, saindo para o corredor — Eu também...

Sozinha, Thea desceu o longo corredor, fez uma série de voltas e finalmente chegou a um beco sem saída do labirinto. Na parte mais funda do *cul-de-sac*, havia uma estátua de ferro, representando um demônio com chifres, em pé, com os braços estendidos. Nos olhos vazios brilhava o fogo perpétuo de Romulus e, por entre os caninos negros e pontudos, saía uma fumaça vermelha. O demônio sorria eternamente... quase com maligna satisfação.

Num ímpeto, Thea sentou-se no frio chão de pedra, tocando distraidamente os cascos fendidos da besta. Seus olhos se fecharam. Quando criança, rezara muitas vezes ao Bettatan'ru; pedia ao senhor dos demônios um companheiro adequado, um belo guerreiro para ficar a seu lado, um homem a ser respeitado e que, por sua vez, saberia respeitar. Olhava agora para os olhos negros e sentiu algo dentro dela endurecer.

— Até você, meu amigo de infância, — resmungou ela — até você nos abandonou e voltou para seu céu fumegante. — Uma risada separou seus lábios quando ela olhou o corredor vazio, escuro.

Os olhos da besta brilhavam, mas Thea riu outra vez.

— Eu despertei sua ira com o sacrilégio? — perguntou a si mesma com um quê de amargura insinuando-se no tom da voz. — Ou você não passa de pedra e metal insensíveis? — Sacudiu a cabeça, pensando no confronto com o vulcano. — É lógico que *ele* escolheria o caminho que escolheu. Mas, quando até mesmo os Antepassados nos dão as costas, Bettatan'ru... preciso verificar quem me é leal... — Sua voz calou-se e ela ergueu-se do chão, sentindo-se muito parecida com a menininha do palácio de seu pai, que sempre entrava escondida no proibido Corredor da Besta.

— Mate-me. — pediu ela, fitando os olhos em chamas da paixão romulana — Porque se não o fizer... vou entender que seus poderes acabaram, que você é apenas o ferro ordinário com que meus ancestrais o forjaram.

Ela esperou.

Os olhos da besta cintilavam.

Depois de um momento, Thea virou as costas ao senhor dos demônios. Afastou-se, escolhendo o corredor que levaria às instalações do computador

central.

Não olhou por sobre o ombro... e a besta não interferiu.

Depois do que pareceram horas, as portas da sala dos aposentos do praetor se abriram mais uma vez. Thea entrou devagar, vestida dessa vez com as vestimentas negras correspondentes a seu título, embora o capuz estivesse abaixado para mostrar seu rosto.

— Falei com meus conselheiros. — disse ela, sem fitar os olhos cheios de expectativa do vulcano — E, infelizmente eles estão de acordo com os seus cálculos. — Fez uma pausa, suavizando o tom de voz. — Houve uma série de... incidentes, tanto no Império quanto em sua Aliança. — murmurou ela — E... parece restar muito pouco tempo. Mirou por fim os profundos olhos negros. — Por que você não me falou antes desse prazo final, Spock?

O vulcano estudou-a com mais atenção. — Você teria acreditado em mim? — perguntou ele, sem meias palavras.

Ela desviou rapidamente os olhos. — Também fui informada por meus conselheiros de que é muito provável que os guerreiros não lhe permitam ir ao passado da Terra, se souberem do seu plano. Tazol já convocou os reis tribais para uma conferência. — Ela sorriu de leve. — Não é incomum em si, mas eu não acho difícil supor as razões dele. Suspeita, sem dúvida, e tenho certeza de que ele vai acabar conseguindo juntar um número suficiente de guerreiros e atacar o palácio. Portanto, não temos tempo para continuar com a farsa agora.

O vulcano sentou-se no sofá enquanto Thea puxava uma cadeira do outro lado da sala. Por algum motivo, ainda doía ouvir o tom de amargura na voz dela... e lembrar a suavidade que tinha visto em sua mente durante o *pon farr*. Mas afastou o pensamento inoportuno. — Temos que agir rápido. — declarou ele — A que decisão você chegou?

Thea levantou e começou a andar. — Resolvi ajudá-lo. — disse ela afinal — Você, Sarela e eu vamos tomar a *T'Favaron* e voltar ao passado da Terra. — Ela sustentou seu olhar com firmeza e aproximou-se dele. — Como meus conselheiros também me informaram que sua existência acaba assim que você interceptar meus agentes, — continuou ela friamente — fiquei ansiosa para começar. — Havia transformado a estranha emoção do amor numa sensação conhecida de raiva e responsabilidade, sentimentos que sabia muito bem como lidar. — Eu fui uma tola, Spock. — acrescentou ela — Uma tola em acreditar que poderia ser diferente do que sou, uma romulana. Aceito isso agora, como aceito que o Império não pode se permitir morrer, como resultado do plano equivocado de meu pai.

— Você está abandonando a possibilidade de uma paz final entre o Império e a Aliança? — perguntou Spock. Procurava alcançá-la através do vínculo, mas subitamente parecia tão distante e inatingível quanto aquele outro universo.

— Somos uma raça de guerreiros. — recitou Thea, com os olhos mais brilhantes que de costume — Talvez isso não seja diferente, qualquer que seja o universo, Spock.

O vulcano notou que ela deliberadamente não respondeu à pergunta. — Há outros que devem acompanhar-nos na viagem, Thea. — disse ele com cautela.

— James Kirk. — concluiu Thea, num tom beirando o desdém. Ela aproximou-se. — Quando me encontrei com você antes, naquela outra seqüência temporal, compreendi então que ele era muito especial para você.

— Fez uma pausa muito rápida. — Será que ele vale o que você está fazendo, Spock? Será que um só homem vale um universo inteiro?

A resposta do vulcano foi direta e sem hesitações. — Sim. E você deve saber que minhas razões vão além de James Kirk. Já discutimos isso; seus conselheiros confirmaram-nas. Em menos de uma semana padrão, a loucura vai alastrar-se por todo o seu Império, Thea. Este é o único fato que você não pode negar.

Um sorriso aflorou aos lábios da prætora. — Talvez, — disse ela casualmente — mas eu sempre vou me perguntar se você não mentiu, se James Kirk não está mais entranhado em seu sangue do que Vulcano! — Ela acenou a mão em sinal de despedida. — Mas não importa. Não temos tempo para verificar lealdades. Se vamos tentar essa sua missão, devemos partir imediatamente, antes que Tazol e seus homens invadam o palácio.

— Hesitou por um segundo. — Seus outros amigos, o médico e a fêmea katellana, permanecerão em companhia de meus guardas. Ela sorriu de novo. — Eu seria tola se entregasse *todas* as minhas cartas altas; e se você estiver errado, suas mentiras vão custar a vida deles.

O vulcano sabia que não precisava se preocupar com a possibilidade de estar errado; e estava quase satisfeito por McCoy e S'Parva estarem livres da transição. De um modo ou de outro, eles simplesmente voltariam às suas outras vidas.

— Mesmo que eu tenha sucesso, — declarou ele — Tazol ainda vai saber o que aconteceu. Ele é um produto da Primeira História, e não vai mudar assim que aquela seqüência temporal for retomada. Se ele resiste à sua autoridade agora, vai resistir na Primeira História também.

Thea sacudiu a cabeça com uma certa descrença. — Isso interessa a você? — perguntou ela — De qualquer modo, não se preocupe com o que

vai acontecer depois que nós deixarmos o palácio, porque nenhum de nós nunca mais vai voltar.

Uma sobranceira ergueu-se, questionando o tom de fatalidade na afirmação dela. — E para onde você vai, Thea? — quis saber ele. — Não acredito que você vá renunciar com tanta facilidade ao título de prætore.

Com um sorriso, a mulher assentiu. — Em seu universo, dizem que a chefia possui certas vantagens. Aqui também isso é verdade. Mesmo não tendo esperanças de impedir um ataque maciço ao palácio, eu *posso* conseguir a desforra ao regressar da Terra. Meus conselheiros mais próximos já transportaram três naves de nossa Armada e estão se preparando para oferecer poder e riqueza aos oficiais, em troca da ajuda para derrotar Tazol e seus homens. Uma vez claramente implicado na conspiração para derrubar o prætore, Tazol pode ser executado. Nesse meio tempo, — continuou ela — eu terei exigido que a área do palácio seja evacuada. Quando o idiota atacar em nome da tradição e da honra, estará atacando apenas uma muralha vazia.

— Muito bem. — murmurou o vulcano — Entretanto, se você deseja alimentar alguma esperança de estabelecer a paz com a Aliança, com a Federação, — corrigiu ele — temos de levar James Kirk também ao passado da Terra. Embora meu outro eu vá guardar certas lembranças do que aconteceu na Segunda História, só a palavra dele não será suficiente. Você também vai precisar da influência de Kirk.

— A influência de um homem responsável por eu perder você? — perguntou Thea, com uma sobranceira erguida. Seus olhos anuviaram-se enquanto ela se afastava. — Está bem. — acrescentou afinal, quando sua própria lógica interveio — Mas não se esqueça de que vocês dois estarão sob a minha vigilância. E qualquer tentativa para fazer qualquer coisa diferente do que eu mandar, vai resultar não apenas em sua morte, mas na dele também.

O vulcano inclinou a cabeça, concordando. Para dizer o mínimo, estaria com aquele humano singular ao enfrentar a não-existência, que com certeza ocorreria se conseguissem destruir os operadores romulanos do tempo.

— Estou preparado, Thea. — declarou ele, não se dando ao luxo de continuar pensando naquela questão. Seria fácil alterar sua decisão. Aqui ele tinha a vida, o comando de uma nave estelar... e a promessa de um futuro com a prætore romulana. Aquela outra nebulosa seqüência temporal oferecia apenas rápidos vislumbres de seu eu alternativo... e ele não podia evitar imaginar como seria passar a ser uma pessoa que ele nunca conhecera... e como Kirk iria reagir, quando dissesse que ele também estava para se transformar num fantasma do tempo.

## VINTE E DOIS

Kirk foi despertado de um sono relativamente profundo, pelo ronco persistente do que poderia ser o propulsor de uma nave auxiliar, se ele não estivesse no meio de uma vastidão deserta. Quando seus olhos se abriram preguiçosamente, viu Richardson já sentado, espiando pela fresta da janela da minúscula tenda.

— Você pode não acreditar, Julieta, — declarou Richardson — mas é a cavalaria subindo o morro, ou então nosso pequeno paraíso está sendo invadido por marcianos.

Kirk pôs-se de pé num salto, afastou as abas da janela e surpreendeu-se olhando para a estranha nave que sobrevoava lentamente os arredores do acampamento, numa altitude inferior a trezentos metros. — Marcianos não existem, Jerry. — lembrou ele ao companheiro de quarto. Engatinhou para fora, com Richardson nos seus calcanhares. — Pelo jeito, eu diria que é provavelmente uma espécie de nave auxiliar romulana.

Richardson olhou para Kirk com vivacidade. — Bem, — suspirou ele, ficando em pé e oferecendo seu braço bom para ajudar Kirk a se levantar — seja o que for, não temos muita chance de nos esconder... — Deixou a frase morrer e caminhou em direção à máquina, que estava pousando numa área relativamente plana, a mais ou menos quinhentos metros dali.

Por um momento, Kirk sentiu algo parecido com euforia ao olhar para o céu, fixando-se na constelação sorridente que se encontrava exatamente no zênite. Tentou estabelecer um contato mental, sentindo o coração acelerar-se ao perceber uma presença surpreendentemente familiar. Olhou bem para a nave, depois para as estrelas e, aos poucos, um sorriso apareceu em seu rosto.

— É Spock. — murmurou consigo mesmo, agarrando o braço de Jerry e avançando em direção à nave espacial desconhecida — Acho que finalmente o serviço de quarto atendeu nosso chamado.

Assim que os propulsores foram desacelerados até ficarem apenas com um ronronar suave, Kirk parou diante da nave auxiliar, tentando imaginar o que o capitão vulcano da *ShiKahr* estaria fazendo a bordo de uma nave inimiga. Mas alguma coisa lhe dizia que Spock não havia sido derrotado, que a lealdade dele continuava acima de qualquer suspeita. Esperou, trocando olhares de expectativa com Richardson.

Mais alguns minutos e as duas portas da superfície abriram-se e a rampa estendeu-se até o chão. A luminosidade do interior da nave revelou uma silhueta negra no umbral, mas, mesmo nebulosa, a figura era imediatamente

reconhecível para Kirk. Experimentou um instante de perplexidade e surpreendeu-se prendendo a respiração.

— *Spock!*

— *Estou aqui, Jim.* — respondeu a voz familiar em sua mente, enquanto a figura esbelta descia a rampa e parava diante dos dois alferes atônitos.

Longe da luminosidade ofuscante do interior da nave, Kirk ficou boquiaberto, olhando os impenetráveis olhos negros que pareciam refletir a luz das estrelas. — Spock? — repetiu ele.

— Sim, Alferes. — respondeu o vulcano, com um suave meio-sorriso, enquanto lia o alívio e o entusiasmo nos olhos do humano. — Consegui captar seus pensamentos há algum tempo. Infelizmente... não pude vir socorrê-lo antes. — Naquele instante, sentiu suas próprias dúvidas se dissolverem aos poucos, substituídas pela satisfação que sentia através daquele tênue vínculo. Mas virou-se para Richardson, olhando com desaprovação para o braço na tipóia, com uma sobrançelha inquisidora.

Com um sorriso malicioso, Richardson deu de ombros. — Você acreditaria se eu dissesse que uma bela ninfa saiu daquela fenda, ali em cima, e quebrou meu braço quando a chamei de Julieta? — perguntou ele.

— Dificilmente. — respondeu o vulcano — Mas não temos muito tempo. — acrescentou ele. Inclinou a cabeça, indicando a *T'Favaron*. — Há muito para ser explicado, e precisamos estar a caminho.

Kirk sentiu um nó no estômago, mas naquele momento, conteve suas próprias dúvidas. — Diga-me apenas uma coisa, Spock. — disse ele, ao se aproximarem da nave — Estávamos... certos sobre a teoria da alteração do tempo?

O vulcano assentiu, apagando os medos de Kirk apenas com um gesto.

— Estávamos certos, Jim. — confirmou ele, embora o tom de voz fosse triste e Kirk não pudesse definir com precisão por quê. Spock olhou outra vez para Richardson. — Eu vou cuidar de seus ferimentos a bordo da nave do praetor. — disse ele — Se vocês dois me acompanharem...

— Que! — protestou Jerry, parando onde estava. — A nave do *praetor!*

— Neste momento, senhor Richardson, — disse Spock, sem se alterar — o praetor é nosso único aliado. Por favor, sigam-me. Como já disse, o tempo é de suprema importância.

Kirk trocou um olhar inquisidor com Richardson e acompanhou lentamente o vulcano pela rampa, para o interior bem iluminado da *T'Favaron*.

Depois de Spock explicar com precisão como havia acabado tão

profundamente envolvido com os supostos inimigos, Kirk sentiu-se um pouco mais relaxado. Mas notou que Thea parecia fazer o possível para evitá-lo; não pôde impedir de perguntar a si mesmo se ela alimentava algum rancor contra ele, sem saber o que poderia ser.

Entretanto, com Jerry dormindo na cama médica e as duas mulheres romulanas ocupadas em pilotar a nave, ele se viu a sós com o vulcano. Se o que Spock insinuara era verdade, sabia que ambos estariam enfrentando algo parecido com a morte e, apesar de seus problemas no passado, Kirk não queria morrer.

— Como sabe que pode confiar nessas duas, Spock? — perguntou, num sussurro. — Como sabe que elas não vão simplesmente livrar-se de *todos* nós em algum planeta sem água e nos deixar apodrecer lá?

O vulcano sacudiu a cabeça. — Elas não podem dar-se a esse luxo, Jim.

— explicou ele — Se não nos permitirem fazer o que deve ser feito no passado da Terra, estarão condenando todo o Império delas à loucura permanente. E, como raça conquistadora, dificilmente a insanidade lhes traria algum proveito. — Fez uma pausa e forçou-se a encontrar o olhar de Kirk.

— Além disso, acho que posso confiar em Thea por causa de... outros acontecimentos. — murmurou ele. As palavras vieram com mais dificuldade do que ele poderia imaginar.

Kirk franziu as sobrancelhas e ergueu os olhos. — Como por exemplo?

— quis saber ele, sem detectar imediatamente a hesitação do vulcano. Desviando o olhar, Spock sondou a tela visual, o frio vazio do espaço.

— Ela... salvou minha vida. — declarou afinal, esperando que fosse o suficiente.

Kirk sorriu, lembrando-se da febre mental que ele próprio havia sentido. Sem explicação, ela desaparecera... e, quando olhou para Thea, entendeu tudo. — Como você está vivo, vamos supor que podemos confiar nela. E daí?

— Isso, — replicou o vulcano com uma espécie de suspiro de alívio — estará nas mãos dela. Concordou em nos ajudar, só para que possamos voltar no tempo, mas deixou claro que quaisquer planos posteriores correrão por nossa conta.

Kirk assentiu calmamente. Mas, fosse qual fosse o ângulo pelo qual considerasse a questão, remetia sempre a uma única coisa: morte para ele, para Jerry e para Spock. Mordeu o interior dos lábios em silêncio. — Eu acho que ainda tenho um pouco de covardia em mim, Spock. — confessou ele; então sacudiu a cabeça, negando sua afirmação impulsiva — Eu não tenho medo de morrer. Eu acho que talvez isso esteja em minha mente,

desde aquela provação na Academia. Mas...

Spock cerrou os olhos, compreendendo o quanto aqueles pensamentos refletiam os dele. — Eu sei. — sussurrou ele — Ambos afirmamos desejar aquela outra dimensão, aquelas vidas que parecem mais reais que nossa atual realidade. E, no entanto... isso é um paradoxo. Porque uma vez corrigido o tempo, as pessoas que somos *agora* não vão mais existir... e às vezes eu me surpreendo não querendo dar este passo.

Kirk assentiu consigo mesmo e conseguiu forçar um sorriso. — Será que sou egoísta por querer ambas as realidades? — perguntou ele — Parece que me lembro de um amigo me dizendo que eu precisava admirar alguém. — Sorriu com malícia, depois caiu na gargalhada. — Não me pergunte de onde veio esse pensamento, porque honestamente não sei. Mas... apesar de todos os problemas ocorridos quando vim para bordo da *ShiKahr*, eu *realmente* admiro você agora... e estou com medo de perder isto. — Deu de ombros, tentando livrar-se do peso instalado em suas costas. — Nem mesmo sei o que ou quem eu sou nessa outra seqüência temporal... muito menos se eu era feliz ou não. E, neste exato momento, percebo que não tenho... *certeza* de nada. — Sorriu outra vez. — Mais um dilema, hein, Spock?

O vulcano permaneceu muito tempo em silêncio, a cabeça inclinada de maneira curiosa, enquanto estudava a abordagem indireta do humano. — Em qualquer dimensão, eu sei que você será especial como é agora... e acredito que encontrará a felicidade.

Kirk olhou para o chão, depois riu, um pouco irônico. — Que diabo, Spock, — conseguiu dizer — *neste* universo, eu nunca comande nada maior do que uma frota de banheiras. A idéia de uma nave estelar...

Spock procurou alguma coisa reconfortante para dizer. Dentro de mais trinta minutos, a *T'Favaron* atingiria velocidade máxima, caindo em direção ao sol... e não haveria volta. Era agora ou nunca. Fechou os olhos, confiando em algo que vira na mente do humano, uma capacidade fantástica de transformar as situações mais tensas em piadas. — Então talvez fosse bom, Jim, — sugeriu ele — pensar na *Enterprise* como um anfíbio de borracha, e a Galáxia como uma banheira um pouco maior.

Kirk levantou os olhos, com o queixo caindo de perplexidade até ver a piscadela de cumplicidade nos olhos do vulcano. Riu alto. — Não é anfíbio, *é pato* de borracha, Spock! — corrigiu ele — *Pato* de borracha.

O vulcano inclinou a cabeça, concordando e mantendo a dignidade até o fim — Como quiser... Capitão Kirk. — concedeu ele.

Quando a esfera azul do sol de Romulus encheu a tela, Thea girou na

cadeira de comando, sondando Spock, depois Kirk. Enquanto olhava para o humano, perguntava-se que qualidades especiais ele possuía que pudessem, como parecia, controlar mesmo o mais obstinado dos vulcanos; que aura especial ele tinha, que o fazia permanecer ao lado de Spock em qualquer Universo?

— Quando nós sairmos do hiperespaço, — começou ela, forçando uma postura profissional — entraremos na órbita da Terra. — Voltou-se para Sarella.

A outra mulher estudou uma listagem no terminal do computador e em seguida concentrou sua atenção em Kirk e no vulcano. — Pelo tempo padrão da Terra, o ano será 2097, aproximadamente seis horas antes da conferência que teria criado a base para a Federação Unida de Planetas. — Fez uma pausa. — Os conselheiros da praetor nos informaram que os agentes já estarão em San Francisco quando nós chegarmos.

Thea continuou a observar a reação do vulcano, apesar de fingir desinteresse. Depois que a nave alcançasse a Terra, ela nunca mais o veria; no entanto, afastou esse pensamento. — De qualquer modo, — disse ela, ignorando o ilógico sentimento de perda — vocês três serão levados a uma região desabitada a alguns quilômetros do lugar onde meus agentes atacarão. Como não sabemos *precisamente* o que aconteceu naquele dia, cabe a vocês delinear um plano para interceptá-los. — Sorriu de leve, quase arrogante, sem intenção de facilitar muito as coisas para o vulcano. — Se você tiver sucesso, a Primeira História se restabelecerá de forma automática. Mas, se você falhar... — A voz dela calou-se. — Se você falhar, — continuou afinal — meus agentes irão matá-lo, com certeza. Seja como for, — acrescentou ela — você não vai voltar a esta dimensão ou a este universo. Pois mesmo que meus agentes não consigam destruí-lo, não tenho a intenção de levar nenhum de vocês de volta ao Império. A *TFavaron* vai deixar a Terra logo depois que vocês forem deixados lá... e não vamos mais nos ver.

O vulcano levantou uma sobrancelha, com o tom cortante e amargurado da voz dela. — Se tivermos sucesso, — contemporizou ele — nós todos simplesmente voltaremos às vidas que tínhamos na Primeira História. Não há necessidade de transporte para retornar.

Thea sorriu. — O sucesso pode não ser tão simples quanto você imagina. — enfatizou ela — Você se esquece que vai tentar deter dois dos meus agentes mais bem treinados e impedi-los de fazer o que, para eles, é um prazer. Eles foram programados para matar; e não vão se deixar destruir sem luta. — Ela riu suavemente. — Na opinião de meu pai, eles eram indestrutíveis.

Kirk lançou um olhar ao vulcano e manteve a pose de autoconfiança,

quando viu a expressão de cautela nos olhos do amigo.

— Devo presumir, — replicou Spock — que seus agentes são um pouco mais que humanos, ou até mesmo que romulanos?

— Estou surpresa por você não ter deduzido isso antes, Spock. — afirmou Thea, num tom mordaz — Meu pai pode ter sido um louco, mas foi também um prator. Dificilmente teria enviado homens de carne e osso para realizar uma tarefa tão importante. — Ela fitou os olhos do vulcano de frente. — Eles são aquilo que você poderia chamar de andróides, meu destemido Capitão. E, assim sendo, têm um único objetivo, o objetivo para o qual foram programados. — Ela voltou-se casualmente para o painel de controle outra vez. — Entretanto, — refletiu ela — daqui a pouco, tudo ficará problemático. Deseja mudar sua decisão, Spock? — perguntou ela francamente, olhando por cima do ombro. — Não quer admitir que nem mesmo você e seu valente amigo humano podem derrotar as mais avançadas criações da tecnologia do Império?

— Você pode ter uma surpresa. — resmungou Kirk consigo mesmo. Por um instante, sentiu o *Capitão* Kirk reafirmar-se dentro dele; sentiu o formigar da excitação que um comandante de nave estelar sentiria em face do impossível. Endireitou os ombros, levantou-se da cadeira e começou a andar pela lateral da estreita nave. — Na verdade, — blefou ele — você tornou isso infinitamente mais simples.

Thea arregalou os olhos, desconfiada. — Como assim? — inquiriu ela, ativando os controles que permitiam a queda livre em direção ao sol.

Kirk deu de ombros, lançando um olhar astuto para o vulcano. — As máquinas não são capazes de pensar por si mesmas. — lembrou a ela, tentando imaginar que diabos estaria fazendo — E se elas não podem raciocinar, — continuou ele, com uma convicção impressionante — podem ser menos eficientes ainda que os homens de carne e osso que você tanto despreza. — Ele sorriu por dentro, satisfeito. — E, como é provável que você saiba, as *máquinas* têm o péssimo costume de quebrar nos momentos mais inoportunos...

Thea sorriu enquanto estudava a expressão provocadora nos olhos brilhantes. — É de fato uma pena você não ter nascido romulano, Kirk. — replicou ela — O Império poderia usar homens como você.

— O Império *usa* todo mundo, Thea. — respondeu ele, com frieza — Inclusive você.

As duas sobrancelhas subiram na testa do prator. — Acredite-me ou não, James, — tornou ela — espero *realmente* que você tenha sucesso. Porque assim, com certeza nos encontraremos de novo naquele outro universo... e talvez eu consiga provar a você que meus pontos de vista

difícilmente refletem os pontos de vista do Império que você conheceu antes. E, se não nos encontrarmos na paz, — refletiu ela — talvez tenhamos sorte bastante para nos enfrentarmos em batalha. Sorriu e voltou-se para Sa-rela que tocava em seu ombro.

A outra mulher apontou o painel com um rápido aceno. — Estamos próximos das coordenadas especificadas para entrar em órbita elíptica ao redor do sol, minha senhora. — explicou ela — Se vamos continuar com esta missão, devemos fazê-lo agora. Se chegarmos mais perto do sol sem atingir a velocidade da luz, a nave vai começar a esquentar e seremos desintegrados pela força da gravidade.

— Muito bem. — replicou Thea, pousando os olhos em Kirk ainda um momento, antes de voltar a atenção aos controles — Como nossos dois aliados parecem desejar tanto morrer, vamos fazer esse favor a eles.

A esfera azul e verde tomou conta da tela, quando o ronco dos propulsores da *T'Favaron* finalmente silenciou. Olhando para a Terra, Spock experimentou um instante de surpresa por terem sobrevivido.

— Vamos começar imediatamente a descida para a superfície do planeta. — disse Sarela — Nossa camuflagem vai impedir que o sistema primitivo de radar deles nos detecte, e a descida ocorrerá a cerca de três quilômetros do ponto onde nossos agentes vão atacar.

Thea inclinou a cabeça, autorizando a operação e manipulou os controles que ativariam a camuflagem de invisibilidade e lançariam a nave na atmosfera. Ela não se permitiria olhar para o vulcano. Aquela parte de sua vida, e da dele, acabara.

Tenso, Kirk olhou para Richardson. — Como está o braço? — perguntou, com necessidade de dizer alguma coisa para quebrar o silêncio, enquanto esperava fora da *T'Favaron*, numa pequena clareira entre sequóias gigantes.

Jerry deu de ombros, flexionando-o com cuidado. Sem a tala com a qual havia se acostumado, era difícil movimentar-se, mas a dor era suportável. — Ainda um pouco dolorido, — confessou ele — mas melhor. — Deu um sorriso nervoso. — O que Spock está esperando? — resmungou ele, afinal.

Kirk sacudiu a cabeça, dando um chute no chão rochoso. — Não sei...

Dentro da pequena nave, Thea voltou-se para olhar o vulcano pela última vez. Vestido agora com uma roupa daquela época da Terra, parecia vulnerável, e ela sentiu sua firme resolução abrandar-se um pouco. Sarela checava os propulsores da *T'Favaron* ao fundo da nave, e ela sabia que estavam sozinhos. — Não quero perdê-lo, — disse ela, de maneira sincera

— mas acabei entendendo que não se pode confiar numa ilusão, Spock.

O vulcano estudou a terna expressão no rosto de sua antiga inimiga... sua antiga amante, de certa forma. — Às vezes, — respondeu ele com muita delicadeza — as ilusões são mais duradouras e agradáveis que a realidade. — Encarou com firmeza aqueles olhos negros. — E a realidade em si é pouco mais que uma grande ilusão, principalmente no nosso caso.

— Fez uma pausa, tentando saber se era gratidão ou algo mais o que o fazia demorar-se. — Quem sabe... *se pudermos* escolher nossos destinos...

— Sua voz sumiu.

Afastando-se dele, Thea mordeu o lábio inferior. Doía mais do que tinha imaginado, mais do que deveria ser permitido. — Por favor, não diga isso.— murmurou ela — As promessas de uma ilusão não têm valor.

O vulcano assentiu para si mesmo, olhando através das portas abertas para ver o sol baixando devagar, sob o horizonte nebuloso do outono. Era seu último pôr do sol, percebeu ele, desconcertado; a última vez que seus olhos veriam os verdes, azuis, vermelhos e dourados da Terra... ou de qualquer outro mundo. Em menos de seis horas, ele seria apenas uma lembrança nos átomos do universo.

Num ímpeto, voltou-se em direção às portas duplas, em direção à rampa, em direção a seu próprio destino, e não olhou para trás.

— Spock? — Um suave apelo.

Ele parou, mas não se virou.

Uma mão invisível tocou seu ombro e um último instante de calor passou através do vínculo. — Se eu pudesse escolher, — sussurrou a voz de Thea — talvez escolhesse mesmo a ilusão...

E a mão dela caiu para o lado, deixando-os ambos sozinhos.

## VINTE E TRÊS

Em silêncio, Spock, Kirk e Richardson dirigiram-se à periferia da cidade. Uma chuva fina começava a cair e, enquanto caminhavam pelas calçadas cinzentas de fumaça, passando pelos raros pedestres e ciclistas, Kirk sentiu um tremor de frio. Lançou um rápido olhar ao vulcano, vendo que seu amigo tomara o cuidado de abaixar o chapéu de lã para cobrir as inegáveis orelhas pontudas. Spock parecia estranhamente silencioso, mas o humano tentou atribuir isso à visível tensão que todos eles começavam a sentir. Lá no alto, o céu passara a um azul-acinzentado, combinando de maneira quase perfeita com a arquitetura antiga da velha cidade. Enfim, depois do que pareceram horas, o vulcano parou, erguendo os olhos para um hotel instalado num edifício moderno, que parecia um pouco anacrônico, frente ao conglomerado de tetos inclinados e ruas pavimentadas com pedras redondas.

— Daquilo que pude concluir dos registros do evento nos computadores romulanos, — declarou o vulcano, quebrando o silêncio sinistro — esta noite, as três autoridades que serão assassinadas estarão realizando uma conferência preliminar neste prédio. — Fez uma pausa. — De acordo com a Segunda História, foi durante esta reunião que o doutor Palmer e seus dois correligionários... desapareceram.

— Como foi que morreram? — perguntou Richardson, arrancando o grosso suéter de tricô providenciado por Thea, mais apertado em volta do peito, quando bateu um vento fresco, vindo de uma alameda.

— Nesse ponto, os registros são insuficientes. — replicou o vulcano — Sabemos apenas que não foram mais vistos depois da reunião. Entretanto, — acrescentou ele — acho razoável deduzir que os agentes teriam encontrado uma forma qualquer de eliminar as evidências. E também que, aparentemente, usaram métodos sofisticados de execução, pois a Segunda História revela que os agentes nunca foram capturados.

Kirk assentiu consigo mesmo. — Isso significa que existem ao menos um bilhão e uma possibilidades, Spock. — observou ele — E seis horas não é tempo suficiente para saber qual é qual, a tempo de impedi-la.

O vulcano estudou com atenção seu companheiro humano. A chuva havia parado e o vento forte já começava a secar os úmidos cabelos dourados. — Alguma idéia?

Kirk deu de ombros. — Bem, como sabemos que tudo aconteceu *durante* a reunião, temos de encontrar um jeito de *estar* nessa reunião. Os romulanos, é óbvio, foram projetados para dar a impressão de serem humanos, já que a Terra não teve nenhum contato com civilizações estranhas até então. Mas

mesmo *parecendo* humanos por fora, para nós não seria difícil localizá-los se conseguíssemos entrar na reunião.

Richardson gemeu. — Duvido seriamente que eles vão estar comendo porcas e parafusos de aperitivo, Jim. — salientou ele.

Kirk deu uma olhada para o vulcano e o sorriso de seus lábios aumentou. — Tenho um plano, Spock. — Acrescentou ele, apressando o passo em direção ao hotel, enquanto agarrava o vulcano pelo cotovelo, puxando-o com força. — É um grande lance... e acho que consegui um papel para você, que vai fazer sua farsa como prator parecer o teatrinho de Natal do sexto ano.

Uma vez na recepção do suntuoso hotel, Kirk localizou com facilidade a sala de conferências. E além de olhadelas ocasionais de empresários bem vestidos, a presença deles parecia não ser muito notada. Caminhando por um longo corredor que levava à sala de banquetes, Kirk respirou melhor.

Dando a última volta numa área reservada do hotel, achou o que procurava. O salão de bailes Luz das Estrelas ficava no fim de um corredor acarpetado de pelúcia; os dois conjuntos de portas encontravam-se abertos e as autoridades de diversos corpos governamentais pareciam estar chegando num fluxo contínuo. Olhando por cima dos ombros, Kirk empurrou o vulcano para um pequeno corredor que, aparentemente, levava à área da cozinha. Em seguida, com Richardson ao seu lado, o humano dirigiu-se decidido para o primeiro conjunto de portas e perscrutou o ambiente. Uma mesa enorme estava arrumada, com mais ou menos trinta cadeiras; belos arranjos de flores percorriam toda a sua extensão e um grande globo terrestre repousava em seu centro. Castiçais finamente cinzelados sustentavam velas brancas e, com aquela fraca luminosidade, a mesa parecia ainda mais imponente.

Enquanto estava ali parado, examinando a sala vazia, lembrou-se de repente do doutor Palmer e de seus correligionários. Eles pareciam sobressair na multidão, notou o humano com uma careta, vendo os homens e mulheres vestidos com muita elegância aglomerados no fundo do corredor, a menos de um metro de distância. Em qualquer outra circunstância, Palmer teria sido apenas mais um rosto na multidão; mas observando o homem, Kirk entendeu de repente a importância de um indivíduo vestido de maneira descontraída. Nas palavras inaudíveis de Palmer, viu seu próprio futuro traçado.

Depois de algum tempo, o grupo começou a entrar na sala; houve um arrastar de cadeiras, um murmúrio de conversa em surdina... e ninguém em absoluto que, mesmo vagamente, parecesse um romulano. Estudou com atenção os rostos e nada lhe pareceu fora do comum. Qualquer uma daquelas trinta pessoas *podia* ser um assassino... ou nenhuma delas. No entanto, uma

espécie de sexto sentido advertiu-o de que seus pressentimentos se haviam confirmado no passado. Lançou um olhar por cima dos ombros e viu Richardson embalado numa conversa informal com uma mulher vistosa que, pela idade, imaginou Kirk, podia ser a mãe do alferes. Mas, ao menos, ninguém parecia opor-se à presença deles no corredor. Mais alguns minutos e a mulher sorriu com delicadeza, enrubescou como manda o figurino, quando Richardson lhe beijou a mão e, em seguida, desapareceu na sala de banquetes. Um porteiro veio até a entrada, afastou os guardas e deixou os últimos convidados passarem.

Ele olhou para Kirk. — O cavalheiro faz parte do grupo do doutor Palmer? — perguntou ele com educação.

Kirk sacudiu a cabeça com um sorriso, enquanto Jerry juntava-se a ele.

— Estamos esperando uma pessoa. — disse ele, com um ar descontraído, dirigindo-se ao elevador de hóspedes mais próximo.

O porteiro assentiu com exagerada cortesia e desapareceu em seguida.

Kirk voltou-se para Richardson, e depois afundou-se no sofá de pelúcia encostado à parede. Respirou fundo. — Acho que podemos deduzir com segurança que nossos amiguinhos estão aqui dentro. — afirmou ele — Vamos dar mais cinco minutos, o tempo suficiente para as coisas se acalmarem, e então vamos agir.

Jerry respirou fundo, olhando em direção à entrada, agora vazia. — Você tem certeza disso, Jim? — perguntou ele.

Kirk sacudiu a cabeça com um sorriso de esguelha. — Claro que não.

— confessou ele, indo até o outro canto. Daí a pouco, Spock apareceu no corredor, com uma sobranceira erguida em sinal de interrogação.

Kirk esperou com a mão na maçaneta. Fechou os olhos um segundo, inspirou, girou o puxador e entrou na sala cheia com o passo decidido. Spock e Richardson seguiram logo atrás.

Com aquela entrada inesperada, o homem que Kirk reconheceu como Palmer parou no meio da frase, com o rosto desbotado franzindo-se de curiosidade e uma leve irritação ao examinar os três intrusos. — Cavalheiros? — perguntou Palmer, mantendo a postura digna, apesar da expressão acusatória — Há algum problema aqui?

Kirk sorriu com tranquilidade e colocou-se ao lado do doutor, na cabeceira da mesa. Todos os olhos estavam nele. — Por favor, perdoem a interrupção, senhoras e senhores, — começou ele, num tom confiante, sondando os olhos curiosos que o encaravam da enorme mesa — mas como este encontro está centrado na possibilidade de contatar outras vidas inteligentes na Galáxia, eu achei que vocês podiam interessar-se por algo que eu tenho para lhes mostrar.

Voltou os olhos para o vulcano, que ainda estava de chapéu, depois para Richardson; todos os olhares acompanharam o dele. Num único movimento, o vulcano se levantou, tirou o chapéu e ergueu os olhos para o grupo, revelando as orelhas oblíquas e as feições inegavelmente estranhas.

A princípio, houve um instante de estupefação silenciosa, algumas risadas descrentes e um clima geral de perplexidade. Os olhos de Kirk percorreram rapidamente o grupo, observando que cada um na sala encarava o vulcano com os olhos arregalados de admiração, com duas óbvias exceções. Esses dois, entretanto, de expressão fria e inescrutável, já tinham se levantado de seus lugares, de lados opostos da mesa. Viu um deles erguer a palma da mão, onde brilhou alguma coisa metálica.

Numa rápida seqüência de movimento, Kirk atirou-se sobre o atônito doutor Palmer, deu-lhe uma rasteira e deixou-o estatelado no chão, fora da linha de fogo, quando uma arma silenciosa lançou pelos ares sua carga mortal. Spock estava certo; não era uma arma convencional. No lapso de um momento, viu o pequeno cartucho bater na parede, atrás do lugar onde Palmer estava um segundo antes. A cápsula desintegrou-se com o impacto e um líquido verde escorreu pela parede.

Veneno, sem dúvida indetectável depois que entrasse na corrente sanguínea, e sem dúvida um veneno para o qual não existiam antídotos na Terra. Provavelmente, os agentes pretendiam agir em silêncio, num momento qualquer da reunião e, na pior das hipóteses, a causa da morte seria descrita como uma obstrução das coronárias, ou então um derrame cerebral. A arma, pouco maior que uma moeda, ficava presa à palma da mão, e podia disparar repetidas vezes com um aceno de mão aparentemente inocente.

Por um instante, o tempo parou; mas a realidade voltou e o grupo começou a dispersar-se rapidamente. As pessoas correram para as saídas e Kirk intuiu que Palmer e seus dois correligionários haviam escapado pela saída dos fundos, que levava à área da cozinha, onde, esperava, estariam seguros até a confusão acabar.

Ao mesmo tempo, viu o vulcano atirar-se sobre um dos agentes, dando-lhe um soco com o punho duro e jogando o falso humano no chão. Mas a satisfação desapareceu quando ele se voltou, a tempo de ver a expressão de horror no rosto de Richardson. Num instante, percebeu que seu companheiro fora atingido por um dos cartuchos e gelou por dentro quando tudo aquilo ficou claro. Eles tinham vindo aqui para morrer, ou simplesmente voltar à não-existência... mas agora que tudo estava acontecendo de verdade, o *Alferes* Kirk encontrava-se paralisado pelo ressentimento, e por algo nos limites do terror. Perplexo, compreendeu que aquelas duas estranhas máquinas eram responsáveis por tudo, sua vida deslocada, o universo

surrealista ao qual ele havia pertencido... e agora a morte de seu amigo.

Dirigindo sua fúria contra os agentes, forçou-se a se mover, saltando sobre a mesa, em busca do segundo andróide. Com a súbita confusão, a maioria dos convidados já tinha ido embora e os poucos que haviam ficado começaram a correr em direção à porta, alguns tropeçando e caindo, mas logo se pondo novamente de pé. Como num filme, Kirk ouviu os gritos abafados, o tropel e o clima de pânico que impregnava o ar. No momento seguinte, detectou o horrível silvo da arma descarregando outra vez, quando o agente que lutava com Spock, começou a disparar repetidas vezes num movimento circular, visando obviamente atingir Palmer.

Contudo, quando o ombro de Kirk chocou-se contra o estômago do andróide, a sala estava vazia, apenas com Spock, Richardson e os dois andróides.

Com dificuldade, Kirk desviou o olhar de Richardson e conseguiu derrubar o robô romulano. Mas sabia que, numa luta corpo a corpo, teria pouca chance de derrotar o andróide. Desesperado, agarrou uma das cadeiras que havia sido tombada durante o pânico e golpeou a cabeça do romulano. Mas, ao invés de deixá-lo desacordado, como teria acontecido a um humano, o agente apenas rolou para o lado e, dando uma rasteira em Kirk, derrubou-o no chão. A cadeira estilhaçou-se, fazendo chover lascas de madeira.

Em câmera lenta, Kirk agarrou a garganta mecânica e procurou lembrar-se que suas costumeiras táticas de briga de rua seriam de pouco valor naquela hora. Seus olhos sondaram o chão e uma satisfação agridoce fixou-se em seu estômago, quando se deparou com um dos candelabros derrubados. Agarrou-o freneticamente, antes do agente conseguir agarrá-lo. Então, com um salto, o humano avançou ao encontro da máquina, cujos frios olhos azuis nunca tremiam. Quando o andróide parou, a menos de trinta centímetros de distância e olhou para Kirk com um ar de vitória, o humano enfiou a ponta do candelabro bem dentro do olho de vidro. A reação do andróide foi apenas dar um passo atrás, para avançar em seguida, usando o sensor visual do outro olho para enxergar seu alvo. Perdera em algum lugar a arma que carregava no início, e contando agora com sua própria força, voltou-se novamente contra o humano.

Kirk duvidou que o andróide fosse tolo a ponto de repetir o mesmo erro pela segunda vez, e esperou-o investir, com sua altura de um metro e oitenta tampando toda a visão. O instinto dizia a Kirk para chutar, buscando as áreas vulneráveis, como ele fizera no passado; mas compreendeu que aquela máquina não tinha pontos fracos... além de seus numerosos sensores.

Era fácil ver que seu primeiro ataque quase tinha destruído um olho; e se o andróide ficasse completamente cego, não seria capaz de concluir a

missão. Na pior das hipóteses, cambalaria sem ponto de referência até sua fonte de energia exaurir-se.

Quando viu o braço mecânico erguer-se em câmera lenta sobre sua cabeça, fingiu um movimento para a direita e depois rolou deliberadamente no chão, deslizando entre as longas pernas da máquina, colocando-se atrás dela, antes dela poder virar-se. Com um gemido de dor, enquanto levava um pontapé de lado, Kirk pegou uma perna pontuda da cadeira quebrada, e usou-a como um porrete para bater nas costas da máquina insana. Então, continuando a lutar contra os braços que o malhavam, dirigiu-se à mesa, seus golpes abrindo várias camadas da falsa pele, revelando nada mais nada menos que uma massa sem sangue daquilo que lembrava vagamente a carne humana. Enquanto caía no chão, parecendo desorientado pela batida que desnorteara seus sensores, Kirk apontou de novo a perna pontuda da cadeira para o centro do andróide, inclinando-se para golpear com toda a sua força e a mergulhou no assassino mecânico.

Embora a expressão no rosto do agente nunca se alterasse, houve um som que podia ter sido confundido com a dor de um humano. Mas os últimos fragmentos de lógica informavam que aquilo não passava de engrenagens e mecanismos sensoriais avançados, reduzidos à parada final, nada além dos bancos de uma programação, sendo destruídos de uma vez por todas.

Mas ele continuou com o peso apoiado à perna da cadeira, sentindo lágrimas de raiva ardendo nos olhos. Era tarde demais... tarde demais para Jerry, talvez para todos eles. Viu Palmer escapar, embora não pudesse evitar perguntar-se quanto tempo se passaria antes de alguém entrar na sala para descobrir a prova.

Quando sentiu o último espasmo da estranha máquina, forçou-se a ficar em pé sobre as pernas trêmulas, voltando-se e surpreendendo Spock a observá-lo do outro lado da sala. O segundo agente também estava no chão, igualmente arrebentado, mas o olhar frio do vulcano não tinha nenhuma expressão de vitória. O calor, o misterioso sorriso estavam ausentes.

Kirk sentiu um arrepio de repugnância, quando viu uma única gota de sangue verde na manga comprida da camisa. Perfeitamente limpa e redonda, ele sabia sem ousar perguntar, que o vulcano também fora atingido por um dos cartuchos venenosos. Parou de respirar, sentindo o tempo parar, dobrou-se sobre si mesmo e depois lançou-se outra vez para a frente. Por um instante, pensou que se encontraria num outro universo bem ali; mas algo se estabilizou, enquanto ele continuava a olhar estarecido para seu companheiro. — Spock? — murmurou ele, incapaz de mexer as pernas o suficiente para cobrir a pequena distância entre eles. — Spock! Não!

O vulcano sacudiu a cabeça. — Ainda há tempo, Jim. — respondeu sua

voz, de certo modo mais fraca do que Kirk se lembrava — Mas temos de agir rápido, porque não sei quanto tempo eu posso... posso... — As palavras lhe saíam aos tropeções e ele caiu de lado.

— Spock! — Kirk arfou, aproximando-se enquanto o horror apoderava-se de sua mente com uma força tangível.

O vulcano ergueu a mão, empurrando Kirk para trás. — Precisamos... destruir completamente os agentes, Jim. — explicou ele, sabendo que não podia dar-se ao luxo de ser socorrido por Kirk naquela hora. Puxou a manga da camisa folgada, retirando um disruptor romulano.

Os olhos de Kirk arregalaram-se enquanto olhava a arma. — Spock... por que você não... por que não usou isto logo no início? — perguntou ele, sentindo uma certa raiva em ver que isso teria salvo a vida do vulcano. — Por que? — insistiu ele.

Os olhos do vulcano se avivaram ao se encontrar com os de Kirk e ligou meticulosamente a arma no feixe de desintegração máxima. — Apesar de Thea ter me dado isto para destruir seus agentes, não pude... não estava em mim ser tão gentil. — Virou-se de lado outra vez e em seguida lançou um rápido olhar a Richardson, que estava caído no chão. Seus olhos estavam fechados, o rosto pálido, a respiração curta. Em outras circunstâncias, percebeu o vulcano, ele estaria morto, e sentiu as emoções proibidas tomarem conta dele mais uma vez. Mas isso não tinha mais importância. — Não podia negar-lhe a vitória sobre os homens que nos deixaram como estamos, Jim. — explicou ele, numa voz cansada — Eu não podia... — Suas palavras tornaram-se inaudíveis.

Kirk sentiu um aperto na garganta, uma picada nos olhos. Olhou para as duas máquinas desarticuladas no chão e em seguida voltou-se para o vulcano, entendendo de repente porque Spock havia escolhido aquele curso de ação. Era, compreendeu Kirk, o jeito de Spock deixar o insolente Alferes Kirk emergir vitorioso ao menos uma vez, o jeito do vulcano permitir a *ele* reconstruir o verdadeiro universo que haviam perdido. Sorriu pensativo, depois tentou tirar o disruptor das mãos trêmulas. Sem pensar duas vezes, apontou a arma para a máquina que tinha vencido e puxou o gatilho.

Um raio brilhante de luz azul encheu a sala, envolvendo a figura inerte por um momento; e quando apenas uma sombra negra ficou no chão, Kirk entendeu que estava acabado. Então, ainda controlando suas próprias emoções, voltou a arma para a segunda máquina, repetindo o gesto implacável. Não era um assassinato, disse a si mesmo. Para começar, a máquina nunca tinha vivido... e perguntou-se se *ele* tinha.

Depois de tudo terminado, voltou-se para o vulcano, fazendo a arma escorregar para dentro de sua própria camisa. Em pouco tempo... estaria

acabado para eles também. Ele olhou uma vez para Jerry, moveu-se para o lado do jovem e colocou uma mão no rosto pálido. Não havia mais vida ali. E logo, percebeu Kirk, ele iria junto. Ergueu-se, os olhos fixos na forma inerte de seu companheiro de quarto... e, muito lentamente, viu a realidade começar a se dissolver. Em um instante, só ficou o espaço vazio no lugar onde estava o corpo de Richardson. Kirk engoliu a súbita dor na garganta, tentando não lamentar um fantasma... mas não era fácil. *Romeu...* pensou ele com tristeza, compreendendo que o veneno talvez tenha sido um fim adequado. Vieram as lágrimas, mas ele se recusou a admiti-las.

— Vamos, Spock. — murmurou ele, pegando o companheiro pelo braço e forçando o Capitão a apoiar-se nele, enquanto se dirigiam para as portas abertas. — Não quero estar aqui quando as autoridades aparecerem...

O vulcano aceitou o apoio de Kirk sem resistência, agradecido pelo calor e pela segurança, enquanto a mão fria de Morfeu se aproximava.

Quando eles chegaram ao corredor, ele ainda estava deserto. Aparentemente, presumiu Kirk, a confusão ainda era muito recente para o lugar estar fervilhando de policiais, empregados e espectadores curiosos. Sua única satisfação era saber que, quando chegassem, não encontrariam nada ali.

Colocou o vulcano no elevador mais próximo, entrou e apertou o botão que levaria à cobertura. Lá, pensou ele melancólico, poderiam ver as estrelas...

A baía estava calma e tranqüila quando Kirk olhou para baixo, ainda carregando o vulcano com a força que lhe restava. — Quanto tempo, Spock? — perguntou ele, com a voz surpreendentemente calma com aceitação. — Quanto tempo antes de nós...?

Spock sacudiu a cabeça, fechando os olhos. — Não sei, Jim. — sussurrou ele. O veneno, ele sabia, já começara a fazer efeito. Caiu no chão de cascalhos da cobertura, sem nenhuma surpresa ao ouvir o humano escorregar a seu lado. Por um instante, tentou recordar os detalhes... não que isso importasse, lembrou ele, embora mesmo assim parecessem importantes.

O pior que poderia acontecer, compreendeu ele, seria que o doutor Palmer e seus amigos teriam um grande mistério para explicar... e nenhuma prova para apoiar suas declarações.

Deixou essa questão de lado, voltando a atenção para Kirk. Por um instante, sentiu a vertigem; mas, dessa vez, percebeu ele, não era por causa do veneno. Com os agentes destruídos e sua própria morte iminente, a Primeira História estava lutando para restabelecer-se.

— Não acredito que o fim será doloroso, Jim. — declarou ele, de maneira lógica.

Kirk sorriu, refletindo sobre o pensamento peculiar do vulcano, mas não respondeu nada.

O vulcano suspirou profundamente, olhando para as estrelas ainda uma vez. — Você está triste por deixar esta vida em particular? — perguntou ele, num tom filosófico.

— Não... não estou, Spock. — disse ele, percebendo subitamente a verdade em sua afirmação. Ele também sentiu a vertigem, a desorientação, a irrealidade. — Se isto tivesse acontecido há seis anos atrás, eu talvez tivesse ficado triste... mas sinto como se tivesse ganho alguma coisa... como se tivesse encontrado alguma coisa que perdi na Academia...

O vulcano assentiu, notando sem susto que suas pernas estavam entorpecidas, seus braços estavam ficando frios e distantes, como se não pertencessem mais ao corpo. Não havia muito tempo... mas isso não importava mais. Ele também havia descoberto o contentamento. — Então venha comigo. — murmurou ele. Inclinou a cabeça em direção ao escuro céu noturno.

Spock iniciou a fusão mental. Kirk sabia que eles estavam morrendo, talvez apenas para ressuscitar em outro universo, outro tempo... uma realidade distante. Mas sentia-se seguro, protegido... certo. *Ela* estaria esperando, disse a si mesmo.

— Leve-nos para casa, Spock. — disse ele sem medo e fechou os olhos enquanto a realidade parava.

Em outro momento, a cobertura ficou vazia, e só a noite permaneceu. Lá do alto caiu uma única estrela, que se consumiu em chamas muito antes de tocar a Terra transformada.

## VINTE E QUATRO

— Bem, Capitão, — disse McCoy, arrastando as palavras e recostando-se preguiçosamente na enorme cadeira preta — não tive oportunidade de conversar com muita gente esta manhã, mas pelos dados de que disponho até agora, os sonhos todos acabaram. Entretanto, — franziu as sobrancelhas, enquanto seus olhos azuis estudavam com curiosidade — todos, menos os seus, os de Richardson e de Spock, acrescentou ele com um ar enigmático.

Kirk franziu a testa, pensando nos sonhos peculiares que ele mesmo tivera na noite anterior. Desvanecer-se... ir para casa... perdido. — Você tem razão, Magro. — concordou ele imediatamente — Mas meus sonhos da última noite não foram nada parecidos com os anteriores. — Sacudiu a cabeça com um sorriso constrangido e deixou as lembranças de lado. — Que diabo, — acrescentou ele — há duas noites atrás, parecia que metade da tripulação estava tendo pesadelos paranóicos. Agora, de repente, pararam... Porquê?

McCoy deu de ombros. — Seja como for, Jim, tenho uma receita.

Kirk levantou os olhos, esperançoso. — A não ser que piore, — explicou McCoy — deixe que venham. Colocou a mão no rosto e ficou refletindo em silêncio por muito tempo, mordendo uma junta do dedo. — Os sonhos são uma coisa engraçada, Jim. Alguns filósofos chegam a dizer que são como janelas para uma outra dimensão... e, se isso for verdade, não quero forçar as coisas desta vez!

Os olhos cor de mel interrogaram o médico com curiosidade. — O que está querendo dizer, Magro? — perguntou Kirk, percebendo ter sentido exatamente a mesma dúvida. Ao acordar naquela manhã, quis pular logo da cama, ir direto para o chuveiro e ficar o mais longe possível daquele travesseiro.

— Bem... — O médico fez uma pausa. — Se os sonhos que *eu* tive na noite passada são indícios de uma outra realidade, — continuou ele — então eu, pessoalmente, prefiro ficar *nesta* aqui o máximo de tempo possível! — Sorriu, animado. — E se você tivesse se visto através dos meus olhos naquele sonho, acho que concordaria... *Alferes* Kirk.

O capitão gelou, apesar de seu amigo estar obviamente brincando com ele em relação a algum sonho passageiro. Mas o que enervava Kirk era o fato dele também ter sonhado ser um alferes, um fantasma... um reflexo pouco lisonjeiro do homem que era hoje. Estremeceu. — Então... você acha que devemos apenas esperar para ver se isso acontece de novo?

McCoy assentiu. — Matar o tempo é um *hobby*, Jim. — afirmou ele com

simpatia — Realmente não importa se você mata o tempo jogando xadrez com Spock ou sendo perseguido por pesadelos. — Deu de ombros. — Há dois dias, talvez eu não dissesse isso. Mas hoje... — Deixou a frase inacabada e seu olhar ficou distante. — Mas deixe as coisas como estão, Jim. — enfatizou ele — Ou então, se isso realmente o incomoda, converse com Spock. — Franziu a testa. — Estou convencido de que o vulcano dos lábios finos sabe de alguma coisa, mas quero ser mico de circo se ele *me* disser o que é! Quando tentei falar com ele de manhã sobre essas coisas, ele escorregou entre meus dedos como um sabonete. O velho Spock de sempre: evasivo e obstinado até o fundo daquele coração fechado de vulcano.

Kirk sorriu, pensativo, tendo apenas um vislumbre de seu próprio sonho, enquanto se levantava da cadeira. — Não somos todos capitães de nave estelar, Magro? — perguntou ele, passando entre as portas antes do médico poder replicar.

Por alguma razão desconhecida, Kirk surpreendeu-se não querendo ir à ponte de comando. Ainda faltavam trinta minutos para o plantão e, concluindo que ainda tinha bastante tempo, escolheu um elevador secundário que levava aos andares inferiores da gigantesca nave estelar. Deixou-se divagar, tentando recuperar os fios de uma lembrança fugidia, enquanto se dirigia ao jardim.

Quando as portas do elevador se abriram no convés inferior, ele saiu e caminhou lentamente pelo longo corredor vazio, acolhendo com prazer o ar úmido que soprou logo que entrou. Com um suspiro profundo e um sorriso misterioso, escolheu um caminho e, sem saber porque, começou a andar propositalmente a passos largos em direção ao centro do jardim.

Por um instante, parecia ter saído de si mesmo e, com o ar fresco da manhã, uma estranha sensação de *déjà vu* chegou-lhe às narinas. De passagem, lembrou-se que o relatório sobre sua mesa ainda estava por terminar; contudo, embora o fim da patrulha de rotina não estivesse à vista, não estava com cabeça para detalhes insignificantes e transferências de pessoal. Suspirou, recordando as ordens matutinas do Comando da Frota Estelar. Segundo Komack, o prætor romulano em pessoa havia solicitado novas negociações dos tratados de paz, quebrando o silêncio que durara cerca de cinco anos. Mas o que deixou Kirk nervoso foi o fato de não ter ficado nada surpreso quando finalmente compreendeu a intenção de Komack, com aquela patrulha prolongada. Parecia uma evolução natural. E, lembrou a si mesmo, Komack provavelmente pediria sua ajuda nas negociações, considerando seu contato anterior com a sociedade romulana.

E, se os acordos pudessem ser renegociados, com vantagens para ambos os lados, teria valido a pena a interminável espera na fronteira da Zona Neutra.

Durante um certo tempo, tirou da cabeça as responsabilidades do comando, dando-se ao luxo de relaxar... mesmo sendo apenas por um momento. Parou muitas vezes durante a caminhada, como se esperasse ver mais alguém no jardim; e o *déjà vu* sussurrou-lhe algo outra vez. A sensação esquisita continuou incomodando, até que chegou ao círculo de árvores e deixou-se cair em um dos velhos bancos de pedra.

Ficou muito tempo ali, vendo a forma como o areai se movia sob suas botas, como o fino reflexo do orvalho desaparecia nas folhas multicoloridas, enquanto o falso sol subia cada vez mais alto no céu surrealista. Mas, enquanto fixava o olhar no chão, captou um brilho de metal bem embaixo de seu pé esquerdo. Curioso, abaixou-se, removeu a areia para o lado com uma certa reverência e pegou o anel de ouro que estava enterrado sob uma folha caída.

Segurando-o na mão, estudou com cuidado o desenho simples, girando-o várias vezes, até notar as iniciais gravadas por dentro. O anel parecia familiar, quase fantasmagórico e, por um instante, hesitou em olhar a inscrição muito de perto. Mas sua curiosidade natural falou mais alto e ele inclinou o anel contra a luz. *J.T.K. — A SORTE O ACOMPANHA.*

Sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha e, por um momento, foi tentado a enterrar a relíquia de novo, talvez numa tentativa de sepultar um espírito do passado, de fingir que não sabia o que a inscrição dizia antes de tentar o destino e lê-la. A mensagem era clara; sua origem, inegável. Depois de entrar nos cursos de comando da Academia, cada aluno novo recebia o anel como um amuleto de sorte. Em geral, o anel era comprado por alguém próximo, um colega ou amigo.

Contudo, ele afastou o pensamento absurdo que tentava penetrar-lhe a mente. Ele não havia patenteado aquelas iniciais, disse a si mesmo. O anel poderia pertencer a qualquer um. Mas algo lhe dizia que aquela não era a primeira vez que via o anel fantasma, não era a primeira vez que o segurava nas mãos... ou que o colocava com facilidade no dedo anular.

Enquanto olhava fixamente para o anel, sem respirar, sentiu a aproximação de fragmentos do sonho, ameaçando revelar a verdade antes dele estar preparado para ouvir. Desviou aquelas lembranças.

— Capitão?

Com um sobressalto, Kirk endireitou a cabeça, ofegando, como se tivesse sido surpreendido cometendo um crime hediondo. Contudo, não ficou terrivelmente surpreso ao ver seu primeiro oficial em pé a alguns passos de distância.

— Não tive a intenção de assustá-lo, Capitão. — desculpou-se o vulcano, vendo o inusitado nervosismo de Kirk — Por favor, perdoe a invasão.

Kirk conseguiu dar um sorriso amarelo e depois fez sinal a seu amigo para sentar-se no banco a seu lado. Quando o primeiro oficial aceitou, Kirk deslizou o anel para fora do dedo, apertando-o na palma da mão, embora suspeitasse que os penetrantes olhos de Spock já o tinham visto.

— O que traz você de manhã tão cedo aqui nas entranhas da nave, Spock? — perguntou ele, tentando mascarar sua culpa inexplicável com um ar de curiosidade.

O vulcano estudou Kirk com benevolência. — Achei que podia encontrá-lo aqui, Capitão. — replicou ele — O dr. McCoy me informou que os sonhos parecem estar se dissipando. — Fez uma pausa. — Mas o doutor também disse que você sonhou a noite passada. Eu... acho que ele estava preocupado.

Kirk deu de ombros. Se outra pessoa o tivesse questionado, talvez ele tivesse ficado furioso, mas a aproximação casual do vulcano o reanimara. — Acho que sou apenas cabeça-dura, Spock. — disse ele despreocupado, girando o anel na mão sem perceber. Ergueu os olhos. — O Magro mencionou também que você escapuliu de seus cuidados profissionais outra vez. Alguma razão particular, ou é só para não perder o costume?

Uma sobranceira arqueou-se, quando um instante de agradável surpresa escapou daquele controle firme. Mas Spock logo recuperou a compostura.

— Eu... queria discutir o assunto com você, antes de satisfazer a curiosidade do doutor. — afirmou ele.

Kirk assentiu com um sorriso gentil. — O que é, Spock? — perguntou ele.

O vulcano desviou o olhar apenas um instante e respirou fundo. — No meu sonho da noite passada, eu... tive a sensação de estarmos, você e eu... envolvidos numa fusão mental, quando... — A frase morreu. Ele viu Kirk morrer no sonho, viu-o desvanecer-se até virar nada. E embora o tivesse acompanhado na jornada, ainda achava difícil conceber a morte de seu amigo.

Kirk sustentou com firmeza aqueles olhos negros. — Você sonhou que você e eu estávamos ligados numa fusão mental quando morremos. — disse ele, completando a frase, surpreendendo a si mesmo por não ter se desviado da lembrança.

Uma longa sobranceira subiu sob a franja bem penteada, num momento de surpresa. — De fato. — murmurou Spock.

Um sorriso fugaz passou pelos lábios de Kirk. — Está tudo bem, Spock.

— assegurou a seu amigo — Eu também não ia dizer nada, exceto que... desde que acordei estou com a sensação de que algo... *aconteceu*. Quero dizer, que algo aconteceu a *noite passada*; mas não sei ao certo como foi.

— Deu de ombros, meio frustrado. — Sei que pode parecer ilógico, Spock, — confessou ele — mas sinto como se tivesse dormido durante trinta anos! — Deu uma risada, tentando quebrar o clima tenso. — Se eu tivesse passado a noite fora, não teria sido tão estranho. Mas fui para a cama mais cedo e acordei com o diabo de uma ressaca esta manhã!

O vulcano assentiu e daí a pouco verificou o cronômetro de pulso. Lançou um olhar curioso para Kirk. — Talvez fosse prudente discutir o assunto com mais detalhes esta noite. — sugeriu ele — Como ambos estaremos de plantão na ponte de comando... — Deixou a frase no ar, inacabada.

Kirk assentiu, agradecido por Spock reconhecer a necessidade que tinha de tempo, a necessidade de se refazer. Por um instante, perguntou a si mesmo qual o significado de tudo aquilo. Ele estivera afastado de suas obrigações por pouco mais de doze horas; mas pareciam anos, séculos... talvez até mais.

Levantou-se do banco e, quase sem perceber, colocou o anel no dedo anular.

Instalado na cadeira de comando, Kirk surpreendeu-se divagando. Lançou um olhar fortuito para as costas de Spock, tentando imaginar qual projeto particular de pesquisa prendia a atenção do primeiro oficial naquela hora. Durante anos, ele havia suspeitado que os olhos do vulcano viviam colados no visor do aparelho de vid-sondagem apenas porque assim ele parecia ocupado quando, na verdade, estava visivelmente entediado. Sorriu, tentando imaginar o vulcano lendo *Alice no País das Maravilhas* em linguagem de máquina, ou ainda assistindo algum antigo *Tom e Jerry* para divertir-se.

Enquanto estava ali, olhando o vulcano e a imutável configuração estelar na tela visual, sua atenção foi desviada, quando as portas da ponte de comando se abriram, mostrando o tenente Richardson. Por um instante, Kirk achou o jovem diferente, não tão ingênuo e inocente como o Capitão o considerara originalmente. Mas como o Tenente dirigiu-se à cadeira do navegador e afundou-se atrás dos controles com um suspiro exagerado, Kirk soube que era o mesmo homem, que estava começando a ganhar uma certa reputação como o Romeu da nave.

— Qual o problema, Jerry? — perguntou Sulu, interrompendo o silêncio

com um sorriso.

Richardson deu de ombros, verificando os controles antes de se recostar na cadeira. — Nada de tão dramático. — reclamou ele com o suspiro exagerado. Aproximou-se do piloto, inconsciente da atenção curiosa de Kirk.

— Sonhos de novo. — resmungou ele. Estremeceu de forma proposital. Kirk sentiu-se tensionar, inclinando-se mais sem o perceber.

— Você vai superar. — dizia Sulu — Daqui a uma semana, Chekov volta ao primeiro turno e então você vai poder dormir novamente. — Sorriu.

— É apenas tédio, amigo. — acrescentou ele num tom tranqüilizador — Até agora, você é o único que conheço que teve sonhos ruins na noite passada. Que diabo, quase estou com inveja de você. Todos os outros parecemos estar de volta à velha rotina de calma.

— Eu saberia aproveitar um pouco da calma. — salientou Richardson com um sorriso malicioso, apontando a configuração estelar com um aceno de cabeça. — Até aquilo pintado lá fora parece o nirvana comparado às minhas lembranças da última noite! — Fixou os olhos na tela e depois desistiu de aparentar interesse e aproximou-se de Sulu com um ar conspiratório. — Só uma coisa redime os pesadelos. — confessou ele, baixinho — O praetor tem deslumbrantes... — Deixou a frase morrer, traçando as formas de um violão no ar, com a parte de cima um pouquinho exagerada.

Sulu deu uma cotovelada no outro Tenente, olhando tenso por cima dos ombros dele.

Kirk desviou os olhos, antes de ser surpreendido no detestável ato de bisbilhotice.

— Caso não tenha percebido, — cochichou Sulu — o Chefão está na ponte de comando! Além disso, acho que você andou vendo S'Parva esta semana.

Jerry deu de ombros, voltando para a velha rotina. — Uma coisa boa nunca é demais, Sulu. — replicou ele — Eu tenho que explorar o campo, deixar a Galáxia saber que estou aqui. Tenho que dar a mais de uma mulher a chance de uma felicidade verdadeira e duradoura.

Sulu revirou os olhos enquanto sacudia a cabeça. — Qualquer dia, Jerry, uma dessas inumeráveis mulheres vai aceitar sua oferta. E, se minhas suspeitas estiverem corretas, você não saberá, em nome de toda a Galáxia, o que fazer com isso!

Jerry deu de ombros. — É verdade. — confessou com um gemido.

Nos aposentos do vulcano, Kirk sentou-se devagar nas belas almofadas de meditação, os olhos sondando a sala em penumbra. Encostado a uma

parede, o Vigilante segurava o Fogo de Vulcano, com sua aparência demoníaca amenizada, de certa forma. Um leve cheiro de incenso pairava na sala e Kirk foi tirado de seu devaneio, quando o primeiro oficial voltou à sala de estar.

Sem dizer nada, o vulcano abaixou-se para sentar ao lado de Kirk e permitiu a si mesmo retirar a máscara de frieza. Parecia de certo modo embaraçosa, desnecessária. — Jim, — começou ele, cauteloso — pensei bastante no assunto e... acredito que possa haver um meio de descobrir o significado desses sonhos. — Fitou os olhos do Vigilante, escolhendo um ponto focal neutro. — Eu não sei se minha sugestão vai funcionar, mas é um modo de discernir qual a realidade dessas visões, se é que existe alguma.

Kirk estudou a atitude um pouco nervosa do vulcano. — Você me conhece, Spock. — disse ele de maneira suave — Eu experimento qualquer coisa duas vezes.

— Duas vezes? — repetiu o vulcano.

Kirk assentiu. — Eu tenho que ter certeza se gosto ou não. — explicou ele. Mas ficou sério em seguida. — O que tem em mente? O vulcano desviou o olhar por um único instante. — Uma fusão mental.

— disse ele afinal — Mais uma vez, não posso oferecer garantias; e se você não quiser...

— Eu não disse isso, Spock. — interrompeu o humano com um sorriso gentil — Eu *realmente* quero tentar. E mesmo se a coisa toda resultar em nada mais que um jogo mental, mesmo assim quero saber.

O vulcano assentiu muito lentamente, mas não respondeu nada.

Kirk conseguiu sorrir, sentindo-se de repente desajeitado, mas ansioso.

— Última chance de me pôr para fora, Spock. — disse ele com calma. Mas o vulcano sacudiu a cabeça à medida em que a decisão se tornava mais clara. *É hora de parar de fugir... para ambos.* Uma sobrancelha subiu com aquela seqüência inusitada de pensamentos, mas ele não fez esforço algum para bloquear as implicações. — Acredito que as únicas respostas que chegaremos a ter algum dia estão sempre dentro de nós, Jim.

Kirk deixou-se relaxar, sem esperar que a fusão mental começasse muito depressa, mas determinado a ir até o fim, fosse como fosse.

Durante um momento houve apenas o clima surrealista próprio da fusão mental.

E então, em algum lugar de um universo bem separado da realidade, um comandante vulcano e seu amigo humano exigiam reconhecimento.

## VINTE E CINCO

Durante muito, muito tempo, Kirk ficou olhando fixamente para o chão, depois da fusão mental ter terminado. Até mesmo o Vigilante tinha ido dormir; suas chamas reduziram-se a brasas e o distante zumbido dos enormes propulsores da *Enterprise* era o único som. Surpreendeu-se sem conseguir falar, pensar ou mesmo respirar num ritmo normal. Desejando voltar ao presente, sacudiu a cabeça, erguendo a vista para os negros olhos.

— Será que... *qualquer* dessas coisas ocorreu de fato, Spock? — perguntou. Viu tudo que o outro Kirk havia experimentado, tudo que o outro Spock havia experimentado, e naquele momento encontrava-se abalado, confuso... evidentemente culpado.

Estudando Kirk com atenção, uma sobrancelha subiu, enquanto o vulcano, exausto, estendia-se nas grandes almofadas negras, descansando a cabeça contra a antepara. — Nunca saberemos com certeza, Jim. — afirmou ele — Não há provas, além do que partilhamos na fusão mental; o que, sem dúvida, é puramente subjetivo.

Kirk suspirou, estudando suas mãos entrelaçadas por muito tempo. Mas arregalou os olhos quando viu o anel de ouro no dedo anular. — O anel!

— exclamou ele, tirando-o e mostrando-o ao vulcano. — Eu, *ele*, estava usando isto na primeira vez em que estive a bordo da *ShiKahr*, Spock! — Repassou em câmera lenta as imagens da fusão mental, vendo até o detalhe insignificante do anel caindo do dedo do jovem alferes, no lugar exato em que o encontrara naquela manhã. Engoliu em seco e perguntou a si mesmo se aquele eu alternativo havia deixado aquele objeto de propósito, para que ele o encontrasse.

O vulcano girou o anel de ouro em sua mão diversas vezes, olhando finalmente a inscrição. Quando seus olhos se voltaram para Kirk, eles estavam distantes. — Você tem certeza, Jim? — perguntou ele — Pode ser...

— Mas sabia que não era uma coincidência. O anel encaixava-se perfeitamente na mão de Kirk... como se fizesse parte dela.

— Tenho *certeza*, Spock. — replicou o humano. De novo, recorreu à fusão, mas apesar dela ter terminado alguns minutos antes, certos aspectos já estavam se diluindo, ficando mais distantes e obscuros. *Há um campo de energia entre os dois universos*. As palavras retornaram a ele; e ele se perguntou se alguma parte daquele outro Kirk e daquele outro Spock ainda existia, de forma etérea, desconexa, se eles andavam pelos corredores como fantasmas, numa última tentativa de provar que tinham vivido, respirado e existido. — Eu não sei o que o anel significa para mim, — murmurou ele —

mas *sei* que é importante.

O vulcano inclinou-se para frente, com verdadeira curiosidade brilhando nas feições angulares. — Dificilmente a Frota Estelar aceitaria um anel como prova conclusiva da alteração do universo, Jim. — enfatizou ele de maneira lógica — E... — A voz dele sumiu. — Também não estou certo se devemos falar sobre isso com o Comando.

Kirk lançou um olhar penetrante, lembrando a mensagem matutina da Base Estelar, e de repente encontrou um sentido para o que havia presenciado na fusão mental. Se Thea falou seriamente em estabelecer relações de paz entre o Império e a Federação, seria apenas uma questão de tempo até que ela os procurasse. — Por que não? — perguntou-se ele.

— Infelizmente, o Comando da Frota Estelar é conduzido pelo que você pode chamar de burocratas, Capitão. — replicou Spock — Sem provas incontestáveis, não acreditariam em nós. — Fez uma pausa. — E nesse caso, nós dois seríamos submetidos a uma série de exames físicos e psíquicos, que fariam os tachos e chocalhos do Dr. McCoy parecerem agradabilíssimos.

Kirk sorriu para si mesmo, sabendo que se tratava de uma ponte que eles simplesmente teriam de transpor quando chegassem a ela. Mas também não ia deixar o vulcano sair dessa com tanta facilidade. Os olhos cor de mel iluminaram-se com um sorriso. — E você também tem medo que Komack possa não apreciar o fato de seu outro eu ter sido arrebatado pela prætora romulana. — alfinetou ele com um ar diabólico — Não se preocupe, Spock. — continuou com uma seriedade exagerada — Eu concordo. E seu pequeno segredo está seguro comigo. — Sacudiu a cabeça numa descrença forçada, ignorando as duas sobranceiras que subiam para esconder-se sob a longa franja. — Mas, se para início de conversa, Thea foi uma criação da Primeira História, ela também terá lembranças, até mais do que você ou eu. — Fez uma pausa dramática. — E há um outro problema, Spock. — acrescentou ele, num tom de voz cada vez mais profundo.

O vulcano esperou, sabendo que o amigo estava brincando com ele; embora ainda fosse difícil de acreditar que tivesse sucumbido aos poderes persuasivos do inimigo... em *qualquer* universo. Desviou o pensamento, achando-o detestável frente à sua porção lógica.

— Que outro problema? — perguntou de maneira inocente.

— Bem, — disse Kirk com um sorriso malicioso — se Thea *realmente* tiver lembranças, e se nós *realmente* acabarmos participando das negociações do acordo... você *poderia* virar o centro das atenções por muito tempo, senhor Spock!

O vulcano encarou Kirk. — Eu não estou entendendo, Capitão.

Kirk deu de ombros, com aparente indiferença. — Você *podia* ser a

primeira pessoa na história da Federação a ser processada pelo praetor romulano!

A sobancelha subiu. — Capitão! — respondeu o vulcano com um desagrado excessivo. — Preciso lembrá-lo de que não sou responsável pelas ações de meu outro eu? Dificilmente a Frota Estelar continuaria me respeitando por...

Kirk riu, estendendo a mão para dar um leve tapinha nas costas de seu companheiro. — É só apelar para o número cinco, Spock. — sugeriu ele.

O queixo de Spock caiu de tanta perplexidade, mas ele sabia que era a única forma de qualquer um deles aceitar a amplitude daquilo que havia acontecido. Recordando um antigo provérbio humano, encontrou um certo conforto ao saber que, obviamente, Kirk estava rindo para não chorar.

— Realmente, Capitão. — disse ele, brincando como sempre — Eu devo estar na ponte de comando em menos de cinco horas. Acho que, pelos regulamentos, é necessário um período de descanso.

Kirk assentiu, ficando em pé e dirigindo-se à porta. Sentia o calor prolongado da fusão mental e deixou-se envolver por ele. Mas virou-se para fitar os olhos do amigo uma última vez. — Obrigado, Spock. — disse ele numa voz suave, pensando por um instante no alferes Kirk — Por nós dois.

## EPÍLOGO

Era muito tarde na noite da nave, quando Kirk se viu no elevador que levaria aos andares inferiores da *Enterprise*. Sem compreender por que, sabia que tinha de ir aos jardins mais uma vez. *Há um campo de energia entre os dois universos*. E isso funcionava para ambos os lados, lembrou ele a si mesmo. Logo, a porta do tempo estaria se fechando para sempre, separando-o de um homem muito parecido com ele mesmo e de um vulcano muito semelhante a seu primeiro oficial.

Tão logo entrou no clima surrealista criado pela lua que se punha, pensou por um momento ter sentido uma outra presença. Não teve medo; em vez disso, instalou-se um sentimento de calor e familiaridade. Ele o seguiu, começando a andar inconscientemente mais depressa em direção ao centro do jardim e ao velho banco de pedra.

Separando a cascata de galhos, entrou com uma reverência no círculo de árvores, indo sentar-se no frio concreto, que estava úmido de orvalho. Ficou ali por muito tempo, completamente imóvel, esperando por alguém ou alguma coisa que não conseguia em absoluto definir. Por vezes, havia um calor ao seu lado, como se uma mão invisível o tocasse suavemente no ombro. Mas, quando se voltava, apenas a escuridão e a estranha sensação de perda permaneciam.

Olhou para a mão, e surpreendeu-se a girar distraidamente o anel de ouro no dedo anular. Então, num vislumbre de compreensão, ele soube exatamente porque estava ali. Havia um último laço a ser cortado... Um último dever a ser cumprido.

Respirando fundo e fechando os olhos, tirou o anel e segurou-o na mão apenas um momento e depois deixou que deslizasse para o chão, onde o tinha descoberto pela primeira vez. Por um instante, houve uma tristeza que parecia inundá-lo, vinda de toda a parte e de lugar nenhum; mas quando sentiu a mão surrealista tocá-lo no braço outra vez, suas suspeitas se confirmaram. O anel havia sido uma oferenda, de uma parte de si mesmo para a outra, e agora tinha chegado a hora de devolvê-lo tão livremente como fora dado.

Ele abriu os olhos e viu o anel pousado no chão frio a seus pés; contudo, não ousou pegá-lo de volta. Pertencia a um homem diferente, a uma outra realidade; e ele perguntou a si mesmo se, nas mesmas circunstâncias, teria sido capaz de fazer o que o Alferes Kirk fizera. O anel olhava fixamente para ele... e sem entender como, ele soube, ele também compreendeu que o anel não estaria lá quando a manhã viesse. Sentindo um misto de alegria e

tristeza, examinou aquele ambiente sereno, tentando captar o brilho de uma ilusão, tentando ver um fantasma que um dia fora ele próprio.

Não havia nada... além da sensação persistente de não estar sozinho.

Por um momento, sentiu-se um intruso; mas esse pensamento desapareceu quando um fio delicado pareceu penetrar em sua mente por um único instante. Não sabia se o calor vinha de seu eu alternativo ou do vulcano que ajudara aquele jovem Alferes. Ou, concluiu, talvez não fizesse diferença.

Levantou-se devagar e caminhou para a beira do círculo de árvores, voltando-se para ver o brilho do metal na areia solta. Num outro momento...

Mas era um momento que não podia compartilhar, um instante fora do tempo, reservado a uma outra pessoa. Tinha sua própria vida agora.

— A sorte o acompanha. — murmurou ele, voltando à trilha do jardim sem olhar para trás. Fossem quem fossem, tinham encontrado a paz, tinham criado sua própria realidade... e, sem egoísmo ou pesar, devolveram-lhe a sua.

## Glossário Jornada nas Estrelas

*Este Glossário contém nomes e termos específicos mencionados neste livro. Procuramos destacar os nomes próprios que têm alguma importância na trama e os termos técnicos que são comumente mencionados na série Jornada nas Estrelas. Os conceitos científicos deste Glossário fazem parte do universo ficcional da série, não devendo, portanto, ser confundidos com os conceitos científicos reais abordados no Glossário Cultural.*

**ALMIRANTE NOGURA:** Durante a missão de cinco anos da nave estelar *Enterprise* a direção da Academia, o centro de treinamento e formação dos oficiais da Frota Estelar, estava a cargo do Almirante Heihachiro Nogura.

**EDITH:** Edith Keeler nasceu na cidade de New York em 1901 - pelo antigo calendário da Terra - no século XX. Como assistente social ajudava os mendigos e desamparados da depressão americana em 1930 Conheceu Kirk, Spock e McCoy durante uma missão da *Enterprise*, sem saber que eles eram homens do futuro. O capitão Kirk e seu imediato Spock viajaram no tempo através do *Guardião da Eternidade* (veja Vol.1 - *Portal do Tempo* e Vol.12 - *O Filho de Spock* da *Coleção Star Trek*), para tentar resgatar McCoy. O capitão da *Enterprise* se apaixona por Edith e, para seu desespero, descobre que ela é um ponto focal no tempo e precisa morrer em um atropelamento para não alterar a história tal como a conhecemos. O fato de ter que deixar sua amada perecer marcou Kirk para o resto da vida.

**ESPOROS:** Em missão no planeta agrícola Omicron Ceti III, que fora bombardeado pelos raios Berthold (um fenômeno natural nocivo à vida humana e animal), a tripulação da *Enterprise* descobriu que um tipo de esporos podia anular os efeitos mortais dos raios Berthold. Ao inalar esses esporos o ser humano podia ficar indefinidamente exposto aos raios mas perdia completamente o senso de responsabilidade e ficava para sempre à mercê da infecção. Spock deixou transparecer seu lado humano mantendo um relacionamento amoroso com a botânica Leila Kalomi quando foi infectado pelos esporos da colônia Omicron Ceti III.

**FEDERAÇÃO DE PLANETAS:** Organização política, econômica e social, fundamentada no conceito da diversidade, com diferentes mundos, raças e culturas. Reconhece os direitos individuais de todos os seres à autodeterminação, o direito de escolher e seguir seus próprios destinos. Sua divisão de segurança e pesquisa é a **FROTA ESTELAR** cujo comando está sediado na San Francisco do século XXIII. Frequentemente toma decisões no tocante ao bem-estar das civilizações.

**MISSÃO HALKAN:** Depois de iniciar relações diplomáticas com o Conselho de Halkan, para assegurar direitos de exploração de *dilithium*, Kirk, McCoy, Scott e Uhura são transportados para a *Enterprise*. Devido às condições atmosféricas turbulentas o transportador sofre uma pane, transportando-os para um universo paralelo em que a Federação é um império repressivo com princípios opostos do seu equivalente, e onde existem correspondentes de toda tripulação da *Enterprise*.

**HEALER:** Os healers são médicos vulcanos que usam conhecimentos médicos tradicionais para tratar da parte física e sua capacidade telepática para tratar da parte emocional e psíquica.

**IMPÉRIO KLINGON:** O planeta natal dos klingons foi sacudido, durante séculos, por uma brutal guerra civil, até que, 400 anos antes da formação da Federação de Planetas, um poderoso líder, Kahless, "o Inesquecível", uniu as tribos guerreiras. Iniciando um período de conquistas e dominações com o mote "Todos e tudo o que nós encontrarmos é nosso para comandar". O Império Klingon, preponderantemente militar, é constituído por vários planetas sob um regime violento e ditatorial. A guerra é o conceito central da religião klingon - um complexo código de ritual, honra e crueldade - e tem suas bases firmadas na conquista de outros planetas.

**PIKE:** O capitão Christopher Pike foi o comandante da *Enterprise* antes do capitão Kirk assumir.

**PLANETAS CLASSE M:** planetas com crostas de silicatos, oceanos de água, atmosfera oxidante e ainda geologicamente ativos.

**PON FARR:** Durante o período conhecido como *pon farr*- uma espécie de ciclo de reprodução vulcana, o macho deve se reunir à fêmea para o acasalamento. Na época do *pon farr de Spock*, a mulher vulcana podia optar pelo combate, rejeitando o homem a quem foi prometida, e escolher um campeão para lutar por ela e tomá-la como esposa. T'Pring, a noiva prometida de Spock, fez uso dessa prerrogativa e pediu o desafio até a morte entre seu noivo e seu campeão: Kirk.

**PHASER:** Armamento básico da Frota Estelar, que sobrepujou o antigo laser. É usado em armas portáteis para defesa pessoal, canhões de pequeno porte e em bancos de armazenamento de astronaves.

**ROMULANOS:** Acredita-se que sejam os descendentes dos separatistas vulcanos liderados por S'tark que, contrários às idéias pacifistas de Surak e sua "disciplina lógica", deixaram Vulcano em busca de um novo mundo. Estabeleceram-se em dois planetas, Ch'rihan e Ch'hauran, posteriormente chamados de Romulus e Remus pela nave *USS Carnal* nas primeiras tentativas de contato. A cultura militar e guerreira dos romulanos levou-os imediatamente a uma violenta guerra, entre o século XXI e XXII, contra a Federação, que terminou com o Tratado de Algeron (Alfa Trianguli) - provavelmente o único tratado da história da Federação negociado inteiramente por um computador. Os representantes dos dois lados nunca se conheceram. O Tratado estabeleceu uma Zona Neutra.

**SURAK:** Pai da filosofia vulcana, Surak combinou seus grandes conhecimentos de política e história com sua superior capacidade telepática, e iniciou uma campanha para substituir as emoções pela lógica. Graças à essa "disciplina lógica", os vulcanos conseguiram escapar da destruição para a qual caminhavam, para florescerem como uma das raças mais inteligentes, sábias e pacíficas do Universo. Seu credo estabelece que a Suprema Glória da Criação está em sua Infinita Diversidade em Infinitas Combinações (IDIC).

**TRANSPORTADOR:** Um aparelho de teleportação que desmaterializa qualquer pessoa, "dissolvendo" sua estrutura atômica e materializando-a novamente em qualquer outra parte. Um transportador permite o desembarque da tripulação ou da carga de

uma nave sem necessidade de uma nave auxiliar.

**TRICORDER:** Aparelho portátil de múltiplas funções, misto de computador e sensor. Mede, analisa e arquiva uma infinidade de parâmetros. Existem várias versões, dependendo das especialidades: o tricorder médico tem suas funções voltadas para análise de órgãos internos de seres vivos; o de engenharia para análise de materiais e assim por diante.

**T'PRING:** Princesa vulcana prometida para Spock desde a infância dos dois para o período do *pon farr* - uma espécie de ciclo de reprodução vulcana. Durante esse período o macho deve se reunir à fêmea para o acasalamento. Na época do *pon farr* de Spock, a mulher vulcana podia optar pelo combate, rejeitando o homem a quem foi prometida, e escolher um campeão para lutar por ela e tomá-la como esposa. T'Pring rejeitou o primeiro oficial da *Enterprise*, escolhendo o capitão Kirk para defendê-la, tendo por objetivo livrar-se dos dois e ficar desimpedida para Stonn, um outro pretendente.

**T'PAU:** Mulher mais importante e proeminente de Vulcano. Sábia e de uma lógica incomparável, T'Pau tem laços muito estreitos com a família de Spock, tanto que realizou a cerimônia de *pon farr* quando o oficial de ciências da *Enterprise* se reuniu a T'Pring.

**TUBO JEFFRIES:** Um espaço existente em várias seções da nave onde estão localizados inúmeros circuitos de controle da Engenharia e da Comunicação. Seu nome é uma homenagem a Walter Jeffries, um conhecido técnico e artista do século XX.

**VULCANO:** Um dos principais planetas da Federação. Conhecido por suas temperaturas elevadas durante o dia e muito baixas durante a noite. Este exótico mundo tem uma atmosfera muito rarefeita que dificulta a respiração para os humanos. Vulcano passou por um sangrento período onde diversas tribos combateram entre si para obter a soberania do planeta.

**ZONA NEUTRA ROMULANA:** Uma demarcação tridimensional feita para separar dois setores da Galáxia, guardada por satélites de defesa e monitoramento de ambos os lados, sendo um controlado pela Federação e outro pelo Império Romulano. Ferrenhos inimigos

da raça humana, os romulanos travaram uma violenta guerra com naves da Terra. A trégua só foi estabelecida após a Batalha de Cheron. O pacto ficou conhecido como o Tratado de Algeron, que criou uma "Zona Neutra" separando os dois territórios.

**INCIDENTE ENTERPRISE (THE ENTERPRISE INCIDENT):**

Dominado por um repentino desequilíbrio emocional, Kirk ordena que a *Enterprise* invada o espaço romulano e, ao fazê-lo, é cercado pela Armada Romulana comandada por Thea, uma bela oficial romulana. Levados à bordo da nave inimiga, Kirk tenta atribuir sua invasão a problemas de ordem técnica na nave, mas Spock, surpreendentemente, responsabiliza seu capitão pela invasão. Revoltado, Kirk ataca seu Primeiro Oficial que, para defender-se, é obrigado a matá-lo, o que o faz ganhar a confiança da comandante romulana. De volta a *Enterprise*, McCoy revive o corpo inanimado do Capitão, pois tudo não passou de uma simulação arquitetada pela Federação para que, uma vez dentro dos domínios do Império Romulano, Kirk pudesse localizar o maior segredo militar dos romulanos: o dispositivo de camuflagem que torna suas naves invisíveis. Enquanto Spock conduz um jogo de sedução com a comandante romulana para ganhar tempo, Kirk sofre uma operação plástica para se passar por romulano e assim poder roubar o dispositivo. A *Enterprise* acaba fugindo camuflada pelo próprio aparelho e, além disso, também leva Thea como prisioneira.

## Glossário Cultural

*Este glossário contém verbetes dos diversos ramos do conhecimento humano. Objetiva não só a compreensão do texto deste livro, como procura servir de alicerce, estímulo e motivação para a busca e ampliação de novos conhecimentos.*

**ALCATRAZ:** Ilhota rochosa na Baía de São Francisco (Califórnia), famosa por ser o local de uma prisão federal (1933-1963) para criminosos de alta periculosidade, conhecida como *A Rocha*.

**ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS:** Publicado em 1865, O livro *Alice no País das Maravilhas* deu enorme notoriedade para Lewis Carrol, pseudônimo do professor e matemático inglês Charles Lutwidge Dogson (1832-1898), levando-o a escrever em seguida *Alice através do Espelho e O que Alice Encontrou lá*.

**CINDERELA:** Conto do escritor e arquiteto francês Charles Perrault (1628-1703), onde uma jovem maltratada pela madrasta, desdenhada pelas irmãs e confinada na borralheira, torna-se, graças à sua fada-madrinha, uma bela donzela que comparece ao grande baile do rei.

**CABANA DO PAI TOMAS:** O romance *A Cabana do Pai Tomas* (1852), da autora norte-americana Harriet Elizabeth Beecher Stowe (1811-1896) apareceu pela primeira vez na revista *The National Era* em forma de folhetins. Influenciou sobremaneira o movimento anti-escravagista, visto que o livro era um libelo contra os horrores do tráfico negreiro ao relatar a situação humilhante e desumana do negro sob o jugo da escravidão.

**DEJÁ VU:** Literalmente "já visto". Sensação de conhecer algum local no qual nunca se esteve antes ou de estar "revivendo" uma situação como se ela já tivesse acontecido antes. Trata-se de uma momentânea falha na sub-rotina de reconhecimento da mente que simplesmente passa a sensação de estar reconhecendo algo que se está apenas conhecendo.

**ENCEFALOGRAMA:** Radiografia do cérebro. A encefalografia gasosa é feita após a injeção de ar nos ventrículos cerebrais. A eletroencefalografia é o registro da atividade elétrica do cérebro, normalmente na forma de um gráfico de voltagem em função do tempo.

**GÓRGONAS:** Três monstruosas irmãs da mitologia grega: Medusa, Euríale e Esteno. No lugar de cabelos tinham serpentes e quem as olhasse diretamente transformava-se em pedra.

**HOLOGRAMA:** Imagem que se forma através de figuras de interferência das ondas eletromagnéticas. Cada pedaço do holograma contém informações suficientes para reconstruir a imagem inteira. Quando um holograma é convenientemente iluminado, apresenta imagens ligeiramente diferentes em função do ângulo do qual está sendo observado. Desta forma, a imagem observada pelos dois olhos são diferentes, criando uma ilusão de tridimensionalidade.

**HOMEM DE NEANDERTHAL:** Espécie humana extinta a cerca de 50 mil anos. As diferenças entre o Homem de Neanderthal e o homem moderno foram consideradas tão pequenas que o Homem de Neanderthal foi chamado *Homo Sapiens Neanderthalensis* e o homem moderno como *Homo Sapiens Sapiens*. Atualmente existe uma controvérsia quanto a pensar neles como membros de duas subespécies.

**MORFEU:** Na mitologia grega Morfeu era o deus dos sonhos, filho da Noite e do Sono. O nome da morfina (droga derivada do ópio) tem sua origem firmada em Morfeu.

**OZ:** Publicado em 1900 pelo escritor norte-americano Lyman Frank Baum (1856-1919), o livro *O Maravilhoso Mágico de Oz* relata a história de Dorinha, uma menina que mora no Kansas, e de seu cachorro Totó que são carregados por um ciclone até a Terra de Oz. Os dois partem então para a Cidade das Esmeraldas onde pretendem pedir ao Grande Oz que os mande de volta ao Kansas. Com eles seguem o Espantalho, que deseja pedir um cérebro; O Leão, que deseja possuir coragem, e o Lenhador de Lata, que deseja um coração.

**"SEU" COELHO:** Personagem de *Histórias do Tio Remo*, do escritor norte-americano Joel Chaudler Harris (1848-1908) posteriormente adaptadas por Walt Disney, gerando os personagens conhecidos como Quincas ("Seu" Coelho), Zé Grandão (Urso), João Honesto (Raposa), etc. Numa das histórias, o coelho é capturado pela raposa e pelo urso que ficam discutindo o que fazer para matá-lo. O coelho implora "Me esfolem, me enforcuem, mas não me joguem na moita de espinhos!". Tanto insistiu em não ser jogado, que os dois acabam jogando-o lá. Acontece que justamente naquela moita é que "Seu" Coelho havia nascido, conhecendo-a muito bem e escapulindo com facilidade.



*Estes glossários contaram com a colaboração de:  
Cláudia Freitas, Cristina Nastasi, Ivo L. Heinz,  
Lília de Oliveira, Luiz. A. Navarro, Pierluigi Piazza,  
Renato da S. Oliveira, Sérgio Figueiredo e Silvio Alexandre.*